

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Discurso e Identidade em Narrativas de Migrantes

Lúcia Gonçalves de Freitas

Brasília
2008

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Discurso e Identidade em Narrativas de Migrantes

Lúcia Gonçalves de Freitas

Tese submetida ao Departamento de
Lingüística, Português e Línguas Clássicas,
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Doutora em Lingüística pela
Universidade de Brasília

Orientadora: Dra. Denize Elena Garcia da Silva

Maio de 2008

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva (UnB)
Orientadora

Profa. Dra. Carmen Rosa Caldas-Coulthard (Universidade de Birmingham)
Membro externo

Profa. Dra. Maria Cristina Faria Dalacorte (UFG)
Membro externo

Profa. Dra. Stella Maris Bartoni Ricardo (UnB)
Membro interno

Profa. Dra. Rachael Anneliese Radhay (LIV-UnB)
Membro interno

Profa. Dra. Cibele Brandão de Oliveira
Membro suplente

Para minhas filhas Luísa e Lígia

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

Carlos Drummond

AGRADECIMENTOS

A todos os jaraguenses que colaboraram para este estudo com dedicação, disponibilizado seu tempo e suas palavras.

À Professora Dra. Denize Elena Garcia da Silva, pelo dedicado trabalho de orientação, leitura, correção e direcionamento teórico-metodológico, além de apoio concedido ao longo de toda a minha presença no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB.

Às colegas Márcia Andrade e Rafaela Calixto pelo apoio na coleta de dados e nas discussões durante as análises.

À diretora da Unidade de Jaraguá da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Iraí Cordeiro, pelo suporte ao projeto Narrativas de Migrantes que subsidiou esta pesquisa.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEG pelo mesmo suporte.

Aos meus alunos na UEG-Jaraguá pelas oportunidades de troca acadêmica

À Professora Dra. Maria Cristina Faria Dalacorte por sua cooperação e empenho no pedido de Bolsa PDEE-Capes.

À Capes pela concessão da Bolsa de Estágio de Doutorado no Exterior.

À Professora Dra. Carmen Rosa Caldas-Coulthard pelas orientações ao longo de meu estágio na Universidade de Birmingham e todo o seu suporte e atenção no meu estabelecimento na Inglaterra.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB pelas oportunidades acadêmicas.

Aos alunos da UnB da disciplina Introdução à Análise de Discurso de 2007/2, pelo contato acadêmico ainda que breve.

Às minhas colegas, Dulce Elena Coelho, Hanna Bullauka, Vera Lúcia Pinheiro e Luzia Rodrigues, pelas contribuições teóricas e pela amizade.

À minha família, especialmente minhas filhas, meu marido, meus pais e sogros pelo apoio incondicional.

À Branca pela ajuda imprescindível nas tarefas domésticas.

RESUMO

Esta pesquisa investiga o discurso de migrantes em suas narrativas de experiência de vida no exterior, a partir do campo da Análise de Discurso Crítica, focando as relações sociais do migrante nos contextos de chegada e as conseqüentes questões identitárias daí resultantes. Ela se justifica, como uma possibilidade, dentro da lingüística, de investigação de um tema bastante recorrente na atualidade, as migrações transnacionais, que por sua vez situa-se em um contexto mais amplo das mudanças sociais da modernidade e dos conseqüentes deslocamentos identitários dessa nova dinâmica mundial. Esse tema é acessado a partir de um grupo específico de migrantes, dez pessoas da cidade do interior de Goiás, Jaraguá, que, aqui, representa uma das muitas cidades brasileiras que dividem características comuns a todo um conjunto de localidades espalhadas mundo afora, de onde se lançam pessoas pelas supostas vias globais. As análises, em um primeiro momento, identificam processos de interdiscursividade, determinando as possíveis vozes que constroem o discurso dos migrantes e seus vínculos com discursos da modernidade. Em outra instância, são priorizados os significados representacionais das narrativas. Com o apoio da Análise de Transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004) e das propostas sobre “A representação dos atores sociais” de van Leeuwen (1996), são identificados os principais atores sociais que povoam as narrativas, quais os seus papéis nesses relatos e que poder exercem nos mecanismos que envolvem os fluxos migratórios. Em um último momento, os estilos particulares no discurso do migrante são analisados sob as lentes da Teoria da Valoração (Martin e White, 2007), que é aplicada às seções avaliativas das narrativas para mostrar como os migrantes avaliam os complexos espaços e cenários de sua migração bem como a relevância dessa experiência. O capítulo se firma em teorizações sobre espaço e espacialidade a partir de conceitos como espaço e território que são emprestados da Geografia (Haesbaert, 2006). Os resultados deste estudo lançam luz sobre os mecanismos lingüísticos que envolvem questões sociais como os fluxos migratórios atuais. Sua contribuição principal é demonstrar a instrumentalidade de modelos teóricos como a Análise de Discurso Crítica, bem como da Lingüística Sistemática Funcional, para revelar como a articulação entre escolhas lexicais, estruturas temáticas, disposição de atores e papéis, entre outros elementos, se alinham para construir identidades subalternas ou de resistência, bem como uma realidade social capaz de combater ou favorecer questões de dominância, discriminação e preconceitos. Ao fazê-lo, esta Tese testa a aplicabilidade dessas teorias em língua portuguesa, contribuindo para o próprio desenvolvimento dessas áreas no Brasil.

Palavras-chave: discurso, identidade, narrativa, migrantes, modernidade, transitividade, valoração, território.

ABSTRACT

This research investigates the discourse of migrants in their narratives of life experiences abroad. It is centered in the field of Critical Discourse Analysis and focuses the migrant's social relations in the target countries and the consequent identity issues involved. The relevance of this research is justified as a possibility to investigate transnational migrations from a linguistic perspective, and is situated in the broadest context of the social changes of modernity and the consequent displacements of the new worldwide dynamics. The subjects of this work are a specific group of migrants, ten people from a city of the Interior of Goiás, called Jaraguá. This city represents one of the many Brazilian towns which share common characteristics of other localities worldwide, from where people find their ways through the so called global routes. The analyses, in the beginning identify interdiscursive processes in order to detect possible voices that construct the migrant's own discourse and its links to the discourses of modernity. Next, the representational meanings of the narratives are prioritized. With the support of the Analysis of Transitivity (Halliday and Mathiessen, 2004) and the proposals on "the representation of the social actors" of van Leeuwen (1996), the analyses identify who the principal actors are in the migrants' narratives, what their roles are and their respective power relations on the mechanisms involving migratory fluxes. Finally, the particular styles of the migrants' discourse are analyzed through the lenses of Appraisal Theory (Martin and White, 2007) which is applied to the evaluation sections of the narratives to show how migrants evaluate the complex scenarios of their arrival and the relevance of their own migration experiences. The chapter is based on theories of space and spatiality taken from some geographic concepts of space and territory (Haesbaert, 2006). The results of this study throw some light on the linguistic mechanisms involving social issues like the current migratory flows. Its main contribution is the demonstration of the instrumentality of analytic models such as Critical Discourse Analysis and Functional Systemic Linguistics in the revelation of how the articulation between lexical choices, thematic structure, disposition of actors and roles, among other elements, are aligned to construct subaltern identities or their resistance and a social reality which is able to combat as well as facilitate issues of dominance, discrimination and prejudice. In doing so, this work also tests the applicability of these theories on the Portuguese language and contributes to the development of these areas in Brazil.

Key words: discourse, identity, narrative, migrants, modernity, transitivity, appraisal theory, territory.

CONVENÇÃO DE TRANSCRIÇÃO DE DADOS ORAIS

Símbolos	Descrição
“ ”	discurso direto
MAIÚSCULA	ênfase em voz
<i>Itálico</i>	palavras estrangeiras
...	pausa
,	(vírgula) entonação média
!	entonação ascendente de exclamação
?	entonação ascendente de interrogação
.	entonação descendente
/.../	transcrição parcial ou parte suprimida
()	comentários do analista

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
CAPÍTULO 1	
Gráfico 1: Marco analítico da ADC	28
CAPÍTULO 4	
Gráfico 2: Funções da linguagem	131
Gráfico 3: Gramática da experiência	134
CAPÍTULO 5	
Gráfico 4: Sistema de valoração	189
Gráfico 5: Sistema de valoração ampliado	194

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I _A MIGRAÇÃO SOB A LUPA DA LINGÜÍSTICA	20
1.1 O elo entre a lingüística e os estudos sobre migração: o discurso	21
1.2 Análise de Discurso Crítica	25
1.3 Pesquisas sobre migração	30
<i>1.3.1 Estudos pioneiros</i>	31
<i>1.3.2 Trabalhos recentes</i>	34
1.4 O grupo jaraguense	38
<i>1.4.1 A migração jaraguense no contexto das redes sociais</i>	39
<i>1.4.2 Jaraguá como cenário de pesquisa</i>	41
<i>1.4.3 A pesquisa lingüística com os migrantes jaraguenses</i>	44
Algumas considerações	47
CAPÍTULO II _ METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	49
2.1 Metodologia qualitativa	50
<i>2.1.1 Adequação da metodologia aos objetivos</i>	51
<i>2.1.2 Articulação teórico-metodológica</i>	53
<i>2.1.3 Apoio na etnografia crítica</i>	54
2.2 O campo de estudo e as “áreas fronteiriças”	57
<i>2.2.1 O campo de estudo</i>	57
<i>2.2.2 O acesso ao campo</i>	60
<i>2.2.3 Sobre a pesquisadora e seu local de origem</i>	61
<i>2.2.4 Os mediadores do contato entre os participantes</i>	62
2.3 Participantes	64
<i>2.3.1 Narradores</i>	64
<i>2.3.2 Grupo de apoio</i>	67
2.4 A geração dos dados	68
<i>2.4.1 Narrativas</i>	68
<i>2.4.2 Entrevistas</i>	70
<i>2.4.3 Observação e diário de campo</i>	71
2.5 Sistematização dos dados para análise	72
<i>2.5.1 A estrutura das narrativas</i>	73
<i>2.5.2 O conjunto dos dados</i>	76
<i>2.5.3 A triangulação</i>	77
Algumas considerações	79
CAPÍTULO III _O GÊNERO NARRATIVA DE MIGRAÇÃO NA MODERNIDADE	81
3.1 Questões sobre narrativa, gênero e modernidade	82
<i>3.1.1 Narrativa na modernidade</i>	83
<i>3.1.2 Narrativa como gênero situado</i>	84

3.1.3	<i>Narrativa espontânea: um recorte ilustrativo</i>	86
3.1.4	<i>O tempo e o espaço na narrativa</i>	88
3.1.5	<i>Interdiscursividade e pressuposição</i>	89
3.2	A estrutura das histórias jaraguenses: um enlace analítico	91
3.2.1	<i>A ida</i>	91
3.2.2	<i>A chegada</i>	95
3.2.3	<i>A vida no novo contexto</i>	99
3.2.4	<i>O regresso</i>	102
3.2.5	<i>A lição</i>	104
3.3	O discurso do migrante e as vozes de seu tempo e espaço	110
3.3.1	<i>Migrantes jaraguenses e seus pares: relações intertextuais</i>	110
3.3.2	<i>Interdiscursividade e pressuposição: vozes hegemônicas</i>	112
3.3.3	<i>Ecos assimilacionistas</i>	116
3.4	Narrativas jaraguenses e narrativas da modernidade tardia: identificando cruzamentos	118
3.4.1	<i>A irregular compressão tempo-espaço</i>	119
3.4.2	<i>Jaraguenses, turistas, andarilhos e identidades subalternas</i>	120
3.4.3	<i>Mobilidade global e fechamento local</i>	122
	Algumas considerações	124
 CAPÍTULO IV_ REPRESENTAÇÃO DE ATORES: PAPÉIS E IDENTIDADES		 128
4.1	As narrativas como representação, seus processos e participantes	129
4.1.1	<i>Campos de estudos da representação</i>	130
4.1.2	<i>A representação como processo discursivo</i>	130
4.1.3	<i>Representação nos processos de transitividade</i>	133
4.1.4	<i>Atores e participantes</i>	135
4.1.5	<i>Papéis e identidades</i>	136
4.2	Representações dos “brasileiros” no contexto do migrante	137
4.2.1	<i>A família</i>	138
4.2.2	<i>Os amigos</i>	143
4.2.3	<i>Os pseudo-amigos</i>	147
4.2.4	<i>Brasileiros no exterior</i>	149
4.3	Representação dos “outros”: os estrangeiros	155
4.3.1	<i>Oficiais de migração</i>	155
4.3.2	<i>O grupo local</i>	159
4.3.3	<i>Outros estrangeiros</i>	163
4.4	Representações do próprio migrante jaraguense e sua identidade	166
4.4.1	<i>Agência nas representações</i>	167
4.4.2	<i>O trabalho como marcador de identidade</i>	171
4.4.3	<i>As ambigüidades do trabalho como marcador de identidade</i>	174
4.4.4	<i>Identidade e estigma</i>	176
	Algumas considerações	181
 CAPÍTULO V_ A PRÁTICA DE MIGRAÇÃO COM SEUS ESPAÇOS E CENÁRIOS: AVALIAÇÃO E VALORAÇÃO		 184
5.1	Questões teóricas sobre espaço avaliação e valoração	185
5.1.1	<i>Conceitos fundamentais sobre espaço e território</i>	186
5.1.2	<i>A avaliação na narrativa</i>	187
5.1.3	<i>Teoria da valoração</i>	188

<i>a-</i>	<i>Atitude</i>	190
<i>(i)</i>	<i>Afeto</i>	190
<i>(ii)</i>	<i>Julgamento</i>	191
<i>(iii)</i>	<i>Apreciação</i>	192
<i>a-</i>	<i>Gradação</i>	192
<i>b-</i>	<i>Engajamento</i>	193
5.2	Avaliações sobre os contextos de chegada	195
5.2.1	<i>Novos espaços e paisagens: cenários difusos</i>	195
5.2.2	<i>Cenários alheios: conduta e comportamento “estrangeiro”</i>	200
5.2.3	<i>A estranha mesquinhez do espaço urbano</i>	204
5.2.4	<i>Cidades e cidadanias</i>	208
5.3	Avaliações finais: verso e reverso da migração	214
5.3.1	<i>Sobre migrar e retornar: questões de territorialidade</i>	215
5.3.2	<i>Afinal, valeu a pena?</i>	220
	Algumas considerações	227
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
	REFERÊNCIAS	238
	ANEXO I (narrativas)	i
	ANEXO II (entrevistas)	lxix

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar em narrativas a auto-representação de migrantes, suas relações sociais nos contextos de chegada e questões identitárias daí resultantes. Apesar do volume considerável de estudos sobre migração, na área da Lingüística, no Brasil, as contribuições ainda são muito recentes. Não obstante, a análise lingüística tem sido apontada como um método valioso para se estudar a mudança social, sobretudo dentro de um ramo de pesquisas Análise de Discurso Crítica que começa a reunir estudos sobre o eixo linguagem-migração. A pesquisa ora apresentada justifica-se, assim, como uma possibilidade, dentro da lingüística, de investigação de um tema bastante recorrente na atualidade, as migrações transnacionais, que se situa em um contexto mais amplo das mudanças sociais da modernidade e dos conseqüentes deslocamentos identitários dessa nova dinâmica mundial.

A transnacionalidade põe em xeque a relação entre territórios e as orientações de pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas das pessoas. Os níveis de integração entre essas unidades têm poderes diferentes nas representações identitárias dos indivíduos, de modo que uma mesma pessoa pode ser definida como goiano, brasileiro, latino americano ou brasileiro em Nova York. Como afirma Ribeiro (2000, p. 24) “esses modos são centrais para a definição de alianças em múltiplos contextos de cooperação e conflito”. É justamente na auto-definição do migrante e em seu próprio discurso sobre migração que se encontra o escopo central do estudo ora apresentado.

Para realizar um estudo focado nos mecanismos da linguagem que perpassam entre questões sociais, esta pesquisa centra-se em um gênero específico, narrativo, um tipo de organização discursiva que usamos para agir no mundo social e que funciona como instrumento cultural na mediação do processo de construção de identidades

sociais (Brockmeier, 2001; Ochs, 1997; Carriker, 1998, Linde, 1997). As dez narrativas que constituem o *corpus* principal deste trabalho foram coletadas entre 2004 e 2005, para um projeto de pesquisa que desenvolvi na Universidade Estadual de Goiás denominado Narrativas de Migrantes. Além desse ponto de partida, também recorro a um outro trabalho anterior (Freitas, 2003), em que foram ouvidas mais de cinquenta pessoas, cujas entrevistas somam-se às narrativas como dados de apoio. Esse grupo, constituído por migrantes jaraguenses que viviam em Danbury, nos EUA, diferencia-se dos narradores que são pessoas de Jaraguá que circularam por destinos diversos, em um movimento ainda mal definido de ida e vinda, aproximando-se dos contornos descritos por cientistas sociais e antropólogos (Mitchel, 2003; Basch et. al., 1994; Ribeiro, 2000) como típico dos movimentos atuais de ¹transmigração.

No intuito, portanto, de analisar a auto-representação desses migrantes, organizo o presente trabalho em cinco capítulos. Vale pontuar, neste momento, o fato de que não sigo uma disposição de conteúdo que pode ser considerada canônica nesse tipo de texto acadêmico que, em geral, dedica um capítulo inteiro à revisão de literatura. Ao invés de criar uma revisão teórica monolítica e distante dos dados de análise, optei por aproximá-la destes. Assim, dividi a seção analítica em três capítulos que são introduzidos, cada um, pelo recorte teórico que os ampara. Considero que essa organização dá maior destaque à teoria como ferramenta analítica. A seguir, portanto, descrevo brevemente o conteúdo de cada capítulo que compõe esta Tese.

No primeiro capítulo, intitulado “A migração sob a lupa da lingüística”, situo de modo objetivo o lugar desta pesquisa no âmbito dos estudos lingüísticos. Assim,

¹ A importância desse tema é expressa no volume de estudos a que se tem acesso atualmente. No Brasil, são representativos os trabalhos de Ribeiro (1999), Martes (1999), Assis (1999), Sales (1999), Cury (2001), Reis (1999), Biaggi (1993), Santos (2001), Meneses (2002), Milese (2003) Torresan (1994), Sprandel (1998), Goza (1999), Ribeiro (2000), Fleischer (2001), Meihy (2004), Trombeta (2002) entre outros. O Centro de Estudos de Migrações Internacionais da Universidade da Bahia, em convênio com a UNICAMP e outras instituições, possui duas linhas de pesquisa, Nação e Diáspora e Migração e Cidadania, que reúnem trabalhos de dezenas de pesquisadores sobre o tema da migração.

começo elucidando os vínculos entre teoria lingüística e teoria social, caracterizados no nível discursivo. Nesse momento, aponto o crescente número de trabalhos lingüísticos articulados sobre o eixo linguagem-migração. Em seguida, ocupo-me do campo teórico da lingüística ao qual me afilio, a área de Análise de Discurso Crítica. Na seqüência, faço uma pequena reconstituição das iniciativas dentro da lingüística vinculadas à migração, determinando quais são as principais contribuições para esta pesquisa. Por fim, apresento o grupo referencial dentro das questões que interessam ao estudo.

O segundo capítulo, “Metodologia e apresentação dos dados”, como o próprio nome indica, provê um detalhamento dos procedimentos teórico-metodológicos do estudo. Caracterizo a opção pela pesquisa qualitativa, apoiada por técnicas de coleta de dados próprias da etnografia crítica. Na seqüência, defino o campo de estudo, identifico seus participantes, dividindo-os em um grupo referencial de narradores e um grupo de apoio com entrevistados. Nas seções subseqüentes identifico os instrumentos de coleta de dados, caracterizo os próprios dados divididos entre narrativas, entrevistas e diário de campo. Por fim, esclareço o processo de triangulação que é aplicado às análises.

No terceiro capítulo, “O gênero narrativa de migração na modernidade”, que inicia a parte analítica propriamente, situo as narrativas sobre migração no tema das discussões sobre a modernidade, que é uma pauta de estudos importante na Análise de Discurso Crítica (ADC). Ao mesmo tempo, procuro descrever e interpretar as histórias jaraguenses como um gênero situado, identificando uma estrutura temática subjacente a todas as narrativas. Trato ainda os processos de interdiscursividade nesse gênero, a fim de determinar no discurso dos migrantes as possíveis vozes que o constroem. Por fim, apresento uma discussão sobre os vínculos desse discurso aos “discursos da Modernidade Tardia” (Chouliaraki e Fairclough, 1999), seguindo a agenda de estudos da ADC.

No quarto capítulo, denominado de “Representações de atores: papéis e identidades”, priorizo os significados representacionais das narrativas (Fairclough, 2003). Com o apoio do método de análise de transitividade (Halliday e Mathiessen, 2004), bem como da proposta sobre a representação dos atores sociais desenvolvida por van Leeuwen (1996), identifico quem são os principais atores sociais que povoam as narrativas, quais os seus papéis nesses relatos e que influências determinam nas questões identitárias do migrante. Como resultado, listo um rol de atores mencionados e teço uma discussão sobre questões de convivência social que afetam tanto papéis sociais quanto os processos de construção de identidades subalternas.

No quinto e último capítulo, “A prática de migração seus espaços e cenários: avaliação e valoração”, busquei atender à necessidade de re-teorizar espaço e espacialidade na narrativa, conforme demandam autores como De Fina e Baynham (2005), Mishler (2005) e De Certeau (1988). Essa re-teorização foi possível pela aproximação de conceitos da Geografia como espaço, território e territorialidade (Haesbaert, 2006) com referenciais da própria lingüística, como o conceito de avaliação como parte da narrativa de Labov (1997) e Linde (1997) e a Teoria da Valoração (Martin e White, 2007). Apoiada nesses referenciais, identifico como o migrante avalia sua experiência de viajante e como essa mesma experiência afeta sua ótica sobre os espaços e paisagens em que circula.

Nas conclusões finais retomo a caracterização desta pesquisa como um estudo de discurso e identidade em narrativas, de pessoas que partem de regiões ditas “periféricas” do sistema global, rumo ao seu “centro”, nos países ricos e respondo às seguintes perguntas norteadoras:

- Identificar uma estrutura genérica nas narrativas dos migrantes, as possíveis vozes que as compõem e relacioná-las a ordens de discursos e correntes ideológicas da modernidade.
- Descrever e interpretar como os pesquisados representam a si mesmos e aos outros nas narrativas, identificando os principais atores nessas representações e suas respectivas relações de poder nos mecanismos definidores do fluxo migratório, assim como questões de dominância, submissão, discriminação, preconceito, assimilação ou resistência nos novos contextos sociais e culturais.
- Levantar e analisar uma série de avaliações sobre a prática migratória e seus contextos de chegada e retorno, reconhecendo os mecanismos de incorporação ou exclusão dos pesquisados.
- Traçar algumas características de um possível "discurso de migrantes" fazendo soar a voz dessa categoria social.

Os resultados alcançados significam contribuições basicamente em duas direções. Por um lado, oferece esclarecimentos sobre como os meios lingüísticos agem sobre questões sociais, como os fluxos migratórios atuais, expondo os mecanismos lingüístico-discursivos que se embutem sob a disposição das pessoas a migrarem, bem como as relações de poder entre grupos envolvidos e as decorrentes produções de preconceitos e discriminação que constroem identidades. Por outro lado a aplicação de ferramentas de análise próprias da Lingüística Sistêmica Funcional, como coadjuvante da pesquisa social crítica nos moldes da ADC, contribui para o fortalecimento desse enlace teórico-metodológico no Brasil, no que concerne à aplicabilidade em língua portuguesa.

CAPÍTULO I

A migração sob a lupa da Lingüística

*um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca que ele
combate*

CAPÍTULO I

A migração sob a lupa da lingüística

Os versos em epígrafe captam, indiretamente, a dimensão social nordestina de contexto de partida de migrantes para regiões mais abastadas do Brasil, moldando-se, portanto, aos objetivos deste capítulo introdutório, que busca situar claramente o local dos estudos sobre migração no contexto da lingüística, identificar o estágio atual das pesquisas e mostrar o enquadramento do grupo pesquisado nesse contexto, não no nordeste, mas no centro-oeste brasileiro. O trecho do poema “Rios sem discurso” inicia minha exposição, nesta primeira parte da tese, devido ao interessante jogo de linguagem que o autor estabelece com os termos *frase*, *sentença*, *discurso* e *voz*. O que trouxe para as lentes da lingüística o interesse de um tema eminentemente social como as migrações transnacionais foram algumas mudanças de foco de categorias formais como *frase* e *sentença*, com pouca ou nenhuma associação ao uso efetivo da língua, para categorias mais funcionais, como *discurso* e *voz*.

Nesta perspectiva, começarei elucidando o vínculo entre teoria lingüística e teoria social do discurso (1.1). Na seqüência, delineio o campo teórico ao qual se afilia esta pesquisa dentro dos estudos discursivos, a área de Análise de Discurso Crítica (1.2). Passo, na seção 1.3, a uma listagem das pesquisas sobre migração desde dois estudos pioneiros até os trabalhos mais recentes, cujas proposições teóricas balizam esta pesquisa. Na seção 1.4, apresento o grupo jaraguense que será meu foco específico.

1.1 O elo entre a lingüística e os estudos sobre migração: o discurso

Questões sobre migração têm sido tradicionalmente focadas a partir de áreas como a sociologia, a geografia, a antropologia entre outras. Uma proposta de análise do fenômeno sob a lupa da Lingüística pode parecer desconexa mesmo para alguns estudiosos da área, acostumados com uma perspectiva analítica que dá primazia para descrições formais de propriedades da língua como sistema, conforme tem sido a ênfase da disciplina desde seu florescer como ciência moderna. Na condição de fundadora do empreendimento estruturalista, a lingüística não mediu esforços na reivindicação de um estatuto científico, cujas bases privilegiam rigor teórico e metodológico, objetividade, abstração e assim por diante. Sob tais critérios de cientificidade, a Lingüística decidiu isolar a língua e estudá-la em si mesma (Beaugrande, 1997). Nessa investida, comenta Pennycook (2004), a chamada revolução chomskyana salienta-se como uma grande conquista da área, por ter sido mais bem-sucedida que paradigmas anteriores.

De fato, são muitas as contribuições que os estudos lingüísticos têm disponibilizado, tanto no campo teórico como aplicado, nesse seu ainda recente desenrolar como ciência. Não obstante, a ânsia da lingüística por níveis acurados de formalização, por vezes ilegíveis, acaba, na opinião de teóricos como Dosse, (1994), por separá-la das outras ciências sociais e, conseqüentemente, por distanciá-la do título de ciência-piloto ostentado frente ao estruturalismo. Cada vez mais autores têm sugerido que essa exacerbada exigência de ser ciência que a lingüística se impõe “tem-lhe dado credibilidade acadêmica ao custo da credibilidade social” (Pennycook (2004, p. 40). Paire a crítica de que a área, embora lide com um objeto de imensa centralidade para a compreensão das práticas humanas, falha em fornecer a outras disciplinas subsídios teórico-metodológicos que lhes auxiliem no entendimento social da linguagem

(Gouvea, 2004). Mais que isso, como argumentam Silva e Rajagopalan et. al. (2004), a lingüística, na sua busca pela “pureza científica”, afasta-se diametralmente das exigências reais e imediatas dos usuários da língua, da cena social e política, e, com isso, afasta-se também do interesse das pessoas em geral, limitando os lingüistas a seus reclusos domínios acadêmicos, onde ficam alijados dos processos decisórios que envolvem, por exemplo, política lingüística. Baseado nessa evidência, Rajagopalan (2004, p. 35) convoca nossos teóricos à seguinte reflexão:

Nunca é tarde demais para começar a fazer um exame de consciência e perguntar a nós mesmos se, por atos ou omissão, não nos desviamos da responsabilidade de ver a linguagem como um fenômeno social, com todas as implicações políticas e ideológicas que daí decorrem.

Nessa mesma perspectiva, de acordo com Beaugrande (1997), a Lingüística não equacionará esses problemas sem antes reformular seu projeto fundador de descrever a língua em si mesma:

... no mundo dos seres humanos não cabe encontrar-se com uma linguagem em si mesma: o idioma holandês passeando pelos canais, o inglês tomando uma xícara de chá ou o idioma alemão correndo enlouquecido pela estrada. Só encontramos discursos, ou seja, acontecimentos comunicativos reais (Beaugrande, 1997 p. 69).

Os autores mencionados elegem, portanto, o discurso como a perspectiva de linguagem capaz de integrar conhecimento lingüístico, cognitivo e social, junto com as condições nas quais a usam os falantes. Compreende-se que no âmbito do discurso é

operável tanto o nível lingüístico quanto o extralingüístico, pois nele encontra-se o “liame que liga as significações de um texto às condições sócio-históricas deste texto” (Brandão, 1991, p.12). Como o discurso se processa na interação, nele recai todo o peso da produção social, e, por isso, ele é considerado como o principal mediador da construção social (Bakhtin, 1997; Foucault, 2002, 2005).

Essas qualidades do discurso, com implicações tão relevantes para o entendimento da vida humana, têm dado à Análise de Discurso (AD), campo multidisciplinar de estudos que a ele se dedica, uma perspectiva de combate ao excessivo formalismo lingüístico, bem como uma forma de busca por um deslocamento nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem por correntes anteriores (Ferreira, 2004). Na Lingüística, especificamente, cabe à Análise de Discurso (Coulthard, 1977; Coulthard e Montgomery, 1981; Gumperz, 1982; Brown e Yule 1983; Stubbs, 1983; Caldas-Coulthard, 1993; Shiffrin, 1994; Van Dijk et. al., 1997a; Fairclough, 2001; Johnstone, 2002; Wodak e Meyer et. al., 2003, entre outros) o desafio de se aplicar ao escrutínio da vida social. Nessa empreitada, como alerta Beaugrande (1997), impõe-se aos lingüistas comprometidos com essa área o difícil projeto de obter a totalidade de uma perspectiva transdisciplinar, na qual seja possível fazer tanto conexões com um vasto panorama de questões sociais e, ao mesmo tempo, trazer mapas lingüísticos internos e externos mutuamente coordenados.

Trata-se, como propõe Marcuschi (2005, p. 25), de se efetivar a articulação de uma teoria de gramática com uma teoria do discurso, pois o “discurso é nossa maneira de inserção sócio-histórica na produção de sentido, a cognição é nossa maneira de atuar significativamente e a gramática é nossa maneira de atuar regradamente nesse contexto”.

Evidencia-se, portanto, que o aflorar dessa perspectiva nos estudos da linguagem trouxe para a pauta lingüística os temas sociais em geral, como sexualidade, gênero, raça, etnia, nacionalidade, mídia, identidades e até saúde (Orlandi et. al., 2001; Moita Lopes et. al, 2003; Signorini et. al, 1998; Silva et. al, 2005). É dentro desse contexto que as migrações internacionais encaixam-se como um foco de interesse da lingüística e, mais especificamente, da Análise de Discurso Crítica, uma vertente teórica que estabeleceu como agenda o tema da modernidade e suas narrativas, considerando a dialética das relações entre globalismo/localismo, identidade/diferença, reflexividade/ideologia (Chouliaraki e Fairclough, 1999), temáticas nas quais um objeto de estudo como as migrações mostra-se oportuno e necessário.

É crescente o número de estudos lingüísticos articulados sob o tema das migrações atuais que começam a ser divulgados. Nos últimos cinco anos, lingüistas de diferentes centros de pesquisa têm-se reunido em torno do interesse específico sobre temas ligados à migração. O Simpósio Internacional de Sociolingüística tem sido um espaço importante nesse sentido. Em 2002, na sua décima quarta edição, foi apresentada uma linha específica sobre “Migração e mudança sociolingüística na Irlanda contemporânea”. No ano seguinte, na edição 15, as pesquisadoras Anna De Fina, Alexandra Georgakopoulou coordenaram a linha “Discursos e identidades em contato”, também dedicada a temas relacionados com migrantes e cruzamento de fronteiras. Em 2007, a linha “Migração e práticas multilingüísticas em contextos institucionais: questões de identidade e poder”, reuniu estudiosos do discurso como, Joan Pujolar da Universidade Oberta da Catalunya; Esther Alcalá e Luisa Martín Rojo da Universidade Autônoma de Madri; Christian Münch, Gabriele Budach e Johann Wolfgang, da Universidade de Frankfurt; Viginia Unamuno, Eva Codó e Melissa Moyer da Universidade Autônoma de Barcelona; Marilyn Martin-Jones da Universidade de

Birmingham; Mel Greenlee da Universidade da Califórnia, Huamei Han e Monica Heller da Universidade de Toronto.

Desde então, o interesse por temas ligados à migração tem aumentado em proporções tais que há uma corrente de lingüistas unidos em prol de uma proposta conjunta, uma rede de divulgação de trabalhos lingüísticos nessa área. A linha chamada de “Linguagem e Migração” (Language and Migration) é coordenada por Mike Baynham, da Universidade de Leeds, na Inglaterra, e congrega mais de cinquenta lingüistas que fizeram da migração seu tema de estudos. Os trabalhos do grupo já foram divulgados em dois eventos específicos: um simpósio em 2005, na Universidade de Leeds, Inglaterra, “Linguagem, migração e re-teorização de espaços sociolingüísticos: na direção de uma agenda de pesquisa para a lingüística aplicada”; e em 2006, no simpósio de “Linguagem e Migração”, realizado na Universidade de Coimbra, em Portugal. A rede conclui seus trabalhos em agosto de 2008, no Congresso Internacional de Lingüística Aplicada, AILA. Tudo indica que está estabelecido, portanto, um espaço dos estudos sobre migração na Lingüística. É nesse campo que este trabalho também fixa seu interesse e, mais especificamente, dentro do campo de estudos da Análise de Discurso Crítica que caracterizo a seguir.

1.2 Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) propõe-se a estudar a linguagem como prática social, considerando o papel crucial do contexto e a relação que há entre linguagem e poder, dominação, discriminação e controle. O surgimento dessa linha, propriamente, é apontado por Ruth Wodak (2003) no ano de 1991 com a celebração de um pequeno simpósio em Amsterdã, no qual nomes como Norman Fairclough, Teun

Van Dijk, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e a própria autora reuniram-se para discutir teorias, métodos e enfoques específicos de diversas tendências existentes na área de Análise de Discurso. Nas palavras de Wodak (2003, p. 32) os múltiplos interesses do grupo envolvem as seguintes questões:

- 1- o que é o conhecimento;
- 2- como o discurso se constitui nas instituições sociais e como este, por sua vez, é constituído por elas;
- 3- de que modo a ideologia opera nas instituições sociais;
- 4- como as pessoas obtêm e conservam poder em uma dada comunidade

A ADC é um modo de fazer pesquisa que avança sobre um terreno multi-segmentado, compartilhando traços metodológicos e espaço histórico com a Lingüística Crítica, a Gramática Sistêmica Funcional, a Semiótica Social, a Sociolingüística Interacional, apenas para citar alguns campos. Cabe, aqui, registrar o ponto de vista de Gouveia (2002), lingüista lusitano que enxerga nesse cruzamento de abordagens o resultado de diferentes configurações e tipos de ações interdisciplinares que alargam o campo teórico dos estudos sobre discurso. Assim, para o autor, as diferenças entre Lingüística Crítica, Análise de Discurso Crítica e Semiótica Social refletem, na realidade, diversos estágios de desenvolvimento de uma mesma teoria. Gouveia (2002) vê nessa permeabilidade multidisciplinar uma característica própria de uma nova percepção de ciência. O caráter científico atual, enfatiza o autor, compreende que os temas são galerias em que diferentes sistemas de conhecimento se desenvolvem em interconexão. Visto dessa forma, a ADC se configura como uma linha teórica plenamente encaixada nos padrões de cientificidade atuais.

Nesse sentido, a heterogeneidade é uma marca característica da ADC, que implica na adoção de diferentes possibilidades teórico-metodológicas. Existe uma ancoragem nas teorias sobre ideologia de Althusser, na teoria de gênero de Bakhtin e nas tradições filosóficas de Gramsci e da Escola de Frankfurt (Titscher et. al., 2000), bem como há, em geral, uma grande influência do trabalho de Michael Foucault. Contudo, há tendências, como a de Fairclough, de relacionar ADC com os trabalhos de Halliday na Linguística Sistêmica Funcional. Enquanto Ruth Wodak e Teun van Dijk são mais influenciados por modelos cognitivos, a ponto de o trabalho de Fairclough ser associado ao que ele denomina de Teoria Social do Discurso, e Ruth Wodak emprestar sua marca ao que é conhecido como Método Histórico-Discursivo (Titscher et. al., 2000).

Por reconhecer essa heterogeneidade metodológica, nesta pesquisa, procurei ater-me à noção de discurso que apóia estudos em ADC proposta por Fairclough, (2003, p.124) que enfatiza o seguinte:

... discursos são diferentes perspectivas do mundo e são associados com as diferentes relações que as pessoas têm com ele, que por seu turno, dependem da sua posição nesse mesmo mundo, suas identidades pessoais e sociais e das relações sociais nas quais se apóiam.

De forma complementar, adoto o conceito de discurso foucaultiano refinado por van Leeuwen (2005, p.94) que define discurso como: “conhecimento de um aspecto da realidade socialmente construído”. O termo “socialmente construído”, explica o autor, quer dizer que esses conhecimentos foram desenvolvidos em contextos sociais

específicos e de modos que são apropriados aos interesses dos atores sociais nesses mesmos contextos. Defende Fairclough (2001), que a relação entre discurso e estrutura social tem natureza dialética, resultando do contraponto entre a determinação do discurso e sua construção social.

Autores como Chouliaraki e Fairclough (1999, p.60) propõem um marco analítico para a ADC que, representado esquematicamente, envolve os seguintes passos:

Gráfico 1: Marco analítico da ADC

1º passo- percepção de um fenômeno ou problema social

2º passo- identificação dos elementos que lhe põem obstáculos:

- (a) análise da conjuntura;
- (b) análise da prática ou das práticas particulares em que o discurso se situa:
 - (i) relevância da prática
 - (ii) relação do discurso com outros momentos
 - _ discurso como parte da atividade
 - _ discurso e reflexividade
- (c) análise do discurso:
 - (i) análise estrutural: a ordem do discurso
 - (ii) análise interacional:
 - _ análise discursiva
 - _ análise lingüística e semiótica

3º passo- identificação da função do fenômeno ou problema na prática social

4º passo- reflexão sobre as possíveis formas de vencer os obstáculos

5º passo- reflexão crítica sobre a análise.

Observa-se que essa base analítica contempla os propósitos críticos da ADC. Tais propósitos aderem mais diretamente à escola de Frankfurt, mas adotam também noções vindas da crítica literária e até de abordagens marxistas. Nessa perspectiva, a noção de “crítica” significa situar os dados no social e focalizá-los como prática lingüístico-discursiva, revelando como estas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder. É, portanto, com base nesses direcionamentos essenciais da ADC, seus propósitos críticos e sua visão específica da relação discurso-sociedade, que as narrativas de migrantes jaraguenses sobre suas experiências de vida no exterior são abordadas nesta pesquisa

Situada no campo da ADC, o aporte teórico-metodológico deste estudo aproxima-se das propostas de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) que encontram na Lingüística Sistêmica Funcional um ponto de ancoragem para análises textuais. Nessa direção, busco suporte na Análise de Transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004) e na Teoria da Valoração (Martin e White, 2007) que entram como ferramenta para o exame dos textos narrativos. Utilizo também outras elaborações teóricas, como os conceitos de *polidez*, *intertextualidade* e *pressuposição*, com base na Pragmática (Mey, 2001); as propostas sobre Análise de Narrativa, vertente da Sociolingüística, com Labov e Waletzky (1967); e alguns posicionamentos da Crítica Literária com Benjamin (1996).

As narrativas colhidas incorporam significados que são construídos sócio-historicamente por seus indivíduos, à medida que interagem com as formações sociais nas quais convivem no Brasil e no exterior. Essas situações-oposições diversas e contraditórias determinam consciências e manifestações verbais díspares sobre o mundo. Conseqüentemente, o mundo da migração não é pensado igualmente pelo migrante jaraguense e um cidadão europeu, por exemplo. Considerando que, em geral,

os discursos sobre migração, ao representar o fenômeno transnacional, têm dado pouca abertura à voz do seu principal ator social, o próprio migrante, este estudo busca abrir espaço para as concepções dessas pessoas como sujeitos de uma prática que está reconfigurando o mundo atual. Uma prática que atrai o interesse de estudiosos de diversos campos e, mais recentemente, tem sido alvo de trabalhos lingüísticos, como os que apresento a seguir.

1.3 Pesquisas sobre migração

O crescente número de pesquisas sobre migração no momento é motivado por uma série de mudanças que têm ocorrido na era da globalização. Embora, desde o começo dos tempos, homens e mulheres tenham sempre migrado, os fluxos do presente têm novos significados e conseqüências para o mundo contemporâneo, pois envolvem trajetórias, processos e tipos de afiliações transnacionais que se diferem das posições dos migrantes estabelecidas em outros períodos históricos. Assistimos, agora, a uma verdadeira pluralidade de afiliações étnicas, identitárias e sociais que se expressam tanto em atitudes coletivas quanto individuais. Tais combinações desafiam os conceitos e teorias estabelecidas nas ciências sociais, as abordagens estatísticas ou demográficas e os modelos clássicos de integração e assimilação. Assim, cresce a necessidade de focalizar tal fenômeno, principalmente sobre o ângulo das identidades coletivas multiculturais, com métodos relevantes para as pesquisas nos vários ramos das humanidades.

A instrumentalidade da lingüística nesses estudos é hoje bastante reconhecida pela ligação indissociável entre identidade e linguagem. A idéia de que a identidade é uma construção de língua e sociedade, e não algo que se encontre *in natura* (Hall,

2001), coloca a lingüística em uma posição privilegiada nas pesquisas que se dirigem às constituições identitárias das instituições da modernidade. A disciplina provê uma visão dos mecanismos lingüístico-discursivos que agem sob as repercussões da nova ordem social na constituição dos indivíduos. Como consequência, os estudos de migração nesse campo concentram-se em questões de ordem identitária relacionadas às relações de poder entre migrantes e os diferentes grupos sociais, trilhando as engrenagens de incorporação ou exclusão desses indivíduos nos projetos nacionais e nas novas políticas de espaços transnacionais. Neste tópico, procuro oferecer uma visão panorâmica dessas pesquisas, reconhecendo dois momentos específicos: os trabalhos pioneiros e o estágio atual.

1.3.1 Estudos pioneiros

Dois lingüistas são, reconhecidamente, nomes precursores dos estudos sobre migração nessa área, Teun van Dijk (1997a e 1997b) e Ruth Wodak (1999). Ambos vinculados diretamente à ADC dedicam-se desde a década de oitenta a explorações detalhadas sobre o papel da linguagem, do discurso e da comunicação na construção das imagens associadas a grupos étnicos minoritários, como grupos de migrantes, principalmente na Europa. Seus estudos constituem uma referência preliminar fundamental a todos que hoje se dedicam ao tema das migrações sob o ângulo da linguagem.

Esses pesquisadores abordam o assunto a partir de como a mídia européia, os parlamentares e as elites posicionam-se sobre grupos minoritários. Nesse sentido, afirmam que historicamente questões políticas, socioeconômicas, culturais e de poder têm formado todo um esquema estrutural para que as construções sociais estejam

associadas a condições de racismo. Ao conceituar racismo como um sistema social de iniquidade baseado em etnicidade ou raça, van Dijk (1997a) enfatiza que as minorias têm sempre menor acesso a recursos materiais, como espaço, moradia adequada, empregos e renda, ou recursos simbólicos, como respeito, educação, informação, conhecimento, ou discurso público. Tal situação se articula sobre duas dimensões interdependentes, quais sejam práticas sociais discriminatórias e um corpo de crenças que tacitamente legitima as discriminações e que são repassadas no discurso.

Ao analisar as estratégias discursivas que vinculam tais crenças, van Dijk identifica uma polarização entre dêiticos, os “nós” e “eles”, de forma a haver uma auto-representação positiva sobre nós (europeus), e uma representação negativa deles (migrantes). Tal estratégia controla as propriedades do discurso racista. Além disso, o autor identifica, dentre uma lista de categorias discursivas, aquela que considera como a mais imprescindível na análise de discurso sobre minorias, o tópico. Trata-se de uma macroestrutura semântica que representa o que os falantes concebem como mais importante, ademais de regular a coerência do discurso. Nesse sentido, os tópicos são as próprias proposições avaliativas e opiniões globais que os falantes tecem sobre grupos étnicos. Identifica van Dijk (2000a) três classes principais de tópicos, todos definidos com base naquele jogo de posições ente “nós”, grupo dominante, e “eles”, grupos minoritários. Fundamentalmente, a combinação de categorias e estratégias discursivas usadas pela mídia, o parlamento e as elites européias, ao se referir a migrantes, os delinea em linhas gerais como preguiçosos, criminosos, faladores, não confiáveis, causadores de problemas. Esclarecendo a lógica da polarização “nós-eles”, van Dijk (2000a) mostra que, quando a relação entre esse “nós” e “eles” se dá na direção em que “nós” é o grupo dominante e “eles” o minoritário, este último muito dificilmente reveste-se de atributos positivos, assim, raramente ou nunca é reconhecido

como um colaborador no desenvolvimento econômico e cultural da sociedade em que vive. Pelo contrário, no discurso dos grupos dominantes as minorias são, em síntese, um mal ameaçador. Tais categorias são passíveis de ser encontradas próximas das condições que se identifica no grupo dos jaraguenses, do qual tratarei mais adiante.

Na mesma perspectiva de van Dijk, Ruth Wodak (1999) também tem contribuído para os estudos sobre migração dentro da Lingüística, concentrando-se nas questões de racismo, preconceito e xenofobia. Seus primeiros trabalhos analisaram cartas oficiais do governo austríaco que notificavam migrantes, rejeitando os pedidos de visto para seus familiares. Usando uma metodologia que a autora chama de “Abordagem histórico-discursiva em ADC” (Discursive-historical approach in CDA), que combina análises histórico-discursivas com análises textualmente orientadas pela gramática sistêmica funcional, a autora faz um cruzamento entre o discurso oficial, outros gêneros discursivos e estratégias argumentativas que expõem, claramente, a lógica da relação entre práticas e crenças discriminatórias que se associam à condição dos migrantes na Europa atualmente. Ela discute, com outros autores (Wodak, Cillia, Reisigl, 1999), o papel dos migrantes e minorias étnicas nos projetos nacionais em países europeus, dando destaque para a questão das identidades sociais e nacionais nesses contextos. Mais recentemente, a autora tem acrescentado um componente inovador nesses estudos. Ao trabalhar com uma técnica chamada “foco no grupo”, Ruth Wodak usa como dado de pesquisa discussões de tópicos que ela sugere entre grupos formados pelos próprios migrantes. Essa forma de trabalho explora o discurso sob a perspectiva desses sujeitos, acrescentando a sua voz à tônica dos estudos que, até então, vinham sendo desenvolvidos com base no discurso dos grupos dominantes. Isso parece ter inaugurado uma nova tendência nas pesquisas sobre a temática, que passaram a se concentrar com mais empenho no ponto de vista dos próprios migrantes, suas histórias

de vida, narrativas de cruzamento de fronteira, dentre outros fatores relevantes, conforme exponho a seguir, ao abordar os trabalhos mais recentes.

1.3.2 Trabalhos recentes

Os estudos de van Dijk e Ruth Wodak abriram uma trilha na Lingüística que se vem estendendo desde o final dos anos oitenta e que, no momento, torna-se bastante recorrente, haja vista o número ascendente de trabalhos que se vinculam às migrações e, principalmente, aos migrantes, como os da linha “Linguagem e Migração”, conforme já mencionei. Esses trabalhos enfocam os movimentos transnacionais e a diáspora, investigando como as teorias lingüísticas podem ser revisadas e rearticuladas em perspectivas mais dinâmicas, de modo a lançar luz sobre os processos sociais na nossa era, com novas compreensões de espaço, hegemonia, território, unidade e linguagem. Trata-se de rever as ferramentas teóricas que abordam as práticas lingüísticas e construções discursivas sobre essas questões. A lista de pesquisas nessa perspectiva é grande, contudo, para esta tese é interessante citar três trabalhos específicos, dos quais serão observadas algumas categorias analíticas que se enquadram dentro dos contornos do grupo aqui focado.

O primeiro é a pesquisa de Ana De Fina (2000, 2004), sobre narrativas de migrantes mexicanos nos EUA, que segue aquela tendência de dar voz às minorias, usando suas próprias histórias de vida como fonte de dados. Seu estudo é referencial por tratar de um grupo latino-americano que divide certas características com os jaraguenses, colaboradores e foco deste projeto. A autora provê uma relevante discussão sobre o papel da escolha de pronomes na expressão de distância ou solidariedade em relação aos outros, observando o grau em que isso reflete a orientação do falante em

relação a suas bases culturais individuais ou coletivas. Analisando o tipo de sentença em que pronomes pessoais (em espanhol) ocorrem, ela conclui que o estilo de narrativa reflete uma concepção individual, em que o indivíduo se vê cercado pelos outros, e suas experiências são divididas ou são potencialmente significantes para esses outros.

Uma das principais contribuições da autora foi detectar que a identidade étnica é a categoria mais central usada por migrantes na sua auto-identificação e na identificação dos demais. A soma de todas as categorias étnicas mencionadas por seus informantes resultou em uma lista com vinte e duas definições, que incluíam termos como: americano, hispânico, latino, centro-americano, colombiano, nicaraguense etc. Geralmente essas identificações apresentam avaliações de comportamento. Daí o fato de que em comentários, narrativas de histórias pessoais e argumentações são recorrentes as observações sobre o comportamento de determinados grupos e os julgamentos de valor sobre suas condutas. Essas observações e julgamentos comportamentais são o próprio material discursivo do qual as identidades se constituem. Ele é tecido a partir das relações e posições sociais, entre as quais, as de poder, que os grupos exercem entre si, assim como de outras construções de segunda ordem, como o discurso da mídia, dos intelectuais etc. É aí que se fixam muitos estereótipos sobre como os “brasileiros”, “americanos”, “porto-riquenhos” etc. são.

O segundo trabalho recente, de interesse especial para esta tese, é o estudo de Michał Krzyżanowski em parceria com Ruth Wodak, na Universidade de Lancaster, intitulado ²“Multiple identities, migration and belonging: voices of migrants”. Os autores (Krzyżanowski e Wodak, 2007) questionam o conceito de identidade que se tem usado nas ciências sociais e na própria lingüística para tratar de questões sobre migrantes, alegando que a visão atual de identidade fragmentada deve ser reinterpretada

² Múltiplas identidades, migração e pertencimento: vozes de migrantes.

de modo a captar a transitoriedade da situação dos migrantes, que afeta suas formulações sobre si mesmos. A fim de solucionar problemas teórico-metodológicos nas pesquisas recentes sobre identidade de migrantes, os autores propõem uma noção de identidade sob a metáfora do “portal”, aquilo que emoldura um espaço de passagem de um local a outro, e adotam uma nova categoria analítica, que chamam de “pertencimento” (belonging). Tal categoria detém, segundo os autores, uma noção de identidade produzida por um processo contínuo que combina “ser” e “tornar-se” e que permite focar como os indivíduos e grupos almejam novos tipos de ligação a pessoas, a lugares ou a maneiras de ser. A noção de pertencimento, portanto, engloba laços emocionais, traduzidos no discurso dos migrantes nas metáforas “casa”, “raiz”, “terra natal”, nas expressões ligadas à “família”, “lar” e nos verbos que expressam sentimento.

A terceira pesquisa, donde busco apoio para o presente estudo, é a tese de doutorado de Rachael Radhay (2006) da UnB, intitulada “Discurso e poder na política de migração brasileira”. A relevância desse trabalho é devido ao enfoque do tema da migração transnacional no contexto brasileiro. A autora examina a política de migração brasileira em relação ao discurso e ao poder. São caracterizados os elementos lingüísticos tais como nominalizações, escolhas pronominais e processos que contribuem para erguer pressupostos no discurso da migração. Uma das principais evidências no trabalho de Radhay (2006) é a construção do migrante ora como ameaça à segurança nacional, ora como ameaça à mão-de-obra brasileira. Também é detectada uma marcante discriminação na representação e na avaliação de migrantes em que se privilegia a entrada daqueles com maiores investimentos e conhecimento técnico especializado em detrimento dos migrantes em desvantagem social, que são desvalorizados.

Mediante um trabalho etnográfico, a pesquisa de Radhay (2006) identifica uma profunda distância entre o discurso de migração do Estado e os relatos das experiências de migrantes, em que está embutido como pressuposto principal a busca por melhores condições de vida e um interesse em legalizar-se no país. Essas evidências ainda atestam que o migrante não se enquadra nas representações e avaliações estereotipadas do Estado. A autora identifica também que entre os migrantes que recorrem ao Brasil como país de destino existem diversas redes que marcam ora solidariedade, ora relações de exploração. A pesquisa de Radhay (2006) é especialmente oportuna nesta Tese para fazer o contraponto entre a posição do Brasil como contexto de chegada e, por outro lado, como contexto de partida de migrantes.

As pesquisas citadas neste tópico, sobre os estudos de migração na Lingüística, ilustram um percurso que se vem desenvolvendo, desde os anos 1980, até os dias atuais, no qual alguns pontos se destacam. Se, no início, o foco de interesse centrava-se no discurso dos grupos majoritários sobre os migrantes, gradativamente, a ênfase foi sendo direcionada ao ponto de vista desses próprios migrantes, cujas narrativas e histórias de vida passaram a ocupar o espaço antes dado ao discurso da mídia, das elites e parlamentares. Questões de discriminação, racismo e xenofobia têm sido aspectos centrais nos trabalhos, que procuram revelar como construções desse tipo, são repassadas pela linguagem, no discurso e em práticas sociais, de modo a serem solidificadas no senso-comum, mantendo o migrante em condições subalternas e periféricas. A identidade é uma das categorias essenciais nas análises, pois revela muito sobre posições e relações de poder entre os grupos. Todavia, o conceito de identidade submete-se a uma busca, estendida às próprias ferramentas teóricas da Lingüística, por conceitos mais dinâmicos e reflexivos, que iluminem processos sociais-chave na nossa era. Novas perguntas se impõem e esta tese se articula em função de contribuir nesse

caminho. Ao trazer análises sobre um grupo de migrantes de uma cidade do interior de Goiás, este trabalho aborda o tema da transnacionalidade no contexto de partida desses pessoas, diferenciando-se, portanto, da direção dominante, que tem sido o contexto de chegada, os países ricos do dito “Primeiro Mundo”. Cabe, nesse momento, descrever esse grupo dentro dos propósitos desta pesquisa, é o que faço no tópico seguinte.

1.4 O grupo jaraguense

Neste momento, chego ao ponto mais central do capítulo, a apresentação do grupo referencial cujas narrativas são o foco de análise desta tese. Jaraguá é escolhida em razão dos laços que mantenho com a cidade como moradora e professora na unidade local da Universidade Estadual de Goiás. Contudo, esses não são os únicos argumentos em favor da escolha, que se dirige às características da migração jaraguense como fenômeno regional e transnacional. Goiás é mencionado em vários estudos sobre migrantes brasileiros no exterior (Ribeiro, 1999; Meihy, 2003), a exemplo de Minas Gerais, que se reconhece nesses trabalhos como um dos contextos de partida mais acentuados do país. Nesse quadro, Jaraguá representa uma das muitas cidades brasileiras que dividem características comuns a todo um conjunto de localidades espalhadas mundo afora, de onde se lançam pessoas pelas vias da globalização.

Neste tópico, busco caracterizar o grupo, partindo de sua posição nesse contexto mais amplo que é a transnacionalidade. Em seguida, apresento uma breve descrição da cidade como centro de partida de migrantes e, por fim, exponho algumas questões teóricas dentro da lingüística que foram investigadas sobre o grupo em um trabalho anterior.

1.4.1 A migração jaragüense no contexto das redes sociais

A migração jaragüense representa apenas uma das muitas vertentes do fenômeno migratório atual, dentro de um cenário mais amplo, no qual vicejam relações dialéticas entre local e global, (re)invenção de nação e produções culturais diferenciadas, que impõem as mudanças de comportamento, estilos, costumes de vida e formas de organização social do momento. Esses temas têm nas ciências sociais e nos estudos culturais um amplo centro de apoio, reunindo autores como Bhabha (1998), Giddens (2002) e Hall (1999), Anderson (1983), apenas para citar alguns nomes evidentes. Essa migração não é unilateral nem definitiva, no sentido de que as pessoas não escolham seu destino e partam para lá sem perspectivas de retorno. Ao contrário, o que se percebe é um movimento de ida e vinda, no qual as pessoas posicionam-se naquela situação do “entre-lugar” de que nos fala Bhabha (1998). O grupo jaragüense, portanto, possui características que o aproximam dos contornos descritos por cientistas sociais e antropólogos (Mitchel, 2003; Basch et al., 1994; Ribeiro, 2000), como típico dos movimentos atuais de transmigração e de transnacionalidade.

A migração jaragüense tem uma peculiaridade que também é identificada em outros grupos, a de possuir uma direção-alvo principal, que, neste caso, trata-se de uma cidade norte-americana no estado de Connecticut, chamada Danbury. Embora o destino dos jaragüenses inclua países da Europa e várias regiões dos EUA, é, sem sombra de dúvida, a Danbury que grande parte dos jaragüenses se remete, quando pensam na possibilidade de migrar. O eixo Jaraguá-Danbury foi constituído através do que os sociólogos chamam de “redes sociais” (Soares, 2003, p. 241), que é um “conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação”.

Tais redes se formam a partir de relações de amizade, conhecimento, parentesco e de trabalho. Segundo Soares (2003), os movimentos migratórios transplantam as redes sociais, ou seja, as redes migram. Nesse sentido, conforme conclui o autor, a migração se organiza por meio da interconexão diária de pessoas que mantêm um conjunto de expectativas mútuas e que se apóiam, ligando comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino. Danbury, assim, constitui um desses locais específicos de destino preferencial jaraguense, devido à rede social que se formou entre as duas cidades e que faculta aos migrantes em potencial contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos, oferecendo-lhes oportunidade de emprego, hospedagem e assistência financeira.

Um exemplo de como a rede funciona é notado no fato de que uma cadeia de lanchonetes, do tipo *fast food*, em Danbury, ter seu quadro de funcionários ocupado majoritariamente por pessoas de Jaraguá, que exercem funções de atendimento, limpeza, cozinha e até gerência. Muitos acordos de trabalho nesses estabelecimentos são travados ainda em Jaraguá, antes do migrante partir, por intermédio de seus conterrâneos nos EUA. Atualmente, com a dificuldade de acesso aos EUA que a política do governo local vem impondo aos migrantes, criam-se gradativamente novos pontos de destino e novas redes.

A rede migratória que se formou entre Jaraguá e Danbury, a exemplo de outras redes análogas, alimenta certas características de transnacionalidade. Agora, portanto, uma vez caracterizada a posição do grupo jaraguense no contexto transnacional mais amplo, faz-se necessário descrevê-lo como cenário local, foco deste estudo.

1.4.2 Jaraguá como cenário da pesquisa

Jaraguá, a exemplo de várias cidades de Goiás, surgiu a partir da mineração aurífera do século XVIII. Situa-se no centro-sul do estado, a 142 Km da capital, no chamado Vale do São Patrício, banhada pelo Rio das Almas e aos pés de uma serra que lhe empresta o nome. Segundo os dados da maioria dos estudiosos que se dedicaram a sua história, como Castro (1998), Duarte (1999), Fonseca (1999), Fonseca (2002), Pedroso (1999), Romancheli (1998) e Santos (2002), a cidade tem hoje 130 anos de emancipação política e cerca de 265 de fundação. Segundo Fonseca (2002, p. 19) “as marcas do ciclo do ouro ficaram presentes na memória de sua gente, tanto quanto estão registradas em suas edificações”, igrejas e casarios, datados do século XVIII e XIX. Da mesma essência são muitas das festas tradicionais, vivenciadas ainda hoje, que tiveram suas origens à época das minas, como a Festa do Divino Espírito Santo, das Cavalhadas, da Folia de Reis, que dão sustentação às tradições, crenças e costumes locais (Santos, 2002). Além dessa forte herança colonial, Jaraguá também deteve muitas marcas de um outro fenômeno histórico característico de alguns estados brasileiros do final de século XIX e meados do XX, o coronelismo e as oligarquias rurais.

Embora a antiga Jaraguá preserve muitos traços das várias épocas que a marcaram, atualmente convive com mudanças trazidas pela chegada da indústria de confecção de roupas que vem ganhando espaço, fazendo da cidade uma referência como pólo industrial (Santos, 2002). Curiosamente é dentro desse novo contexto de “pólo de indústria do vestuário” que o fenômeno da migração surgiu e se intensificou na cidade. Não se pode estabelecer ao certo uma relação entre esses dois acontecimentos. Muito embora, em um outro contexto, a pesquisadora Gisele Santos (2001), que investigou a migração em Criciúma em Santa Catarina, levantou a hipótese de o fenômeno lá estar

ligado a um novo rearranjo econômico pelo qual tem passado a região. Analogamente, o caso de Jaraguá também dá alguns indícios de que o contexto econômico local seja condicionante do fluxo de seus moradores para o exterior. Esses indícios emergiram em uma pesquisa anterior sobre jaraguenses nos EUA (Freitas, 2004), que apontou um índice considerável de ex-proprietários de pequenos negócios no ramo de confecção e comércio de vestuário, que teriam optado pela decisão de migrar em decorrência das desilusões advindas do fracasso dessas empresas.

Não obstante, parece-me que a migração em Jaraguá pode ser mais bem esclarecida com base em uma realidade externa à qual estaria ligada: o crescimento do fenômeno em todo o Brasil. Segundo Margolis (1993), o êxodo de brasileiros teria tido início por volta de 1986, desde quando estaria intensificando-se. Ela atribui a origem do fenômeno à crescente instabilidade política do país, e ao clima de insegurança de sucessivos fracassos de tantos planos econômicos. Como já citei antes, Governador Valadares, em Minas Gerais e Criciúma, em Santa Catarina, são as duas cidades brasileiras que ganharam notoriedade, dentro desse quadro de migração, pelas proporções do seu fluxo de migrantes. A exemplo desses dois municípios, Jaraguá também se está tornando um pólo de migração para vários países, dentro do estado de Goiás, que atualmente torna-se um estado brasileiro com grandes índices de migração internacional (Ribeiro, 1999). Essa realidade é indicativa de uma alteração de um dos perfis da cidade, que teria sido por um longo período um centro de chegada de migrantes e não de partida.

Embora Jaraguá divida algumas características de centro migratório com Governador Valadares e Criciúma, seu caráter é bem mais recente, cerca de dez a quinze anos, e seu fluxo é muito inferior, talvez pelas próprias proporções do município

em relação àquelas ³ cidades. Assim como não se têm dados precisos sobre a população total de brasileiros no exterior, não se dispõem também de dados oficiais sobre o número de jaraguenses que migraram. Todavia, estima-se que os indicadores sejam altos, porque pelas conversas de rua, nos supermercados, nos bares e nas casas dos moradores são cada vez mais comuns os assuntos que variam em torno das dificuldades enfrentadas por um parente ou amigo durante o processo de requerimento de visto; da chegada no país estrangeiro; dos casos vexatórios dos que foram deportadas ou não conseguiram entrar; dos casos de aflição das famílias cujos membros aventuraram-se via México, e que ficam desaparecidos por dias, sem nenhuma notícia; dos que acabaram de voltar e dos que estão se preparando para embarcar etc. É tema corrente a contabilidade dos bens adquiridos pelos que ainda estão fora ou dos que já se decidiram por gozar deles aqui; das histórias de sucesso de alguns jaraguenses que são noticiadas em jornais locais no exterior com maior concentração de jaraguenses, como Danbury (Freitas, 2003).

Todas essas peculiaridades fazem de Jaraguá um cenário propício a estudos como o que aqui se propõe. Vale lembrar que essa investigação nasceu ainda em um momento anterior, quando as primeiras explorações ensejaram mais aprofundamento, que é o alvo deste trabalho. Não obstante, tais explorações iniciais constituem um ponto de partida fundamental e provêm muitos dados que serão aproveitados no atual estágio da pesquisa. No próximo tópico, exponho sucintamente alguns desses dados.

³ Jaraguá, segundo o IBGE, censo de 2000, possui 33.284 habitantes, contra 247.131 de Governador Valadares e 170.420 de Criciúma.

1.4.3 A pesquisa lingüística com os migrantes jaragüenses

Conforme tenho afirmado, o interesse pelo grupo jaragüense consta de minha pauta de pesquisa desde 2000, à época de meu curso de mestrado, quando desenvolvi um estudo centrado nas relações entre aquisição de inglês como segunda língua, por migrantes jaragüenses em Danbury, e os fatores de identidade que interferiam no processo. Devido a latência do tema identidade que se intensificou ao longo do trabalho, nas entrevistas e observações de campo, este passou a ser um ponto mais central. A busca de teorias que amparassem uma análise sobre questões identitárias, identificadas na linguagem, entrou para a pesquisa por sua adequação aos propósitos de então. A partir daí, procurei provocar nos sujeitos algumas reflexões sobre o que o deslocamento Brasil-USA lhes teria acrescentado como indivíduos, colher suas percepções e reformulações conceituais a partir de seus depoimentos e das observações de suas conversas informais, de certos comentários, enfim, do seu discurso. A série de itens que resultou desse trabalho foi listada a partir de sua evidência no conjunto geral dos depoimentos, ou seja, foram as menções que mais se repetiram na maioria das entrevistas e observações.

O trabalho de van Dijk (2000a), que foca o discurso das elites e do parlamento europeu sobre migrantes, foi o maior referencial para o estudo. Suas considerações sobre as estratégias de representação positiva e negativa, identificadas na polarização entre dêiticos “nós” e “eles”, e sua categorização sobre tópicos discursivos tiveram muita instrumentalidade na pesquisa com os jaragüenses, com a ressalva de que o direcionamento discursivo do grupo em Danbury se articulava sobre uma direção inversa ao do estudo de van Dijk, uma vez que, nesse caso, tratava-se das formulações de um grupo minoritário em relação a uma maioria dominante.

Aplicado, então, o modelo de van Dijk (2000b), uma das principais nuances que identifiquei com relação a traços identitários desses migrantes é que, de certa forma, eles estão se constituindo em diferenciais desse grupo nacional nos EUA em relação ao Brasil. Ficou visível que a constituição de uma comunidade brasileira naquele país aproxima seus membros, numa situação de etnia, de maneira que eles passam a atuar como uma minoria étnica lá dentro. Tal evidência tem seus reflexos imediatos na linguagem e, se no Brasil o português é considerado um dos grandes elos da identidade nacional, no contexto de etnia em que vivem os migrantes nos EUA, a língua vai-se transformando e incorporando marcas lingüísticas advindas do inglês, e passa a se constituir em uma variedade própria, que já está sendo chamada por alguns de portinglês (Espíndola, 2002).

Vê-se, assim, que a identidade cultural assume uma posição central na identificação dos sujeitos. Essa identidade cultural, que explicaria o que é ser um brasileiro nos EUA, não pode ser totalmente depreendida fora do contexto de acentuada alteridade em que vivem os sujeitos dessa pesquisa. Segundo Kramsch (1998), nossa identidade social deriva justamente da nossa participação como membros de uma comunidade na qual nos definimos como os de “dentro” contra os demais, os de “fora”, numa relação em que o contato com “outro” diferente é importante para a definição do “nós” próprios (Sales, 1999).

Com essas orientações em vista, percebe-se que é fundamentalmente em torno do trinômio brasileiro-americano-hispânico que vão ser estruturadas certas afiliações grupais que estabelecem aqueles jogos de posição entre “nós” e “eles” tão fundamentais na configuração de tópicos de discurso de minorias. No entanto, essas configurações serão alteradas por um novo norteamento discursivo, que aqui parte do ponto de vista da própria minoria, os migrantes, na direção de si mesmos, mas, com base na situação de

alteridade que lhes é imposta. Assim, nesse novo posicionamento, “eles” representam mais acentuadamente o grupo dominante, os americanos. Mas, há também configurações em torno de um outro “eles” referente às muitas minorias que se alternam, junto com os sujeitos da pesquisa, na condição de migrantes. Estes pertencem fundamentalmente àquele grupo arbitrariamente denominado de hispânico, ou hispano, termo reduzido na fala coloquial dos sujeitos, que agrupa num só segmento várias nacionalidades latino-americanas.

Ainda seguindo as orientações de van Dijk (2000b), as análises dos depoimentos dos colaboradores e das observações de campo resultam igualmente numa lista de tópicos. Contudo, o deslocamento do Nós-maioria dominante, para o Nós-minoria, causa algumas divergências entre os resultados observados e os de van Dijk (2000b) e a principal discordância reside justamente naquelas formulações positivas e negativas sobre “nós” e “eles”. As formulações positivas não recaem necessariamente sobre “nós”, que representa os migrantes propriamente. Da mesma forma, atributos negativos não são essencialmente os que caracterizam “eles”, os outros. As análises revelaram na realidade uma intrincada trama de atribuições positivas e negativas que povoam tópicos variados.

Além de focar as estratégias de representação identitária do grupo e as questões de poder que nelas se embutem, propus-me também a identificar, no contexto geral das entrevistas e observações, os principais tópicos que eram levantados pelos participantes sobre a mudança para os EUA. Dessa forma, a partir da visão do próprio migrante, listei tópicos que definem sua condição como um dos vários grupos minoritários naquele país. Foram quatorze tópicos ao todo: trabalho, dinheiro, cansaço, desunião, vigilância, aprendizagem, saudade, depressão, malandragem, afetividade, inteligência, beleza, discriminação e polidez. Eles são analisados às vezes em conjunto ou individualmente.

Todos esses tópicos e estratégias já identificadas vão servir como uma base inicial para as análises dos dados desta tese. Munida desse conhecimento prévio, meu propósito aqui é de expandir as categorizações já identificadas e seguir no caminho de uma exploração mais avançada.

Algumas considerações

Este capítulo teve como objetivo básico estabelecer a relação entre os estudos lingüísticos e os estudos sobre migração e apresentar o grupo referencial da pesquisa, sob uma dupla articulação, tanto no contexto regional e local específico, quanto nos contextos transnacionais mais amplos. Tal proposta se articulou em quatro momentos específicos, primeiro, na elucidação do vínculo entre teoria lingüística e teoria social, caracterizado no nível discursivo; segundo, na identificação do campo teórico da lingüística ao qual se afilia este estudo sobre migração, a ADC; terceiro, em uma pequena reconstituição das iniciativas vinculadas ao eixo linguagem e migração, determinando quais são as principais contribuições teóricas para esta pesquisa; por fim, na apresentação do grupo referencial dentro das questões que interessam ao estudo. Concluída essa parte introdutória, seguem, no próximo capítulo, as proposições metodológicas que norteiam o trabalho.

CAPÍTULO II

Metodologia e apresentação dos dados

*... não é a qualidade dos bens ou a sua
utilidade que importa, mas o **movimento**, não
onde você está ou o que você tem, mas de onde
você vem e para onde você vai e a quantos
passos você chega lá.*

C. L. R. James

CAPÍTULO II

Metodologia e apresentação dos dados

A epígrafe anterior é oportuna para introduzir determinados direcionamentos metodológicos que serão empregados neste estudo. Tais linhas foram retiradas de um texto de Clifford (1997, p. 17) no qual o autor tece considerações sobre etnografia, criticando alguns de seus princípios teóricos e propondo novos caminhos. Como se pode observar, a palavra *movimento* aparece grifada. Essa foi uma alteração que tomei a liberdade de fazer a fim de começar a exposição sobre minhas escolhas quanto a instrumentos, técnicas e tipo de pesquisa.

Ao me dispor a investigar (re)construções narrativas da experiência de migrantes, encontro dois terrenos em que o movimento é um fator preponderante: o movimento identitário e o movimento transnacional. Esta é a razão pela qual optei por desenvolver um estudo de natureza qualitativa apoiada em procedimentos metodológicos de natureza etnográfica, cujos métodos demandam uma “descrição densa” de aspectos pertinentes ao fenômeno examinado_ migração transnacional no contexto atual da globalização_ bem como um “caráter interpretativo” do mesmo (Geertz, 1978). A seguir, exponho as seções que compõem este capítulo, tomando como ponto de partida algumas perspectivas lançadas por Clifford (1997) sobre a questão do movimento dentro da etnografia e outros fatores relacionados. Na primeira seção, caracterizo a natureza da pesquisa, bem como suas relações com objetivos e teoria. Na seção seguinte, caracterizo o contexto do estudo, seus participantes e instrumentos de coleta de dados. Nas últimas seções, apresento os parâmetros teórico-metodológicos aplicados aos dados, desde sua geração até o processo de triangulação.

2.1. A metodologia qualitativa

A pesquisa qualitativa prioriza tanto a descrição quanto a interpretação de realidades sociais, o que favorece o enfoque de questões voltadas para relações sociais, identidades, bem como ideologias subjacentes a um fenômeno social. Este estudo, como mencionei mais acima, tem no movimento um ponto de interesse central, pois foca o movimento identitário em relatos e histórias de vida de pessoas que se têm proposto a incursões pelas vias transnacionais, mobilizando-se entre seus contextos de origem e destino. Essas pessoas, que vão e vêm, tornam-se melhor compreendidas na figura de viajantes. Tal perspectiva deve ser considerada como um dos elementos definidores dos padrões metodológicos a serem adotados aqui, uma vez que o movimento e a perspectiva do viajante, segundo Clifford (1997), deveriam guiar certos conceitos científicos. Preocupado com a supremacia do pesquisador e sua cultura em relação a seus pesquisados, dentro da etnografia, Clifford propõe uma mediação entre as figuras culturais do “nativo”, “informante” e “pesquisador” com a figura do “viajante”. Isso porque, para ele, tanto pesquisadores quanto pesquisados devem manter entre si relações de troca intercultural de nível global, nas quais devem ser privilegiadas as situações de encontro, à semelhança de um contexto de viagem. Segundo o autor, esse direcionamento privilegia um enfoque nas situações de interação, interferência e deslocamento, além de suscitar a extensão em que um centro grupal é a periferia de outro. Esses são aspectos bastante relevantes nesta pesquisa e definidores da adoção de uma abordagem metodológica de base qualitativa, descritivo-interpretativa, com o uso de técnicas de coleta de dados provenientes da etnografia.

Pesquisas qualitativas estudam as pessoas no ambiente de vivência no qual elas se encontram, interessando-se pelos significados que essas depositam nas coisas e em

suas vidas. Existe nos estudos qualitativos uma certa ênfase nas identidades dos pesquisados (Taylor e Bogdan, 1998). Como grande parte dos objetivos desta pesquisa volta-se para questões de cunho identitário, tal característica também justifica a opção metodológica de base qualitativa. A seguir, esclareço melhor a relação entre a adoção desse tipo de pesquisa aos objetivos propostos.

2.1.1 Adequação da metodologia aos objetivos

Em geral, os estudos qualitativos desenvolvem conceitos e compreensões a partir dos dados ao invés de coletar dados para acessar modelos preconcebidos, hipóteses e teorias. Em estudos qualitativos, o pesquisador não começa com uma hipótese para teste, mas apenas com focos de observação, que podem, posteriormente, definir objetivos e asserpsões (Thomas, 1993). Assim, pesquisas dessa natureza seguem um roteiro flexível, no qual os investigadores vão a campo sem saber com o que começar propriamente. Formulam vagamente algumas perguntas e apenas as estruturam em objetivos após terem passado um certo tempo coletando amostras.

As incursões pelo campo deste estudo começaram em um momento bem anterior à definição final desta pesquisa, quando ainda desenvolvia minha dissertação de mestrado e travava os primeiros contatos com os “viajantes”. Na ocasião, meu interesse ainda não se guiava por questões de ordem discursiva dos textos narrativos por eles produzidos. Esse engajamento surgiu aos poucos, em decorrência do meu contato com os participantes da pesquisa, durante as coletas, como é próprio em estudos qualitativos. Dessa forma, tal conhecimento inicial permite-me definir alguns passos preliminares, que listo a seguir:

- Identificar uma estrutura genérica nas narrativas do migrante, as possíveis vozes que as compõem e relacioná-las a ordens de discurso e correntes ideológicas da modernidade.
- Descrever e interpretar como os pesquisados representam a si mesmos e aos outros nas narrativas, identificando os principais atores nessas representações e suas respectivas relações de poder nos mecanismos definidores do fluxo migratório, assim como questões de dominância, submissão, discriminação, preconceito, assimilação ou resistência nos novos contextos sociais e culturais.
- Levantar e analisar uma série de avaliações sobre a prática migratória e seus contextos de chegada e retorno, reconhecendo os mecanismos de incorporação ou exclusão dos pesquisados nos projetos de nação do Brasil e do contexto estrangeiro.
- Traçar algumas características de um possível "discurso de migrantes" fazendo soar a voz dessa categoria social.

Os objetivos operacionais, aqui explicitados, permitem acessar o problema levantado nesta pesquisa em suas múltiplas facetas, uma vez que eles se lançam como direcionamento e delimitação necessários à condução deste trabalho dentro de uma margem definida. Nesse sentido, a metodologia que se está propondo dedica-se ao objeto de pesquisa relacionando-o a esses objetivos e às teorias para análise que lhes dão suporte. Segundo Marcuschi (1999), tal direcionamento é o que sustenta e justifica qualquer metodologia, uma vez que ela em si e por si não opera resultado algum, pois, nas palavras do autor, a metodologia só age eficazmente na relação com um bom

problema e uma boa teoria. Na realidade, como ainda propõe Marcuschi (1999), é a teoria que delinea o problema propriamente e a metodologia será o tipo de abordagem que se dará a ele no contexto da teoria que o projetou. Nesse sentido, esclareço de modo específico, a seguir, a articulação entre teoria e metodologia.

2.1.2 Articulação teórico-metodológica

No capítulo anterior, apresentei os posicionamentos da Análise de Discurso Crítica (ADC), cujo referencial é o principal ponto de esteio teórico-metodológico do estudo ora apresentado. Como procuro deixar claro, essa linha assume uma orientação explícita em direção a questões de poder e ideologia. Chouliaraki e Fairclough (1999) argumentam que não vêm nessa especificidade nenhuma unilateralidade negativa, ao contrário, eles comentam que, uma vez que essa especificidade é declarada e, uma vez também que outras perspectivas são reconhecidas, o foco nas relações de poder e ideologia não constitui uma parcialidade incompatível com os princípios da ciência.

Dentro da ADC, nas palavras de Chouliaraki e Fairclough (1999 p. 74), “o pesquisador assume tanto a perspectiva de alguém engajado na prática social, que se interessa na apropriação dos recursos sociais, e a perspectiva do teórico, tentando descrever esses mesmos recursos sociais”. Isso, sem perder de vista que um postulado científico é produzido por evidências e demonstrações, ao contrário dos postulados de valor, que são produzidos pela retórica, conforme bem observa Thomas (1993). Na realidade, o principal trabalho do analista dentro da ADC é justamente trazer à tona essas distinções. Tal aspecto avaliza, ao mesmo tempo, a cientificidade dos estudos da ADC e as questões éticas neles implicadas.

Com relação à cientificidade, esta se preserva tanto pela distinção anteriormente comentada, entre evidência e valor, quanto por um arcabouço teórico-metodológico que contempla análises textuais e socialmente orientadas, considerando conjuntura, práticas particulares e semiose, aproximando-se de uma proposta hermenêutica que traz para “o foco o concreto, as partes, o particular, mas de forma a fundamentá-los contextualmente em uma compreensão mais ampla das forças sociais, do todo, do abstrato” (Kincheloe e McMaren, 2006 p.288.). E com relação à ética, o pesquisador, ao contrário de uma suposta neutralidade científica, posiciona-se claramente frente a seus leitores e comunidade acadêmica, dando a esses, de antemão, condições de diálogo e outorgando-lhes autoridade interpretativa.

Até aqui, procurei esclarecer e justificar a articulação entre a opção metodológica deste estudo, seu objeto, objetivos e proposta teórica. Tal articulação se organiza em função dos aspectos críticos que envolvem este trabalho e que demandam uma seleção cuidadosa. Resta agora terminar esta seção esclarecendo alguns pressupostos sobre etnografia crítica que se configura como uma forma especial de coleta e análise de dados, dentro dos estudos qualitativos. Embora o presente estudo não se configure como etnográfico, lanço mão de procedimentos teórico-metodológicos da etnografia para a geração dos dados. O próximo sub-tópico dedica-se a essa especificidade.

2.1.3 Apoio na etnografia crítica

A etnografia crítica tem suas raízes na Teoria Crítica, que se refere à tradição teórica desenvolvida na década de 1970, na escola de Frankfurt, cujos principais expoentes são Max Horkheimer, Theodor Adorno e Hebert Marcuse (Kincheloe e

McLaren, 2006). Embora o termo esteja associado a essa escola em especial, atualmente ele se refere a toda uma tradição crítica de pesquisa e não propriamente a uma corrente teórica unificada. Os teóricos críticos tentam evitar especificidades excessivas, havendo inclusive espaço para discordâncias e mudanças evolutivas. Segundo Kincheloe e McLaren (2006), traçar características fixas dessa postura contrariaria o desejo dos próprios teóricos de evitar a produção de esquemas detalhados de crenças sociopolíticas e epistemológicas.

As principais preocupações dentro dessa tendência são questões relacionadas ao poder e à justiça e como determinados elementos interagem para construir um sistema social, elementos como a economia, os assuntos relacionados a raça, gênero, classe, etnia, as ideologias, os discursos, a educação, a religião e outras instituições sociais e dinâmicas culturais. Trata-se de um esforço amplo de avaliação do mundo social, ou de determinadas esferas públicas, com vistas a confrontar injustiças e melhorar certas relações. Nesse sentido, a tarefa de descrever ou reanimar uma fatia da realidade, associada tradicionalmente ao cientista social, dá espaço a uma proposta de ação política que possa reparar as injustiças encontradas no campo de pesquisa ou construídas no próprio ato de pesquisar.

Com relação a esse ato de pesquisar, uma dinâmica crítica inspirada por uma teoria crítica implica vários momentos, contudo, conforme propõem Kincheloe e McLaren (2006), nenhum é mais importante que os momentos de interpretação. Nessa linha de raciocínio, os autores ainda afirmam que, como a percepção por si só já é um ato de interpretação, qualquer pesquisa é meramente um ato interpretativo, a despeito do clamor de muitos pesquisadores de que os dados falam por si mesmos.

Ao dar primazia aos aspectos interpretativos, a pesquisa crítica filia-se a uma tradição hermenêutica de exame textual que procura entender textos determinados

dentro de uma dinâmica contextual à luz das forças sociais e psicológicas que os influenciam. Nesse contexto, “a finalidade da análise hermenêutica é desenvolver uma forma de crítica cultural que revele as dinâmicas do poder dentro dos textos sociais e culturais” (Ibid, p. 288).

Há nesse tipo de estudo uma grande ênfase no poder lingüístico/discursivo. A centralidade da linguagem, todavia, pressupõe a compreensão de que ela não é um espelho da realidade, mas sim uma prática social variável que altera seu significado diante do contexto no qual se aplica. Nesse sentido, vale mais uma vez citar o raciocínio de Kincheloe e McLaren (2006 p. 288):

Contrariando as compreensões anteriores, os pesquisadores críticos entendem que a linguagem não é um conjunto neutro e objetivo de descrição do mundo real. Em vez disso, a partir de uma perspectiva crítica, as descrições lingüísticas não servem simplesmente para explicar o mundo, mas para construí-lo.

Embasada, portanto, nas correntes críticas, a etnografia crítica constitui “um processo reflexivo escolhido entre alternativas conceituais e os julgamentos de valor que desafiam a pesquisa, a política e outras formas de atividade humana” (Thomas, 1993, p. 4). Ainda que a etnografia crítica seja um estilo de pesquisa embebida da etnografia convencional, de início, ela tem um propósito político. Etnógrafos convencionais estudam uma cultura para descrevê-la, ao passo que etnógrafos críticos a estudam e descrevem-na, abrindo-se ao escrutínio de agendas escondidas, centros de poder, questões que inibem, reprimem e constroem determinados grupos em detrimento de outros, requerendo, assim, que o senso-comum seja questionado.

Etnógrafos convencionais costumam falar “sobre” seus sujeitos para uma audiência geralmente formada por outros pesquisadores. Etnógrafos críticos, em contraste, procuram dar voz a seus sujeitos, com metas emancipatórias ou para negar as influências repressivas que levam a uma dominância social desnecessária entre os grupos.

A etnografia crítica configura-se como um modelo de pesquisa perfeitamente adequado aos propósitos deste trabalho, uma vez que comunga junto com a ADC dos mesmos princípios críticos e políticos. Ao detalhar toda essa articulação teórico-metodológica, chego ao fim dessa seção e passo, a seguir, aos esclarecimentos sobre o campo de estudo e o contexto geral da pesquisa.

2.2 O campo de estudo e as “áreas fronteiriças”

Nesta seção, dedico-me a detalhar os elementos que constituem o contexto geral desta pesquisa, levando em consideração algumas orientações de Clifford (1997) sobre o campo de estudo, e todo um círculo a ele relacionado, ao que o autor chama de “áreas fronteiriças”. Tais conceitos são explicados em seguida.

2.2.1 O campo de estudo

Em linhas gerais, o *campo de estudo* desta pesquisa compreende as migrações transnacionais no contexto atual da globalização. Suas delimitações, contudo, restringem-no à situação específica de um grupo de migrantes da cidade de Jaraguá, no estado de Goiás, que se têm lançado rumo à Europa e aos Estados Unidos. Existem características que singularizam esse campo dentro de um espaço regional próprio,

compreendido como um local de partida e de retorno. A cidade de Jaraguá, portanto, representa o *locus* principal das coletas de dados.

É necessário pontuar que meu interesse pelo assunto surgiu em um momento bem anterior ao presente projeto, durante meu mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, no ano 2000. Na ocasião, quando me vi diante da necessidade de escolher um tema para pesquisar, percebi que poderia explorar um fenômeno que se manifestava ao meu redor recentemente. Tratava-se do movimento de pessoas da cidade de Jaraguá, interior de Goiás, onde vivo há mais de quinze anos, que se direcionavam acentuadamente para uma cidade americana, no estado de Connecticut, chamada Danbury. Como professora de inglês e trabalhando em um dos pólos da Universidade Estadual de Goiás, enxerguei naquele trânsito um terreno fértil para investigar questões sobre aquisição de segunda língua. Nasciam, aí, as bases para o presente estudo.

Comecei o primeiro trabalho com uma série de entrevistas com migrantes que já haviam voltado da jornada migratória pelos EUA, e com o auxílio de uma bolsa concedida pela CAPES pude concluí-lo com uma visita à cidade americana mencionada. Apesar de o tema gerador ter sido aquisição de segunda língua, o contato com abordagens de base sociológicas trouxe à tona muitas questões passivas de investigações mais aprofundadas. O trabalho conseguiu responder com certa propriedade as perguntas de pesquisa que delimitavam o tema, contudo, não foi possível, em uma única investida, satisfazer plenamente os múltiplos focos de conhecimento sobre o assunto. Nesse sentido, a presente pesquisa nasce dessa necessidade de percorrer os caminhos abertos em uma exploração inicial, sobre aqueles que se lançam mais destemidamente às dinâmicas do mundo atual, marcado, entre

outros fatores, pelo intenso fluxo de pessoas, mensagens e mercadorias nas vias supostamente interconectadas da globalização.

Na etnografia, o termo “campo de estudo” tem sido tradicionalmente definido como uma “nova casa longe de casa”, uma situação em que o pesquisador é adotado por uma comunidade, vivendo uma experiência que inclui o desenvolvimento de competências tanto pessoais quanto culturais. Minha posição como pesquisadora, e, ao mesmo tempo, como membro da comunidade onde o estudo foi conduzido, não permite que o “campo” se caracterize dentro desse molde mais tradicional dos estudos etnográficos, como uma “casa longe de casa”, uma vez que a cidade de Jaraguá constitui minha própria “casa”. Esse fato coloca-me, por um lado, em uma posição privilegiada para observações participantes, visto que vivo efetivamente na sociedade local. Por outro lado, essa mesma posição pode ser contestada dentro de uma noção de pesquisa que demanda uma certa “neutralidade” do pesquisador. Quanto a isso, argumento que a escolha de uma metodologia como a da etnografia crítica, aliada a uma base teórica como a ADC, demanda um papel mais engajado por parte do estudioso e, assim, sua neutralidade contradiria toda essa articulação. Portanto, defendo minha dupla posição, de membro da comunidade e de pesquisadora participante, como uma posição estratégica dentro das propostas deste estudo.

Ainda quanto à questão da posição do pesquisador em relação ao campo de estudo, considero importante comentar a crítica de Clifford (1997) sobre a metáfora “uma casa longe de casa”. O autor condena esse significado, argumentando que a etnografia tradicional, ao centrar seu foco no “campo”, tende a marginalizar e até a apagar áreas fronteiriças mais difusas e realidades históricas que se estendem para além dos limites etnográficos. Alguns exemplos dessas áreas citados pelo autor são: descrições sobre os meios de contato e acesso aos informantes; as pessoas mediadoras

desse contato; a universidade e o local de origem do pesquisador; etc. Neste trabalho procurei levar em consideração todos esses fatores destacados por Clifford (1997). Assim, descrevo a seguir como cada um deles foi contemplado na pesquisa.

2.2.2 O acesso ao campo

Sempre lembrando que minha relação com o campo de estudo remete-me a um momento anterior ao início desta pesquisa, parece-me relevante comentar que alguns dos atuais “viajantes” são os mesmos participantes do estudo antecedente. A fim de tirar partido do material discursivo que eu já tinha em mãos, que capta questões identitárias de pessoas no contexto de migração, alocados no país de destino, decidi usar tal material nesse momento e aproveitá-lo para o contraponto com a realidade atual, na qual muitas dessas pessoas estão de volta ao seu contexto original. O material dispõe de entrevistas gravadas e transcritas realizadas em Danbury, em 2002, focando a condição do migrante jaraguense nos EUA.

Meu acesso a essas pessoas, à época do primeiro estudo, foi sendo possível pela aplicação de uma técnica usada nas ciências sociais, sugerida por Margolis (1993), denominada “bola de neve”. A técnica faz uso da própria rede de amigos e parentes dos participantes e tem como procedimento a indicação de sujeitos por participantes iniciais, que apontam outros possíveis participantes que, ao serem procurados, por sua vez, indicam mais outros tantos e assim sucessivamente, de forma que o número vai crescendo (como uma bola de neve) até atingir contornos representativos do total de indivíduos envolvidos.

O contato anterior com as pessoas facilitou a aproximação com muitas delas na fase atual da pesquisa. Mesmo assim, a técnica “bola de neve” foi usada novamente,

pois através dela tem-se uma noção mais aproximada dos contornos reais do campo de estudo. Muito embora as pesquisas qualitativas não trabalhem necessariamente com populações ou amostragem, o acesso a um número substancial de pessoas amplia o conhecimento do campo e possibilita a constituição de um *corpus* melhor embasado. Dessa forma, os participantes que contribuíram com as narrativas que são o foco central deste trabalho foram acessados dentro daquela mesma rede de amigos e parentes e com o uso da técnica mencionada.

2.2.3 Sobre a pesquisadora e seu local de origem

Segundo Clifford (1997), situar os pesquisadores e seus locais de origem é um passo fundamental dentro dos estudos etnográficos. A esse respeito é importante registrar minha atuação como professora na Universidade Estadual de Goiás no pólo de Jaraguá. Nesta instituição, atuo desde 1999, ministrando aulas sobre elaboração e normas para o trabalho de conclusão de curso, ou seja, a monografia final e oriento trabalhos de iniciação científica. Ao mesmo tempo, também lidero um Grupo de Estudos local, que se dedica a pesquisas de interesse do município de Jaraguá dentro de duas linhas específicas, uma voltada à área de Educação e outra a aspectos sócio-históricos da cidade.

Ao começar este projeto, sobre narrativas de migrantes, propus à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEG uma investigação paralela que pudesse unir interesses e esforços comuns. Denominado “Identidade em narrativa de migrantes”, o projeto da UEG visava coletar e transcrever um volume considerável de narrativas de ex-migrantes jaraguenses com vistas a tratar questões de cunho identitário. Embora a investigação tenha tido um caráter bem mais modesto que o desta pesquisa para tese, o

que se justifica por suas características como iniciação científica, ela foi muito oportuna ao subsidiar parte da coleta atual, pois faço uso aqui das narrativas coletadas naquele trabalho. A integração dos dois projetos consolidou minha dupla articulação, tanto como professora de uma instituição pública, como a UEG, como aluna de pós-graduação da UnB. Um dos resultados vantajosos dessa união foi a inserção da UEG como um dos espaços acadêmicos privilegiados para o debate sobre o tema da migração em Goiás.

2.2.4 Os mediadores do contato entre os participantes

No trabalho da UEG, duas alunas bolsistas do Programa de Iniciação Científica foram pessoas fundamentais na coleta das narrativas que compõe o *corpus* desta pesquisa, assim como no acesso aos participantes. As duas eram, na época, alunas do terceiro ano do curso de pedagogia da UEG-Jaraguá. Ambas são moradoras da cidade de Jaraguá com uma certa participação social, pois trabalham em um jornal local que divulga notícias do município e das regiões circunvizinhas. O mesmo jornal possui um sítio na Internet que é acessado por migrantes jaraguenses nos EUA e na Europa. As alunas recebem constantemente mensagens desses migrantes e, assim, são pessoas que já tinham um certo conhecimento nesse campo mesmo antes do início da pesquisa. Como o perfil social dos pesquisadores envolvidos em estudos etnográficos é citado por Clifford (1997) como fundamental para uma compreensão maior das articulações entre, campo, colaboradores e pesquisadores, exponho resumidamente a seguir os perfis das duas estudantes envolvidas como pesquisadoras em uma parte da coleta de dados:

Pesquisadora auxiliar 1

É paranaense, de uma família evangélica, filha e esposa de pastor, fato que lhe possibilitou viver em diversos lugares e conhecer deferentes pessoas. Por seu vínculo

religioso, ela sempre se envolveu em atividades voluntárias que se aproximassem dos amentes cristãos, como visitas a creches, hospitais e asilos levando alimentos e conforto. Trabalhou também em projetos levando música às escolas como forma de prevenção à delinqüência, e, num projeto chamado “Ciência Viva na Cidade”, em parceria com a Prefeitura de Americana, São Paulo, com pesquisadores da Unicamp, em que alunos da 4ª e 5ª série eram guiados por monitores que observavam lixo jogado nos rios por indústrias e outras situações que pudessem ser trabalhadas responsabilidade social e cidadania. Está em Jaraguá desde 2003, onde atua como redatora do Jornal O Regional. É muito organizada e cuida com diligência do contato com os colaboradores organizando a agenda de encontros.

Pesquisadora auxiliar 2

É jaraguense, tendo passado sua infância na fazenda onde seu pai trabalhava. Com a separação dos pais, veio para Jaraguá, onde vive com a mãe e com o filho de três anos, sendo a principal responsável pela renda familiar. Tem uma jornada longa de trabalho e de estudos. É atuante na sua faculdade, pois além de participar do Grupo de Estudos de Jaraguá, é vice-presidente do diretório acadêmico da unidade. Participa também de forma ativa na política local, através de sua atuação no Jornal O Regional, fato que a torna muito conhecida. Tem um bom relacionamento com pessoas de todas as classes sociais. Como faz muitos contatos em seu trabalho, recebe muitos *e-mails* de pessoas que foram para o exterior, e que se mantêm informadas sobre os eventos sociais de Jaraguá pelo *site* do Jornal. É muito comunicativa e tem muitas amizades. É responsável pela maior parte das gravações das entrevistas e narrativas.

2.3 Participantes

Este trabalho é formado por um grupo central de participantes que contribuiu com as narrativas de suas experiências migratórias, que constituem o principal elemento de análise deste estudo. Além desse grupo, também procurei estabelecer uma outra fonte paralela de dados, que pudesse fornecer recursos de comparação e apoio aos procedimentos de triangulação. Esse segundo grupo é formado pelos antigos participantes de meu trabalho de mestrado, pessoas de Jaraguá que em 2002 estavam morando em Danbury, nos Estados Unidos. Essas pessoas me concederam entrevistas, das quais se pôde extrair também algumas narrativas espontâneas. Os dados levantados nesses dois grupos diferem-se tanto pelo gênero, narrativa e entrevista, quanto pela posição dos sujeitos, uma vez que o primeiro grupo capta a experiência migratória no contexto de partida e retorno dos migrantes, à cidade Jaraguá, enquanto o outro compreende o contexto de chegada, no caso dos EUA. Disponho a seguir algumas características desses grupos.

2.3.1 *Narradores*

Este grupo é composto por dez pessoas ao todo, sendo oito homens e duas mulheres. São todos jovens, entre vinte e pouco e mais de trinta anos de idade, a maioria é solteira, todos são pessoas cuja situação migratória é ainda indefinida, pois, apesar de estarem em Jaraguá no momento das entrevistas, não sabem ao certo se irão fixar aí residência definitiva, ou se retornam para os países por onde tinham permanecido recentemente. Essa particularidade comum assinala essas pessoas dentro dos pressupostos de Mitchel, (2003), Basch et al. (1994) e Ribeiro (2000) como

transmigrantes. A seguir traço um perfil sucinto sobre cada membro desse grupo, atribuindo-lhes outros nomes a fim de resguardar suas verdadeiras identidades.

1- Marcelo tem 29 anos de idade, é solteiro e uma pessoa muito popular em Jaraguá, pois é extrovertido, falante e controla bastante sua fala para causar boa impressão. Morou na Inglaterra, foi deportado, mas voltou e ficou lá por dois anos. Abriu uma empresa de som automotivo em Jaraguá, mas está novamente na Inglaterra. A entrevista foi realizada em outubro de 2004.

2- Renato tem 25 anos de idade, é solteiro, auxiliar administrativo, ficou na Inglaterra por mais de dois anos, deixa claro que não foi com o intuito de ganhar dinheiro, mas, sim, de conhecer outra cultura. A entrevista foi realizada em janeiro de 2005.

3- Pedro, tem 23 anos, é confeccionista, solteiro. Foi para a Inglaterra duas vezes, uma delas após ter sido deportado. Morou em Londres e nos arredores por mais de dois anos. É muito tímido e por isso falou pouco, provendo narrativas curtas. A gravação foi realizada no mês de junho de 2005.

4- Dinis tem 24 anos, é solteiro, confeccionista, irmão gêmeo de Duarte, outro participante. É extrovertido, e gosta de falar sobre os EUA, onde morou por mais dois anos. A entrevista foi feita em agosto de 2005.

5- Duarte, tem 24 anos, é confeccionista, solteiro, falante, demonstra grande apego à família, principalmente aos irmãos, fala muito de seu irmão mais velho que foi

o primeiro da família a ir para os EUA, onde morou por mais de dois anos. Foi entrevistado em setembro de 2005.

6- Wilson tem 26 anos, é solteiro, mora na Inglaterra, é gerente de uma rede de cafés, vem a Jaraguá esporadicamente para rever a família, e fica de um a dois meses. A entrevista foi realizada em outubro de 2005 durante sua visita aos parentes em Jaraguá.

7- Bento tem 23 anos, é solteiro, foi para a Itália, onde morou em Roma por mais de um ano. Atualmente está em Jaraguá, mas planeja ir para a Inglaterra em janeiro de 2006. A gravação foi feita em outubro de 2005.

8- Guido é casado, tem mais de 30 anos, tem uma fábrica de móveis tubulares, estava meio hesitante de falar por vergonha e medo do gravador, mas acabou falando com fluência. A gravação foi feita em outubro de 2005.

9- Patrícia é casada, voltou dos EUA em julho de 2005, foi solteira e voltou casada com um jaraguense e trouxe o filho. Viveu em New Milford por 6 anos, diz ter se adaptado muito bem lá e comenta que está tendo dificuldades de se readaptar em Jaraguá. A gravação foi feita em outubro de 2005.

10- Leda tem 29 anos, é casada, confeccionista, viveu em Bruxelas na Bélgica por dois anos, e ainda tem uma irmã lá. Foi solteira para conquistar independência dos pais, conheceu seu marido, um rapaz de Goiânia e estão ambos morando em Jaraguá atualmente. A gravação foi feita em outubro de 2005.

2.3.2 Grupo de apoio

O segundo grupo de participantes, que chamo aqui de grupo de apoio, é formado por cinquenta e duas pessoas, entre homens e mulheres maiores de treze anos, assim distribuídos: vinte homens e trinta e duas mulheres, em idades que variam de quatorze a cinquenta e três anos, sendo o maior grupo na faixa etária dos vinte aos trinta e cinco anos. A maioria dos participantes é casada. O grau de escolaridade mais citado é o nível médio completo. Já as profissões exercidas no Brasil mais citadas foram a de estudante, seis homens e sete mulheres. Neste grupo estão os jovens que foram para Danbury acompanhar a família. Em seguida aparecem alguns ex-proprietários de empresas no ramo de confecção, comerciantes também dessa área, e funcionários públicos, vendedores, um militar, duas pessoas que faziam serviços gerais, um carpinteiro, um caminhoneiro, um mecânico, algumas costureiras, duas dentistas, donas de casa, cozinheiras, professoras e um auxiliar de laboratório.

Nos EUA há um dado curioso sobre profissão. Muitos migrantes de Jaraguá, devido ao círculo de influência conquistado em Danbury pelos primeiros que aí chegaram, trabalham numa cadeia de lanchonetes de *fast food*, o *Dunkin' Donuts*. Assim, nove entre as mulheres e quatro dos homens trabalhavam nesses locais na parte do atendimento; dois homens e quatro mulheres faziam serviço de caixa nas mesmas lojas; duas mulheres eram gerentes e três homens eram padeiros. Portanto vinte e quatro pessoas do grupo, praticamente a metade, eram empregadas do *Dunkin' Donuts*.

O tempo de permanência nos EUA informado por essas pessoas varia entre um e mais de dez anos. O maior grupo encontra-se na faixa de três a quatro anos, dezessete pessoas, seguido pelos que estavam lá há cerca de seis e sete anos, doze pessoas ao

todo. Quatro pessoas estavam lá há apenas um ano, e seis, há dois. Algumas dessas pessoas regressaram ao Brasil e encontram-se novamente em Jaraguá.

2.4 A geração dos dados

Uma vez detalhados os perfis dos participantes deste estudo, passo agora à descrição dos instrumentos pelos quais os dados por eles fornecidos foram acessados. Diferentes fontes de dados e instrumentos variados de coleta costumam compor o caráter multifacetado da etnografia, assim, procuro lançar mão de múltiplos recursos, que discrimino agora, começando pelas narrativas.

2.4.1 Narrativas

A narrativa é a principal fonte de coleta de dados para este estudo por se tratar de um material discursivo bastante relevante em um trabalho que se propõe a analisar questões de identidade e diferença, relações de poder entre outros aspectos. Como as histórias que contamos sobre nós mesmos e sobre nossas vidas não podem ser isoladas das outras estruturas discursivas a que somos expostos, elas acabam sempre nos dando as pistas da organização social do sujeito que as conta, e descrevem a cultura em que esse vive, indicando os modos legitimados ou não por essa cultura (Moita Lopes, 2003).

O tipo de narrativa analisada aqui é a narrativa em primeira pessoa que, segundo Riessman (1993), caracteriza-se como uma fala organizada por eventos consecutivos. Labov e Waletzky (1967) distinguem esse tipo de narrativa como Narrativa de Experiência Pessoal (Personal Experience Narrative, PEN). A análise de narrativas não se limita, porém, aos componentes estruturais. Ao contrário, essa análise procura

descrever e interpretar o porquê da forma utilizada, dentro de uma abordagem que se associa à identificação dos significados da linguagem (acional, representacional e indentificacional) na dimensão textual (Fairclough, 2003), com apoio na proposta teórica de Halliday e Matthiessen (2004) voltada para o aspecto funcional da linguagem o que envolve as funções ideacional, interpessoal e textual.

Com relação à forma, segundo Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), a narrativa vai ter uma superestrutura textual composta de seis macro-proposições: 1- resumo (do que trata a estória sumariamente); 2- orientação (quem, onde, quando, o que...), 3- complicação (o que acontece então...); 4- avaliação (o que é interessante a respeito); 5- resolução (o que acontece finalmente); 6- conclusão ou coda (o fim). As narrativas coletadas para esta pesquisa foram segmentadas previamente dentro dessa divisão laboviana para fins analíticos,

Os procedimentos de coleta de narrativas foram influenciados pela interessante pesquisa de Carriker (1998) sobre identidade em narrativas de bilíngües. Baseada em Riessman (1993, citada por Carriker, 1998), a autora propõe cinco níveis de representação no processo de pesquisa através da análise de narrativas. Em primeiro lugar, há uma seleção de eventos a serem narrados. As narrativas em questão foram eliciadas por um pedido aos colaboradores de que eles contassem suas experiências como migrantes. Em segundo lugar está o processo de contar, de narrar, que traz à cena o contexto imediato da narração. Para o registro desse momento, as narrativas foram gravadas em fitas cassete.

O terceiro nível de representação se refere à transcrição da narrativa. É nesse momento que o processo de análise principia, pois o ato de transcrever já implica algumas interpretações. Nessa fase, adaptei convenções de transcrição de dados orais, com base em Silva (2001). O quarto nível refere-se à análise dos dados. Aqui, entram os

pressupostos da Análise de Discurso Crítica. O quinto nível de representação se refere à volta ao narrador para a elucidação de questões pendentes, geralmente por meio de uma entrevista. Tal procedimento possibilita ajustes na interpretação dos dados, bem como uma continuação da reflexão sobre o tema, além de se prestar ao processo de triangulação, técnica que será comentada mais adiante. A seguir descrevo os procedimentos metodológicos utilizados na geração das entrevistas.

2.4.2 Entrevistas

A técnica é recomendada por Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998, p. 168) para os casos em que o “pesquisador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana”. Por ser o caso deste trabalho, que igualmente se interessa pelo processo identitário decorrente de todos esses itens citados, optou-se entre os tipos de entrevista descritos por vários autores (Alves-Mazzotti & Gewandsznajder, 1998; Barros & Lehfeld, 1997; Johnstone, 2002), pelo modelo semi-estruturado. As entrevistas semi-estruturadas são as que contêm uma lista de perguntas pré-estabelecidas, às quais podem ser acrescentadas outras, no momento do encontro propriamente, dependendo dos propósitos do investigador. Segundo Barros & Lehfeld (1997), esse padrão se estabelece em torno de uma conversa amigável entre as partes e pode ser direcionada tanto a uma só pessoa, quanto a um grupo. As entrevistas são aqui usadas dentro daquele quinto nível de representação a que se refere Carriker (1998) sobre análise de narrativas, a questão da volta ao narrador para a elucidação de questões pendentes. Visando a ajustes na interpretação dos dados, bem como a uma continuação da reflexão sobre o tema, retorno aos narradores, após as análises iniciais das narrativas.

Com os mesmos fins de ajuste de interpretação e reflexão, são usadas também as entrevistas do grupo de apoio. Tal procedimento se presta à triangulação, um artifício metodológico que se define com o uso de dois ou mais métodos de coleta de dados com fins de comparação. Além das entrevistas, lancei mão de um terceiro elemento para a coleta, a observação, sobre a qual me dedico no próximo tópico.

2.4.3 Observação e diário de campo

O diário de campo nasce com a observação, uma vez que consiste em anotações de eventos e impressões sobre o contexto da pesquisa. Ele é um dos elementos da observação, uma técnica de coleta de dados muito comum na etnografia. Segundo Barros & Lehfeld (1997, p.54), “a maior vantagem do uso da observação (...) está relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato”. Esses mesmos autores propõem algumas categorizações para a observação segundo sua estruturação, participação do observador, bem como o local de observação etc. Dentro desses parâmetros, as observações desta pesquisa classificam-se como: não-estruturadas, não obedeceram a um controle de tempo, por exemplo, foram sendo registradas no diário conforme a relevância para o estudo; participativa, na qual o pesquisador é parte ativa no campo; coletiva, colhida por mais de um pesquisador; e em campo, colhida no *locus* da realidade social da pesquisa.

As desvantagens freqüentemente atribuídas à observação dizem respeito à interferência do observador na situação observada. Contudo, como argumentam Alves-Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998, p. 164), “as relações sociais que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados não são diferentes daquelas que existem na sociedade, e como tal devem ser encaradas e discutidas”. Por outro lado, há tantas

vantagens atribuídas à técnica que sua validade se acaba garantindo por inúmeros fatores como: a independência do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; a possibilidade de se checar na prática a sinceridade de certas respostas; a identificação de comportamentos não intencionais ou inconscientes e a exposição de tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; o registro do comportamento em seu contexto espaço-temporal.

Além desse registro, colecionei uma série de artigos de jornais e revistas que se direcionavam ao tema dos migrantes brasileiros, durante todo o tempo de duração da pesquisa. Assim, o diário de campo é composto também desses recortes e de comentários correspondentes que fui tecendo com base no momento histórico e em outras leituras sobre o tema.

2.5 Organização dos dados para análise

Ao me aproximar do fim desta explanação sobre os procedimentos metodológicos da tese, apresento alguns pressupostos sobre as análises, às quais me dedicarei de forma pormenorizada nos capítulos finais. Assim, aponto, agora, os procedimentos metodológicos para a sistematização dos dados narrativos, bem como a organização dos dados complementares, além de comentar o conjunto geral dos dados colhidos e esclarecer a estratégia de triangulação dos mesmos, que será usada nessas análises.

2.5.1 *A estrutura das narrativas*

O preparo prévio das narrativas para fins analíticos seguiu o modelo baseado no trabalho de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972, 1997). Para os autores, uma narrativa é um método de recapitulação de experiências passadas comparando uma seqüência verbal de proposições (*orações*) com a seqüência de eventos ocorridos. A princípio, a técnica da narrativa foi usada com o intuito de diminuir as interferências causadas pelos pesquisadores ao coletar dados sociolinguísticos, o chamado “paradoxo do observador” (Labov e Waletzky, 1967). Os autores optaram por fazer com que seus informantes contassem histórias de suas experiências pessoais, uma vez que, ao se verem envolvidos no ato de narrar passagens, muitas vezes emocionantes de suas vidas, as pessoas esqueciam-se de controlar o seu padrão vernáculo. O resultado indireto foi uma descrição invariável da estrutura semântica de Narrativas de Experiências Pessoais.

Esse tipo de narrativa, que em inglês se lê na sigla PEN (Personal Experience Narrative), é conceituado por Labov (1997) como uma série de eventos que entram na biografia do falante por uma seqüência de orações que correspondem à ordem dos eventos originais. O autor questiona o fato de essa definição separar a narrativa de outras formas de contar histórias ou lembrar o passado e reconhece nisso uma certa segregação arbitrária. Contudo, ele mesmo argumenta que tal segregação é útil aos propósitos técnicos das pesquisas e, acrescenta ainda, que é preciso distinguir esse tipo de narrativa do simples ato de recontar observações do falante, como eventos em um desfile em que ele assiste de uma janela, por exemplo. A experiência tem que fazer parte da biografia do falante, pois isso torna os eventos emocionalmente e socialmente mais expressivos, diferente, portanto, de meras experiências.

O trabalho dos autores se assemelha ao de Vladimir Propp ao tentar traçar as estruturas sintagmáticas que sustentam uma trama narrativa. Não obstante, o foco de Labov e Waletzky concentrou-se nas funções das orações individuais e não em seqüências amplas. Nessa direção, os autores identificaram que uma oração pode servir a uma ou duas funções, ao que eles chamaram de *referencial* e *avaliativa*. A primeira tem a ver com “sobre o que é a estória”, o que implica em eventos, personagens, cenários. Já as orações avaliativas dizem respeito ao “por quê do narrador contar sua estória” e por que a audiência deve ouvi-lo.

Para Labov (1997) a narrativa é uma atividade discursiva privilegiada sob o aspecto formal, com um começo, meio e fim. Embora uma narrativa consista de pelo menos duas orações narrativas, normalmente o ato narrativo é bem mais complexo, inclui muitas orações narrativas, orações livres e outros tipos que servem a funções específicas, constituindo uma superestrutura textual na qual se identificam as seis macro-proposições já mencionadas: *resumo*, *orientação*, *complicação*, *avaliação*, *resolução* e *coda*. Cada um desses elementos serve ao propósito de fazer referência a eventos personagens, sentimentos e assim por diante, estruturando a interação na qual a estória está sendo contada, guiando o narrador e o ouvinte através dos eventos e garantido que esses eventos sejam compreensíveis e merecedores de audiência.

Nesse sentido, uma narrativa se inicia com um *resumo*, que consiste de uma ou mais orações que sintetizam a estória que vai ser contada. Em seguida, personagens, situações temporais ou físicas são introduzidos dentro de uma *orientação*, que geralmente ocorre no começo da narrativa, mas pode ser injetada em outros pontos quando necessário. Ocorre, então, uma *complicação*, através de uma ação que visa modificar o estado inicial e que dá início à narrativa propriamente dita. A narrativa culmina no momento em que uma ação transforma a nova situação provocada pela

complicação em que uma *avaliação* da nova situação indica as reações do sujeito do enunciado. A narrativa chega a uma *resolução* na qual é estabelecido um novo estado, diferente do estado inicial da estória. O final da narrativa se dá na *coda*, o momento em que o narrador anuncia que a estória acabou.

Sobre essas divisões Labov e Waletzky alertam que uma narrativa não necessariamente se organiza nessa seqüência e nem sempre abarca todas essas seções. Na realidade, os autores identificam narrativas mínimas, formadas por uma seqüência de duas orações narrativas restritas e temporalmente ordenadas. Contudo, observam que dentre esses itens a *avaliação* é a que possui a propriedade de prender o ouvinte à estória do narrador. Quando uma narrativa não apresenta essa função, é possível que o interlocutor não se sinta interessado nela. Há um conflito que se complica, há depois uma resolução desse conflito, mas a narração termina sem maiores manifestações subjetivas. A narrativa empobrece, parecendo faltar detalhes. Por isso, a avaliação ocupa uma posição de destaque no modelo de Labov (1972). Quatro tipos de avaliação são distintos por Labov (1972), a) avaliação externa, o narrador interrompe a narrativa, vira-se para o ouvinte e lhe comunica qual e o seu ponto de vista sobre o fato narrado, ocorre, assim, a suspensão da ação; b) avaliação encaixada, ela se encontra no próprio desenvolvimento da narrativa, prescindindo desta maneira de sua continuidade dramática, corresponde à utilização dos discursos reportados diretos ou indiretos, marcados ou não na narrativa; c) ação avaliativa: o narrador descreve o que os personagens fizeram, em vez de relatar o que disseram.

Essas são as categorizações que serão levadas em conta no momento de análise das narrativas. Como outras fontes de dados também foram levantadas, nos próximos tópicos abordo o conjunto geral dessas informações e o tratamento que a elas será dado.

2.5.2 *O conjunto dos dados*

O corpus central desta pesquisa é formado por dez narrativas orais gravadas em 12 fitas cassette, totalizando aproximadamente seis horas de gravação. Como o processo de transcrição demanda a segmentação das narrativas em unidades de informação (Halliday, 1985), um termo técnico que se aproxima do conceito de oração simples da gramática tradicional, o número de linhas digitadas aumentou consideravelmente. Assim, cada narrativa transcrita ocupou um espaço aproximado de cinco a nove páginas, totalizando cerca de oitenta páginas de transcrições no total. Além da segmentação em unidades de informação, as quais foram numeradas em ordem crescente, as narrativas também se dividem dentro das categorias de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972, 1997) já mencionadas.

Os dados providos pelo grupo de apoio constituem quatorze entrevistas individuais e em grupo, com os cinquenta e três migrantes jaraguenses em Danbury. Há nas entrevistas também algumas narrativas espontâneas. Esse material está registrado em dez fitas cassete, compreendendo mais de oito horas de gravações transcritas em aproximadamente quarenta páginas digitadas.

O diário de campo é um conjunto de arquivos eletrônicos com anotações sobre vários aspectos da pesquisa. Cada um dos narradores, por exemplo, possui uma pasta com descrições sobre o contexto das entrevistas, notas tomadas logo após as gravações e transcrições e alguns comentários que considere relevantes naquele momento. Também constam dessas pastas partes das entrevistas que fiz com esses mesmos colaboradores, no momento de retorno a eles para a elucidação de determinadas passagens de seus relatos. Esse material não foi totalmente transcrito, mas compreende quatro fitas cassetes com quase quatro horas de gravações.

Além desses dados, ainda consta do diário uma série de notas sobre os acontecimentos noticiados pela imprensa local e internacional, assim como vários artigos completos extraídos de *sites* de revistas e jornais on-line, sobre questões relacionadas à migração no momento da pesquisa.

Por último, considero importante comentar que registrei no diário conversas *on-line* e trocas de e-mails que travei com algumas pessoas sobre suas experiências migratórias. Esse conjunto variado de fontes de dados e instrumentos de coleta deve prover uma base de combinação, comparação e cruzamento de múltiplos pontos de vista, dentro de uma estratégia que na etnografia se denomina de triangulação. Tal estratégia será mais bem definida adiante.

2.5.3 A triangulação

Na literatura sobre etnografia e observação participante, o termo triangulação se refere à combinação de diferentes métodos, teorias, pesquisadores, fontes e instrumentos de coleta de dados em um mesmo estudo (Denzim, 1989). Alguns autores propõem que a triangulação se constitui em um meio eficiente de validação. Contudo, Silverman (1993) assevera que a questão da validade como busca da essência do fenômeno, pressuporia realidades e concepções únicas, assim, o autor prefere considerar a triangulação uma estratégia de enriquecimento de pesquisa, que permite, entre outras questões, o julgamento dos eventuais desvios do observador. É nessa direção que a triangulação é usada neste trabalho, ou, como Taylor e Bogdan (1999) propõem, em razão de a técnica se prestar ao pesquisador como um recurso de maior aprofundamento e compreensão sobre o campo de estudo e seu objeto.

Para Banister et. al. (1996), a triangulação deve ser compreendida sob diferentes pontos de referência. Assim, os autores propõem quatro tipos de triangulação: triangulação de pesquisadores, de métodos, de teoria e de dados. Procurei me amparar nos três últimos tipos que, em linhas gerais, segundo os autores citados, consistem em:

1- A triangulação de métodos seria a combinação de abordagens analíticas diferentes, como por exemplo, uma de base qualitativa e outra quantitativa. Embora esta pesquisa opte por um modelo qualitativo, no processo de macro-análise dos textos, quando se procura detectar as primeiras categorias, que podem ser de ordem lexical, gramatical, pragmática etc., há um processo de contagem muito próprio das explorações quantitativas. Da mesma essência é o trabalho de segmentação das narrativas em unidades de informação, que são inclusive numeradas, e a detecção e divisão dos textos dentro das categorias labovianas e suas subdivisões em cláusulas do tipo avaliativa, explicativa etc. Todas essas tarefas preliminares implicam uma certa dose de quantificação que, aliada a procedimentos de base qualitativa, configuram uma triangulação metodológica nos termos de Banister et. al. (1996).

2- A triangulação de teoria ou teórica compreende a quebra de parâmetros e limitações que inevitavelmente molduram uma explanação apoiada em uma teoria predeterminada. Minha vinculação explícita à linha da ADC aparentemente restringe meu campo teórico. Contudo, como os próprios autores dessa área postulam, a ADC é uma linha eminentemente interdisciplinar que requer toda uma articulação com outras áreas do conhecimento. Assim, a triangulação teórica já é em si uma demanda metodológica da ADC e, nesta pesquisa, ela se evidencia pelo apoio que busco em textos da área da sociologia, da antropologia e dos estudos culturais entre outros.

3- O terceiro tipo de triangulação que adoto aqui diz respeito ao que Banister et. al. (1996) conceituam como triangulação de dados, que envolve tanto uma variação de

instrumentos de coleta de dados quanto de participantes. Busquei contemplar os dois pontos citados pelos autores e, assim, lanço mão dos diferentes instrumentos de coleta já descritos e de uma variedade de participantes que, inclusive, dividem-se nas duas categorias que identifiquei como grupo principal e grupo de apoio.

Algumas considerações

As informações dispostas neste capítulo procuraram prover um detalhamento dos itens essenciais na metodologia desta pesquisa. Assim, após ter caracterizado e justificado a opção metodológica, definido o campo de estudo, identificado seus participantes, instrumentos de coleta de dados, e esclarecido o processo de triangulação que será aplicado às análises, fecho esta seção para dedicar-me ao exame minucioso das narrativas nos próximos capítulos.

CAPÍTULO III

O gênero narrativa de migração na modernidade

*Foi uma **experiência ÚNICA** para mim, particularmente, porque eu nunca tinha saído da **minha casa...** sempre vivi com meus pais... e em uma **cidade pequena...** como Jaraguá, nunca tinha saído do estado de Goiás. Tive uma **experiência enriquecedora** para minha vida toda. **Eu vou ter história para contar para os meus netos e meus bisnetos dessa viagem.***

Renato (migrante jaraguense)

CAPÍTULO III

O gênero narrativa de migração na modernidade

A epígrafe anterior é o início de uma das narrativas que serão aqui analisadas. Meus grifos realçam um encadeamento discursivo no qual Renato se posiciona na dupla articulação de viajante e narrador. Esse arranjo, curiosamente, alude às propostas de Walter Benjamin (1996), para quem o viajante é um dos representantes arcaicos do bom narrador, “quem viaja tem muito que contar...” (*Ibid.* p.198). Ao mesmo tempo, as palavras de Renato, ao enfatizarem seu deslocamento no exterior em relação à sua “casa”, sua cidade “pequena”, traçam uma analogia às teses de Homi Bhabha (1998), que avalia os deslocamentos identitários da atualidade na metáfora *casa-mundo*, numa associação aos pólos *periferia-centro*, de que também fala Giddens (2002). Essas intrincadas relações, que se manifestam já nas primeiras linhas da narrativa do migrante jaraguense, captam questões fundamentais que constituirão o cerne deste capítulo: os conceitos de narrativa e interdiscursividade e suas relações com a modernidade.

Conceitos teóricos sobre narrativa como gênero discursivo são expostos na primeira parte do capítulo, a fim de embasar as análises sobre o ato de narrar, de construir a “história de migração”, com a qual o migrante jaraguense tece seu próprio discurso sobre o fenômeno migratório, e, assim, vincula-se ou se contrapõe a outras formulações discursivas sobre essa temática, tangenciando questões mais gerais como globalização e modernidade. É a esse segundo pólo de interesse que se dirigem as propostas teóricas subseqüentes, sobre interdiscursividade e pressuposição, cujos conceitos são usados para detectar possíveis vozes de outros textos em diálogo com o narrador, ou mesmo ecos das vozes da história, grupos sociais, valores e crenças de seu tempo e espaço. As análises seguem as introduções teóricas e se estruturam em várias

subseções que, juntas, dirigem-se à questão norteadora do capítulo: como o migrante jaragüense estrutura seu discurso sobre migração e de que forma esse discurso se relaciona com outros discursos sobre o tema. É o que desenvolvo a seguir.

3.1 Questões sobre narrativa, gênero e modernidade

As narrativas que serão analisadas neste capítulo são definidas com base em conceitos da lingüística (Labov, 2006; Ochs, 1997; Fairclough, 2003). Contudo, inicio minhas acepções desde um campo exterior, aludindo à incompatibilidade que Walter Benjamin (1996) vê entre narrativa e modernidade. Faço-o, porque já introduzo o vínculo entre as histórias dos migrantes jaragüenses e o que Chouliaraki e Fairclough (1999) denominam de “narrativas da modernidade tardia”, bem como de “discursos de globalização” (Fairclough, 2006), temáticas que perpassam todo o capítulo e às quais me dedico com mais profundidade ao final.

3.1.1 Narrativa na modernidade

Para Walter Benjamin (1996), a narrativa é um gênero em declínio na modernidade. Isso porque, segundo o autor, nossa época é dominada pela difusão da informação e aspira a uma verificação imediata. O espírito imaginativo da narrativa incompatibiliza-se com esses atributos da nossa era. A crítica de Benjamin pressupõe um conceito de narrativa como “uma forma artesanal de comunicação”, ligado ao que ele chama de “faculdade de intercambiar experiências”, um talento humano que ele reconhece em vias de extinção, em suas palavras: “são cada vez mais raras as pessoas

que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza” (*Ibid.* 197).

Não me proponho, aqui, discutir a capacidade do homem moderno de narrar, embora essa me pareça uma questão pertinente, à qual me reporto em alguns pontos do capítulo. No momento, considero oportuno citar Benjamin em relação a autores da Lingüística, pois o paralelo ilustra algumas variedades conceituais. Para Ochs (1997), por exemplo, a forma mais importante e universal de narrativa não é produto da musa poética, mas, sim, da conversação corrente. Essa idéia amplia a noção de narrativa, transpondo-a do domínio essencialmente imaginativo e lírico, de que fala Benjamin, para o âmbito das diversas práticas humanas através da linguagem.

Compreendida essencialmente como prática discursiva (Fairclough, 2003), a narrativa em nada se incompatibiliza com a modernidade. Ao contrário, como a questão identitária é um foco de interesse central em nossa época, a narrativa tem sido uma ferramenta ideal em estudos sobre o tema, pois é amplo o consenso de que ela funcione como instrumento cultural na mediação do processo de construção das identidades sociais. Se, por um lado, a ampliação do conceito de narrativa, como forma artesanal, para uma gama de práticas lingüísticas, resolve parcialmente a problemática relação narrativa-modernidade, por outro lado, dificulta uma definição objetiva do termo para as pesquisas. Novamente cito Ochs (1997), para quem uma narrativa compreende sempre uma estória, independente do modo de representação ser oral, escrito, cinético, musical ou pictórico. A autora argumenta que mesmo um quadro nos conta uma estória na forma de uma narrativa comprimida.

Parece mesmo haver um consenso entre estudiosos da narrativa em vários campos de que o seu protótipo é uma estória, cujo fim maior é fazer sentido dos eventos e acontecimentos do mundo (Brockmeier, 2001; Hatch et. al., 1995; De Fina, 2003).

Essa definição abriga lado a lado, tanto as histórias dos migrantes jaraguenses quanto conversas diárias de eventos transcorridos, artigos de jornal e revista, terapias médicas, técnicas de venda, romances da literatura. O critério da estória, portanto, não emancipa a narrativa do nível de abstração genérico.

3.1.2 *Narrativa como gênero situado*

Para Fairclough (2003), tal definição se encontraria na faixa mais abstrata da taxonomia em três divisões de Swales (1990, *apud* Fairclough, 2003): pré-gênero, gênero desencaixado e gênero situado. No primeiro nível, reserva-se à narrativa o mesmo espaço dado à argumentação, à descrição e à conversação, as quais, para o autor, são categorias que transcendem redes particulares de práticas sociais. Essa categoria macro engloba muitos gêneros que são mais situados em termos de prática social, enquanto o gênero entrevista que em suas várias formas, pertence a um segundo nível, ao que o autor chama de gênero desencaixado. O tipo particular de entrevista, como a entrevista etnográfica, seria um exemplo de gênero situado, uma vez que especifica redes de práticas mais particulares. Dentro dessa classificação, as narrativas dos migrantes jaraguenses aliam-se ao nível micro, constituindo-se como um gênero situado, que vou chamar, aqui, de “narrativa de migração”.

Segundo Labov (2006), uma narrativa só começa quando alguém é impelido a contar aos outros sobre algo, às vezes por um estímulo externo (o que aconteceu?), às vezes por um interno (eu tenho que contar o que aconteceu). Nesta pesquisa, as histórias de migração foram produzidas a partir do pedido direto aos participantes que contassem sua experiência pelo exterior. Esse tipo de narrativa gerada na entrevista etnográfica é denominado por Labov e Waletzky (1967), como “narrativa de experiência pessoal”,

que em inglês se lê na sigla PEN (Personal Experience Narrative). Esse gênero se distingue especificamente por uma conjuntura temporal: uma relação entre antes e depois que se sustenta em, no mínimo, duas cláusulas independentes e que liga a ordem dos eventos no tempo. Mas o critério de ordem temporal também é usado na conceituação do “reconto”, cujo propósito é reconstruir experiências passadas, recontando eventos da maneira como eles ocorreram e cuja estrutura genérica, segundo Butt et. al. (1995, p.143), divide-se em *orientação*, *eventos em ordem cronológica*, contendo ou não *avaliação*. Segundo Labov (1997), o que distingue narrativa de reconto é que a experiência tem de fazer parte da biografia do falante, pois isso torna os eventos emocionalmente e socialmente mais expressivos. As histórias dos migrantes jaraguenses têm um caráter auto-biográfico muito forte e nisso, assemelham-se às narrativas de experiência pessoal de Labov e Waletzky (1967). Contudo, parece haver divergência no que diz respeito às estruturas genéricas.

Segundo Labov (1997), a narrativa é uma atividade discursiva privilegiada, com um começo, meio e fim. Ainda que uma narrativa mínima possa se constituir em duas orações, ela geralmente se encaixa dentro de uma superestrutura textual na qual se identificam seis macro-proposições: *resumo* (variável), *orientação*, *complicação*, *avaliação*, *resolução* e *coda* (variável). Ao me dispor a detectar nas histórias jaraguenses a boa estruturação discursiva, com princípio, meio e fim de que fala Labov (1997), esbarrei em muitas dificuldades, principalmente com relação ao enquadre das partes das histórias nas seis macro-proposições. O que se revelou, ao longo das tentativas de encaixe, foi um desvio freqüente do narrador dos pontos de partida de sua história, com muitos momentos de divagações, mudanças na linha de raciocínio, desencadeadas por temas que vinham à sua memória e que pareciam modificar a proposta original. Como resultado, aparece uma estruturação discursiva essencialmente

marcada por *orientações* e *avaliações*. A essas estruturas prendem-se, em alguns casos, mini-narrativas completas, que são construídas a título de ilustração de trechos argumentativos ou para dar mais sentido à estória principal.

3.1.3 Narrativa espontânea: um recorte ilustrativo

Embora o próprio Labov (1997) alerte que algumas das macro divisões, como *resumo* e *coda*, por exemplo, nem sempre apareçam em “narrativas de experiência pessoal”, o que justifica a ausência desses elementos em algumas das histórias jaraguenses, ainda assim, categorias essenciais como *complicação* e *resolução* também se revelaram de difícil enquadre. Os narradores sobrepõem estórias ao longo de uma narrativa principal, como se esta se constituísse de vários episódios seqüenciais, cada qual formado de seus próprios tópicos de orientação, complicação, resolução e avaliação. Há na narrativa principal, por exemplo, pequenas estórias completas, que chamo aqui de “narrativas espontâneas”, que se desenvolvem normalmente como um recurso explicativo ou ilustrativo de alguns pontos de interesse do narrador. Disponho uma narrativa espontânea, produzida a certa altura da história principal de Leda, sobre sua experiência na Bélgica, quando ela avaliava a diferença nos padrões de pontualidade entre estrangeiros e brasileiros e lhe veio à mente a estória de sua patroa, que pela primeira vez se atrasara:

(01) Leda

Resumo	344	quando eu trabalhava de dama de companhia
	345	teve um convite do filho pra ela (a patroa) jantá no restaurante
	346	e esse dia eu não quis i
	347	ainda bem, graças a deus!
	348	que toda vez que eles iam, eu ia, né!
Orientação	349	ele levô ela...
Complicação	350	e deu meia noite... e nada...
	351	uma hora da manhã... nada!
	352	e eles não ligava pra falá o que tinha acontecido
	353	e eu não dormia...
Resolução	354	tinham ido pro hospital
	355	porque comeu um peixe e...
	356	foi comê um peixe e... um espinho atravessou na garganta
Avaliação	357	tadinha, e ela chegou tão ruim!
	358	e ela doente ni mim:
	359	“ai Leda, eu quase murri, eu quase murri... fui pará no hospital cum peixe...”
	360	foi muito engraçado...
Coda	361	então ela ficô com aquele negócio: nunca mais ela comeu peixe
	362	nunca mais, sabe...

Se o enquadre no modelo laboviano se apresenta bem na narrativa espontânea do exemplo, no conjunto geral das narrativas o mesmo se revelou especialmente problemático, pois os migrantes reconstróem suas experiências a partir de um processo altamente reflexivo. Conforme observa Mishler (2005), as trajetórias de nossas vidas ou as estórias que construímos para entender a nós mesmos são marcadas por ajustes, recomeços e hiatos, fugindo a padrões regulares, contínuos e progressivos. As seis macro-proposições labovianas, embora tenham sido levantadas para um primeiro nível de organização dos dados para análise, conforme mostrei no capítulo dois, mais do que sustentar um modelo analítico, contribuíram para a identificação de uma estrutura de narrativa não canônica, que parece moldar a própria estrutura genérica das histórias de migração.

Para captar essa estrutura particular, optei por baseá-la em uma seqüência temática que identifiquei em todas as histórias jaraguenses e que dividi em: *a ida, a chegada, a vida no novo contexto, o regresso e a lição*. Essa categorização consegue reunir melhor a profusão de representações que constituem os longos monólogos

narrativos, com suas seqüências de orientação, desorientação, reorientação. Segundo De Fina e Baynham (2005), seqüências desse tipo, longe de serem simples trechos contextuais nas narrativas, são a história de pessoas como migrantes, que foram deslocadas psicológica e fisicamente. Tal classificação, portanto, é proposta como tentativa de amparar uma composição subjacente ao gênero estruturador que são as narrativas dos migrantes, moldado na auto-representação que o ato de contar a história envolve como processo reflexivo.

3.1.4 O tempo e o espaço na narrativa

O fator deslocamento, que aqui se entende tanto no nível identitário como espacial, parece ser uma evidência muito premente em narrativas de migrantes em geral. Nesse sentido, à semelhança do que De Fina e Baynham (2005) detectaram em seus estudos, as narrativas jaraguenses expõem traços de trajetórias no espaço e no tempo, daqui pra lá e de lá pra cá, reconfigurando permanentemente como o aqui e o lá devem ser interpretados. Essa dimensão espaço-temporal, que se evidencia nas narrativas de grupos deslocados, tem trazido certo reconhecimento em estudos mais recentes sobre a necessidade de problematizar a relação tempo e espaço nas teorias de narrativa. A tradição estabelecida nesse campo sublinha a centralidade da seqüência ordenada, reservando pouca atenção a outras dimensões da narrativa. A primazia no tempo na narrativa tem sido alvo de contestação de autores como Mishler (2005) e De Certeau (1988). Embora o tempo na narrativa seja central na estruturação e na compreensão da estória, narrativas de viagem comportam uma prática espacial, cuja ênfase, segundo De Certeau (1988), aponta para a necessidade de re-teorizar espaço e espacialidade nesse gênero.

Nesta pesquisa, os deslocamentos espaciais são temas centrais nas histórias dos migrantes e suscitam reflexões que alimentam o debate da relação global-local. Aqui, a condição local jaraguense é a lente através da qual os narradores lançam seu olhar sobre o mundo e constroem seu discurso sobre a migração. Para Santos (2000), em termos analíticos, seria plenamente correto se na pesquisa social os tópicos de investigação se definissem em termos de localização, em vez de globalização, pois frente às condições ocidentais não existe globalização legítima. O que é tido como global é sempre a globalização bem sucedida de determinado localismo, pois toda condição global se baseia em uma raiz local específica. As histórias de ir e vir desta pesquisa emergem da condição jaraguense e refletem, portanto, essa organização social local, essa cultura. Segundo Halliday & Hasan (1993), todo texto está ligado a um contexto de situação, que, por sua vez, prende-se a um contexto de cultura. O contexto sempre precede o texto, assim como o contexto de cultura sempre está acima de um contexto de situação. Na relação texto e contexto é que ocorrem os diálogos discursivos que produzem novos textos e novas formas de pensar e agir.

3.1.5 Interdiscursividade e pressuposição

As histórias jaraguenses são modos particulares de pensar as migrações, uma vez que são construções discursivas alocadas na experiência e no sistema de mundo do próprio migrante, mas que invariavelmente incorporam temas e figuras de outros discursos de seu tempo, em uma relação de interdiscursividade. De acordo com Fairclough (1992, 2003), baseado no conceito de dialogismo em Bakhtin (1997) e no de ordens de discurso de Foucault (2002), a interdiscursividade é, pois, uma questão de como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de

outros discursos. Em Bakhtin, Fairclough (2003) encontra o conceito de relações dialógicas segundo o qual todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas. Nessa perspectiva, a língua se harmoniza em conjuntos, pois não é um sistema abstrato de normas, mas sim uma opinião plurilíngüe concreta sobre o mundo.

Como bem observa Fairclough (1992, 2003), a interdiscursividade é um tipo de relação externa ao texto, entre dados presentes e outros ausentes, que demandam escolha, “o que é dito em um texto o é sempre em relação ao não-dito” (Fairclough, 2003 p. 42). Essa exterioridade revela ao leitor, à revelia do autor, muito de seus valores e dos valores de seu tempo. Tais relações contextuais destacam-se para o leitor pelo universo que revelam.

O conceito de interdiscursividade é usado neste capítulo para aproximar respostas à questão: de que forma as histórias jaraguenses se relacionam com diferentes discursos sobre o tema das migrações e outras proposições correlatas como os discursos de globalização e modernidade? A categoria que usarei para as análises textuais de interdiscursividade se baseia no conceito de pressuposição (Fairclough, 2001; 2003). As pressuposições são proposições tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou dadas, ligando um texto a outros textos. Em muitos casos de pressuposição, o outro texto não é necessariamente especificado ou identificável, mas uma correspondência à opinião geral, ao que as pessoas tendem a dizer, à experiência textual acumulada. Fairclough (2003, p.55) identifica três tipos de pressuposições: existenciais (sobre o que existe), proposicionais (sobre o que é, ou pode ser, ou será) e avaliativas (sobre o que é bom ou desejável). As pressuposições são formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são freqüentemente difíceis de desafiar.

3.2 A estrutura das histórias jaraguenses: um enlace analítico

A partir desta seção, procuro responder às questões que lancei na introdução do capítulo. Começarei dedicando-me à pergunta: como o migrante jaraguense estrutura sua narrativa sobre migração e tece seu próprio discurso sobre o tema? Conforme mostrei anteriormente, capto nas histórias jaraguenses uma estrutura particular, baseada em uma seqüência temática dividida em: *a ida, a chegada, a vida no novo contexto, o regresso e a lição*. Essa categorização não se propõe a um detalhamento exaustivo, à maneira estruturalista, uma vez que se busca apenas reunir melhor a profusão de representações que constituem os longos monólogos narrativos. Caracterizo cada uma dessas divisões a seguir.

3.2.1 A ida

As narrativas coletadas revelam uma macroestrutura semântica direcionada a representar os deslocamentos espaciais dos migrantes, desde Jaraguá até seu destino-alvo, assim como os elementos que contribuem para a decisão de migrar e, em alguns casos, uma seqüência de fatos que se desenrolam antes da chegada. O tópico “a ida”, nem sempre tem uma estrutura linear, contínua e integrada. Ao contrário, ele é marcado por seqüências de orientações fragmentadas, que parecem refletir a própria falta de linearidade tanto no planejamento da ida pelo migrante, quanto as incertezas de seu caminho. Essa não-linearidade ainda se manifesta na posição que as orientações sobre “a ida” tomam no texto, o que não significa necessariamente que aparecem no começo das narrativas, seguindo uma progressão temporal de antes e depois. Em alguns casos, o

narrador representa esse tópico como uma inserção, dentro de uma outra estrutura temática, na qual ele desenvolve, por exemplo, os motivos da volta.

Para ilustrar essa evidência, disponho alguns recortes da narrativa de Marcelo, em que se encontram seqüências de deslocamento que ele reconstrói, em vários pontos de sua estória, à semelhança de outros narradores. A numeração à esquerda indica as linhas narrativas e revela em que altura do texto foi feito o recorte.

(02) Marcelo

- 1 Goiás, pra minas ou São Paulo ou Brasília, é bem diferente
 2 Paris! ai já significa outra coisa...
 3 principalmente saudade...
 /.../
 16 bem, no meu caso eu penso assim.... não é fácil ir e dá certo....
 17 é fácil ir até o aeroporto em São Paulo
 /.../
 26 então antes de ir pra Europa eu passei por vários países
 27 eu fui de São Paulo a Madri
 28 pela manha lá eu fiz a migração normal...
 29 os povo te perguntava: “há mais você tá só viajando, então você tem que ter algum lugar pra ficar lá...”
 30 dois dias na Espanha num hotel...
 /.../
 306 aí fiz o mesmo trajeto de novo
 307 como na primeira vez da Espanha
 308 de Madri até Paris...
 309 ai cheguei em Paris, fiquei mas um dia em Paris
 310 fiquei lá andando
 311 mas... e arrastando mala...
 312 a troca de hotel mais barato...
 313 que daí eu já falava o inglês
 314 eu não precisei de marcar nenhuma reserva de hotel nem nada
 315 ai eu ficava procurando só o barato
 316 só que eu não procurei muito na redondeza,
 317 ao redor: ficava mesmo era no centro
 318 ai conheci a torre Eifel
 /.../
 328 daí no dia seguinte eu tentei ir de ônibus pra Inglaterra

O destino-alvo de Marcelo é pré-determinado, assim como o de todos os narradores, contudo, diante da improbabilidade de aceitação de visto, esse destino tem sempre o risco de ser redefinido rápido e inesperadamente, assim como todo um novo roteiro de viagem. É o que narra Marcelo, ao expor que seus planos de viver na

Inglaterra são interrompidos abruptamente quando, quase um ano depois de ter conseguido entrar no país, vê-se diante de uma ordem de deportação e é reconduzido de súbito ao Brasil. Curiosamente, ele narra esse momento como um mero acidente de percurso em sua jornada migratória e retoma a narrativa da ida ao exterior, agora pela segunda vez, remontando seu trajeto pelos vários destinos incertos que se sucederam.

Essa trajetória incerta, arriscada e fragmentada se reflete na própria estrutura das narrativas dos migrantes jaraguenses, marcadas por seqüências não lineares de orientações com deslocamentos espaciais múltiplos e inconstantes que, em alguns casos, perpassam o texto em momentos diversos. Disponho alguns outros exemplos, a seguir:

(03) Guido

- 2 porque, porque... aaaa melhor porta eeee eu num fui pá Bélgica e nem pá França eu fui pra Inglaterra
- 3 E a ea ea melhor porta que tem pra você entrá dentro da Inglaterra, na Europa se chama Bélgica
- 4 sabe porque... é perto demais da conta e as conexão são.... é mais fácil você entrá
- 5 aí eu fui pra França fui em Goiânia comprei passagi, lá comprei passagi
- 6 fui pra França da França fui pra Bruxelas
- 7 fiquei quatro dias em Bruxelas me preparano pra i pra Inglaterra
- 8 eu cunheci uma pessoa de Jaraguá que mora lá que é...
- 9 tem... como se diz.... tem a cidadania é, belga, não é?

(04) Bento

- 3 saindo... eu tava... esse negócio.... eu tava procurando a i pra Roma já tem um bom tempo
- 4 só que antes eu tinha vontade de ir pra Inglaterra
- 5 E minha prima pegô e resolveu ... e veio falar pra mim assim oh!
- 6 “não deu certo cê i pra Inglaterra”
- 7 vamo juntá nós dois... vamo embora prá Itália
- 8 eu já tava com o dinheiro todo reunido
- 9 tava com vontade de imbora pro exterior mesmo
- 10 aí eu peguei e resolvi du’a hora pra outra
- 11 deu u’a locura! aí falei assim “ah vambora”
- 12 eu num tenho lugar pra i mesmo “vambora pra Itália”
- 13 num era minha.... minha.... meu lugar do exterior que eu procurava ir
- 14 mas cabei ino
- 15 fui com indicação... que ela falô que ela tinha uma amiga dela
- 16 que tava esperando nós lá na Itália

Os recortes exemplificam a fragmentação espacial à qual o migrante se lança, com trechos imprecisos, vencidos no ímpeto da caminhada a um alvo igualmente mal delineado. Com exceção das pessoas que vão para os EUA, onde, conforme mostrei no primeiro capítulo, já há uma rede social bem estruturada, que une Jaraguá a Danbury, os que vão para destinos como a Europa, por não poderem contar com esse tipo de estrutura, muitas vezes mudam seus destinos frente às vicissitudes com que lidam.

Se os deslocamentos espaciais constituem o principal tópico na “ida” das narrativas, explicações sobre os motivos da partida são, em muitos casos, a segunda maior evidência nessa mesma seção. Ao construir sua história, o jaraguense sente a necessidade de apresentar os motivos que o conduziram à migração. O fator econômico aparece como a principal justificativa, mas muitas vezes ele é associado à libertação da tutela dos pais, assim como à necessidade de independência e até mesmo ao desejo implícito de uma mudança de perspectiva. Eis alguns exemplos:

(05) Marcelo

- 4 bom, eu acho que tudo, sai assim, mas mesmo basicamente isso é um problema financeiro
- 5 como na época minha situação não era das melhores
- 6 então eu resolvi sair

(06) Patrícia

- 3 eu trabalhava cedo aqui na prefeitura, eu trabalhava à tarde no Mérito (colégio local)
- 4 e estudava à noite
- 5 o que eu ganhava num dava pra mim pagar minha faculdade à noite
- 6 eu estudava em Anápolis
- 7 foi o que mais me motivou a ir embora
- 8 foi as condições de vida

(07) Leda

- 2 porque eu procurava alguma coisa
- 3 que faltava alguma coisa ni mim
- 4 eu não fui buscá dinheiro
- 5 não fui buscá nada, como eu já tinha falado, né?
- 6 fui buscá a minha independência

- 7 porque eu acho assim todo mundo busca alguma coisa
- 8 alguns buscam o dinheiro e outras pessoas buscam outra coisa né
- 9 E eu fui pra mim buscá mais a minha independência
- 10 porque eu toda vida, a minha mãe mais o meu pai
- 11 foi de paparicá dimais da conta
- 12 então nunca deixava a gente sair pá lugar nenhum
- 13 então eu fui pá buscá mais independência, né?

Justificar os motivos da migração e detalhar seus múltiplos trajetos são os principais tópicos que identifiquei na estruturação da sessão que chamei de “a ida”. Passo, agora, à próxima divisão temática, que denomino de “a chegada”.

3.2.2 A chegada

Na maioria das narrativas, a chegada é construída como uma ocasião que envolve certo suspense. As próprias movimentações “entre-lugares” que a precedem acrescentam expectativas e já introduzem esse suspense. Contudo, isso é acirrado por um elemento presente, implícita ou explicitamente, em todas as narrativas: medo. Um medo vinculado ao risco de deportação. Tal medo abate mesmo aqueles que já deixam o país em situação regularizada. Embora esse temor assombre o migrante no país de destino por muito tempo, ainda após sua entrada, é no momento em que o viajante aporta em seu destino alvo e se apresenta às autoridades locais, que a ansiedade e a tensão se exacerbam. O migrante se lança na espécie de aventura que é sua jornada migratória com as muitas narrativas de deportação de conterrâneos, amigos ou desconhecidos que tiveram seus planos frustrados no caminho. São narrativas transmitidas pelas vias da oralidade, que circulam entre vizinhos, parentes e conhecidos mais próximos e que têm grande apelo para os que cogitam ir embora. Esporadicamente, os jornais e a televisão fomentam ainda mais essas narrativas, com manchetes sensacionalistas sobre grupos inteiros de brasileiros deportados no exterior.

Tudo isso reforça o medo da chegada e afirma esse momento com atributos de sorte ou azar, como em um jogo, conforme ilustrado no recorte a seguir:

(08) Marcelo

52 daí chegando lá que era o mais difícil
 53 por que o meu objetivo final seria entrar na Inglaterra
 54 eu só entraria na Inglaterra depois que eu passasse pela migração,
 55 então depois que eu passasse pela migração eu taria na Inglaterra.
 56 ai como a sorte tava mesmo do meu lado
 57 tudo tava dando certo até então...
 58 daí tinha um rapaz bem moreninho, acho que africano
 59 que trabalha lá e começou a fazer pergunta pra mim
 60 e eu não entendia nada,
 61 antes eu já tinha entrado no portão da comunidade
 62 sem saber por que é um portão da comunidade européia
 63 que só mostra a identidade e passa e outro para os estrangeiros
 64 aí eu vi que tava errado e passei pro outro lado,
 65 a mesma coisa do aeroporto daqui de São Paulo;
 66 e daí ele perguntava as coisas lá e eu não falava nada,
 67 porque eu não sabia as coisas em inglês,
 68 ele dizia “money” dinheiro... essas coisas
 69 ai eu disse que tinha e ia abrindo a carteira,
 70 ele disse “não precisa”.
 71 perguntou do hotel
 72 ai eu disse que não, fiz um gesto lá que tava ficando muito caro.
 73 sei lá eu acho que tudo foi de sorte mesmo,
 74 por que é muito difícil você entrar na Inglaterra,
 75 se você não constatar que você realmente é turista .
 76 ai carimbou meu passaporte com um visto de seis meses
 77 apenas para passeio como turista e pronto!

O recorte anterior mostra várias seqüências de negociação entre migrante e oficial de migração, uma negociação que demanda perspicácia por parte do viajante, cuja condição de migrante não pode ser revelada, ao contrário, deve ser camuflada sob a identidade de turista. Nesse momento, qualquer passo em falso compromete todos os seus planos. Apesar de os meios de transporte modernos terem encurtado relativamente as distâncias geográficas, possibilitando acesso mais rápido das pessoas a pontos antes considerados longínquos, tal estreitamento parece não se aplicar a todos, quando há distâncias sociais envolvidas nesse trânsito. Ao contrário, nesses momentos, em que se contrapõem diferentes classes de indivíduos em movimento pelo mundo, as distâncias

parecem se acirrar. Conforme afirma Santos (2000), ao migrante não são dadas as mesmas vantagens reservadas a uma classe transnacional empresarial que pode circular com liberdade entre as fronteiras nacionais. Seu trânsito é barrado por um aparato legal que visa a imobilizá-lo.

Para garantir sua condição de migrante, as pessoas têm de romper diferentes barreiras, usando de artifícios que muitas vezes ferem princípios morais. Assim, o migrante fura os bloqueios que lhes são impostos, na tentativa de garantir seu deslocamento, mas a um custo razoável de sua dignidade e com muita ansiedade, medo e tensão. Examinemos outro exemplo:

(09) Renato

41 cheguei... como um bom brasileiro,
 42 fui para aquela localidade...
 43 e me falaram “NÃO!”
 44 “você é do portão de lá!”
 45 e foi aí que eu comecei a sentir a pequena discriminação do que eu iria ver
 46 daí... eu me dirigi ao guichê ao lado
 47 que não era para europeu
 48 então... aí começou a minha odisséia pela Inglaterra...
 49 sem saber falar uma palavra em inglês...
 50 me comuniquei através de mímicas, com o rapaz do guichê...
 51 quando ele percebeu que eu não falava inglês...
 52 ele procurou achar alguém por ali que falasse português e espanhol...uma segunda vertente para a
 comunicação
 53 fiquei quatro horas no aeroporto procurando alguma pessoa que soubesse falar português de
 confiança deles
 54 que não podia ser qualquer um...
 55 por volta de dez horas da noite...
 56 isso eu cheguei às quatro e fiquei até às dez horas da noite, esperando alguém para a comunicação
 57 eles conseguiram falar com uma portuguesa por telefone
 58 nós nos comunicamos e eu fui liberado para o Reino Unido com o visto de seis meses como
 turista.

Para os que têm a “sorte” de Renato, cuja fala se destaca no recorte anterior, e a chegada se concretiza com liberação de visto e permanência temporária, é grande o alívio, pois se garante aí a continuidade da empreitada a que o viajante se propôs: a

vivência em um país estrangeiro e toda a seqüência de trabalho, dinheiro, aquisição de bens que ele tanto almeja.

Certamente, todas as histórias desta pesquisa são histórias daqueles que venceram essa etapa decisiva. Não obstante, quatro, dentre os dez narradores deste estudo, passaram pelo constrangimento de ser deportados em algum momento da viagem. Esses, conseqüentemente, tiveram de refazer estratégias para retomar a jornada, ou até, como no caso de Guido, que ao ser deportado logo na chegada à Inglaterra, e mandado de volta ao destino prévio, a Bélgica, viu-se obrigado a aceitar esse alvo repentino para levar seus planos de migração adiante. Vejamos:

(10) Guido

- 11 na travessia nós fomos pego...
- 12 entendeu? nós fomos pego...
- 13 aí ...o que que aconteceu.... eu fui deportado pra Bélgica
- 14 graças a Deus eu não fui deportado pro Brasil
- 15 porque geralmente eles pegam você e já manda pro Brasil, entendeu?
- 16 aí... pelo fato de eu ter uns três cartão de crédito internacional...
- 17 eles... num sei o que que eles foram lá, assim...
- 18 eles só achou estranho, assim...
- 19 ele falou assim: “não hoje você não passa!”
- 20 “daqui a seis meses... aí, se você quisé tentá, pode tentá”
- 21 aí, mandô eu de volta pra Bélgica
- 22 bom, quando eu voltei pra Bélgica
- 23 se eu falá pra você que não tinha um lugar nem pra... nem pra falá assim... é, é, é onde é que eu vô?
- 24 não tinha nada!
- 25 não tinha... falá assim... misericórdia!
- 26 não conhecia ninguém na Bélgica
- 27 não tinha um parente
- 28 não tinha um amigo
- 29 não tinha nada
- 30 tem um rapaz lá na Bélgica, que eu esqueci o nome dele.....
- 31 ele mora muitos ano lá, uns cinco ano
- 32 aí ele falô:
- 33 “não, você fica na minha casa, você fica na minha casa”
- 34 eu queria voltá no outro dia pro Brasil
- 35 queria pegá minha passagi e voltá pra trás
- 36 aí ele falô: “não, você num vai, num vai voltá”
- 37 “a Bélgica não é um paraíso”
- 38 “pra você ganhá dinheiro”
- 39 “mas também é um lugar que você pode trabalha...”
- 40 e você dá um jeito de ganhá pelo menos o que você gastou pra vim”
- 41 aí eu peguei ...fiquei mais calmo...

As intervenções de brasileiros conhecidos ou não, como no caso de Guido, que narra a ajuda prestada por outro jaraguense na chegada, são recorrentes em quase todas as histórias. Mais uma vez observa-se que aqueles que partem para os EUA contam com maior apoio desde a chegada, em decorrência da rede social lá estabelecida. Todavia, com o aumento do fluxo migratório para os países europeus, começam a se formar aí também incipientes redes a que o migrante recorre em momentos de dificuldade. É bastante curiosa e ambígua a forma como o jaraguense narra o contato com esses sujeitos na chegada, e a representação dessas pessoas é alvo de minhas análises em um tópico especial em outro capítulo. No momento, cabe apenas ressaltar que a narrativa da chegada, além de impregnada de medo, tensão e ansiedade, é marcada também por seqüências avaliativas e de orientações sobre aqueles que, nesse momento crucial, travam contatos com o viajante, ora ajudando-o ou, muitas vezes, faltando-lhe com atenção.

3.2.3 *A vida no novo contexto*

São longos os trechos dedicados às explicações sobre como foi se instalar no país de destino, conseguir moradia, emprego, vencer a barreira da língua ou driblar a ameaça de deportação. Da mesma forma que na chegada, a figura de conterrâneos jaraguenses e outros brasileiros é recorrente nos relatos da nova vivência, indicando uma intermediação novamente feita pelos próprios pares. Nesse tópico, são narradas, sobretudo, as negociações para conseguir empregos, assim como mudanças entre os diferentes trabalhos e locais de moradia. Observe-se o exemplo a seguir:

(11) Wilson

35 ligou lá fez os contato e arrumou uma casa pra nós
 36 fomo lá arrumamo a casa...
 37 ele arrumou emprego pra nós
 38 nós pagamos pra arrumar o emprego
 39 quem primeiro arrumou o emprego foi eu
 40 ficou dois desempregado
 41 no final da conta, sobrou cinquenta reais no bolso ainda
 42 só dava pra comprar o passe do ônibus
 43 não tinha dinheiro mais, o dinheiro tinha acabado
 44 se não tivesse arrumado o emprego nós ia passá fome
 45 aí eu consegui trabalhá
 46 arrumamo um italiano, um restaurante italiano

(12) Pedro

10 as primeiras barreiras que tiveram foi a língua, documentação...essas coisas...muitas coisas.
 11 a gente enfrenta muitas barreiras, igual:
 12 saudade da família, choque cultural, e muitas coisas no dia-a-dia
 13 é uma adaptação muito radical pra vida,
 14 é uma mudança de 360° na vida da gente.

(13) Dinis

18 tanto que esse (irmão), que morava lá, ele trabalhava à noite
 19 começava às 8 horas da noite e parava às 8 horas da manhã
 20 trabalhava como... limpar restaurante e coisa assim
 21 aí ele pegou a gente... ele foi para casa dele,
 22 fez uma farra boa demais...
 23 e isso ele pegou a gente
 24 lá era umas 6 horas da tarde, não! da manhã!
 25 quando foi oito horas da noite deste mesmo dia, a gente já estava trabalhando com ele, né!
 26 tipo assim, ele trabalha num restaurante, na limpeza
 27 e a gente pegô... e foi... seguiu ele
 28 assim nós ficamos trabalhado juntos

Observa-se que os recortes acima evidenciam muitas seqüências fragmentadas de orientações, agora dirigidas a recapitular o emaranhado de negociações para garantir moradia, emprego e, especialmente, o domínio ainda que elementar da língua. Se sobre a chegada paira ansiedade e medo, os relatos de vivência são permeados por toda sorte de dificuldades, o que será ilustrado a seguir:

(14) Wilson

- 63 Lavano... não tenho vergonha de falar pros outro
64 toda vida eu fui foi sofrido
65 no começo é sofrido é pa todo... todo mundo sofre mesmo
66 bobo é aquele que fala que vai e não sofre

Nessa macroestrutura dedicada à vivência no novo país, detecto os mesmos tópicos levantados em pesquisa anterior, sobre migrantes jaraguenses em Danbury (Freitas, 2005), com ênfase para a seqüência trabalho, dinheiro, cansaço, barreira da língua, saudade, depressão e discriminação. Também há muitas séries avaliativas sobre o caráter dos brasileiros e aspectos do Brasil, ambos em comparação com o exterior. Voltarei a esses tópicos nos capítulos subseqüentes, em que serão analisados com mais atenção os papéis dos atores sociais, bem como as avaliações nas narrativas.

Como o foco nesta seção concentra-se na estrutura das histórias, considero importante ressaltar que, à semelhança das duas primeiras partes que encadeiam as narrativas, “a ida” e “a chegada”, aqui também se evidencia o mesmo caráter fragmentado na estruturação das seqüências narrativas. Mais uma vez defendo que a estrutura discursiva reflete a não linearidade da própria vivência do migrante, marcada por rupturas constantes nas relações de trabalho, na divisão do espaço de moradia e por uma vida diária bastante dificultada e acirrada pela deficiência lingüística. Os percalços múltiplos que o migrante enfrenta fazem de sua vivência uma experiência nada tranqüila, ao contrário, o acúmulo de desencontros, atropelos terminam por consumir o ânimo e entusiasmo do início e a fadiga, tanto física quanto psicológica, que abate a muitos dos viajantes, o que acaba por definir o seu desejo de volta.

3.2.4 *O regresso*

O regresso é a parte próxima do fim da história e a mais entrecortada por avaliações. Trata-se do momento de desfecho, repleto de reflexões, pois, ao se aproximar do final da narrativa, o migrante faz um balanço de sua experiência. O tópico da volta é longo, apesar da decisão de voltar implicar, em alguns casos, uma decisão súbita e impetuosa, como indicam os dois recortes a seguir:

(15) Guido

104 aí eu comecei a pesar “despesa minha aqui, despesa minha lá...”
 105 desespero por tá longe das minhas filha
 106 desespero por tá longe da minha pátria
 107 i comecei a pesá tudo
 108 num tava sobrando 300, 400 livre, pagando essa despesa aí
 109 num tava sobrano isso (gesto com os dedos, indicando pouco)
 110 nada, nada, nada, nada! aí, o que que eu fiz?
 111 eu falei: “não! eu vou...”
 112 decidi voltá pra trás, porque o meu intuito não era i pra Bélgica
 113 era ir pra Ingraterra

(16) Bento

159 a volta po Brasil... minha.... não foi nem tão planejada
 160 eu num tava a fim de vim bora
 161 porque o Wiliam... ele morava na Inglaterra quando eu tava lá em roma
 162 e ele tinha me falado que por lá ganha mais...
 163 se eu quisesse vir pro Brasil, pra mim passa u’as férias, pra eu não precisá i lá direto
 164 porque eu também não tinha como i pra lá, por causa do meu passaporte
 165 ele me ajudava... depois que eu tivesse aqui ele ia me ajudá a entrá lá
 166 porque o patrão dele tinha uma ... visto de trabalho
 167 ele ia me ajudá a entrá lá...
 168 e eu peguei e decidi ajuntá o meu dinheiro de janeiro pra cá
 169 como eu tava trabalhano com esse italiano que tava me pagando certo
 170 comecei a juntá o dinheiro pra voltá pra trás
 171 justamente pra mim i pra Inglaterra
 172 não porque eu queria já voltá e ficá no Brasil

Os relatos sobre a volta expõem seqüências que indicam pressões de ordem econômica, sentimental e até de saúde que tiram o entusiasmo inicial do migrante e culminam com sua decisão de retorno. Contudo, em algumas das histórias, acontecem

também fatos inesperados que ocasionam a volta antes da hora desejada, como quando ocorrem deportações, ou no caso em que o migrante tem de voltar em razão de, por exemplo, um acidente grave ocorrido com algum parente no Brasil. Mas há também referências a fatos positivos, como uma união matrimonial, seguida do desejo de um recomeço de vida na terra natal, agora a dois. Os recortes seguintes evidenciam algumas dessas situações:

(17) Leda

226 eu fui buscá... fui buscá alguma coisa
 227 que foi a minha independência e fui procurá minha tampa também né
 228 quando eu achei minha tampa a gente decidiu vim bora né
 229 que foi o Tiago
 230 e foi uma experiência completamente diferente
 231 a gente tá junto até hoje graças a deus
 232 e ele brasileiro
 233 nascido em Goiânia... pertim de mim e ao mesmo tempo longe né
 234 se eu tivesse ficado aqui no brasil a gente não tinha se encontrado

(18) Patrícia

206 que... que meu irmão faleceu de acidente de moto
 207 eu tava aqui
 208 aconteceu esse acidente
 209 a gente vê que ele não teve um socorro correto
 210 ele não teve
 211 a lei não funciona
 212 meu pai foi reclamá os direitos
 213 o cidadão dentro da delegacia
 214 o delegado responsável foi super grosso
 215 super mal educado num explicô nada que aconteceu
 216 então é complicado a gente.... pela lógica
 217 por mim se não tivesse acontecido esse fato eu não taria no Brasil mais
 218 eu já teria voltado
 219 eu já teria voltado

Observa-se que, curiosamente, a volta mencionada por Patrícia não se refere ao Brasil, diz respeito a Danbury, nos EUA. As conexões transnacionais que caracterizam as migrações da atualidade permitem maior flexibilidade entre os contextos de chegada e de partida, e, assim, os relatos sobre a volta ao Brasil precedem o desfecho da

narrativa, mas não significam, necessariamente, o fim da condição de migrante. Mais do que marcar um final, esses relatos mesclam perspectivas de retorno tanto ao Brasil quanto ao exterior, como no recorte seguinte:

(19) Duarte

158 nós num procurou fazê nada e só ficou... tipo assim... pesquisano e tal
159 mas isso levou a querer voltar de novo porque não tava ganhando dinheiro
160 e o que você tinha conseguido ce tava cumeno,
161 já tava acabando tudo
162 e eu também já tinha saudade de lá
163 então a melhor coisa é voltar pra lá e ganhar mais um dinheiro.

Ao teorizar sobre a “cultura migrante do entre-lugar”, Homi Bhabha (1998) identifica muitas ambivalências na questão identitária das pessoas que se lançam aos movimentos transfronteiriços. No tópico da volta, os narradores expõem muitos sentimentos ambivalentes na trama de avaliações que eles tecem, comparando o Brasil com os países onde estiveram no exterior, comparando relações de trabalho, questões de cidadania, polidez, oportunidades de crescimento pessoal e toda sorte de associações entre os diferentes contextos de vivência. Essas avaliações, que serão discutidas mais adiante, constroem o tópico da volta com seqüências longas e conflituosas, denotando um deslocamento por parte do migrante em relação tanto ao seu contexto de chegada quanto de partida, apoiando, portanto, discussões sobre a posição “entre-lugar” de que fala Bhabha. O tópico da volta é, assim, um recurso potencial para explorações sobre questões identitárias dentro do debate da modernidade tardia, questão à qual me dedico em dois momentos mais específicos nos capítulos seguintes.

3.2.5 A lição

Ao me aproximar, agora, do fim desta seção sobre a estrutura das histórias de migração, e já tomando partido do tópico anterior, onde se evidencia o potencial das avaliações nas narrativas para o debate sobre a modernidade, aproveito para retomar alguns pontos da discussão de Walter Benjamin (1996) sobre modernidade e narrativa. É ele quem propõe que a narrativa traz sempre em si uma dimensão utilitária, seja ela expressa ou de forma latente. Essa utilidade deve consistir em um ensinamento moral, ou em uma sugestão prática, num provérbio ou uma norma de vida. Isso faz do narrador um homem que sabe dar conselhos. Essa dimensão utilitária de que fala Benjamin é manifestada pelos narradores jaraguenses, ao encerrarem suas narrativas com recomendações especialmente direcionadas àqueles que cultivam o desejo de se aventurar pelos mesmos caminhos que eles um dia percorreram. É o que fazem Wilson e Renato nestes dois recortes que compreendem a *coda* de suas narrativas principais:

(20) Wilson

238 e pra queles que querem ir..
 239 cuidado!
 240 toma muito cuidado também... porque... como se diz ...
 241 t os picareta na história que pega pá acabá mesmo
 242 chega lá dentro te deixa na rua da amargura
 243 e você tem que se virá
 /.../
 251 não é fácil não... não é pra qualqué um, não!

(21) Renato

189 mas se você tem vontade ...e quer ir...
 190 vá que você vai aprender muito...

Os trechos destacados acima, apesar de mais curtos, dão ênfase ao encadeamento que percebo como mais geral nas narrativas: “*cuidado! é muito difícil! mas, se você*

quer ir, vá! pois aprende-se muito!". Aprendizagem é a menção mais recorrente no desfecho das narrativas. Ao concluir sua história como migrante, o narrador se diz afetado por mudanças irreversíveis, que se deram dentro de um processo que ele identifica como uma aprendizagem de vida. Tal aprendizagem compreende diferentes dimensões, que variam entre o domínio da vida solitária, longe da família, a conquista da independência, o conhecimento de pessoas e lugares diferentes, a capacidade de lidar com toda sorte de novidades próprias de um universo antes desconhecido e de se defender frente a vicissitudes, enfim, uma reeducação total. Examinemos mais dois exemplos:

(22) Duarte

1003 aí a oportunidade foi o que?... i pros Estados Unidos
 1004 foi a melhor escola que eu já tive na minha vida
 1005 porque lá eu aprendi a sê sozim, tipo assim, a tê responsabilidade nas coisa,
 1006 sabê o que é certo o que é errado
 1007 aprende tipo assim,
 1008 a sê responsável com as coisas minha mesmo...
 1009 tipo assim dependia do pai : "pai me arruma um dinheiro"
 1010 "pai num sei que tal tal tal"
 1011 hoje não!
 1012 hoje em dia, eu tenho minhas coisa... minha, entendeu...
 1013 isso já mudô dimais

(23) Leda

235 mudou muita coisa... responsabilidade, costume
 236 porque o meu costume não é o que eu tinha antes
 237 hoje mesmo eu num vô na casa de ninguém sem sê convidado
 238 de vez em quando eu ainda ligo pra sabê se ela ainda tá
 239 porque cumé que cê vai às veis cê chega lá tá arrumano pra saí
 240 então vai atrapalha... por mais que seja parente atrapalha
 241 então eu aprendi muita coisa assim
 242 às vezes eu num tinha aquela educação
 243 que eu pricisava tê
 244 aí a gente aprende

Observa-se que a "educação" a que se refere Leda é sinônimo de polidez, ou seja, a maneira cortês que os estrangeiros teriam de tratar as pessoas de um modo geral. Essa

polidez é um dos tópicos que eu já havia identificado em trabalho anterior sobre jaraguenses em Danbury (Freitas, 2005). Aqui, a “educação” aparece novamente, como um dos itens de superioridade estrangeira em relação a brasileiros, num tipo de associação em que, grosso modo, estrangeiros são pessoas educadas em oposição aos brasileiros que são mal-educados. Na maioria dos depoimentos em que se aborda essa questão da aprendizagem de vida, ela é descrita em termos de um certo abalo emocional e cultural, dentro de um processo re-educativo. Essa “reeducação” se processa de forma conflituosa, pois, demanda que o migrante abra mão de certos valores associados à sua cultura, em função de novos valores do grupo ao qual ele deve se adequar. Tais formulações se tornam fontes de ambivalência identitária, pois certos atributos, que no Brasil podem ser avaliados positivamente, associando-se a uma descontração e naturalidade próprias da nossa cultura, em oposição ao “outro”, torna-se uma marca negativa e de inferioridade:

(24) Renato

161 até então eu era uma pessoa que eu achava que eu estava muito bem
162 mas você passa por humilhações e privações que você aprende que você não é NADA...
163 e lá eles deixam bem claro: “você não é nada!”
164 “você não é daqui”
165 e você acaba aprendendo que o mundo é difícil...
166 e se alguém tem alguma pretensão de sair...
167 vá sabendo que vai sofrer bastante!
168 vai passar por muitas privações

A aprendizagem que o migrante adquire na experiência de vida se traduz em uma lição que ele compartilha com os que buscam o caminho do exterior. Embora Walter Benjamin (1996) enxergue a atitude de aconselhar como rara em um momento em que está em baixa o próprio intercâmbio de experiências, alegando que “dar conselhos” tem parecido cada vez mais antiquado, o migrante jaraguense contraria tal visão, pois lança aconselhamentos de forma explícita ou indireta, conforme ilustra

Renato, no exemplo 24, avaliando seu aprendizado e tentando compartilhar a lição adquirida.

Talvez o compartilhamento dessa experiência não se dê, propriamente, nos moldes em que Benjamin concebe. Para ele, as histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém, escutadas e seguidas; elas acarretam uma verdadeira formação, válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade. É essa orientação prática que Benjamin vê como perdida, e cuja ausência explica nossa habitual desorientação, isto é, nossa incapacidade em dar e receber um verdadeiro conselho.

As lições adquiridas pelos viajantes jaraguenses talvez não se repassem do mesmo modo que as do narrador tradicional, como um ensinamento a ser seguido e que acarretam uma “verdadeira formação”. Contudo, essas lições seguem um itinerário simbólico, cujo fluxo de comunicação alimenta o imaginário social, criando expectativas quanto ao fenômeno migratório e realimentando o próprio fluxo de viajantes. Certos discursos representam esses trânsitos como um movimento condicionado por pressões de cunho essencialmente econômico, e atribuem à pobreza, à economia, a questões políticas e até a catástrofes naturais o papel de agentes causadores da migração. Essas construções dão pouca ênfase às trocas comunicativas que se travam no meio social, com toda a gama de atividades discursivas que vão tecendo a trama complexa do imaginário migrante.

São trocas informais, que expõem e repassam os feitos dos que partiram, e toda sorte de narrativas verídicas ou ficcionais que fomentam discussões e reflexões sobre a atividade migratória: histórias de vizinhos, parentes e amigos que migraram; notícias jornalísticas sobre temas diversos ligados à migração; tramas televisivas, como a novela América, exibida pela rede Globo em meados de 2005, que expunha os percalços e

conquistas da personagem Sol, em sua “Odisséia” pelos EUA. Enfim, toda essa troca comunicativa de um lado, e de outro, um contingente aflito, constituem pólos inseparáveis do circuito estruturador de um movimento que, na prática, só se realiza pela ação de agentes humanos, dispostos a enfrentar física e psicologicamente toda sorte de barreiras e sanções que o ato de migrar envolve.

As lições aprendidas pelos viajantes podem não ter a mesma força dos ensinamentos repassados pelo narrador tradicional. Todavia, isso não as impede de se propagarem na corrente movediça das trocas comunicativas, aglutinando-se a diferentes práticas discursivas que vão compondo o conhecimento popular sobre as terras estrangeiras, o paraíso da riqueza e consumo, onde há emprego em abundância, onde os sonhos de conquista acenam com a possibilidade de realização. Se nas histórias jaragüenses abundam relatos de dificuldades, humilhações, riscos de deportação e toda sorte de infortúnios, tais imagens se dissipam ante as narrativas de sucesso, ou ante a indisfarçável materialidade dos bens adquiridos pelo migrante após seu retorno. É assim que, as lições tiradas a partir da lida com as adversidades narradas, orientam outros candidatos a migrante na sua própria trajetória rumo ao destino almejado.

Chego, portanto, ao fim desta seção de análise da estrutura temática das histórias de migração, observando que, nas narrativas jaragüenses, existe a dimensão utilitária que Walter Benjamin (1996) aponta nas estórias do narrador tradicional, com seu ensinamento, sua sugestão prática ou norma de vida. Embora essas narrativas possam carecer do espírito imaginativo associado ao ato de narrar que, segundo o autor, em outras épocas dotou a narrativa de uma áurea lírica que se perdeu na modernidade, ainda assim, as histórias jaragüenses compreendem uma lição objetiva, que é repassada pelo narrador, orientando seus caminhos pelas vias transnacionais de nossa época.

3.3 O discurso do migrante e as vozes de seu tempo e espaço

Na sessão anterior, procurei descrever e interpretar as narrativas jaraguenses, sempre tendo em vista a relação entre narrativa e modernidade que lancei ainda no início do capítulo. Agora, buscarei respostas para a segunda questão que lancei no início: como esse discurso se vincula ou se contrapõe a outras formulações discursivas sobre as migrações, tangenciando questões mais gerais como globalização e modernidade? A identificação de tais vínculos é possível a partir de conceitos como os de interdiscursividade e pressuposição, os quais balizarão as análises das próximas subseções.

3.3.1 Migrantes jaraguenses e seus pares: relações intertextuais

O termo interdiscursividade é sugerido por Fairclough (2001) a partir do conceito de intertextualidade cunhado por Julia Kristeva nos anos 1960, que designa a presença de elementos de outros textos dentro de um texto, seja de forma manifesta ou constitutiva. Comenta Fairclough (2001), que na intertextualidade manifesta, outros textos estão explicitamente presentes no texto sob análise, eles estão manifestamente marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto como aspas, citações, discurso direto e indireto e assim por diante. A intertextualidade constitutiva, entretanto, é a configuração de convenções discursivas que entram na produção do texto, o que implica na interseção da história (sociedade) nesse texto e deste na história. A partir dessa classificação, adota-se o termo interdiscursividade para distinguir o tipo de intertextualidade cujo foco são as convenções discursivas, daquela dita manifesta. E é dentro desses sentidos que os termos interdiscursividade e intertextualidade são usados neste trabalho.

Nas narrativas jaraguenses, os casos de intertextualidade são escassos e quando se manifestam, o diálogo é travado sempre entre seus próprios pares: outros migrantes, outros jaraguenses e seus familiares e amigos. Praticamente nunca são trazidas vozes de campos exteriores como o discurso da mídia, o discurso político entre outros, conforme expõem os recortes ilustrativos:

(25) Marcelo

- 30 dois dias na Espanha num hotel
 31 Ilá orientação de um amigo ...
 32 “vai lá e compra a passagem para amanhã e você vem”
 33 eu fui lá, comprei a passagem no mesmo dia

(26) Bento

- 42 beleza! fiquei ligano dois dia pra esse cara
 43 até que eu recebi um nome
 44 Ele pegô desconfiado... falô assim: “oh se vocês fô amigo da Maria...”
 45 No caso que ia recebê nós lá

(27) Wilson

- 52 um brasileiro
 53 conheci ele aí ele ficou trabalhano comigo uns dia lá e falava inglês eu não falava nada
 54 aí que ele arrumou um emprego melhor pra ele e falou “oh, Wilson, eu vou te tirar daqui”

O conceito de intertextualidade assinala a produtividade dos textos, revelando como esses podem transformar textos anteriores e reestruturar convenções pré-existentes para gerar textos novos. Contudo, Fairclough (2001) alerta que essa produtividade na prática é socialmente limitada e condicionada a relações de poder e questões de hegemonia. Nota-se que, nas narrativas jaraguenses, cujos autores são pessoas com pouca escolaridade e cujo domínio de mundo é constituído basicamente em função de sua lida concreta com a realidade, não há conexões com redes de discursos institucionais com as quais o migrante dialogue explicitamente para formar argumentos, confrontar opiniões, criticar posturas. Os casos de intertextualidade

expressos pelos jaraguenses, respaldam a evidência já comentada de que muito de seu domínio sobre migração é apreendido em trocas comunicativas entre seus próprios pares, especialmente, nas lições tiradas de outras histórias de viagem. A seguir, coloco um recorte do Diário de Campo que ilustra a proposição:

(28) Trecho de entrevista com Danila (Jaraguá, 10 de outubro de 2004)

Eu-

O que quê essas pessoas que estão aqui no Brasil falam dos Estados Unidos? Essas pessoas que voltaram, essas pessoas que tão indo pra lá, quê que elas comentam?

Denila-

Nossa! fala que lá é muito bom, tem até a mãe de uma amiga minha, ela mora lá, até meu ex-namorado tá ficando na casa dela, porque ela tá aqui; dizendo ela que ela vem aqui só pra passear, porque lá é bom demais. Eles não contam dos problemas de lá, assim, as coisas financeira lá é muito caro...

Como bem observa (Fairclough, 2001), o que é dito em um texto é sempre dito em contraposição com o que não é dito, mas tido como garantido. Mesmo dando pouca abertura a outras vozes discursivas, o produtor do texto invariavelmente se conecta com o mundo dos textos em processos de interdiscursividade. Como a interdiscursividade não é marcada explicitamente nos textos, um recurso para explorá-la são as pressuposições, as quais são tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou dadas, apontando para o consensual, para as normalizações e aceitação, o que suprime diferenças de poder. A análise das pressuposições contribui para a revelação de posicionamentos ideológicos nos discursos.

3.3.2 *Interdiscursividade e pressuposição: vozes hegemônicas*

As narrativas jaraguenses lançam muitas pressuposições, dentre as quais considerei interessante recortar exemplos que têm como ligação entre si, o tema da entrada no país-alvo, pois dentro desse tópico é possível melhor compreender a posição

do migrante frente a certas questões ideológicas ligadas ao movimento migratório atual. A seguir, disponho alguns recortes das narrativas e de outros textos que compõem o Diário de Campo deste estudo:

(29) Trecho do primeiro e-mail de Dalton, quarta-feira, 27 de abril de 2005

(...) A viagem foi muito tranqüila, tinha revista, todas em japonês ou inglês, tinha filme, de uns 12 filmes, só um era dublado em português. Consegui dormir muito pouco, porque queria aproveitar um pouco a viagem. Mais ou menos 09:15 da manhã, horário de NY, pousamos no JFK, aeroporto imenso, descemos do avião e fomos para a migração. Correu tudo bem, me perguntaram se eu estava a passeio ou a negócios, se tinha emprego no Brasil e qual era, e me liberaram sem problema algum.

O recorte exposto dá testemunho do momento de entrada de Dalton no país-destino. A declaração “me liberaram sem problema algum” implica em uma pressuposição avaliativa, sobre o que é bom ou desejável, na qual o migrante se surpreende com a passagem tranqüila pelos oficiais de migração, uma vez que há implicitamente uma dimensão problemática associada a esse momento, conforme já mostrei em tópico anterior de análise. Existe uma forte expectativa, ainda que velada, de que o migrante será barrado ao tentar entrar no país desejado, caso não consiga fazer valer a identidade de turista à qual ele se alinha para não ser identificado como migrante:

(30) Dinis

- 13 e sem dificuldade nenhuma a gente passou
- 14 só o papel, o passaporte meu junto com o do meu irmão, tudo junto com o dela lá e o cara olhou que era tudo parente e tal... que veio passar uns vinte dias aqui
- 15 falou o nome do hotel, só carimbou o visto da gente, o passaporte e deixou a gente entrar

Neste exemplo é curioso notar que, embora o migrante aja corajosamente, tentando transpor os bloqueios que lhes são impostos pelo sistema internacional de controle de trânsito de pessoas, seu discurso não enfatiza essa posição de enfrentamento. Ao contrário, sua narrativa expressa mais uma atitude de conformidade que de

resistência com os discursos legitimadores de práticas voltadas a barrar o viajante. Não há em seus relatos praticamente nenhuma reivindicação de direitos de ir e vir, de trabalhar, de lançar mão das prerrogativas de um sistema mundial dito “globalizado”. Os trechos que reconstroem riscos ou mesmo eventos de deportações são especialmente interessantes para ilustrar essa evidência, como se pode observar nos recortes seguintes:

(31) Guido

- 11 na travessia nós fomos pego...
- 12 entendeu? nós fomos pego...
- 13 aí ...o que que aconteceu.... eu fui deportado prá Bélgica
- 14 graças a Deus eu não fui deportado pro Brasil
- 15 porque geralmente eles pegam você e já manda po Brasil, entendeu?

(32) Marcelo

- 240 e daí com nove meses que eu tava na Inglaterra
- 241 eu fui deportado diretamente pro Brasil
- 242 aí foi tudo beleza
- 243 só apanharam a gente no trabalho
- 244 deixou a gente levá todo dinheiro que a gente tinha
- 245 inclusive tinha no banco
- 246 não pegou a gente só com a roupa do corpo e mandou de volta, não

Os exemplos destacados acima expõem pressuposições proposicionais, que indicam como é ou deve ser a realidade social que, nesse caso, aplica-se à prática de deportação. Ao negar que os oficiais de migração peguem os migrantes apenas com a roupa do corpo e os mandem direto ao Brasil, com prejuízo de seus pertences e economias financeiras, os narradores revelam uma atitude quase de gratidão por não terem sido submetidos aos procedimentos “normais” de deportação, ou seja, serem mandados sumariamente ao Brasil sem direito a nada. Não há nesses relatos nenhuma menção a direitos humanos, muito menos a qualquer tipo de contra-discurso.

O fato de as narrativas jaraguenses inserirem pouca intertextualidade e muita pressuposição acentua o fechamento ao dialogismo, dando mais abertura àquilo que

circula nas correntes hegemônicas. Mais uma vez é Fairclough (2001) quem propõe o mapeamento das possibilidades e limites dos processos intertextuais dentro de hegemonias particulares, pela combinação da teoria da hegemonia e da interdiscursividade. Apropriando-se do conceito de hegemonia de Gramsci (1971, *apud* Fairclough, 2001), o autor conceitua hegemonia como “o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como um equilíbrio estável” (Fairclough, 2001 p.122).

O conceito de hegemonia pode ajudar a compreender o fato de que, embora o migrante seja um ator social, cujas ações subvertem esquemas de poder preestabelecidos, como o controle de fluxo de pessoas pelo mundo, seu discurso coaduna-se com o daqueles que visam, justamente, a barrar seu movimento, como indica Marcelo, na continuidade de sua narrativa sobre deportação:

(33) Marcelo

362 já com uma entrevista com o oficial de justiça
 363 ai ele disse “quero... sabê por qual motivo você tá indo lá”
 364 querem saber por tudo.. porque eles têm muito medo de entrarem com drogas
 365 ter um terrorismo
 366 ainda mais que teve aquele negócio das torres gêmeas lá nos Estados Unidos
 367 tava tudo abalado

Lançando pressuposições existenciais, Marcelo justifica o comportamento inquiridor do agente de migração, alegando que há um risco real e generalizado, associado ao tráfico de drogas e ao terrorismo internacional. Há, aqui, uma evidente ligação entre guerra e terrorismo, elementos constitutivos de um tipo de discurso de globalização, intensificado no mundo todo após os ataques do “Onze de Setembro”, conforme bem observa Fairclough (2006).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a conformidade com um tipo de discurso como o de “guerra e terror” por alguém que é justamente o alvo de retaliações impingidas àqueles que vão burlar estratégias de poder legitimadas por esse discurso, com vistas a imobilizá-los e impedir seus planos de migrante, é uma contradição que só se explica na força que têm as correntes hegemônicas e assimilacionistas.

3.3.3 *Ecos assimilacionistas*

De modo geral, correntes hegemônicas e assimilacionistas são conduzidas por instituições dominantes que, via de regra, dão origem a construções identitárias legitimadoras (Castells, 1996). O migrante jaraguense, por ignorar as relações de poder envolvidas naquilo que lhe é repassado em sua cultura geral, acaba por produzir binarismos do tipo que Silva (2005, p.98) identifica como “dominante tolerante e dominado tolerado, ou a da identidade hegemônica, mas benevolente e da identidade subalterna, mas respeitada”. É o que atestam os recortes seguintes, em que Dinis e Patrícia justificam a impaciência dos americanos em Danbury, diante da baixa proficiência lingüística do migrante:

(34) Dinis

- 44 então existe aquele negócio... se eu sou um americano e você uma, uma brasileira,
eu peço um café pra você com açúcar e leite
45 e você me leva um café com leite e sal
46 o americano não vai achá bom
47 ele vai achá que você tá curtino com a cara dele
48 então... existe isso aí, o americano vai brigar com aquela pessoa
49 mas não por ela ser brasileira
50 num é isso... é por ela não tá preparada pra aquele serviço, cê entendeu?

(35) Patrícia

- 33 eu aprendi a falá inglês foi apanhando... passano vergonha, sabe?
 34 alguma coisa você não entendia aí você sorria pra sê gentil
 35 às vezes eles tavam te falando palavrão alguma coisa porque
 36 você irrita as pessoa... você tá falano... tá falano... a gente né... por não entendê...
 37 a agente irrita automaticamente
 38 porque ele tá falano tá falano e você num responde num tá entendeno

Como se pode observar nos excertos 34 e 35, essas pressuposições existenciais e avaliativas, sobre os americanos terem o direito de se irritar com o migrante que não sabe a língua do país de destino, foram propostas na tentativa de explicar que a indignação americana não se liga a questões de discriminação e preconceito. É uma indignação legítima, cuja culpa recai sobre o próprio migrante, que não está preparado, como admitiu Dinis, a prestar o serviço ao qual se propõe. Tais argumentos alinham-se com certos discursos assimilacionistas, que pregam que migrantes devem mostrar-se prontos para adaptação tanto à língua quanto à cultura local do país “acolhedor”, sob pena de marginalização (Kloss, 1971). O migrante jaraguense usa de uma retórica que ignora evidências históricas, como a questão de nos EUA a aquisição da língua inglesa, por si só, não redimir grupos étnicos de condições subalternas na sociedade local (Schmidt, 2002). Como afirma Grosjean (1982), os bilíngües naquele país são geralmente mais pobres que a média, e não estão completamente integrados.

As análises das pressuposições identificadas nas narrativas jaraguenses e em outros textos do Diário de Campo revelaram que, no nível do discurso, o jaraguense não representa a atitude audaz e desafiadora que sua prática como migrante encerra. Seu discurso vincula-se a correntes hegemônicas e assimilacionistas e não se projeta como uma arma de resistência, reivindicando direitos e contestando discursos que legitimam ações direcionadas a cercear seu trânsito pelas fronteiras do mundo dito moderno e “globalizado”. Enfatiza-se a pouca abertura dos textos jaraguenses para o diálogo entre

a voz do autor e outras vozes. O que se evidencia é um laço mais forte com o senso comum ou o conhecimento geral compartilhado.

Essas revelações poderiam comprometer o debate que lancei, no início do capítulo, sobre os vínculos entre as histórias dos migrantes jaraguenses e aquilo que Chouliaraki e Fairclough (1999) chamam de “narrativas da modernidade tardia” e “discursos de globalização” (Fairclough, 2006), uma vez que se expõe o fechamento das vozes jaraguenses para o diálogo com outros discursos. Contudo, tal vinculação será possível por vias externas, com base na abertura natural dos textos aos processos de significação, bem como no olhar analítico que direciona esta tese, conforme explico a seguir.

3.4 Narrativas jaraguenses e narrativas da modernidade tardia: identificando cruzamentos

Para Chouliaraki e Fairclough (1999) “narrativas da modernidade tardia” constituem uma ampla gama de discursos sobre o momento em que vivemos. Considerando a própria natureza da modernidade tardia como controversa, Chouliaraki e Fairclough (1999) enfatizam a instrumentalidade da contraposição de diferentes discursos críticos, que agem de forma complementar entre si, ao focar aspectos diversos ou em comum sobre o tema. Confrontando autores como Harvey, Giddens, Habermas, Bourdieu, Bernstein e outros, Chouliaraki e Fairclough (1999) criam uma agenda de estudos para a ADC, que privilegia temas da modernidade como a dialética das relações entre global/local, identidade/diferença, compressão tempo/espço entre outras. É com base nessa agenda e na exterioridade dos textos, com seus dados presentes e ausentes,

suas relações entre o dito e não-dito (Fairclough, 2003), que discutirei alguns vínculos entre as narrativas jaraguenses e as narrativas da modernidade tardia.

3.4.1 A irregular compressão tempo-espaço

Muitos desses vínculos já se pronunciaram neste capítulo, em momentos anteriores em que, durante as análises, travei alguns diálogos com autores cujas discussões se dedicam à modernidade, marcadamente, Benjamin (1996), mas também Santos (2000), Bhabha (1998), Castells (1996), Fairclough (2006) entre outros. Nesses momentos, procurei mostrar que, embora não haja referências explícitas desses discursos nas falas dos migrantes, em certos aspectos, as histórias desses últimos respaldam muitas reflexões teóricas dos primeiros e vice-versa. É o caso em que, por exemplo, os relatos da fragmentação espacial nas narrativas dos jaraguenses, marcadas pela grande movimentação entre fronteiras, aludem às construções acadêmicas sobre as formas de mobilidade temporal e espacial de nossa era. Naquele momento, foi oportuno citar a crítica de Santos (2000), sobre a irregularidade da compressão tempo-espaço. Para ele, tal compressão não pode ser analisada sem consideração ao desnível de poder entre a classe capitalista transnacional, que a domina e a transforma a seu favor, em oposição a certos grupos subordinados, como trabalhadores migrantes e refugiados, que também têm efetuado bastante movimentação transfronteiriça, mas sem controle sobre a compressão tempo-espaço. O recorte, a seguir, ilustra essa questão:

(36) Marcelo

73 sei lá eu acho que tudo foi de sorte mesmo,

74 por que é muito difícil você entrar na Inglaterra,

75 se você não constatar que você realmente é turista

76 ai carimbou meu passaporte com um visto de seis meses

77 apenas para passeio como turista e pronto

Nas narrativas jaragüenses, os migrantes mencionam constantemente a necessidade de serem identificados como turista, como o faz Marcelo no recorte 36, sob pena de não conseguirem vistos de entrada para os países-alvo. Curiosamente, o turista é citado ainda por Santos (2000) como um terceiro modo de produção da compressão tempo-espaço, junto com a classe executiva e acadêmica internacional e os migrantes e refugiados. Contudo, Bauman (2005) é o autor que se interessa pelo turista, agregando muitas dessas vozes já mencionadas e captando o entrelaçamento entre questões como mobilidade espaço-temporal, globalismo-localismo e outros temas da modernidade. Sua metáfora “*turistas e vagabundos*” é muito oportuna para a conclusão das discussões que venho desenvolvendo.

3.4.2 Jaragüenses, turistas, andarilhos e identidades subalternas

A metáfora dos *turistas e vagabundos* é usada pelo autor para aludir à estratificação dos membros na sociedade atual. Para Bauman (2005 p.94), o grau de mobilidade desses membros em uma sociedade marcadamente de consumo é a extensão ao longo da qual os de “classe alta” e os de “classe baixa” se situam, “sua liberdade de escolher onde estar”. Ele afirma que, os que vivem “no alto” estão satisfeitos de viajar pela vida, podendo escolher a bel prazer seus destinos. Ao passo que os “de baixo” “volta e meia são expulsos do lugar onde gostariam de ficar” (*Ibid.*, p. 95). De forma irônica, o autor associa os primeiros aos *turistas* e os últimos aos *vagabundos*, expressão que, aqui, equivale ao sentido de andarilho que usei no título da seção, vocábulo que abranda, a meu ver, a carga estigmatizante do termo que não quero ver vinculada aos jaragüenses.

Para os turistas, as chaves do mundo o tornam “flexível, dócil”. Já os vagabundos são seres que “se movem porque acham o mundo insuportavelmente inóspito”. A interseção entre os turistas e os vagabundos se identifica no movimento permanente, representando ambos a fragilidade das relações contemporâneas, o desolamento, a fluidez, uma certa falta de expectativas de futuro e, principalmente, um impulso consumidor.

A dimensão consumista é captada nas narrativas pelas justificativas dos migrantes em seu ímpeto de mudança para o exterior na busca de aquisição de bens variados, ao que eles apontam concretamente como uma “casa”, “dinheiro” para montar um negócio, ou de forma mais subjetiva, “melhores condições de vida”. Identifica-se aí a “via de mão dupla” de Hall (1999), no qual circulam, de um lado, a mensagem consumista vinda dos grandes centros de produção do sistema rumo às “periferias” do planeta (Giddens, 2002), e, de outro lado, as pessoas desses mesmos pontos periféricos rumo ao centro. É essa condição “periférica”, subalterna, que (2005) enfatiza na irônica denominação “vagabundos”, que ele associa àqueles que, nas palavras de Santos (2000), não controlam a mobilidade tempo-espacial com liberdade. Os relatos jaraguenses testemunham a “desconfiança” e o preconceito com que são tratados os “andarilhos”:

(37) Renato

- 21 (no Brasil) é mais a discriminação racial
 22 lá não é o fato de você ser negro ou não
 23 e sim, de você viver em um lugar que a geografia não é tão favorecida como no Brasil e os países da América Latina.
 24 então... essa foi a primeira experiência que eu tive
 25 foi a porta de entrada para a europa...
 /.../
 142 É triste você estar em uma cidade maravilhosa que tem tudo....
 143 você poderia ser uma pessoa mais valorizada
 144 mas ...devido ao racismo geográfico... você não pode ter tanta liberdade como você gostaria de ter... como a cidade te oferece

A discriminação identificada por Renato, que ele denomina de “racismo geográfico”, aquele contra os latino-americanos, não apenas apóia a construção metafórica de Bauman (2005) sobre o tratamento reservado aos “vagabundos”, como também faz eco a um tipo de discurso que caracteriza os migrantes como os “novos bárbaros” (Rufin, 1996). Uma retórica que contrapõe Sul-Norte como áreas de um conflito cujo eixo, em tempos de guerra-fria, esteve articulado na direção Leste-Oeste. É especialmente dos países mais pobres, do sul, em direção aos mais ricos, do norte, que se movimentam os migrantes na atualidade. E é também essencialmente contra esses que se direcionam as medidas com vistas a limitar e até impedir o movimento.

3.4.3 Mobilidade global e fechamento local

Sobre tal questão, Bauman (2005) destaca a relação entre uma crescente mobilidade, por um lado e, por outro, o que ele chama de uma “localidade amarrada”:

Para o Primeiro Mundo, o mundo dos globalmente móveis, o espaço perdeu sua qualidade restritiva e é facilmente transposto tanto na sua versão “real” como na versão “virtual”. Para o segundo mundo, o da “localidade amarrada”, daqueles impedidos de se mover e assim fadados a suportar passivamente qualquer mudança que afete a localidade onde estão presos, o espaço real está se fechando rapidamente (Bauman, 2005, p.96).

Nesta pesquisa, tanto as narrativas quanto os textos do Diário de Campo expõem esse “fechamento”. Ainda que o migrante cruze fronteiras, geograficamente distantes,

mobilizando-se pelas vias sinuosas da compressão tempo-espaço, afastando-se de seu espaço local jaraguense rumo a destinos “centrais” sob a ótica do mundo globalizado, ainda assim não se garante nesse movimento maiores aberturas. O migrante, uma vez aportado em seu destino almejado, tende a fechar-se dentro do medo constante de deportação e procura uma imobilidade que lhe garanta alguma invisibilidade frente às autoridades locais, conforme explica Diana, que em 2005 preparava-se para viver nos EUA:

(38) Trecho de entrevista com Diana (Jaraguá, 31 de janeiro de 2005)

Eu-
E lá, você pensa em passear por lá ou não?

Diana-
Quero ficar mais quieta, pra não ter algum problema.

Eu-
Como assim, que problema?

Diana-
Porque geralmente se ficar andando muito lá, penso, caso as pessoas entrar em contato com a gente, vai querer deportar.

Esse tipo de fechamento próprio do que Bauman (2005) chama de “localidade amarrada”, que é exposto objetivamente nas palavras de Diana “quero ficar mais quieta”, testemunha distorções e injustiças. Os mais pobres acabam viajando às escondidas, sem amparo legal, às vezes pagando por viagens arriscadas e em condições insalubres, “mais do que outros pagam pelos luxos dourados de uma classe executiva, e ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não presos e deportados ao chegar” (*Ibid.*, p.98.). Tal declaração é amparada pela continuação da entrevista com Diana, no recorte seguinte:

(39) Trecho de entrevista com Diana (Jaraguá, 31 de janeiro de 2005)

Diana-
Esse meu ex-namorado ele foi pelo México, aí ele pagou trinta e cinco mil pra levar ele e deixar ele lá dentro da cidade, aí se o pessoal não consegue deixar ele lá, traz de volta sem pagar nada; e eu só vou gastar a minha passagem daqui pra São Paulo por que eles vão pegar eu lá em São Paulo.

Trinta e cinco mil reais é o preço que alguns jaraguenses pagam a atravessadores clandestinos, que se habilitam a levá-lo aos EUA, pela fronteira do México, com a “garantia” de sucesso ou o dinheiro de volta. Muitas são as narrativas de prisão, deportação e até desaparecimento de pessoas que se aventuraram por essas vias.

Os entrecruzamentos entre as narrativas jaraguenses e os discursos acadêmicos sobre a modernidade, que busquei neste final de capítulo, apóiam-se mutuamente, muito embora o discurso do migrante não manifeste esses enlaces diretamente em uma relação de intertextualidade. Ainda assim, refletem-se na fala desses viajantes muitas das questões que Chouliaraki e Fairclough (1999) propuseram dentro da agenda de estudos da ADC. Sobre o dualismo local-global, especialmente, é interessante encerrar esta seção com mais uma referência a Santos (2000), amplamente exposta nos relatos aqui analisados, o entendimento de que, na relação local-global, o primeiro (o local) acaba por ser integrado ao segundo (o global) pela exclusão ou pela inclusão subalterna.

Algumas considerações

Neste capítulo, procurei analisar como o migrante jaraguense estrutura seu discurso sobre migração e de que forma esse discurso se relaciona com outros discursos sobre o tema, sempre tendo como norte a agenda de estudos para a ADC sugerida por Chouliaraki e Fairclough (1999). Nessa investida, Walter Benjamin (1996) foi um autor que apoiou vários momentos analíticos, tanto por sua abordagem crítica, que se alinha aos pressupostos da ADC, quanto pela polêmica relação que o autor identifica entre narrativa e modernidade, temas centrais deste capítulo.

Os relatos jaraguenses são desprovidos de construções imaginativas, daquelas que geram suspense e caminham para desfechos surpreendentes e inesperados. Ao contrário, são relatos bem realistas, de dimensões pouco fantasiosas, com descrições de

labuta, de enfrentamento de barreiras, e humilhação. Não há figuras heróicas, ainda que a ação do migrante demande coragem. Há, ao contrário, uma figura subalterna, que tem que se esconder e camuflar sua identidade.

Não obstante, tal como defende Benjamin (1996) sobre as características da boa narrativa, as estórias têm como componente temático uma mensagem implícita, que se revela para o próprio narrador como uma lição que ele transmite adiante, orientando outros em suas intenções de viajante. Se essa troca de experiências não se repassa na forma de ensinamento moral, no aconselhamento que Benjamin (1996) via no narrador tradicional, e que segundo o autor, seria raro na modernidade, ainda assim, a lição se preserva e é propagada amplamente.

Essa lição subjacente é o elo entre o que Benjamin (1996) vê como a boa narrativa e as narrativas jaraguenses, e é esse elo que desfaz, mesmo que parcialmente, a incompatibilidade entre narrativa e modernidade que o autor tanto critica. Embora, de fato, falte a essas narrativas elementos que atraiam fascínio, deslumbramento e que aticem a imaginação do interlocutor, sua essência volátil, fragmentada e até descontínua liga-se adequadamente ao que determinados autores identificam como características fundamentais da vida moderna (Giddens, 2002). Assim, as narrativas, ao contrário de serem incompatíveis com o momento atual, revelam-se mais como reflexos dessa mesma época, espelhando a fragilidade das relações contemporâneas, o desolamento, o descompromisso, a fluidez e até a má formulação das expectativas de futuro.

Este capítulo, ao se dedicar à fala do migrante jaraguense, oferece uma perspectiva sob o ângulo interno de um grupo de pessoas que se movimenta dentro das novas dinâmicas espaço-temporais do mundo atual. Conforme criticam De Fina e Baynham (2005), na nossa era, discursos públicos, particularmente os da mídia, cada vez mais apresentam esses deslocamentos através das lentes do nacionalismo e de uma

retórica racista, criando atmosferas de pânico social na qual migrantes e refugiados são vistos como ameaça às fronteiras estabelecidas das identidades nacionais. Dessa forma, é muito oportuno ver esses processos de dentro, sob uma análise discursiva capaz de revelar essas pessoas como sujeito e não como objetos, os “Outros” do discurso nacionalista e racista. Foi o que busquei neste capítulo e é o que exploro com foco mais específico, no capítulo seguinte, em que analiso justamente a auto-construção do migrante e a dos “outros”, segundo seu próprio discurso. Passemos então a essas análises.

CAPÍTULO IV

Representação de atores: papéis e identidades

Dêem-me seus cansados, seus pobres. Suas massas em desordem, ansiando por respirar livres. Os infelizes rejeitados de suas costas cheias. Mandem-me esses, os desabrigados, os tangidos pela tempestade. Eu suspendi minha lâmpada ao lado da porta de ouro.

Poema gravado na Estátua da Liberdade em N.Y.

CAPÍTULO IV

Representação de atores: papéis e identidades

É, essencialmente, sobre a auto-representação do migrante, os personagens de suas histórias, bem como seus respectivos papéis e identidades que este capítulo se dedica. Para tanto, as análises são precedidas de esclarecimentos teóricos sobre *representação, atores sociais e papéis*, mediante a apresentação de pressupostos da lingüística e de suas interfaces com outras ciências.

O poema de Emma Lazarus é oportuno ao abrir um capítulo em que se exploram representações e papéis de atores sociais no discurso do migrante. A poetisa lida com seqüências que se encadeiam com certa dramaticidade: *cansados, pobres, massas em desordem, infelizes, rejeitados, desabrigados, tangidos pela tempestade*. Com essas expressões, Emma constrói uma representação dos migrantes e refugiados como atores sociais sofridos, necessitados, mercedores da visibilidade que o poema busca e que acabou por imprimir um significado especial ao monumento para o qual foi composto.

Tal representação estabelece um contraponto com outras imagens desse mesmo ator social. É o caso, por exemplo, daquelas repassadas pela mídia internacional, sobre migrantes na Europa e nos EUA que, segundo van Dijk (1997b), são construídas sob fortes condições de racismo, representando-os basicamente como uma ameaça às identidades nacionais.

Cabe, aqui, registrar que autores como Pastor e De Fina (2005) têm demonstrado a necessidade de se ver esses processos de representação sob a ótica do próprio migrante. Nesses estudos, a atividade reflexiva, que se processa no ato de recontar a experiência pelo exterior, faz das narrativas de migrantes um material particularmente iluminador, uma vez que é através desse processo que membros desses grupos

geralmente fazem sentido dos encontros sociais e conflitos de que participam e enfatizam um senso emergente de suas identidades. Em seus relatos, os narradores redefinem espaços sociais, alocando-se a si mesmos, outros migrantes e seus interlocutores como personagens da história e como interlocutores presentes em papéis sociais que refletem relações de poder e suas agências (Pastor e De Fina, 2005).

É, portanto, sobre essas relações que o capítulo se dedica. As seções analíticas encontram-se estruturadas em função de perguntas norteadoras: a) quem é o migrante em sua própria representação; b) quem são os “outros” com quem interage; c) que papéis e significados todos desempenham nas narrativas de migração. Aproximar respostas a essas questões constitui o propósito das subseções seguintes.

4.1 As narrativas como representação, seus processos e participantes

É como representação que devemos entender o enfoque analítico das narrativas neste momento, razão pela qual proponho de início algumas noções conceituais sobre o tema, seguidas de elementos teóricos que amparam o trabalho analítico com ferramentas mais específicas do campo da lingüística. Em seguida, explico como à luz da lingüística funcional concebem-se as representações por meio de processos discursivos e gramaticais, o que significa focar questões sobre função ideacional, significado representacional e transitividade na linguagem. Na seqüência, esclareço o conceito sociológico de ator social, contrapondo-o a conceitos lingüísticos como os de ator/participante. Por fim, apresento distinções entre papéis e identidades de atores sociais que se destacam nas análises das narrativas.

4.1.1 Campos de estudo da representação

Ao buscar compreender o conceito de representação, foi importante identificá-lo em determinados campos do saber, dos quais busquei apoio prévio para este trabalho. Nesse sentido, menciono Moscovici (1978), que, na Psicologia Social, desenvolve a Teoria das Representações Sociais. Nos Estudos Culturais, Stuart Hall (1999), coloca as representações na base imediata das identidades culturais e políticas. Na Análise de Discurso, Michel Foucault (2005) defende o papel central do discurso nas representações, enfatizando, porém, a forte relação destas com questões de poder. E, dentro do debate pós-moderno, Bourdieu (1998) indica as práticas sociais e as instituições como palco de materialização das representações, sem que estas últimas, no entanto, possuam autonomia com relação às primeiras.

Todos esses autores vinculam o conceito de representação à dimensão coletiva da criação do conhecimento com uma dimensão individual e grupal de reinterpretação ativa desse mesmo conhecimento, rejeitando a lógica da mera reprodução social. Nesse processo, Woodward (2005) enfatiza o papel da linguagem, de outras práticas de significação e sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados são produzidos. Aí, reside a importância da lingüística na compreensão de questões relacionadas.

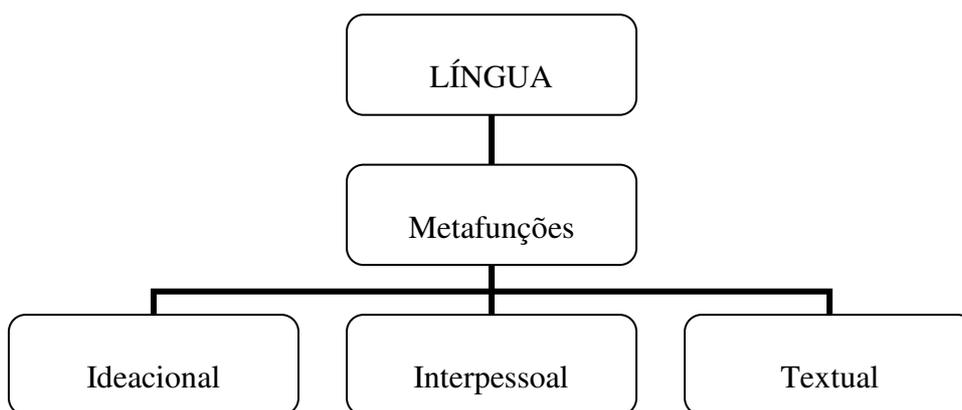
4.1.2 A representação como processo discursivo

Nesta pesquisa, de orientação funcionalista, a representação é um processo no qual eventos, ações, sensações, pensamentos, comportamentos e outras atividades humanas se materializam por meio de uma relação simbólica que envolve muitas escolhas gramaticais e complexos oracionais. Essa representação da experiência, através

de encadeamentos gramático-discursivos, ou aspecto experiencial da linguagem, tem sido tratada na Lingüística Sistêmica Funcional e na Teoria Social do Discurso, dentro das considerações teóricas sobre *função ideacional* da linguagem (Halliday, 1985) e *significado representacional* (Fairclough, 2003). É a partir desses campos teóricos que busco acesso às representações dos migrantes.

Os estudos funcionalistas, por estabelecerem princípios gerais sobre o sistema interno das línguas naturais e as funções sociais, consideram a relação entre as funções da linguagem e a organização dos sistemas lingüísticos com um traço geral da linguagem humana, pois tais sistemas são abertos à vida social. Nesse sentido, Halliday (1985) identifica três macrofunções que atuam simultaneamente na linguagem verbal: *função ideacional* (representa a realidade e a experiência); *função interpessoal* (expressa as relações sociais) e *função textual* (organiza as estruturas textuais). Abaixo represento de forma esquemática a visão tripartite das funções da linguagem, segundo Halliday (1985):

Gráfico 2: Funções da linguagem ,



Para Halliday (1985), a possibilidade de representar o mundo lingüisticamente situa-se na *função ideacional*, na qual se realiza ou materializa o sistema semiótico de um determinado contexto sócio-cultural, por um rol de escolhas lingüísticas envolvidas em um texto. Os significados originários de nosso contexto sócio-cultural são

transformados em significado semântico e, seqüencialmente, transformados em realizações lingüísticas no estrato léxico-gramatical, materializando as representações de nossas experiências.

Em sintonia com a teoria de Halliday (1985), Fairclough (2003) propõe uma articulação entre as funções *ideacional*, *interpessoal e textual* e os conceitos de *gênero*, *discurso* e *estilo*. Para isso, toma como ponto de partida dessa reformulação teórica modificações anteriores (Fairclough, 2001), em que propôs os conceitos de *função relacional*, *ideacional* e *identitária*. Nessa perspectiva, no lugar das “funções da linguagem”, o autor apresenta três tipos de “significados da linguagem”: o *significado acional* (o texto como modo de ação e interação em eventos sociais), o *significado representacional* (texto com representação de aspectos do mundo físico, mental e social) e o *significado identificacional* (texto como construção e negociação de identidades no discurso).

Embora Fairclough (2003) conceba o processo de representação da experiência em termos de *significado representacional*, tanto em sua abordagem como na de Halliday (1985) é importante a noção de contexto na determinação das escolhas léxico-gramaticais. Nesse sentido, Halliday e Hasan (1993) exploram termos como “contexto de cultura” e “contexto de situação”. Para os autores, todo texto se realiza na instância de um gênero particular, sob as condições do contexto de cultura no qual se insere. Do mesmo modo, o contexto de situação alicerça os discursos com base nos tipos de atividades, participantes e circunstâncias, determinando por que certos textos são ditos ou escritos em ocasiões particulares em que outros não se aplicam.

A noção de representação que utilizo nesta pesquisa advém desses campos descritos e o construto teórico que dará acesso ao sistema gramatical onde tais representações se realizam, dentro da função ideacional e do significado

representacional, é denominado de *transitividade* (Halliday e Matthiessen, 2004), termo que caracterizo a seguir.

4.1.3 Representação nos processos de transitividade

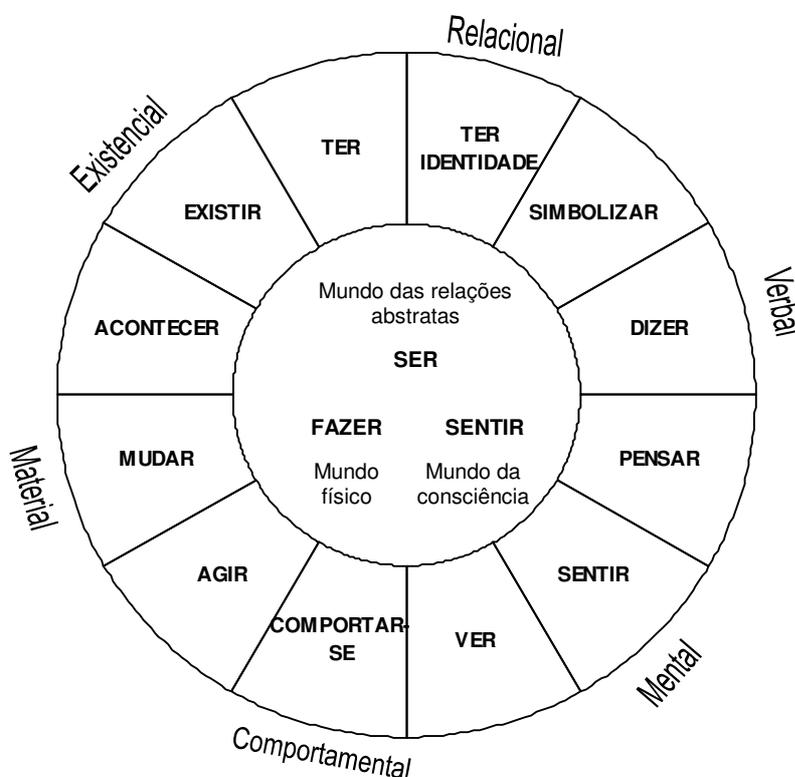
Compreender os mecanismos lingüísticos das representações é essencial para os propósitos desta etapa da pesquisa, em que o mundo do migrante será acessado pelas vias de sua construção gramático-discursiva em processos de transitividade. Sob o ponto de vista da gramática tradicional, a transitividade tem sido tratada como um fenômeno que se inicia no verbo e que termina no complemento disposto à direita. Porém, diferentemente da abordagem tradicional, na LSF, o verbo é um centro dinâmico na frase, caracterizado como um *processo* que especifica os papéis de outros componentes fráscicos, codificando a experiência do mundo, dentro da função ideacional.

Conforme propõem Halliday e Matthiessen (2004), as figuras da realidade ocorrem na oração, construindo a representação de idéias e experiências em *processos de transitividade* que expõem: “quem faz o que para quem em que circunstâncias”. Nesse sentido, os processos de transitividade apresentam três componentes básicos: o próprio processo (realizado pelo verbo principal da oração); os participantes do processo (realizados pelos substantivos e grupos nominais) e as circunstâncias associadas ao processo (realizadas por frases preposicionadas, grupos adverbiais, e alguns grupos nominais).

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os processos têm um padrão universal nas línguas humanas, compondo basicamente três tipos principais: os *materiais*, que constroem eventos pelo uso da energia (ir, vir, trabalhar, morar...); os *mentais*,

relacionados com o mundo da nossa consciência, dividem-se em *cognitivos* (pensar, refletir, entender, acreditar), *perceptivos* (ver, ouvir, cheirar) e *afetivos* (gostar, odiar); os *relacionais*, representando categorias de atribuição e identificação (ser, parecer, tornar-se, ficar, ter, possuir, pertencer). Além desse grupo principal, os autores ainda acrescentam subtipos que compartilham características desses primeiros. Seriam os processos *verbais*, que pertencem ao “dizer” (falar, dizer, conversar, culpar, criticar, pedir, explicar, questionar); os *comportamentais*, tipicamente humanos, fisiológicos e psicológicos (respirar, tossir, sorrir, rir, chorar, cantar, sonhar) assim como, os *existenciais*, expressos pelos verbos haver e existir. A seguir, apresento um diagrama representativo dos tipos de processos que compõem a gramática da experiência, adaptado de Halliday e Mathiessen (2004):

Gráfico 3: Gramática da experiência



A transitividade é a ferramenta analítica usada, aqui, para acessar os tipos de atividades que são empreendidas no discurso do migrante e os papéis dos participantes nas experiências narradas, conforme explicitado mais adiante.

4.1.4 Atores e participantes

Com base nessas experiências narradas, o presente capítulo foca a auto-representação do migrante como personagem de sua história, bem como a representação dos demais atores da narrativa. Nesse sentido, assim como o processo verbal, propriamente dito, os outros componentes da transitividade, tais como participantes e circunstâncias, ajudam a alicerçar as análises, revelando como os atores são descritos, como são classificados e que papéis desempenham nas ações. Como bem observa Fairclough (2003), assim como fazemos escolhas nas representações de processos, selecionamos do mesmo modo os atores sociais que farão parte desses processos.

Na sociologia, autores como Berger e Luckman, (1966) destacam que atores sociais são participantes na formação das estruturas sociais, através de sua prática interativa diária, onde agem com uma gama variada de “outros” para formar a base das instituições sociais e das identidades. Esse conceito associa o ator social a um agente essencialmente humano, representado como indivíduo ou pelas instituições. Na Lingüística Sistêmica Funcional (LSF), contudo, o termo *ator* relaciona-se ao papel gramatical atribuído ao participante de um processo material que executa a ação, como na linha (25) da narrativa de Marcelo, “No meu caso eu ia pra Europa”, que possui dois participantes, “eu” e “Europa”, em que “eu” é o *ator* do processo material “ia”, e “Europa” é a *meta*.

Nesta pesquisa, os termos ator e ator social são usados de forma intercambial, articulando noções sociológicas e as acepções de van Leeuwen (1996) em seu artigo sobre “a representação dos atores sociais”. A importância do estudo do referido autor consiste em relacionar os atores sociais ao contexto sócio-cultural, baseando-se na gramática funcional de Halliday e em especificidades lingüísticas e da retórica, para averiguar como indivíduos ou grupos sociais são incluídos ou excluídos no discurso de modo bastante substancial. Das categorias de van Leeuwen (1996), utilizo a *pessoalidade*, em que o ator é constituído com características humanas; a *impessoalidade*, representado de forma não humana; a *nomeação*, por um nome/pronome; a *categorização*, quando constituído por um substantivo que o categorize em uma classe ou grupo; *ativação e apassivação*, o ator é responsável pela ação ou sofre a ação.

4.1.5 Papéis e identidades

Às categorias de van Leeuwen (1996) também se junta mais uma vez a transitividade, teorizada por Halliday e Matthiessen (2004), categoria funcional, que auxilia na microanálise dos papéis gramaticais dos participantes nos processos. Esses papéis variam segundo o próprio processo. Assim, nos processos materiais os participantes podem ser *ator* ou *meta*; os processos mentais envolvem *experienciador* e *fenômeno*; os relacionais, dependendo do tipo de relação, comportam *portador*, *atributo*, *identificado*, *identificador*, *característica* e *valor*; os verbais envolvem *dizente* e *alvo*; os existenciais envolvem o *existente*; enquanto nos comportamentais o participante principal é denominado *comportante*.

A exploração do papel gramatical dos atores sociais em relação à ação no estrato léxico-gramatical das narrativas é acompanhada do exame das práticas sociais dos participantes envolvidos. Isso é relevante, uma vez que nem sempre há congruência entre os papéis que os atores sociais realmente desempenham e o papel gramatical que lhes é dado nos textos. A abordagem de van Leeuwen (1996), aliada a uma análise dos papéis dos participantes em processos de transitividade (Fairclough, 2003), sugere que as representações podem realocar papéis, rearranjar relações entre atores sociais e vincular identidades.

Essa relação entre papel social e identidade merece alguns esclarecimentos. O conceito de papel social traz consigo a metáfora do palco, em que “atores sociais” representam papéis nos mais diversos palcos da vida: trabalho, amor, família, clube e assim por diante. Já as identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se afirmar que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções (Castells, 1996). Além disso, as identidades ocorrem dentro do discurso de alguém cujo papel social implica uma função.

Essa relação dialética entre papéis e identidades é, portanto, o ponto central das subseções analíticas deste capítulo, em que, por meio de uma análise textual específica, busca-se identificar como os atores sociais, nas narrativas jaraguenses, são observados e interpretados. É o que desenvolvo a partir deste ponto.

4.2 Representações dos “brasileiros” no contexto do migrante

Começarei a exploração analítica, distinguindo os atores sociais que povoam as narrativas e as entrevistas de campo em três grupos principais: brasileiros, estrangeiros e

o próprio migrante jaraguense. Tal divisão segue algumas orientações propostas por De Fina (2000), para quem a identidade étnica é a categoria mais central usada pelo próprio migrante, na sua auto-identificação e na identificação dos outros. De Fina (2000), em sua pesquisa sobre narrativas de migrantes mexicanos nos EUA, explica que em comentários, narrativas de histórias pessoais e argumentações são recorrentes as observações sobre o comportamento de determinados grupos e os julgamentos de valor sobre suas condutas. É aí que se fixam muitos estereótipos sobre como os “brasileiros”, “americanos”, “porto-riquenhos” e outros grupos são.

Essas observações e julgamentos comportamentais compõem uma gama de materiais discursivos que vão constituir as identidades. Assim, tendo em mente que os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e podem falar (Woodward, 2005), vejamos quem são e que posições ocupam os atores sociais representados pelos narradores em seu discurso. Nesta seção, serão explorados o primeiro grupo, o dos brasileiros que, aqui, subdivide-se no grupo familiar, no grupo de amizade, e em um grupo mais geral, o dos “brasileiros no exterior”. A seguir, caracterizo cada um deles.

4.2.1 A família

Praticamente em todas as narrativas coletadas, o migrante faz menções a sua família ou a alguns membros dela, geralmente logo no início, dentro do tópico da ida. Embora essas menções sejam breves, é relevante observar que esse grupo de atores sociais faz sua aparição nas narrativas no momento da partida, quando toda a história ainda está para se desenrolar, como no caso de Patrícia, no recorte a seguir.

(40) Patrícia

- 1 primeiro foi meu **pai** e depois foi eu
- 2 e depois minha **mãe** voltou pra buscar.
- 3 eu trabalhava cedo aqui na prefeitura,
- 4 eu trabalhava à tarde no colégio e estudava à noite
- 5 o que eu ganhava num dava pra mim pagar minha faculdade à noite
- 6 eu estudava em Anápolis
- 7 foi o que mais me motivou a ir embora
- 8 foi as condições de vida

Ao iniciar sua história, Patrícia enfatiza a figura de seus pais logo na abertura, dentro da orientação, os quais são representados de forma pessoal, em que o pai desempenha um papel ativo no processo de ida e a mãe, do mesmo modo, tem sua agência marcada na empreitada de “voltar para buscar”. Logo em seguida, Patrícia vai esclarecer os motivos pessoais que motivaram sua decisão de viver no exterior e, a partir daí, desenrola-se toda uma construção sobre essa experiência. Contudo, ela faz questão de marcar a aparição de seus pais como atores sociais coadjuvantes de sua empreitada, logo no início. É assim com a maioria dos narradores, a família aparece em suas histórias entre as primeiras linhas de suas narrativas, como um ponto de partida. Vejamos o exemplo de Pedro:

(41) Pedro

- 17 a **família** fica querendo que a gente não vai, né.
- 18 mas acabei indo.
- 19 saí daqui para Goiânia,
- 20 peguei um vôo para São Paulo.
- 21 de São Paulo segui para a Espanha
- 22 depois da Espanha peguei outro vôo pro Reino Unido, Inglaterra.

A família de Pedro é representada de forma menos pessoal que a de Patrícia, sob uma categorização que pode agregar vários membros familiares sem, contudo, defini-los. Também os representa com menos agência, como meros experienciadores do processo mental “querer” (que Pedro não se vá). Segundo Butt et. al. (1995), os

processos mentais codificam o mundo interior de nossa consciência, projetando-o para fora, de forma que ele se torne acessível. Nesse sentido, a história de Pedro é bem exemplar, uma vez que seus pais apenas projetam seus desejos, com pouca ou nenhuma capacidade decisiva no ato de ida do filho, como bem mostra o próprio Pedro, que logo contraria as intenções de sua família e “acaba indo” (linha 18). Observamos que é à agência de Pedro que as seqüências seguintes dão ênfase dentro da orientação, todas estruturadas com processos materiais, ou seja, de ação, “saí”, “peguei” o vó, “seguí” pra Espanha, “peguei” outro vó e assim por diante. É curioso que Pedro posicione sua família como ponto de partida de uma história que se constrói à revelia desse grupo. Esse também parece ser o caso de Marcelo, como ilustra o recorte seguinte:

(42) Marcelo

- 8 não é que eu tive que pedir permissão para meus **pais** pra sair...
- 9 não foi nada com uma festa de despedida
- 10 só foi um aviso: “ó to indo embora e pronto!”
- 11 aí eu acho que meu **pai** não concordou muito
- 12 eu vi ele cochichando lá pra **minha mãe**...
- 13 não foi uma pessoa bem da **família** (quem ajudou)
- 14 ele é **casado com minha tia**
- 15 e que me serviu muito mais do que o próprio **pai**

Aqui, o grupo familiar é apresentado de forma mais específica e pessoal, identificando pai, mãe, tia. Porém, à semelhança da representação de Pedro, os atores têm pouca influência na investida do migrante, com atividade apenas mental e verbal “não concordou”, “cochichou”. Ainda assim, mais uma vez aparecem dando início à história, como um ponto de partida. É o que também demonstra o próximo exemplo:

(43) Leda

- 10 porque eu toda vida a **minha mãe** mais **o meu pai**
- 11 foi de paparcá dimais da conta
- 12 então nunca deixava a gente sair pá lugar nenhum
- 13 então eu fui pá busca mais independência, né?

Neste recorte, Leda explicita sua intenção de romper com a influência de seus pais que, segundo ela, sempre a “papuraram” demais. Assim, constrói sua narrativa como uma ruptura, ação materializada no processo material “fui” (pra buscar minha independência). Esse momento de cisão também pode ser depreendido dos depoimentos anteriores, em que a família marca o início das narrativas, como um ponto de partida do qual o migrante se lança em sua aventura mal definida. Vejamos um exemplo retirado de uma das entrevistas com o grupo de apoio:

(44) Trecho da entrevista com José (Danbury, 14 de julho de 2002)

Olha, eu acho ruim, assim... deixar a minha **família**, o meu país pra vir morar aqui nos Estados Unidos. Porque o nosso país tem condição de ser uma grande potência e, infelizmente, alguns imprevistos lá, que tem que deixar o nosso país, **mulher e filho**, os amigos lá e tem que vir para os Estados Unidos trabalhar. Agora, em outro ponto, eu acho muito bom, porque aqui a gente trabalha e ganha muito dinheiro. E a pessoa trabalhando direito, honestamente aqui é...nós temos condições de conseguir o que quer, talvez uma casa, é...carro...uma chácara, que o meu objetivo aqui nos Estados Unidos é juntar dinheiro, comprar uma chácara e ir embora. Viver com a **minha família, meus filhos né?....**

Aqui, vemos a família e seus membros sendo representados basicamente como a meta de processos materiais como “deixar” e “viver”. O papel gramatical dado a esses atores nesse exemplo coincide com o papel que José lhes atribui na sua prática migratória. José os representa como alvo ou meta dos bens que ele pretende adquirir à custa de seu trabalho nos EUA, pois é com vistas na satisfação e bem-estar de sua família que ele justifica sua condição de migrante.

Na maioria dos casos, a família é representada com pouca agência, geralmente desempenhando papéis indiretos e fazendo uma aparição muito breve, marcadamente no início. Não obstante, há também representações desses atores como coadjuvantes mais ativos na empreitada do migrante, como mostram os dois próximos recortes:

(45) Dinis

6 aí, chegou lá em Nova York foi eu e **meu irmão** mas **três parentes meus**

7 um **primo**, o filho do Milton do escritório, uma **prima** da minha mãe e o filho dela.

Nesses extratos, vê-se a família sendo representada como o alvo da saudade do migrante. Em algumas narrativas e principalmente nas entrevistas, essa saudade é associada a fatores como desânimo e até depressão e acaba influenciando as perspectivas de estabelecimento definitivo do migrante no país de destino ou o seu retorno. Em outros estudos sobre migrantes brasileiros, como o de Margolis (1993), a família é analisada como uma instituição de posição estratégica. No exterior, ela reflete o lugar que ocupa na própria cultura brasileira, onde, segundo a autora, o lar e a família extensa protegem vigorosamente seus integrantes, tornando as associações que não se baseiam em relações familiares mais raras.

Esse papel atribuído à família na sociedade brasileira, que Margolis (1993) identifica e contrapõe aos padrões americanos, se revela nas narrativas jaraguenses, em que a família é representada como um ponto referencial, ora como coadjuvante na partida do migrante, ora como a meta beneficiária dos bens que ele pretende ir buscar no exterior ou apenas opinando sobre sua decisão de partida. Seja qual for o papel atribuído à família nas narrativas, sua presença marcada no início das histórias constrói esse grupo social como o grupo de contato prévio do migrante, o ponto de apoio para sua partida.

4.2.2 *Os amigos*

Se a família é um grupo de atores sociais significativo no início das narrativas, um outro grupo que também tem seu papel representado com certo valor é o dos amigos. Esses aparecem com maior frequência em pontos mais adiantados da história, geralmente em momentos difíceis, como na hora de conseguir emprego e moradia, mas

também há casos em que os amigos são mencionados ainda no tópico da ida, como no exemplo abaixo:

(49) Wilson

9 eu e mais **dois colega**
 10 um que é o Divino, meu tio, que conhecia um rapaz que morava no interior de Londres
 11 ele falou que ele podia ir
 12 aí foi eu ele e o **Ailto**

/.../

29 aí que o **Lucas daqui de Jaraguá** foi... foi buscar nós
 30 aí perguntou pra onde nós ia se nós tinha emprego se nós tinha lugar pra ficar
 31 nós falou “oh **Lucas!** nós vai ficar ali na casa **do colega do Divino**”
 32 só que **ele** morava no interior
 33 **ele** não podia buscá nós
 34 **ele** falô “intão vou arrumá uma casa pra vocês”

Aqui, os amigos são nomeados, estratégia que reforça a importância do personagem na narrativa. Eles têm agência marcada em processos materiais como “ir”, “ir buscar”, “arrumar casa”, revelando os papéis centrais que desempenham no estabelecimento do migrante no exterior. Em várias narrativas, o apoio dos amigos é citado em momentos chave, apanhando o migrante nos aeroportos, acolhendo-o em casa, conseguindo emprego e assim por diante, conforme ilustra o trecho da narrativa de Marcelo, a seguir:

(50) Marcelo

78 ai já tinha **amigo** meu lá me esperando,
 79 saí da migração, subi um pouco na plataforma **ele** já tava lá me esperando.
 80 eles me encaminhou pra uma outra cidade
 81 eu dormi em Londres
 82 daí no outro dia já fui pra uma outra cidade
 83 já tinha um trabalho pra mim
 84 com outros brasileiros daqui de Jaraguá
 85 e comecei a trabalhar no dia seguinte.
 86 esse amigo meu que me recebeu lá é o **Adriano**
 87 junto com o **Junior** um que era moto táxi aqui.

Mais uma vez os amigos são nomeados, agregando maior importância ao seu personagem na história. Aqui, também, eles têm um papel ativo, são atores de processos

materiais como “esperar” e “receber” em que o migrante é a meta, o beneficiário da ação. Esses papéis de agentes atuantes no estabelecimento do migrante no exterior, que se revelam nas narrativas, são analisados em outros estudos sobre migrantes brasileiros (Soares, 2003; Goza, 2003) dentro das noções teóricas sobre redes sociais. Tomo o recorte a seguir, que é uma continuação da narrativa de Marcelo em ponto mais adiante, para explicar essa relação:

(51) Marcelo

432 ai tinha um conhecido lá ,né? **brasileiro daqui de Jaraguá** também...
 433 ele morava bem pertinho de lá
 434 aí eu liguei pra ele
 435 liguei pro **amigo meu** da Inglaterra que é mais amigo dele
 436 ai ele ligou pra ele
 437 ai ele foi lá me buscar
 438 ai eu fiquei em Bruxelas

Neste recorte, que reconstrói o momento de reformulação do destino alvo de Marcelo no exterior, após a deportação da Inglaterra, o “amigo do amigo”, que vai socorrer Marcelo, buscando-o em Bruxelas, é classificado como “brasileiro” e especificado como “de Jaraguá”, indicando a rede de contatos que se estabelece no exterior e que dá apoio ao migrante. Segundo Soares (2003), redes migratórias se formam a partir de redes pessoais, que se fundam em relações sociais de amizade, parentesco e assim por diante. O autor explica que uma rede, porém, não é consequência apenas das relações que de fato existem entre os atores, ela é também o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre os atores.

Conforme expliquei no primeiro capítulo, existe uma rede que liga Jaraguá a Danbury, nos EUA, que facilita o trânsito de jaraguenses para aquele país. Tal facilitação se expressa nas narrativas dos que tiveram Danbury como destino, que constroem suas histórias, indicando uma série de situações resolvidas por acordos

prévios que resultam em ajuda na recepção do migrante desde o aeroporto, traslado até Danbury, moradia, mesmo que temporária, e até garantia de emprego. A ausência de laços mais diretos entre os migrantes dos outros destinos é justamente o que forja contatos como o descrito por Marcelo no recorte anterior (50), com um amigo de um amigo, na realidade um desconhecido, que num ato de solidariedade lhe presta ajuda mesmo sem jamais tê-lo visto antes.

É assim que começam a se formar novas redes. No trabalho de campo, alguns candidatos a migrantes que foram entrevistados garantem que já há o estabelecimento de pequenos grupos de jaraguenses em pontos específicos da Europa com Irlanda, Portugal, Bélgica e Inglaterra. De forma curiosa, o trecho a seguir, da narrativa de Bento, respalda essa evidência:

(52) Bento

161 porque o **Wilson**... ele morava na Inglaterra quando eu tava lá em Roma
 162 e ele tinha me falado que por lá ganha mais...
 163 se eu quisesse vir pro Brasil, pra mim passa u'as férias, pra eu não precisá i lá direto
 164 porque eu também não tinha como i pra lá, por causa do meu passaporte
 165 ele me ajudava... depois que eu tivesse aqui ele ia me ajudá a entrá lá

Neste recorte, o amigo nomeado é um outro narrador nesta pesquisa, Wilson (codinome), que faz sua aparição na história de Bento, seguindo o mesmo padrão dos demais exemplos, como agente ativo que orienta e presta ajuda ao migrante. A coincidência nesse cruzamento de histórias demonstra que, apesar dos destinos diferentes, os migrantes mantêm certos laços entre si, indicando vínculos que podem estar tecendo novas redes. Nesse sentido, os amigos, na forma como são aqui representados, constituem um grupo de atores sociais que desempenha um papel fundamental na jornada do migrante e que, ao compor redes intrincadas de relações sociais, alimentam, em última instância, as próprias redes migratórias.

4.2.3 *Os pseudo-amigos*

A teia das relações sociais do migrante com seus pares brasileiros, exposta até o momento, revela atores cujos papéis se orientam para a cooperação e solidariedade com o migrante e que já se situavam dentro de sua própria rede pessoal de antes da partida, basicamente composta pela família e pelos amigos. Contudo, a partir deste ponto, serão introduzidos outros atores, também pertencentes ao grupo brasileiro e que, em alguns casos, igualmente são classificados sob a denominação de “amigos”, contudo, sua representação se orienta por outras vias. Tomo o exemplo a seguir, para o começo das definições sobre esse grupo:

(53) Guido

50 agora cê vê que coisa engraçada...
 51 nesse tempo eu **tinha amigo de Jaraguá** que eu conheci
 52 igual esse rapaz, que eu não vou citá o nome
 53 liguei pra ele e falei assim: “oh! eu tô sem ninguém aqui...”
 54 “num tenho um amigo...”
 55 “oh! eu num tenho nada”
 56 “num sei nem como é que eu ando nessa cidade, Bruxelas”
 57 aí o meu irmão, Nelson, também falou assim: “não, não, não!”
 58 telefonô pra esse rapaz aqui e falô: “não, o meu irmão tá aí... dá uma ajuda pra ele”
 59 ele falô; “não, não, não, eu vou telefoná pra ele agoora”
 60 não, ele deu o telefone dele, eu peguei e telefonei pra ele...
 61 ele falô: “não, gorinha eu tô indo aí te buscano”
 62 “vou te arrumá um lugá pra você ficá aqui, não se preocupa, não”
 64 nunca apareceu!
 65 aí, eu liguei pra ele de novo, e ele disse:
 66 “não, num fui aquele dia mas hoje eu vou”
 67 NADA!

Os amigos, conforme mostrei no tópico anterior, são muitas vezes nomeados. Já os atores desse grupo o migrante prefere manter no anonimato. Ao contrário também da representação anterior, esses “amigos” têm sua agência limitada a papéis como o de dizente em processos verbais em que o migrante é o alvo não de suas ações, mas apenas de suas palavras. É o que indica Guido nas linhas 61 e 65, “ele falou”, “ele disse”, e é o

que confirma Wilson no trecho abaixo, que incorporo nesse momento para dar continuidade aos comentários que venho tecendo:

(54) Wilson

- 26 porque **o rapaz** que falô que ia buscar nós no mesmo dia não foi
 27 demorou três dias nós já tava ficano sem dinheiro pra pagar o hotel
 28 já tava na... como se diz... no desespero já

Aqui, novamente, o ator faz sua aparição de forma pessoal, porém sem nomeação, sendo identificado com o “o rapaz que falou que ia buscar” o migrante. Nos dois recortes que tomei como exame, o papel do ator é sempre o mesmo de dizente. Um dizente, no entanto, em cujas palavras o migrante não pode confiar, uma vez que ele não as cumpre. Conseqüentemente, ao contrário do outro grupo de atores, também classificado de amigos, mas cujo papel é central no estabelecimento do migrante no exterior, esse outro grupo representa um fator de complicação na sua jornada. Não nos surpreende que ele faça sua aparição nas narrativas justamente dentro das cláusulas de complicação, conforme o trecho que recorto logo abaixo, retirado de uma sessão inteira de uma das complicações da narrativa de Bento:

(55) Bento

- 30 e **essa mulher** tinha prometido pra nós casa e serviço
 31 e eu fui confiante nisso
 32 chegô lá ela... tava brigado com **o cara** que ia dá a casa pra nós morá
 33 e num tinha serviço nenhum
 34 deixô nós como se fosse na rua da amargura né
 35 ela pegô... a única coisa que ela féis de bom lá pra nós foi arrumá um hotel pra não deixá nós dormi na rua
 36 eu não sabia falá nada... não entendia nada
 37 cumé que fazia num país que você não entende nada?
 38 cê fica meio perdido
 39 feiz a reserva no hotel, ficamo dois dia no hotel
 40 e procurano desesperado **esse cara** que ela tinha falado pra nós
 41 que era pra ligá pra ele que ele que ia dá uma casa
 42 beleza! fiquei ligano dois dia pra **esse cara**
 43 até que eu recebi um nome
 44 ele pegô desconfiado... falô assim: “oh se vocês fô amigo da Maria...”

- 45 no caso que ia recebê nóis lá
 46 “eu não aceito ocêis dois aqui em casa!”
 47 beleza! eu peguei e falei assim: “oh!... então se você confiá na minha palavra...”
 48 “ce me recebe na sua casa que eu quero conversá com você pessoalmente”
 49 me recebeu na casa dele... conversô comigo
 50 e falô que não era por aquele motivo de nós sermos amigos da Maria...
 51 é porque eu não quis... pagá pra ele me buscá no aeroporto...
 52 por isso que ele não queria me receber na casa dele

Os atores, aqui, personalizados como “essa mulher” e “esse cara”, são mais uma vez identificados com processos verbais como “essa mulher que tinha prometido” e “esse cara que ela tinha falado pra nós”. São novamente os emissores de palavras e promessas não cumpridas que resultam nas complicações narradas pelo migrante, e que os leva ao sentimento de chegar no exterior e ficar “na rua da amargura”, para usar a mesma expressão metafórica de Bento.

Esse último recorte é oportuno não apenas à revelação do perfil desse ator que venho desenvolvendo, como já introduz alguns traços do caráter atribuído ao próximo grupo que examino na seqüência.

4.2.4 *Brasileiros no exterior*

Todos os atores até aqui analisados mantêm entre si o traço comum de membro da comunidade “brasileira”, dividindo, portando, os significados que constroem essa identidade, independente do papel que desempenham nas histórias do migrante, como familiares, amigos ou outros laços. Conforme argumenta Ortiz (1985, p.7), “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”, de forma que no exterior, em contato com “outros” diferentes, nossas singularidades criam maior evidência, como num espelho que clareia nossa auto-imagem. Nesse sentido, os relatos jaraguenses, férteis em representações sobre si mesmos e sobre seu grupo étnico nos países de destino, são muito produtivos para o debate sobre construções do tipo que

alguns intelectuais brasileiros buscam sob o título de “caráter brasileiro”. Desenvolvo essa questão a seguir, retomando a narrativa de Bento com trechos que completam o recorte anterior:

(56) Bento

- 53 aí já começa bem a exploração também... não é?
 54 ajuda... mas não conhece... então só se for a custa de DINHEIRO!
 55 em relação a isso aí ...que eu.... que quero falá também
 56 a até u’a boa... são a convivência dos **brasileiro fora do país**
 57 que pra mim.... no meu ponto de vista
 58 **são o povo mais desunido que tem**
 59 porque toda a outra raça que você vê lá
 60 de marroquino, indianos, japoneses, tudo...
 61 todos! você vê nu’a harmonia boa
 62 num vê briga entre eles...
 63 mas a raça **brasileira, fora do país, é a pior do mundo**
 /.../
 82 E só porque ele (patrão) sabia que por eu ser brasileiro e não tinha documentação...
 83 e ele, por tá mais tempo lá e tinha documento e tudo...
 84 ele sabia que eu não podia fazê nada contra ele
 85 isso aí que é que eu falo pra você
 86 que **os brasileiro que estão fora lá são todos desunidos**
 87 **eles querem mais é ferrá com os outros brasileiro que chega...** os novato
 88 É só.... mais nada! eu conheço vários e vários casos lá... desse lá
 /.../
 116 saí! fui morá com um casal de **brasileiros** que me falaro que iam me ajuda
 117 que eu podia confiá neis que não ia fazê sujeira comigo nunca
 118 e a desculpa que eis... e eis me cobrano trezentos e cinqüenta euros de aluguel!
 119 na outra casa eu pagava cento e oitenta! e eis me falaro que eu pagano esse preço e tal... que era só
 um quarto... só meu... que eu podia ter liberdade e tudo
 120 pra começá liberdade eu não tinha
 121 **a mulher dele era u’a cobra**
 122 nunca vi gostá de gritá e querê sê a dona da razão com tudo!
 123 que a casa era dela.... que eu também tinha que obedece
 124 como se eu fosse um empregado dela ali dentro!
 125 e depois eu descobri... que a casa que eles morava, eles pagava quatrocentos e cinqüenta de aluguel
 na casa por mês
 126 e eu já tava pagano trezentos e cinqüenta só do quarto que eu tava morano
 127 ficava cem reais, cem euro pros dois dividi
 128 depois que eu descobri isso, eu fiquei só mais um mês e saí

Observamos que nas análises até aqui levantadas, os processos mais eminentes nas construções dos atores sociais são os materiais, mentais e verbais. Nesse momento, contudo, conforme ilustra o longo trecho da narrativa de Bento, começam a figurar predominantemente processos relacionais, ou seja, aqueles que segundo Butt et. al. (1995) decodificam a relação entre participantes e seus perfis ou identidades. Assim,

esse novo grupo de atores, identificado com os “brasileiros que estão fora” (linhas, 56, 63 e 86), é construído com esse tipo de processo que, essencialmente, relaciona os modos de “ser” do participante. Nessa narrativa, esses atores figuram como portadores dos atributos, “desunido” (“*são o povo mais desunido que tem*”, linha 58), “ganancioso” (“*ajuda... mas só se for a custa de dinheiro*”, linha 54) e como o identificador de “pior raça do mundo” (linha 63). Vejamos mais um exemplo:

(57) Dinis

142 e igual **brasileiro lá** também... **são muito grilado** essa questão aí...
 143 **é um quereno comê o outro**
 144 não existe esse negócio de companheirismo
 145 companheirismo na hora da farra...
 146 aí todo mundo é bão
 147 mas em questão de sirviço... lá dentro se um tá creceno lá dentro do sirviço
 148 eles num aceita
 149 os brasileiros mesmo
 150 **é um quereno queimá o outro pro patrão**
 151 **é um quereno que o outro se dá mal**
 152 e é assim, cê entendeu?

Novamente observamos o ator categorizado como “brasileiro” e identificado com um advérbio de local “lá” (linha 142), referindo-se a “lá fora”, como em “brasileiros que estão fora”, do exemplo anterior (56), marcando uma contraposição indireta com os “brasileiros no Brasil”. Da mesma forma, vemos processos relacionais que agora constroem esse ator como o portador do atributo “muito grilado” (linha 142) e com os identificadores “um querendo queimar o outro” (linha 143) e “um querendo que o outro se dê mal” (linha 151). Esses são atributos e identificadores muito negativos e que constroem uma imagem ou uma identidade étnica desses “brasileiros lá fora” com predicados altamente depreciativos. Passemos a mais um recorte:

(58) Wilson

133 igual o meu amigo falô **os brasileiro** lá fora é foda
 134 **os brasileiro** lá fora não têm união
 135 é o povo mais desunido
 136 o que eles pudé fazê pra te prejudicá eis faiz
 137 não sei... eis fala ...
 138 os ingleses fala que o povo brasileiro não são unido lá fora, por exemplo:
 139 se você tá subindo de cargo parece que eles fica com inveja por alguma coisa e
 140 se você tiver ilegal é onde eles mandam migração te deportá
 141 eles nunca qué ti vê bem
 142 eles qué ti vê sofrendo
 143 igual eu te contei que eu fui deportado, pode ter sido denúncia

Neste recorte, novamente sobre “os brasileiros lá fora” recai uma identificação negativa: “não têm união” (linha 134). Na seqüência, a construção é reforçada por outro processo relacional em que esse mesmo ator é mais uma vez o portador do atributo “desunido” (linha 135), como na narrativa de Bento (56). Coincidentemente, a desunião é uma marca negativa detectada pela pesquisadora Margolis (1993) em seu trabalho sobre brasileiros nos EUA e, em meu próprio trabalho anterior sobre jaraguenses em Danbury (Freitas, 2005), a desunião já era uma das principais queixas dos entrevistados com relação a seus conterrâneos.

A questão da desunião do brasileiro se associa muito a um discurso já preexistente no próprio Brasil, e que parece ter-se transferido para o exterior, operando igualmente no âmbito da comunidade étnica. Aparentemente, muitas seqüências depreciativas das narrativas ligam-se a construções sobre a capacidade do brasileiro, aqui mesmo, no Brasil, como identifica Lucas (2002) no próprio anedotário nacional que, segundo o autor, por seu caráter depreciativo, constitui vibrante indicador do despreço que o nosso cidadão alimenta a respeito de si mesmo e das possibilidades do país.

Muitas das sentenças depreciativas referentes ao perfil dos brasileiros, nos recortes analisados, são realizadas com processos mentais, aqueles que projetam nossa consciência interior e não necessariamente os acontecimentos do mundo material.

Assim, as projeções do último recorte constroem um brasileiro que “fica com inveja” (linha 139), “nunca quer te ver bem” (linha 141) e “quer te ver sofrendo” (linha 142). Essas são projeções imaginadas e não necessariamente concretizadas. Contudo, a elas se prendem argumentações embasadas em relatos de fatos que se dirigem a justificar a idéia depreciativa do caráter brasileiro no exterior. Esses argumentos estão presentes nos recortes anteriores e disponibilizo, agora, mais um exemplo:

(59) Guido

80 e esse cara... e os portugueses...esses empresário lá é o seguinte, portugueses e brasileiro
 81 eles... **você trabalha pra eles e eles não te pagam certo**
 82 **e nem te pagam na hora certa**

/.../

90 e aí, quando eu comecei trabalhá
 91 eu aí comecei a ganhá dinheiro
 92 veio uma coisa...que é muito comum lá... o calote! os portugueses e os próprio patrões Brasileiros...
 93 **você trabalha um mês, quando você vai receber eis pagam quinze dias**
 94 aí...depois, você volta pra receber, eis falam assim: “oh, cê some daqui senão eu mando a polícia lá na sua casa e ti pega!”
 95 aproveita da gente!
 96 isso aí é coisa lá que isso acontece

Neste recorte, o migrante constrói uma representação sobre as relações de trabalho entre migrantes e patrões brasileiros, ao que ele acrescenta o personagem do patrão português. Essa representação estabelece uma relação entre os participantes, migrante e patrão, em que os primeiros são o ator do processo material “trabalhar”, e os segundos são o alvo, “você trabalha para eles” (linha 81), “você trabalha um mês...” (linha 93). Quando essa posição se inverte, e os patrões passam a ser os atores do processo de “pagar”, o migrante é o alvo do que ele chama de “calote” (linha 92). Essa e outras representações presentes nos exemplos deste tópico vinculam a falta de caráter do grupo no exterior.

A personificação do povo brasileiro como aquele que escarnece solenemente a lei, renega o espírito público e gosta de levar vantagem em tudo, é estudado por

Kujawski (1997) como uma espécie de arquétipo cultural brasileiro. Como bem afirma Hall (1999, p.50), “uma cultura nacional é um discurso_ um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Nesse sentido, Ortiz (1985) e Kujawski (1997) destacam a influência de certos discursos intelectuais, entre eles o de Mário de Andrade, em seu personagem Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, como discursos que reforçam esse imaginário depreciativo.

Para Ortiz (1985), a procura de uma “identidade brasileira” ou de uma “memória brasileira” que seja em sua essência verdadeira é na realidade um falso problema. Como ele mesmo argumenta, “memória nacional e identidade nacional são construções de segunda ordem” (*Ibid*, p. 138). Ao tratarmos, aqui, de uma possível identidade étnica brasileira, que estaria em incipiente processo de construção no exterior, principalmente nos centros com grande concentração de migrantes brasileiros, estamos em contato com um discurso que pré-existe na identidade nacional e que parece transferir-se junto com o migrante.

As argumentações dos migrantes jaraguenses, em que são descritos os atos de fato empreendidos por seus pares no exterior, desfazem a noção de que essas construções sejam apenas uma miragem discursiva, o eco de um discurso nacional que teria migrado com eles. Os argumentos, na verdade, são bem contundentes na maioria dos casos. Contudo, ao definir seus conterrâneos com atributos tão depreciativos, o migrante parece se esquecer de que é basicamente pela aproximação com outros brasileiros que ele consegue apoio para sua jornada migratória. É a ajuda de amigos, parentes e algumas vezes de desconhecidos que já se estabeleceram no exterior antes dele, como foi visto em tópicos anteriores, que torna possível seu próprio estabelecimento nesses países.

Tais contradições demonstram que a questão da identidade étnica dos brasileiros nos exterior merece outras considerações para além das aqui expostas. Desse modo, ao encerrarmos esta primeira seção, a questão continua na pauta de outras subseções ao longo do capítulo, conforme vemos já no próximo tópico.

4.3 Representação dos “outros”: os estrangeiros

Um dos pontos de partida para as próximas explorações reside na seguinte afirmação de Sales (1999, p.169): “a identidade é um processo complexo, e passa por etapas diferenciadas, onde o contato com o ‘outro’ diferente é um elemento importante para definir o ‘nós’ próprio”. Assim, é fundamental examinarmos as percepções dos migrantes em relação a esses “outros” que lhe proporcionam a diferença. É o que faço a seguir, em três subseções, onde os estrangeiros são divididos segundo suas posições sociais em relação ao migrante, quais sejam: oficiais de migração, grupo local e outros estrangeiros.

4.3.1 *Oficiais de migração*

Ao desembarcar em seu destino almejado, o migrante tem que se dirigir a uma autoridade local, o oficial de migração. Esse, portanto, é o primeiro ator social, membro do grupo estrangeiro, com quem o migrante interage e, por isso mesmo, é eminentemente dentro do tópico da chegada que esse ator faz sua aparição nas narrativas, conforme mostra esse primeiro exemplo:

(60) Dinis

- 8 a sorte é que a prima da minha mãe já tinha morado lá
 9 e o filho dela sabia um pouco falar Inglês
 10 porque a gente lá em Nova York, a gente tem uma outra barreira pra gente passar
 11 tem um outro guichê que a gente precisa passar e vê o passaporte da gente, visto, essas coisas...
 12 aí o menino mesmo dela que na época tinha uns nove, nove anos só, é que **conversou com o cara que estava entrevistando a gente**
 13 e sem dificuldade nenhuma a gente passou
 14 só o papel, o passaporte meu junto com o do meu irmão, tudo junto com o dela lá e **o cara olhou** que era tudo parente e tal... que veio passar uns vinte dias aqui
 15 falou o nome do hotel, só **carimbou o visto da gente, o passaporte e deixou a gente entrar**

Nesse recorte, o oficial de migração aparece personalizado como o “cara” e identificado como o “que estava entrevistando a gente”. Sua representação é efêmera e direcionada a mostrar que, contrariando as expectativas, a entrada foi rápida, tranqüila e, enfim, bem sucedida. Seu papel é o de avaliar, “o cara olhou que era tudo parente...” (linha 14), carimbar o visto, “carimbou o visto da gente” (linha 15) e deixar entrar ou não, “deixou a gente entrar” (linha 15). A efemeridade desse contato é desejada, uma vez que esse momento para o migrante, de tensão e receio de não aceitação, é algo do qual ele espera se livrar o quanto antes. Por isso, quanto mais rápido o contato com o oficial, melhor. Mas nem sempre isso acontece assim, de forma tão desprovida de embaraços, vejamos um outro recorte:

(61) Renato

- 50 **me comuniquei através de mímicas, com o rapaz do guichê...**
 51 quando **ele percebeu que eu não falava inglês...**
 52 **ele procurou achar alguém por ali que falasse português e espanhol...**uma segunda vertente para a comunicação
 53 fiquei quatro horas no Aeroporto procurando alguma pessoa que soubesse falar português de confiança deles
 54 que não podia ser qualquer um
 55 por volta de dez horas da noite...
 56 isso eu chequei às quatro e fiquei até às dez horas da noite, esperando alguém para a comunicação
 57 **eles conseguiram falar** com uma portuguesa por telefone
 58 nós nos comunicamos e eu **fui liberado para o Reino Unido com o visto de seis meses como turista.**

Nessa seqüência, mais uma vez o ator é personalizado e identificado, dessa vez como “o rapaz do guichê”. Esses seguimentos constituem um daqueles momentos de complicação das narrativas, um ponto de suspense (Labov, 2006), seis horas de espera, conforme narra Renato (linha 53), de repente um contato confiável por telefone com uma tradutora improvisada e, afinal, a liberação do visto de seis meses! Vê-se que a ênfase das seqüências é na situação de expectativa, imposta por um sistema de controle internacional que sanciona os limites do trânsito dito global. A figura do oficial é, nesses moldes, a personificação desse sistema. Passemos a mais um exemplo:

(62) Marcelo

52 daí chegando lá que era o mais difícil
 53 por que o meu objetivo final seria entrar na Inglaterra
 54 eu só entraria na Inglaterra depois que eu passasse pela **migração**,
 55 então depois que eu passasse pela **migração** eu taria na Inglaterra.
 56 ai como a sorte tava mesmo do meu lado
 57 tudo tava dando certo ate então...
 58 daí tinha um **rapaz bem moreninho acho que africano**
 59 que trabalha lá e **começou a fazer pergunta pra mim**
 60 e eu não entendia nada,
 61 antes eu já tinha entrado no portão da comunidade
 62 sem saber por que é um portão da comunidade européia
 63 que só mostra a identidade e passa e outro para os estrangeiros
 64 ai eu vi que tava errado e passei pro outro lado,
 65 a mesma coisa do aeroporto daqui de são paulo;
 66 e daí **ele perguntava** as coisas lá e eu não falava nada,
 67 por que eu não sabia as coisas em inglês,
 68 **ele dizia** “money” dinheiro
 69 essas coisas ai eu disse que tinha e ia abrindo a carteira ,
 70 **ele disse** não precisa.
 71 **perguntou** do hotel
 72 ai eu disse que não fiz um gesto lá que tava ficando muito caro.
 73 sei lá eu acho que tudo foi de sorte mesmo,
 74 por que é muito difícil você entrar na Inglaterra,
 75 se você não constatar que você realmente é turista .
 76 ai **carimbou meu passaporte** com um visto de seis meses
 77 apenas para passeio como turista e pronto

Aqui, pela primeira vez nas análises, um ator faz sua aparição de forma impessoal, dissociada do traço humano, transformado em objeto sob a generalização de “migração” (linhas 54 e 55). Segundo van Leeuwen (1996), esse fenômeno, que ele

chama de objetivação, termo por mim traduzido do inglês *objectivation*, acontece quando atores sociais são representados por meio de referência a lugar ou coisa facilmente associada tanto com suas pessoas ou com as atividades em que essas se engajam. Vê-se, no recorte anterior (62), que tal objetivação capta melhor a associação desse ator ao sistema que ele personifica. A breve personalização na linha 58, sob a identificação física “um rapaz bem moreninho...”, não desfaz essa evidência. Conforme van Leeuwen (1996), esse tipo de representação carrega determinadas conotações que classificam os atores atribuindo-lhes uma identidade temporária, justamente quando essa lhes falta. Assim, o “rapaz bem moreninho” apenas dá um rosto momentâneo à “migração”, que o é verdadeiro ator por trás dele. Tomo um último recorte para a complementação de minhas exposições:

(63) Wilson

89 aí trabalhei nesse lugar quatro meses
 90 **fui deportado!**
 91 **a migração foi lá e deportou nós todos**
 92 **deportou eu** na cozinha
 93 **deportou eu** e mais três amigo

/.../

148 **fiquei preso**
 149 **fiquei dois dia preso**
 150 **preso** mesmo **a gente vai preso** pra jaula mesmo
 151 **fica preso** só com a roupa do corpo
 152 **não deixa** a gente fazer nada
 153 esse trem ... isso vai ficar na cabeça da gente pro resto da vida
 154 isso não muda, isso não muda

A migração, aqui, é um ator sem rosto, mas de grande agência em relação ao migrante, ela o “deporta”, “prende” e não o “deixa fazer nada” (linhas, 91, 150 e 152). O processo de apassivação na linha 90, “fui deportado”, reforça o próprio caráter passivo do migrante, que se representa como um alvo impotente. Observa-se que, mais uma vez, o ator faz sua aparição em uma das complicações da narrativa, que neste exemplo é introduzida de forma abrupta, quebrando surpreendentemente a seqüência

narrativa, “trabalhei nesse lugar quatro meses, fui deportado!”, e criando aquele momento em suspenso caracterizado por Labov (1972).

Esse fator de complicação é diretamente associado à “migração”, na figura de seus oficiais, que são, em geral, os atores sociais de primeiro contato do viajante no exterior. Medo e apreensão são os sentimentos que a ele se prendem na chegada e que vão permanecer como um espectro nebuloso, assombrando sempre o migrante. As metáforas de Bauman (2005) sobre os turistas e os vagabundos e seus trânsitos diferenciados, que abordei no capítulo anterior, suscita muitas críticas sobre o papel desse ator social que, para o migrante, personifica o próprio sistema de controle internacional de pessoas pelo mundo dito global com suas arbitrariedades e injustiças.

4.3.2 O grupo local

Uma vez desembaraçados os trâmites legais com os oficiais de migração, o contato, propriamente, com o grupo local começa quase sempre no trabalho. Não nos admira que esses atores sejam representados nas narrativas, geralmente, no papel de patrões ou colegas de serviço. Conforme esclareceu De Fina (2000), que migrantes tendem a identificar os outros e a se auto-definir pela categoria étnica, nas narrativas, é fundamentalmente em torno das classificações como americano, inglês, italiano e assim por diante, em contraposição a brasileiros, que os atores são representados. O primeiro recorte traz essa evidência logo no início:

(64) Bento

147 o **italiano** era uma pessoa que **sabe tratá bem os estrangeiro**

148 apesar que **eles são um pouco racista** com o povo de países de lá mesmo

149 não aqui, com nós brasileiro

150 mas com o povo indiano, marroquino

151 eles, sim, são um povo mal visto pelos italiano

- 152 agora, o povo brasileiro, em relação com... **os italiano com o povo brasileiro... eu acho que não tem nada a recramá**
 153 que sempre que eu trabalhei com italiano, ou eu fui fazer... com italiano que seja... **nunca foi de falar mal, agredir**
 154 ou de querer ser o maioral só porque nós tamo num país dele pra trabalhá
 155 apesar que sempre a exploração tem...
 156 **que por você ser brasileiro, você num recebe o que um italiano dali recebe**
 157 **nós fazemo os serviços que eles não fazem**
 158 **mas recebemos menos dos que os que moram lá**

Neste trecho, Bento, o migrante jaraguense que viveu em Roma por dois anos, antes de se mudar para Inglaterra, onde vive atualmente, representa o grupo local com a classificação “o italiano” e o personaliza ainda mais, identificando-o como “uma pessoa...” (linha 147). Observa-se que Bento começa a construir o “italiano”, dentro de um processo relacional em que esse ator é o portador do atributo “sabe tratar bem o estrangeiro”. Este último é representado sob uma classificação que reúne grupos étnicos variados, mas que dividem entre si não apenas nacionalidades diferentes, mas principalmente o traço de trabalhador e migrante. Contraditoriamente, logo em seguida, Bento usa o mesmo processo relacional atributivo, só que agora para caracterizar o “italiano” como racista, “apesar de que eles são um pouco racista com o povo de países de lá mesmo” (linha 148). Esse “povo de países de lá mesmo”, indianos e marroquinos, ele identifica em relação aos brasileiros, os “daqui”, que ao contrário dos primeiros não são mal-vistos.

Percebe-se aí uma argumentação confusa, mal-formulada. Na continuação de seu relato, Bento tenta esclarecer que o italiano não é racista com os brasileiros, apontando como boa conduta o fato desses não “falarem mal” nem “agredirem” os brasileiros. Mas ele logo desfaz seu comentário, lembrando que brasileiros recebem menos que os italianos, fazendo os mesmos serviços. Bento, constrói a noção de racismo com processos verbais, “falam mal e agridem”, que são menos concretos que os processos materiais com que constrói o caráter explorador do italiano. Bento parece não relacionar

exploração a racismo propriamente. No próximo recorte, vemos mais um exemplo de conceitos difusos:

(65) Trecho da entrevista de Ana (Danbury, 16 de julho de 2002)

...As mulheres que eu trabalho, elas ligam, se eu não der conta de... quando elas aumenta muito o assunto, sabe...(risos)...tem horas que elas falam tanto na cabeça...elas são...na verdade **elas são muito solitárias** e... **aqui eles não são amigos**. Cê passa, entra e sai do serviço, entra sozinha, sai sozinha. Então quando a gente chega **eles querem...sabe...conversar com a gente**. Algumas clientes tão em casa quando a gente vai lá. Eu já tenho quase quatro anos que eu faço uma casa **eu vi a dona da casa um ano depois, o marido eu nunca vi**. Eles têm uma confiança muito grande na gente. Por isso que eu falo pra você, **aqui, a gente não sente discriminado. Se eles confiar em você, eles são seus amigos**. Eu chego, a casa...a porta tá aberta ou a chave tá lá pra mim, faço a limpeza saio, nunca mais vejo ninguém...

Neste extrato, Ana, migrante jaraguense que viveu em Danbury, fazendo serviços de limpeza por seis anos, caracteriza o grupo local com base em sua experiência com as donas das casas para quem trabalhou. Essa construção é feita com o processo relacional que atribui às patroas americanas um caráter solitário, “elas *são* muito solitárias”. Tal avaliação é constante nas entrevistas com os jaraguenses nos EUA e foi, igualmente, detectada por Menezes (2002), em seu estudo sobre brasileiros em Danbury. Para o autor, essa percepção é fruto de uma leitura brasileira que condena o individualismo americano e que compromete o entendimento sobre o modo de ser desses últimos.

Não me cabe, aqui, discutir os efeitos do individualismo sobre a sociedade americana, nem tampouco investigar seu caráter solitário. O que me chama mais atenção no relato de Ana são suas contradições. Ao mesmo tempo em que afirma a necessidade dos americanos, no caso suas patroas, de conversar com ela, “quando a gente chega, elas querem conversar com a gente”, imediatamente apresenta o fato de, na maioria das vezes, entrar e sair sozinha das casas, a ponto de ter visto os patrões apenas uma vez em quatro anos. Na seqüência, Ana interpreta essa situação positivamente, como uma demonstração de falta de discriminação, pois, ao contrário do que se

esperaria da relação empregado-patrão no Brasil, lá, os americanos entregam-lhe suas casas sem nenhum receio, depositando-lhe inteira confiança.

Há muitas questões aqui implicadas, por um lado, há uma projeção dos preconceitos alimentados ainda no Brasil sobre a relação patrão e empregado doméstico, em que pesa sobre os últimos uma desconfiança, ainda que velada, sobre furtos e outras condutas desonestas. Há também, por outro lado, uma compreensão limitada sobre discriminação, associada a atos de agressão mais explícitos, como a violência verbal e até física. Sem perceber que a discriminação está ligada às poucas chances que o migrante tem de se relacionar com o grupo local em condições de igualdade, no plano econômico e social, muitos migrantes vão-se deixando levar pela ilusão de que não são atingidos pelo problema. O recorte seguinte dá continuidade às análises, apoiando essa interpretação:

(66) Patrícia

90 tem... é lógico que tem casos que tem exceção, né?
 91 igual eu tive muitos americanos...
 92 **tem muitos americanos que odeiam migrante**
 93 **e faz de tudo pra prejudicar migrante**
 94 eu particularmente num tive problema
 95 porque todas as pessoas que convivi
 96 **foram pessoas boas, boas de coração**
 97 o americano se você chega na casa deles
 98 você chegou lá agora
 99 a gente vai primeramente pra trabalhá
 100 aí lá ele tem um monte de coisa que ele não usa
 101 que fica lá encostado
 102 ele pergunta se você qué
 103 mas ele te PERGUNTA se você qué
 104 mas se você não quisé... pra você não ficá ofendido..
 105 ce tá entendeno ?
 106 eles te ajudam

Neste relato, Patrícia admite casos de xenofobia, mas não os identifica em seu convívio. Ao contrário, ela enfatiza a bondade do americano e sua habilidade em ajudar o migrante sem ameaçar sua dignidade, e sem enfatizar as assimetrias de suas relações,

“... ele tem um monte coisa que ele não usa...” (linha 100), “... ele pergunta se você quer” (104), “... pra você não ficar ofendido” (104). As seqüências argumentativas demonstram as estratégias de polidez dos americanos, e seu intuito de preservação da face do migrante. Sobre a polidez, Fairclough (2001) alerta que ela incorpora implicitamente relações de poder particulares e colabora para a reprodução dessas mesmas relações. Nesse caso, a polidez consegue mitigar a posição discriminada que o migrante ocupa na sociedade local.

De modo geral, os migrantes jaraguenses tendem a representar o grupo majoritário dos países de destino com certa admiração, respeito e até condescendência em casos de discriminação. O atributo principal que identificam tanto nos americanos quanto nos belgas, ingleses e italianos é o de povo “bem-educado”. Discriminação é um fator mencionado, quase sempre para ser negado, pois é um elemento associado a casos de agressão e intolerância explícita, como se essas fossem as únicas formas de manifestação do problema. A evidência concreta de que migrantes são geralmente mais pobres que a média da população local, e vistos como não completamente integradas à sociedade, é mitigada pelo efeito que a polidez tem de conquistar a simpatia e até a admiração do migrante.

4.3.3 Outros estrangeiros

Atualmente, a diversidade étnica e cultural dos grandes centros cosmopolitas é um elemento do interesse acadêmico em geral, especialmente para debates sobre multiculturalismo, relações inter-étnicas e assim por diante. Todos os contextos de chegada dos migrantes em suas narrativas são cenários de grande concentração de grupos de origens variadas. Não obstante, a menção desses “outros” atores é a menos

frequente nas narrativas e talvez a mais efêmera. Essas raras aparições, mais uma vez, estão ligadas ao contexto de trabalho do migrante, conforme o recorte seguinte:

(67) Marcelo

141 ai o que acontece
 142 você vai **fazendo amizade com poloneses,**
 143 tem muitos **poloneses** lá na Inglaterra...
 144 cidade européia agora esse ano, então
 145 agora tem muito mesmo lá
 146 só por que agora já não interessa tanto pra eles
 147 por que na medida que um país entra pra comunidade a mais ou menos
 148 iguala o nível social,
 149 então agora já não compensa tanto pra eles sair pra ganhá dinheiro.
 150 só que **a maioria deles tavam lá pra ganhar e gastar, sabe?**
 151 e **pra viver e aprender mais a língua,**
 152 é difícil encontrar um **polonês** que não fala o inglês fluente
 153 então a maioria deles **diziam estar lá pra adquirir algum dinheiro**
 154 e **aperfeiçoar a língua, melhorar a língua .**

Em seu relato sobre os empregos que conseguiu na Inglaterra, onde menciona alguns colegas de trabalho, Marcelo lembra do grupo polonês, com quem afirma ter feito amizade, embora ele não caracterize bem as bases em que essa amizade se firma. No entanto, ele constrói esse grupo com referência ao tipo de expectativa que ele tem na migração, basicamente capital econômico e cultural, “diziam estar lá para adquirir algum dinheiro e aperfeiçoar a língua...” (linhas 153 e 154). Embora Marcelo não faça uma avaliação explícita sobre essa característica do grupo, é possível que lhe chame a atenção o fato de os poloneses migrarem não apenas para adquirir bens financeiros, como a maioria dos migrantes jaraguenses enfatiza, por isso a afirmação “a maioria deles estavam lá pra ganhar e gastar” (linha 150).

Como a aparição dos “outros” estrangeiros nas narrativas são mais raras e rápidas, não é possível depreender muito sobre seu papel e o caráter desses atores segundo os migrantes. Contudo, embora escassas, há certas sutilezas nas representações desses “outros” que merecem ser exploradas. Vejamos os recortes abaixo:

(68) Marcelo

266 por que eu trabalhei com os **equatorianos** que falava castelhano
 267 eu achei meus amigos lá
 268 um amigo meu **espanhol** lá de Barcelona
 269 super amigo meu
 270 então eu aprendi falar bem a língua espanhol com eles

(69) Trecho da entrevista com Marta (Danbury, julho 2002)

E aqui tem uma vantagem da gente poder aprender outra língua, igual o espanhol, que a gente acha...**a gente fala...ah! eu não quero aprender espanhol por causa dos hispanos** que tem aqui, mas o espanhol é a segunda língua mais falada no mundo. E eu falo assim, eu acho falo bem o espanhol, aprendi aqui. Igual o meu marido ele já fala bem o espanhol, porque ele trabalha com hispano.

Nesses exemplos, a aproximação com membros de grupos que falam espanhol é considerada benéfica pela possibilidade de aquisição de uma das línguas mais faladas do mundo, para usar as palavras de Marta. Tanto Marcelo quanto Marta afirmam ter aprendido o idioma na companhia de amigos de trabalho que o tinham como língua nativa, equatorianos, espanhóis e hispânicos. Essa última classificação, que aparece na forma reduzida (hispano), reúne em uma mesma categoria étnica diversas nacionalidades latino-americanas. Curiosamente, essa é uma categorização mais comum nos EUA e na qual os próprios brasileiros são incluídos pela maioria dos americanos. Tal confusão gera irritação por parte dos brasileiros que não abrem mão de uma diferenciação.

Observa-se, no recorte 69, onde Marta menciona o contato com o grupo hispânico no trabalho a ponto de ter aprendido espanhol, ela não define propriamente o que quer dizer “a gente fala...ah! eu não quero aprender espanhol por causa dos hispanos que tem aqui”. Ainda que de forma resvalada, Marta revela que os brasileiros não prezam propriamente o contato com os hispânicos. Os estudos de Margolis (1993) deixam evidente que os brasileiros percebem os estereótipos que recaem sobre os hispânicos e as associações negativas que se ligam ao grupo dentro da sociedade americana, associações discriminatórias que eles próprios propagam a respeito desse “outro”, como pode ser visto no recorte a seguir:

(70) Trecho do diário de campo, conversa com ex-migrante (julho de 2004)

Eu tinha uns amigos hispânicos. A gente falava em português e eles falavam em espanhol e a gente se entendia. Eles falam inglês **muito pior** do que a gente. O sotaque deles é péssimo, **muito pior que o nosso**. Os americanos não entendem o que eles falam. Americano não confunde a gente com latino, eles são todos iguais, baixinho, narigudo, **feio demais**.

O uso desses comparativos é voltado à ênfase na superioridade dos brasileiros em relação aos hispânicos. Mas, essa é uma estratégia de diferenciação que camufla na realidade o próprio sentimento de inferioridade dos brasileiros, pois esses conectores argumentativos indicam um estado de coisas ruins que apenas se agravam. Ao afirmar que o sotaque “deles” é pior que o “nosso”, os brasileiros admitem que o seu próprio sotaque é ruim. Tal estratégia de diferenciação só demonstra o receio de compartilhamento de um perfil identitário muito próximo.

Entre os migrantes jaraguenses cujo alvo foi os EUA, o hispânico é o principal grupo referencial que lhe presta alteridade junto com os americanos. É uma relação complexa e sobre a qual pairam certas tensões e preconceitos. É possível que essas tensões também permeiem outras relações inter-étnicas fora dos EUA, contudo, a exígua representação desses “outros” nas narrativas não apóia análises mais extensas. E, assim, encerro esta seção, em que foram caracterizados os atores sociais revelados nas narrativas jaraguenses, e passo a seguir às análises das representações desses migrantes em relação a si mesmos e a suas identidades.

4.4 Representações do próprio migrante jaraguense e sua identidade

Esta última seção do capítulo se dedica a traçar algumas considerações específicas sobre auto-representação do migrante jaraguense e questões de sua identidade. Esses tópicos foram reservados para o final, pois considerei oportuno

apresentar um conjunto geral de atores que o próprio migrante cita, antes de me dedicar ao seu perfil particularmente. Dessa forma, poderei retomar questões anteriores e contornar melhor os aspectos identitários do migrante que desejo analisar. Para isso, indico quatro momentos analíticos específicos reservados, respectivamente, ao grau de agência do jaraguense nas narrativas; ao trabalho como marcador de identidade; às ambigüidades do trabalho como marcador identitário e aos estigmas nas representações.

4.4.1 Agência nas representações

Ao analisar quem são os atores sociais com quem o jaraguense interage em suas histórias e seus respectivos papéis nas narrativas, já pudemos ter algumas imagens do próprio papel do migrante nessas relações. Contudo, é interessante considerar também o grau de atividade e iniciativa que os narradores atribuem a si mesmos como personagens de suas estórias, ou seja, sua agência. A agência no mundo das estórias está relacionada às reações dos personagens aos problemas e dificuldades. Ela se define dentro de um contínuo em que, na parte mais baixa, há uma falta de reação aos conflitos e, na mais alta, estão as tentativas dos personagens de resolver problemas (Pastor e De Fina, 2005).

Conforme observamos, há nas narrativas episódios em que o migrante representa um grau de iniciativa bastante limitado, como no contato com as autoridades de migração locais. É um limite imposto pelo próprio grau de poder desse ator, cujas atribuições determinam tanto a liberação quanto a deportação do migrante no contexto de chegada. Contudo, há também nas narrativas muitos relatos que afirmam sua capacidade de tomada de atitudes, decisões e investimento em ações decisivas. Essa agência é melhor representada em três momentos básicos, nos tópicos da ida, nas lida

no emprego e na aquisição da língua estrangeira. Os próximos recortes ilustram algumas questões de agência dentro do primeiro tópico, a ida:

(71) Pedro

- 4 **saí** em 2002, final de 2002,
- 5 **fiquei** um ano por lá
- 6 assim... que eu **fui** atrás de oportunidade, de trabalho,
- 7 eu **ouvi falar** que lá ganhava muita grana
- 8 **acabei indo** para lá pra conferir (risos).
- 9 aí eu **cheguei** lá e não foi bem assim.
- 10 as primeiras barreiras que tiveram foi a língua, documentação(...)
- 11 essas coisas(...)
- 12 muitas coisas.
- 13 **a gente enfrenta** muitas barreiras, igual:
- 14 saudade da família, choque cultural, e muitas coisas no dia-a-dia
- 15 é uma adaptação muito radical pra vida,
- 16 é uma mudança de 360° na vida da gente.

(72) Dinis

- 1 **eu saí** daqui em 99 dia 27 de setembro
- 2 aí **a gente saiu** daqui para Jaraguá por volta das 9:00h, da manhã...
- 3 **chegou** em Goiânia
- 4 lá **a gente pegou** um avião para São Paulo umas 7:00... por aí...
- 5 **chegô** em São Paulo, de São Paulo **a gente foi** para a Nova York

Nesses recortes, há uma predominância de processos materiais (saí, fiquei fui atrás, acabei indo, enfrenta, cheguei, pegou, foi e assim por diante), são elementos lingüísticos que vinculam um grau elevado de investimento físico e proporcional agência do narrador. Do mesmo modo, seu posicionamento no papel de ator desses processos, aliado ao uso repetido de pronomes na primeira pessoa (eu e a gente) também são elementos que marcam o nível de empreendimento do narrador em sua história.

Esse ato de dizer *eu* ou *a gente* vincula alguns significados extralingüísticos interessantes. Como bem observa De Fina (2000), os falantes, ao manipular pronomes, podem expressar significados sociais bem sutis que dizem respeito a suas identidades sociais ou a suas posições com relação a outros interlocutores, tanto presentes quanto

ausentes, bem como às experiências e tópicos que estão sendo discutidos. Observa-se que, nos dois exemplos, os narradores alternam o uso de *eu* e *a gente*, uma estratégia que ora enfatiza o migrante como personagem principal de sua história, ou envolve outros atores, que tanto podem ser companheiros de viagem como migrantes hipotéticos, e até mesmo o interlocutor.

Esse uso alternado dá às narrativas um caráter ao mesmo tempo individual e coletivo, como se a história pessoal do migrante fizesse parte de um contexto grupal que envolve todos os que se dispõem a partir, e compartilham traços de um mesmo enredo. Esse caráter já se manifestava na seqüência temática das narrativas, um traço comum que identifiquei no capítulo anterior. Tal evidência se repete por vários tópicos, entre eles os dedicados às representações sobre a vida no trabalho e na aquisição da língua local, como os recortes seguintes vão ilustrar:

(73) Renato

106 **comecei a trabalhar** em uma churrascaria próximo a Oxford.... cidade a 35 Km de Londres
 107 **eu ia** todos os dias...
 108 depois**passei a morar** durante um mês nesta cidade.
 109 como era muito difícil a viagem todos os dias para Oxford às quatro... cinco horas da manhã...
 110 **resolvi voltar** para Londres.
 111 **fiquei desempregado** durante uns quinze dias
 112 foi um momento difícil da minha vida também
 113 mas depois **comecei a trabalhar** em um restaurante
 114 **trabalhava** só com ingleses
 115 foi difícil para mim: a maioria dos brasileiros trabalham com portugueses e espanhóis
 116 mais para frente **pude perceber que eu aprendi** mais facilmente o meu Inglês... não facilmente
 117 mas **melhorei**

(74) Pedro

160 **eu aprendi** o inglês, faltou o quê,
 161 precisava de escola porque meu inglês é aquele inglês de trabalho,
 162 É abasileirado, o essencial pra trabalho
 163 se eu tivesse que ir pra escola estaria falando bem, se tivesse frequentado escola lá também taria falando... falano melhor ainda
 164 igual no meu trabalho depois eu já falava 100% **atendia telefone já conversava com as pessoas, já conversava com as pessoas em inglês**
 165 quando o pessoal encomendava pizza **eu atendia**
 166 perguntava porque todo dia **cê vai treinando**
 167 **vai perdendo** aquela dificuldade

168 igual **eu trabalhei de... aqui no Brasil fala motoboy**
 169 lá fala currier
 170 **eu era motoqueiro** lá
 171 então **eu ficava com um rádio**, um rádio amador, um *walktalk*,
 172 que o pessoal, um comunicador comigo
 173 **eu anotava os endereços**,
 174 **ia nas residência buscar as encomenda**,
 175 nos escritórios,
 176 por aí **eu trabalhava o dia todo**
 177 só no fim da minha estadia lá que **eu tive um contato bom mesmo com o inglês**, com a língua
 inglesa
 178 no começo foi muito difícil,
 179 foi na raça mesmo!

Nesses recortes, o narrador se posiciona como o ator de processos de ação como trabalhar, morar, voltar e assim por diante, representando sua agência frente às difíceis circunstâncias de ter que conseguir trabalho e executar suas funções sem dominar a língua local. Estudos sobre migrantes brasileiros (Margolis, 1993; Sales et. al., 1999; Ribeiro, 1999), mostram que o quesito “trabalho” ocupa uma posição destacada na sua trajetória, sendo inclusive apontado como a principal causa da migração. Da mesma forma, o desconhecimento da língua relacionado à dificuldade no trabalho é uma evidência constante nesses estudos.

De modo geral, nesta pesquisa, o trabalho ocupa uma posição de realce, associando-se a condições de dificuldade agravadas pela incapacidade do migrante de se comunicar. A forma encontrada por esse ator para resolver os problemas que o fato impõe é fortemente qualificada na expressão metafórica de Pedro (linha 179) “...na raça mesmo!”. Vê-se que a importância do trabalho na representação do migrante é tanta que, nos estudos citados anteriormente, esse elemento é identificado como um traço referencial da própria identidade étnica do brasileiro no exterior. Segundo Sales (1999), o trabalho estaria imprimindo no grupo brasileiro uma marca identitária de “povo-trabalhador”. A relevância dessa questão demanda uma análise especial neste capítulo. Assim, reservo algumas sub-seções para uma discussão mais específica sobre questões de cunho identitário do migrante ligadas ao trabalho.

4.4.2 *O trabalho como marcador de identidade*

Investigar questões identitárias atualmente tem sido essencial diante da pluralidade cultural em que vivemos. Porém, se as identidades de um modo geral estão em xeque nos mais diferentes contextos, a questão da identidade do migrante compreende uma problemática toda especial. O ato de migrar implica em mobilidade e instabilidade constantes e uma luta por preencher parâmetros divergentes de reconhecimento para aceitação social (Krzyzanowski e Wodak, 2007). Há quem enxergue nessa problemática uma necessidade de teorização sobre o próprio conceito de identidade quando aplicado a estudos sobre migrantes.

Dentre os autores que problematizam a relação entre os conceitos de identidade nas ciências sociais e os estudos sobre migração estão Basch, Schiller e Blanc (1994). Para as pesquisadoras, trabalhos de identidade de migrantes devem focar esse ator como um construtor de campos sociais que provê as bases de reapropriação de práticas e identidades. Para isso, é preciso explorar como certas ligações são mantidas, renovadas e reconstituídas no contexto familiar, em outras instituições, nas organizações e estruturas políticas, econômicas, financeiras e assim por diante. Seguindo tal orientação, começarei analisando questões relativas ao trabalho, que aparecem com uma dessas ligações que se evidenciam nas narrativas.

Segundo Sales (1999), um dos marcadores positivos de identidade, que migrantes brasileiros tentam imprimir a seu grupo étnico nos EUA, é a de que brasileiro é um povo “trabalhador”. A autora acrescenta que o atributo “brasileiro-povo-trabalhador” é uma associação que se forjou nas peculiaridades do fluxo migratório para os EUA, marcado caracteristicamente como uma migração de mão-de-obra no setor de serviços de baixa qualificação, submetida a longas jornadas de trabalho. Da mesma

forma que os entrevistados de Sales (1999), os narradores jaraguenses também dividem essa característica de mão de obra com pouca qualificação. Contudo, o trabalho, aqui, não pode ser associado propriamente a um marcador positivo de identidade.

Começo a justificar essa evidência baseando-me nos critérios de Bash, Schiller e Blanc (1994) sobre as ligações que o migrante mantém em seu contexto social e questões identitárias. Nesta pesquisa, nem todos os migrantes possuem laços com um segmento étnico brasileiro muito representativo nos países em que vivem, o que torna problemática a caracterização de uma identidade étnica e do trabalho como um de seus marcadores. Observemos os tipos de relações entre trabalho e vínculos sociais que Marcelo constrói em sua narrativa:

(75) Marcelo

155 **eu nunca fui de enturmar muito assim com brasileiros,**
 156 **eu quase não saía** nesses primeiros nove meses que eu fiquei...
 157 **eu quase não saía**... era casa, trabalho, trabalho, casa...
 158 **fiz amizade** com meu chefe que era brasileiro
 159 só que ele era descendente de italiano,
 160 fiz amizade com ele,
 161 só que eu **lidava** muitas horas no restaurante
 162 então **não tinha** tempo pra nada,
 163 ficava só no restaurante
 164 **entrava** dez da manhã **saía** meia noite, um hora, duas horas
 165 **entrava** de novo às dez da manhã...
 166 aí, uma vez por semana **tinha** um dia de *off*
 167 que em português é um dia de descanso na semana,
 168 então eu **trabalhei** meses e meses sem pegar dia de descanso lá,
 169 então.. eu não tinha muitos dias lá com eles
 170 era pouco, né?

De forma análoga a outros narradores, Marcelo caracteriza o trabalho como uma atividade que domina todo o seu tempo, afetando inclusive suas oportunidades de se relacionar socialmente. A imagem de domínio integral do trabalho, comprometendo outras chances de vivência do migrante é construída na repetição dos processos materiais opostos como *sair* e *entrar* (linha 164), indicando a extensão de tempo consumido nessa atividade, dando ênfase ao caráter quase opressivo do trabalho.

Aqui, também se repete a longa jornada de serviço que Sales (1999) identifica como característica da vida de migrantes brasileiros nos EUA. Contudo, no caso de Marcelo, cujo alvo da migração era a Inglaterra, não se repete aquele componente de forte inserção na corrente étnica que Sales (1999) observou nos EUA, onde, devido à concentração muito grande de brasileiros em determinadas regiões, tem-se a sensação de nem se estar em outro país, daí o sentimento de ligação a um seguimento étnico local.

Apesar de na Inglaterra existir, do mesmo modo que nos EUA, uma grande comunidade brasileira, que se estrutura em uma série de instituições étnicas, como igrejas, agremiações, jornais, lojas, bares, restaurantes, escolas e assim por diante (Torresan, 1994; Caldas-Coulthrad e Alves, 2007), Marcelo não menciona em sua narrativa qualquer vinculação com esse contexto étnico, como até se afirma distante dele. Essa é uma evidência que ampara as compreensões de autores como Krzyzanowski e Wodak (2007), para quem, apesar de a migração ser um fenômeno frequentemente rotulado por referentes como diáspora, minoria étnica, e assim por diante, indicando uma noção de grupo e coletividade, o ato de migrar em si demanda uma experiência individual que resiste a sistemas tradicionais de generalização.

A identificação do trabalho, portanto, como um marcador positivo de identidade étnica do migrante é uma associação problemática quando este, como indivíduo, constrói o trabalho com componentes negativos, como exaustão, e, ao mesmo tempo, não manifesta vínculos significativos com seu grupo étnico. Porém, ao me debruçar com mais afinco sobre essa questão, percebi que o predicado “trabalhador” que os cientistas sociais identificam, é um atributo projetado por aqueles que se incumbem da representação do migrante brasileiro para os “de fora” da comunidade, como explico no próximo tópico.

4.4.3 As ambigüidades do trabalho como marcador de identidade

Conforme afirma Rajagopalan (2002, p.86), “só se têm identidades quando há quem as reivindique com empenho e fervor contínuos”. Assim, nos contextos em que já há, desde algum tempo, uma grande concentração de brasileiros, como no caso de Danbury, há também instituições que se prestam à tarefa de representação, como agremiações, igrejas, jornais, escolas, entre outras mais, conforme expõe o recorte a seguir:

(76) Trecho de reportagem de jornal arquivada no Diário de Campo (editorial do jornal bilíngüe TribunaCT, edição n.21, 8 nov. 2000, p.4)

Desde o princípio, meu objetivo era favorecer a integração das duas culturas através de um jornal que falasse duas línguas. A comunidade americana seria beneficiada com o conhecimento dos nossos valores, costumes e riquezas culturais, e os brasileiros além de assimilarem parte da cultura norte-americana, teriam oportunidade de adquirirem mais conhecimento sobre o país onde residem sentindo-se mais seguros para integrarem-se a esta cultura e lutarem por seus objetivos sem perderem suas raízes.

Este fragmento do editorial do TribunaCT, jornal bilíngüe da comunidade brasileira de Connecticut, demonstra o interesse explícito desse meio midiático de ser um mediador do contato entre grupos, um divulgador de valores, riquezas culturais mútuas e um facilitador do processo de integração do migrante na corrente social local. Uma das estratégias que esses representantes simbólicos da identidade brasileira no exterior utilizam visando esse objetivo é projetar uma imagem do brasileiro como membro da sociedade local que divide com os americanos traços comuns (Freitas, 2002). Assim, o que se observa na divulgação do perfil brasileiro é o compromisso deste com os seus deveres e obrigações como moradores locais e com seus empreendimentos associados a atividades sérias, em entidades comerciais, escolas, agremiações de serviço comunitário e beneficente. Há um enaltecimento do papel dos

empresários brasileiros no crescimento da economia norte-americana e sua forte atuação nesse setor.

O aspecto do brasileiro como um “povo trabalhador” é, portanto, um artifício de representação positiva, direcionada tanto à boa afirmação do brasileiro para si mesmo, mas, especialmente, para os grupos “de fora” desse seguimento étnico. Nessa perspectiva, o trabalho é de fato um marcador positivo. Contudo, quando o contexto de representação se constrói dentro da relação migrante e sua lida pessoal, cercada por todas as adversidades enfrentadas na sua condição no exterior, o trabalho não se associa às conotações positivas presentes, por exemplo, em um discurso comum na própria sociedade americana mencionado por Fichou (1990). Segundo o autor, desde Jefferson, o americano do Norte tem sido visto como “trabalhador” perseverante, interessado e contestador. Com relação ao migrante, esse predicado “trabalhador” revela uma essência menos associada à bravura que à opressão, conforme mostra Marcelo, no exemplo 75 e indicam os próximos recortes:

(77) Pedro

- 69 igual, eu fiquei muito tempo ainda ando no restaurante e de noite na pizzaria,
 70 eu **saía** às sete horas da manhã e **chegava** meia noite uma hora da manhã, né
 71 e dia de folga a gente geralmente, não bate no dia de folga dos amigos
 72 eu ia resolver as coisas que eu tinha de resolver ter que sair fazer uma coisa outra, fazer compra de supermercado, alguma coisa assim...
 73 não sobrava tempo quase...era **trabalho, trabalho...**

(78) Trecho da entrevista de Catarina (Danbury, julho de 2002)

...Eu tenho até vontade de aprender, mas assim...o **cansaço**...é tanta coisa...(.) É porque quando a gente chega aqui todo mundo tem o fim de **ganhar dinheiro**...(.) É porque, igual eu, tô **trabalhando** direto sete dias na semana, sabe? Todo dia é quatro horas da manhã, coisa que você chega aqui...cê vê a vida da gente não é ...aqui não tem esse negócio de tá arrumando casa, essas coisinhas de...mas todo dia cê tem a rotina da casa, é pegar menino na escola e quando já é tarde cê tá **cansado**, cê tá **querendo mais nada**

(78) Trecho da entrevista de Vilmar (Danbury, julho de 2002)

Aí, se eu tivesse vindo pra cá uns vinte anos atrás, aí eu tava mais tranqüilo, né...porque às vezes a gente tá com vontade de **trabalhar**, sabe? Mas às vezes o corpo né... não ajuda. A gente levanta cedo tá com o **corpo todinho doendo**, sabe...? **mas tem que trabalhar...**

Observa-se no recorte 77, de Pedro, novamente a ênfase na extensão de tempo consumido no trabalho, marcada pelos processos materiais chegar e sair (linha 70), construindo a atividade como exaustiva. Esse componente de exaustão se detecta nos demais recortes, 78 e 79, na sucessão de elementos encadeados na seqüência trabalho-dinheiro-cansaço, em que o trabalho se justifica quase que exclusivamente em função do dinheiro, e em que o cansaço é uma conseqüência da forma exaustiva com que esse fim é perseguido, muitas vezes ultrapassando os limites da própria força física do migrante. Essas representações ligam o trabalho invariavelmente a uma condição quase opressiva, desviando o atributo “trabalhador” das conotações positivas que o revestem.

4.4.4 *Identidade e estigma*

Em seu estudo sobre brasileiros em Nova York, Margolis (1993) identificou um certo preconceito de um segmento brasileiro local bem escolarizado e de nível econômico médio e alto, com relação a migrantes recém chegados, a quem criticavam a falta de cultura, o nível social baixo e a obstinação pelo dinheiro. Uma de suas entrevistadas descreve esses conterrâneos assim:

Eles trabalham duro – afinal, esta é a única razão de estarem aqui. Vivem em condições primitivas, com um bando de pessoas dividindo um apartamento, e não se alimentam bem por estarem economizando todo seu dinheiro para voltar ao Brasil. Fundamentalmente, são

mineiros com um nível de escolaridade baixo _ no máximo, o segundo grau. Vêm de uma classe baixa e estão apenas um pouco melhor que os favelados. E como eles sofrem! Dificilmente falam inglês, pois vivem com outros brasileiros, e tudo o que fazem é reclamar da vida nos Estados Unidos. Eles odeiam Nova York, mas realmente não sabem muita coisa sobre a cidade. Simplesmente não estão integrados à sociedade aqui, e para piorar ainda mais a situação, vivem com medo porque são ilegais (Margolis,1993, p.341).

A mesma pesquisadora identifica que termos como “comunidade brasileira”, “brasuca” e outras denominações relativas ao seguimento brasileiro nos EUA não captam a heterogeneidade desse grupo social, dividido por diferenças regionais, econômicas, religiosas e assim por diante. Reunir sob o mesmo teto simbólico da identidade étnica indivíduos com situações tão díspares é uma tarefa passível de crítica por autores como Krzyzanowski e Wodak (2007), para quem conceitos como “fragmentação” (Hall, 1999) ou “comunidade imaginada” (Anderson, 1983), ambos usados para coletividades nacionais ou minorias étnicas, não provêm respostas suficientes para o que a identidade do migrante pode significar, como essa construção procede, e como sua dinâmica influencia vários arranjos coletivos e individuais de identificação.

No plano coletivo, a imagem do migrante brasileiro no exterior pode adquirir múltiplas formas, que variam de acordo com interesses específicos e relações sociais implícitas entre os grupos que se ocupam dessas representações e aqueles para quem estas se direcionam. O resultado desse jogo representacional implica em feições tanto positivas quanto negativas, dependendo, como já observei, das relações imbricadas.

Contudo, em um estudo anterior, sobre a representação do migrante brasileiro no exterior pela mídia impressa nacional (Freitas, 2004), em que analisei seis meses de edições consecutivas de três grandes meios jornalísticos, detectei que nas notícias sobre migrantes, as escolhas lexicais, a estruturação temática, a disposição de atores e papéis, entre outros elementos, se articulavam para uma representação negativa sobre o fenômeno.

No estudo citado, a lista lexical compreende palavras como “ilegal” e seus derivados, “ilegalidade”, “ilegalmente”, associadas a “preso”, “prisão”, “cárcere”, “cadeia”, “detido”, “morte” e derivados. Também são constantes palavras como “perigo”, “medo”, “expulso”, “deportado”. Mais esporadicamente vêm “agonia”, “humilhação”, “constrangimento” e a expressão “sonho desfeito”. São escolhas léxicas que constroem uma representação muito aproximada daquela que a mídia internacional reserva a migrantes em geral (van Dijk, 1997), marcada por componentes negativos, como delinquência, fraude e ameaça. São imagens que estimulam preconceito e atrelam um certo estigma à figura desse ator social no plano coletivo.

Estudos mostram que há uma ênfase nas aspirações dos migrantes por seu reconhecimento na sociedade-alvo, na qual almejam ser bem-vindos (Krzyzanowski e Wodak, 2007). Contudo, os aspectos processuais e emocionais de laços e pertencimentos do migrante são emoldurados por um alto grau de incerteza sobre posição e status social. A questão do estigma, que foi identificada no parágrafo anterior, é um componente que gera ainda mais incertezas a esse respeito, pois, conforme argumentei no mesmo parágrafo, ainda no Brasil, o ator é construído com componentes que o inferiorizam. Muitos elementos negativos e de inferioridade são identificados nas narrativas, construindo uma auto-imagem do migrante bastante estigmatizada, conforme se percebe no próximo recorte:

(80) Renato

161 até então eu era uma pessoa que eu achava que eu estava muito bem
 162 mas você passa por **humilhações** e **privações** que você aprende que **você não é NADA...**
 163 e lá eles deixam bem claro: **“você não é nada!”**
 164 “você não é daqui”
 165 e você acaba aprendendo que o mundo é difícil...
 166 e se alguém tem alguma pretensão de sair...
 167 vá sabendo que vai **sofrer** bastante!
 168 vai passar por muitas **privações**

Em seu relato, Renato faz escolhas léxicas do mesmo campo semântico daquelas identificadas na análise dos artigos de jornais e revistas que constroem o migrante com atributos que o inferiorizam. No tópico sobre a representação dos “brasileiros nos exterior”, neste mesmo capítulo, igualmente foram expostas muitas avaliações negativas sobre o caráter desse ator, sobre quem pairam atributos como “desunido”, “desonesto” e “desleal”. É particularmente desconcertante contrapor essas avaliações negativas que o migrante traça sobre seu grupo, e conseqüentemente sobre si mesmo, com as que ele direciona ao grupo dominante nos países em que vive, como já se demonstrou em seção anterior e se expõe novamente, agora, no exemplo seguinte:

(81) Patrícia

73 particularmente **amo os americano, adoro!**
 74 fui muito bem tratada **eles gostam da gente**
 75 eles **gostam da comida da gente**
 76 eles procuram conviver... aonde eu morei não tinha brasileiro
 77 isso me ajudou a ter convivência mais...
 78 a gente trabalhava com americano
 79 vivia mais cercado de americano
 80 aí nesse nesse tempo os americanos assim
 81 eles gostam de você... procura porque você tá lá
 82 eles querem saber o porque que a gente tá lá
 83 se a gente fala, porque eu sempre fui real
 84 eu sempre falei não a eu vim pra cá pra ganhá dinheiro
 85 e eles quando **gostam, gosta pra valê!**

Patrícia repete, aqui, a tendência geral dos narradores de representar o grupo majoritário dos países de destino com certa admiração. Essa representação alia-se ao que identifiquei nas construções dos atores no tópico “o grupo local”, sobre quem

recaem muitas avaliações positivas como o atributo de “povo bem-educado”. Essas avaliações contradizem o jogo mais comum de representação mantido na relação “nós” e “eles”, em que, sobre os primeiros, costuma predominar julgamentos positivos, e sobre os segundos pairam os negativos, conforme identificou van Dijk (1997a) na relação entre “nós”, grupo majoritário, e “eles”, migrantes.

Nesta pesquisa, essa relação se revelou de forma invertida. Sobre o “nós”, brasileiros e migrantes, em relação ao “eles”, grupo majoritário local nos contextos de exterior, repousam avaliações desproporcionais que constroem os primeiros com uma série de atributos negativos frente a esses outros mais valorizados. Segundo Moita Lopes (1996), preexiste na cultura brasileira uma certa atitude colonizada, que avalia positivamente itens da cultura estrangeira, inferiorizando brasileiros em relação a países economicamente mais ricos. Talvez a condição de rebaixamento que se manifesta nas narrativas reflita essa atitude identificada pelo autor.

Por outro lado, a questão do estigma talvez se explique melhor pela própria contraposição do migrante com grupos com quem alterna condições desiguais. Segundo Goffman (1993), quanto mais discrepante for a diferença entre duas identidades, mais acentuados podem ser os elementos que determinam o estigma de uma ou prestígio da outra. O autor acrescenta que, tornam-se estigmatizados aqueles que são incongruentes com um certo projeto ou estereótipo sobre como deve ser determinada espécie de indivíduos. E quanto mais visível a diferença entre o real e os atributos determinantes do social, mais se acentua a problemática do sujeito regido pela força do controle social e, assim, quanto mais visual, quanto mais acentuada e recortada a diferença, mais estigmatizante.

Portanto, nos contextos de destino do migrante, este, ao se ver contraposto a um “outro”, sobre o qual recaem símbolos de prestígio como cidadão de país desenvolvido,

passa a ser o diferente, alguém que demonstra pertencer a uma categoria com atributos incomuns. Essa discrepância é prejudicial para sua identidade social. Como bem observa Goffman (1993), de modo geral, o diferente assume uma posição isolada da sociedade ou de si mesmo e passa a ser uma pessoa estigmatizada. Sentindo-se sem espaço e sem voz, o indivíduo não pode ser nomeado e se reconhece como “um nada” nas relações com o outro, conforme se definiu Renato no exemplo 80 (linha 162), há algumas páginas atrás. Para os estigmatizados, a sociedade reduz oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma auto-imagem desgastada, como a que sobressai nas análises empreendidas ao longo das várias seções analíticas.

Algumas considerações

Neste capítulo, procurei percorrer as múltiplas trilhas que me revelassem maiores detalhes sobre as relações sociais que cercam o migrante em sua jornada. Ao me propor a listar os atores a quem ele dá maior proeminência em seu discurso, procurei seguir as observações de De Fina (2000) e os dividi em dois grupos com base em seus laços de pertencimento ao segmento étnico brasileiro e os de fora dele. Dentro dessas classificações, os migrantes apresentam um rol de atores variados, como família, amigos, brasileiros em geral no exterior, oficiais de migração, estrangeiros membros do grupo majoritário dos países alvos e outras minorias étnicas.

As análises empreendidas com o apoio do referencial teórico sobre transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004) e representação de atores sociais (van Leeuwen, 1996) demonstraram os tipos de papéis e significados que desempenham esses atores em suas relações no mundo do migrante. Assim, foi possível identificar as tensões que permeiam

suas relações desde a decisão de ida pra o exterior, sua chegada, e principalmente na vida diária do trabalho, que se revelou um palco importante da sua representação.

Os diferentes papéis que os atores desempenham nessas relações, constroem significados que vão influenciar a própria construção simbólica do migrante. Nesse sentido, uma das maiores evidências do capítulo é a de que, embora o ato de migrar demande um investimento pessoal que requer muita disposição, coragem, capacidade de lidar com toda sorte de adversidades, tudo agravado pela incapacidade de se comunicar na língua local, a despeito de todas essas provações que o migrante vence, na sua auto-avaliação, ele não se representa de forma a realçar essa agência. Ao contrário, no seu discurso, ficam latentes uma série de estigmas que constroem sua identidade com conotações subalternas.

Em sua narrativa, o migrante não se projeta como um forte, ao contrário, muito embora, em certos momentos ele avalie a sua jornada com atributos que a enaltecem, como uma “epopéia”, “uma experiência grandiosa”, ele atribui ao seu personagem um papel relativamente modesto. Essa é uma das principais evidências que se expressaram neste capítulo sobre a representação dos atores, seus papéis e identidades. Uma vez empreendida mais essa fase de análise, encaminho-me, agora, à parte final da análise, na qual procuro aproximar respostas a questões de cunho avaliativo presentes nas histórias de migração.

CAPÍTULO V

A prática de migração com seus espaços e cenários: avaliação e valoração

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa

CAPÍTULO V

A prática de migração com seus espaços e cenários: avaliação e valoração

Este capítulo foca as avaliações do migrante jaraguense sobre os cenários da sua migração e o próprio ato de migrar, interpretando os significados construídos discursivamente por esse viajante. Aqui, de forma análoga aos trechos do poema *Mar Português*, em epígrafe, em que Pessoa capta as angústias daqueles que se aventuram na conquista de territórios distantes, o jaraguense também avalia sua experiência pelas terras estrangeiras. Ele tece uma série de comentários avaliativos sobre os espaços e cenários por onde andou, refletindo sobre sua conjuntura localizada: o Brasil e sua cidade de origem, Jaraguá.

O rol de avaliações que aqui se apresenta para análise incorpora tipos de envolvimento do migrante. Segundo Fairclough (2003), os graus de envolvimento das pessoas nos textos é uma parte importante de como essas mesmas pessoas se identificam e compõem seus estilos e identidades textualmente. Este capítulo final concentra-se, justamente, no estilo discursivo desses viajantes, suas formas de ser através de seus pontos de vista pessoais sobre o ato de migrar e sobre os cenários dessa migração.

As seções analíticas são precedidas pelas definições de espaço (Haesbaert, 2006), avaliação (Labov, 1997 e Linde, 1997) e valoração (Martin e White, 2007), construtos teóricos que adoto para amparar as análises nesta etapa da pesquisa. As seções que seguem a introdução dividem-se com vistas às seguintes perguntas: a) como o migrante avalia os contextos de chegada da migração; b) como reavalia seu ponto de partida após o contato com os novos espaços e cenários; c) que avaliações tece sobre sua experiência de migrante.

5.1 Questões teóricas sobre espaço, avaliação e valoração

Em um outro momento desta Tese (3.1.4), já foi comentada a necessidade que autores como De Fina e Baynham (2005), Mishler (2005) e De Certeau (1988) vêm em re-teorizar espaço e espacialidade na narrativa. Neste capítulo, dedicado especialmente às avaliações do migrante sobre os espaços e cenários de seu movimento, essa teorização se faz essencial. Nesse sentido, tomo de empréstimo da Geografia (Lefebvre, 1991; Haesbaert, 2006) alguns conceitos fundamentais sobre espaço e território que apoiarão as análises de aspectos a eles relacionados nas narrativas.

Assim como ao espaço, este capítulo se dedica a questões de avaliação, que é um elemento importante da linguagem, pois expressa a opinião do falante. A função mais óbvia da avaliação é dizer o que o usuário da língua pensa ou sente sobre algo. Não obstante, nos estudos lingüísticos, o termo avaliação é bastante genérico e muitas vezes é tomado por outros mais bem estabelecidos, como *conotação*, *afeto* e *atitude* ou até *modalidade* para determinar a linguagem que expressa opinião (Thompson e Hunston, 2000).

Devido à variação no uso desses termos, a título de definição que mais específica o conceito de avaliação que norteará as análises nesta etapa da Tese liga-se a duas áreas de estudos lingüísticos particulares, a avaliação como elemento semântico ou estrutural da narrativa, como na tradição laboviana, e avaliação segundo a Teoria da Valoração (Martin e White, 2007). Tais campos são caracterizados nos próximos tópicos.

5.1.1 *Conceitos fundamentais sobre espaço e território*

Os termos espaço e território são categorias fundamentais na Geografia que têm sido adotadas recentemente em análises de diversas áreas do conhecimento. Embora muitos geógrafos ainda trabalhem a partir de uma noção unidimensional desses conceitos, crescem concepções multidimensionais. Para Lefebvre (1991), por exemplo, o espaço social é a materialização da existência humana, contudo, ele esclarece que o espaço social está contido no espaço geográfico, criado pela natureza e transformado pelas relações humanas, existindo, portanto, diversos tipos de espaços materiais e imateriais (espaços políticos, culturais, econômicos e virtuais).

A relação social em sua intencionalidade cria uma determinada leitura do espaço, e, assim, é produzido um espaço geográfico e ou social específico: o território. Conforme Fernandes (2008), o território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de alguma forma de poder. Nessa medida, os territórios são tanto concretos como imateriais. O espaço geográfico de uma nação, por exemplo, forma um território concreto, assim como um paradigma forma um território imaterial. O conhecimento é um importante tipo de território imaterial. Imaterial ou concreto, o fato é que o território possui limites, fronteiras e, assim, é conseqüentemente um espaço propício ao conflito.

Reconhecem-se certos movimentos das propriedades dos espaços e territórios: *territorialidade, territorialização, desterritorialização e reterritorialização*. Enquanto a territorialidade é a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas, a territorialização é resultado da expansão do território, contínuo ou interrupto. A desterritorialização

acontece com o impedimento da realização de uma dessas ações. Bem como a reterritorialização acontece com o retorno da mesma. Essas noções irão subsidiar o trabalho analítico de uma série de avaliações cujo conceito esclareço a seguir.

5.1.2 A avaliação na narrativa

Existe uma tradição bem estabelecida nos estudos lingüísticos de se referir à avaliação em um senso relativamente especializado, como elemento semântico ou estrutural da narrativa. Tais estudos partem do modelo de Labov e Waletzky (1967) em narrativas orais, em que a avaliação liga-se a uma função determinada. A definição original de avaliação para os autores é “a parte da narrativa que revela a atitude do narrador em relação à estória, ao enfatizar a importância relativa de unidades da narrativa em relação a outras partes dela” (Labov e Waletzky, 1967, p. 37).

Nessa perspectiva, a avaliação associa-se tanto a uma das seis macrodivisões da narrativa, como a qualquer elemento que indique o valor de certos eventos em relação ao ponto da estória ou dê relevo de alguma forma ao narrador, aos protagonistas e ao enredo. Em quaisquer das situações, a avaliação deve ser entendida como o elemento chave, o meio de o narrador enriquecer a sua estória, tornando-a mais interessante, por prender a atenção do ouvinte e enfatizar a própria razão de ser da narrativa, o motivo pelo qual uma estória merece ser contada.

Vários autores basearam seus estudos de avaliação a partir dos pressupostos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972). Entre eles, merece destaque o estudo de avaliação proposto por Linde (1997). Nas palavras da autora, a avaliação é “qualquer instância produzida pelo falante que indique sentido social ou valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (1997, p.152). Linde vê na avaliação uma dimensão

estrutural da narrativa referente às normas sociais, aos comentários morais ou percepções do mundo, ou de como este mundo deveria ser, que comportamentos são ou não adequados, que tipo de pessoas falantes e ouvintes são, ao criarem, juntos, uma forma particular de julgamento normativo. Sob esse viés, Linde (1997) entende que os significados morais da avaliação não são produzidos apenas pelo falante, mas são na realidade negociadas entre ele e sua audiência nos processos de interação social.

A relação direta entre avaliação e narrativa nos trabalhos de Labov Waletzky (1967) e Linde (1997) é o que os torna especialmente oportunos nesta pesquisa, onde a narrativa é o principal material discursivo em foco e em que a proporção de avaliações nas narrativas jaraguenses é muito elevada. Não obstante, o enfoque dos autores nas avaliações, como elemento semântico e estrutural específico em narrativas, traz certas limitações, uma vez que os estudos de avaliação englobam diferentes usos avaliativos na linguagem em geral. Nesse sentido, busco recursos complementares a essa visão e, para tanto, adoto uma linha teórica sobre avaliação, estabelecida na Teoria da Valoração (Martin e White, 2007), que amplia o campo traçado por Labov e Waletzky (1967) e Linde (1997), fornecendo maiores subsídios à microanálise dos elementos avaliativos das narrativas jaraguenses. Na seqüência, caracterizo esse referencial e suas subdivisões.

5.1.3 Teoria da valoração

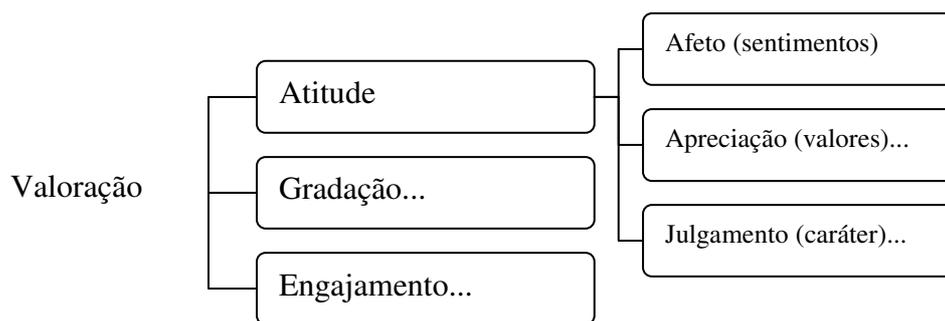
A Teoria da Valoração foi desenvolvida a partir da Linguística Sistêmica Funcional (LSF) e é considerada como um sistema do significado interpessoal da linguagem (Rose e Martin, 2003). A denominação em português vem do inglês

Appraisal Theory e assumiu essa forma no capítulo de ⁴Peter White (2004), intitulado “Valoração_ a linguagem da avaliação e da perspectiva”, traduzido por Débora Figueiredo para um número especial da revista “Linguagem em Discurso”, em 2004.

O termo *Appraisal Theory* também se associa a uma teoria do campo da Psicologia Cognitiva, contudo, na LSF, ele emergiu após um período de mais de quinze anos de estudos conduzidos por um grupo de pesquisadores australianos liderados por James Martin e Peter White em um projeto de letramento. As respostas que os membros do grupo ofereceram para questões relacionadas à forma como os textos ativam avaliações positivas e negativas, como assumem posições em relação a essas avaliações e de que forma essas avaliações são negociadas intersubjetivamente, deram à abordagem da valoração sua forma atual, dividida em três campos: atitude, gradação e engajamento (Martin, 2000).

As atitudes são apresentadas no discurso em três grupos: afeto, julgamento e apreciação. As três categorias podem ser avaliações positivas e negativas e apresentam níveis de gradação e de engajamento. A gradação é uma classificação em subcategorias sobre a variação de nível positivo ou negativo que as atitudes apresentam e pode ser dividida em alto, médio e baixo nível. O engajamento, por sua vez, demonstra o nível de comprometimento que o usuário da língua explicita em sua avaliação. Nas próximas seções, caracterizo esses três componentes da valoração, que são demonstrados de forma esquemática no gráfico seguinte, adaptado de Rose e Martin (2003, p. 28):

⁴ Originariamente, este capítulo foi publicado em: VERSCHUEREN, J; OSTMAN, J; BLOMMAERT, J; BULCAEN, C. (Eds.) *The handbook of pragmatics*. Amsterdam: Filadelfia: John Publishing Co, 2002.

Gráfico 4: Sistema de valoração

a- Atitude

O sistema de atitude provê recursos para avaliar coisas, o caráter das pessoas e seus sentimentos. Segundo Martin (2000), a atitude engloba significados pelos quais os textos e os falantes conectam valores subjetivos ou avaliações a participantes e processos com referência tanto a respostas emocionais ou a sistemas de valores culturalmente orientados. A atitude se divide em três sub-campos semânticos: o *afeto*, que está relacionado às avaliações semânticas sobre emoções; o *juízo*, que se relaciona à avaliação de comportamento e a *apreciação*, que categoriza a avaliação estética assim como oferece definições sobre o objeto a ser avaliado. Observemos cada um deles nas subseções seguintes.

(i) Afeto

O *afeto* é o recurso semântico relacionado à construção de emoções das pessoas, como medo, felicidade, tristeza e assim por diante (Martin, 2000). Ele é tipicamente realizado por processos mentais de reação (eu gosto, eu odeio, isso me incomoda, isso me anima) e atributivos relacionais de afeto (eu estou contente, eu estou feliz, ela está encantada...). Lexicalmente, o afeto pode ser representado por verbos que denotam emoções (amar, adorar, odiar...), advérbios, geralmente de modo (felizmente,

tristemente....), adjetivos que exprimam emoções (feliz, triste, horrorizado, inquieto...) e também por substantivos, através de nominalizações (felicidade, tristeza...).

No *afeto*, assim como nas outras categorias da atitude, os elementos avaliativos envolvem os pólos negativo ou positivo, indicando bons e maus sentimentos. Da mesma forma, as pessoas podem expressar seus sentimentos direta ou implicitamente, assim, o afeto também pode ser *direto* ou *implícito*. O *afeto direto* ocorre quando a atitude afetiva é representada através de um estado emocional ou através de expressão física. O *afeto implícito* pode acontecer por uso de metáfora.

(ii) **Julgamento**

O campo do *julgamento* compreende avaliações normativas a questões éticas, comportamentos humanos, as formas de acordo com as quais as pessoas devem ou não se comportar. Ele também possui uma dimensão positiva e negativa, correspondendo a julgamentos negativos ou positivos sobre determinado comportamento. O foco de análise é a linguagem que elogia, critica, aplaude ou condena certos comportamentos, ações, crenças, façanhas, motivações, implícita ou explicitamente. A abordagem divide os julgamentos em dois grupos: os que lidam com a *estima social*, e os orientados para as *sanções sociais*.

Os julgamentos de *sanção social* envolvem questões de legalidade e moralidade. Da perspectiva religiosa, as quebras de sanções sociais são vistas como pecados. Da perspectiva jurídica, elas são vistas como crimes. Assim, romper uma sanção social significa correr o risco de receber punições legais ou religiosas, daí o termo “sanção”.

Os julgamentos de *estima social* não possuem implicações legais ou morais, embora envolvam avaliações que possam rebaixar a estima das pessoas em sua

comunidade. Assim, valores negativos em termos de *estima social* são vistos como disfuncionais ou inapropriados, ou algo que deve ser desencorajado, mas não são avaliados como pecados ou crimes.

(iii) *Apreciação*

O campo da *apreciação* liga-se a avaliações estéticas de forma, aparência, composição, impacto ou significação de artefatos humanos, objetos naturais, bem como de indivíduos, mas não de comportamentos humanos (Rose e Martin, 2003). Os sujeitos humanos podem ser apreciados em suas qualidades estéticas, mas não em termos de aceitabilidade social de seus comportamentos, pois aí implica em julgamento. O sistema de *apreciação* subdivide-se em três variáveis: *reação*, *composição* e *valor*.

A primeira, *reação*, diz respeito a como reagimos às coisas (elas chamam nossa atenção? elas nos agradam?), e se subdivide em *impacto*, quando a reação provoca algo em nós (isso me toca?) e *qualidade*, se a reação estiver voltada ao objeto (eu gostei disso?).

A segunda, *composição*, é dividida em *equilíbrio* e *complexidade*. O equilíbrio trata aquilo que avaliamos como as partes concretas que formam o objeto (isto está coeso?). Já a complexidade trata daquilo que o texto tem e que faz com que ele interaja com o mundo (foi difícil de acompanhar?).

A terceira variável, o *valor*, refere-se à importância social (isso vale a pena?) (se elas são inovadoras, autênticas, eficazes, saudáveis, relevantes, importantes, significativas). À semelhança das duas primeiras categorias da atitude, no sistema de *apreciação*, também encontramos as dimensões negativa e positiva de avaliação.

b- Gradação

A *gradação*, como o nome sugere, permite graduar as avaliações no sistema de atitude, tornando-as mais fortes ou fracas e mais ou menos evidentes. A gradação se realiza em dois eixos: um relacionado à intensidade ou quantidade, denominado *força*, e um outro que opera de acordo com questões de exatidão, denominado de *foco*.

O *foco* subdivide-se em duas categorias: *precisão* e *abrandamento*. Na primeira, manifestam-se situações em que a participação em uma categoria taxonômica é reforçada, por exemplo, “ela é *tão* bonita”, ao passo que na segunda, ela é mitigada como em “ela é *meio* legal”.

A *força*, por seu turno, cobre significados para os quais podemos aplicar às atitudes algum grau de *intensidade* dentro de uma escala (nada especial, meio especial, um quanto especial, bastante especial, extremamente especial, especialíssimo) e *quantificação* (um, nenhum, muitos, poucos, todos, dezenas, milhares).

c- Engajamento

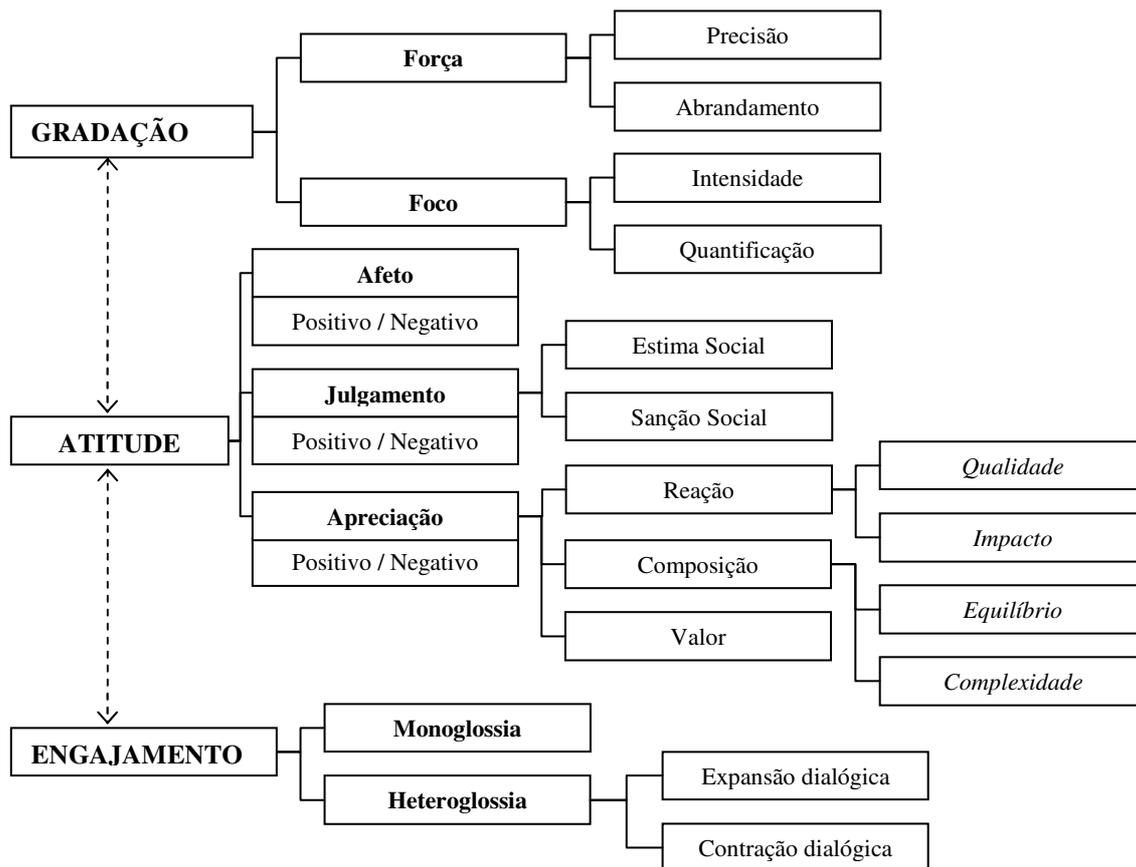
O campo de *engajamento* dá acesso aos recursos de posicionamento subjetivo nas avaliações no sistema de atitude, revelando a voz ou as vozes autorais de onde elas partem e os significados pelos quais o falante tanto pode se aproximar ou se distanciar dos pontos de vista lançados em sua enunciação. Tendo como premissa a noção bakhtiniana de que enunciados verbais são, em última instância, dialógicos, o sistema de engajamento considera a forma como os produtores de um texto se filiam, ou se

contrapõem a um dado contexto, bem como na forma como os outros são convidados a endossar pontos de vista.

Nessa perspectiva, o sistema de *engajamento* é descrito em termos de duas posturas possivelmente assumidas pelo produtor em um texto: a *monoglossia*, a instância do discurso na qual não há o reconhecimento das alternativas dialógicas, e a *heteroglossia*, em que essas alternativas se fazem claras. No caso de *heteroglossia*, se o alinhamento do falante em relação à dialogia é positivo, temos uma *expansão dialógica*, ao passo que se, por outro lado, há o desafio, a restrição ou a crítica em relação ao escopo das vozes implicadas, temos uma relação de *contração dialógica*.

No engajamento uma ampla gama de opções permite que a voz textual varie os termos de seu engajamento com vozes e posições alternativas. Dentre esses recursos, são relevantes categorias como *negação* (não é verdade que..., ao contrário...); *declaração* (eu afirmo..., a verdade é que..., não há dúvida que...); *consideração* (parece que; aparentemente...); *atribuição* (X disse que...; X acredita que...; de acordo com X; na opinião de X); *modalização* (deve ser, pode ser, deveria ser...). Encerro esta seção com um gráfico, onde represento, de forma esquemática, o sistema de valoração.

Gráfico 5: Sistema de valoração ampliado



5.2 Avaliações sobre os contextos de chegada

A partir deste tópico, têm início os momentos analíticos sobre a leitura que o jaraguense faz de sua experiência como migrante. Uma experiência entendida no sentido como foi sugerido por Bondía (2002, *apud* Beiro, 2005), aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, em oposição ao que simplesmente passa, acontece, ou toca. O direcionamento essencial, aqui, é a dimensão atitudinal e mnemônica que se capta nas narrativas a partir da relação “espaço e movimento”, eixo fundamental do processo migratório. A fim de destacar as avaliações atitudinais nos recortes, elas aparecem sublinhadas e suas gradações de intensidade, quantificação e foco são assinalados em **negrito**. Os termos próprios do sistema de valoração também se destacam em *itálico* ao longo do texto, para dar a eles maior visibilidade nas análises. Passemos ao momento analítico, então.

5.2.1 *Novos espaços e paisagens: cenários difusos*

Quando o jaraguense se refere aos cenários concretos de sua migração, remete-se a espaços e paisagens próprias. Como bem adverte Beiro (2005), a paisagem antes de ser um repouso para os sentidos é obra da mente. Desse modo, o espaço não se apresenta aos nossos olhos como objeto pronto e acabado. Ao contrário, ele nos interpela, cobrando-nos posições de cunho estético, funcional, afetivo e assim por diante (Guattari, 1992). Nesse sentido, o espaço e a paisagem são, como explica Cosgrove (1998, *apud* Beiro, 2005), um texto cultural de muitas dimensões, que se oferece a diferentes possibilidades de leituras simultâneas e igualmente válidas.

É essa qualidade do espaço e da paisagem que justifica o fato de o migrante acionar vários campos *atitudinais* ao avaliar os cenários concretos de sua jornada no exterior, contrariando a expectativa mais comum que seria a de traçar avaliações meramente *apreciativas*, uma vez que se trata de considerar lugares, objetos e coisas. Começarei a desenvolver essa evidência a partir do recorte seguinte da narrativa de Renato (80), em que ele relata seu primeiro contato com o país de destino, e os abalos advindos do cenário que para ele se revelou logo à saída do aeroporto:

(82) Renato

59 quando a porta do aeroporto abriu... eu falei:
 60 “isso aqui não é tão frio assim como eu imaginava”
 61 mas aí é que eu fui sentir que eu estava em outro planeta
 62 e foi chovendo
 63 como sempre chove lá...
 64 chove muito... frio!
 65 não só o frio do clima
 66 mas o frio das pessoas
 67 o frio de não saber falar nada
 68 de não saber se defender

O cenário a que se refere Renato é Londres, cidade sobre a qual ele inicia uma *apreciação* com base nos aspectos climáticos que contradizem suas expectativas (linha 60). Tais expectativas, possivelmente, se *engajam* às vozes da incipiente rede social que liga Jaraguá àquele destino, que por sinal, é bastante almejado pelos jaraguenses em função da valorização da moeda local frente ao real. Há, portanto, nessa *apreciação* uma *contração dialógica* em relação às advertências que comumente se fazem aos candidatos a moradores de Londres, com respeito às dificuldades do clima, geralmente nublado e bastante frio para os padrões brasileiros. Contudo, Renato imediatamente se alinha às vozes da representação de dificuldade, lançando uma *reação de impacto*, amplificada na metáfora “outro planeta” (linha 61).

Na seqüência, Renato associa o frio do clima, ao frio das pessoas, em uma nova metáfora com a qual traça uma avaliação *implícita* no campo do *afeto*, reveladora do estado de desolamento que lhe acometeu na chegada (linhas 66-68, “... o frio das pessoas”, “o frio de não saber falar...”, “... de não saber se defender”). Segundo Carter (1992), metáforas desse tipo são um mecanismo poético que o migrante usa para se referir a cenários de um outro país, de modo a lhe permitir estabelecer conexões simbólicas quando as conexões lógicas não são suficientes.

Como bem se percebe, as avaliações do cenário londrino traçadas por Renato acionam *atitudes* do campo da *apreciação* impregnadas de *afeto*, revelando implicitamente uma dimensão negativa, que denuncia o estado de desolação e até mesmo um certo medo do migrante frente a seu contexto de chegada. De modo geral, a dimensão negativa dessas avaliações é implícita, muito embora haja casos em que essa dimensão se revele mais diretamente, como o faz Emília, no próximo exemplo:

(83) Trecho da entrevista de Emília (Danbury, 18 de julho de 2002)

Primeiro que eu fiquei **super decepcionada** quando eu cheguei aqui... com as coisas, assim...porque eu esperava isso aqui...quando eu entrei em Danbury eu **achei que isso aqui era uma fazenda, tudo** escuro, sabe...mesmo aquelas áreas de mansão... **ninguém** usa energia... **aquela economia...aquele negócio...**eu falei _ **'gente do céu!** ', sabe? Brasil cê anda ...**aquelas ruas todas claras, ruas largas**, eu prefiro...eu tô aqui **no fim do mundo** (risos). Andando pela cidade...as casas **completamente diferente, tudo de madeira**, não tem aquela arquitetura que tem no Brasil...eu não sei se é porque, igual você falou, eu tava acostumada com coisa boa, entendeu?...a gente tá acostumada a ir em hotéis bons, é...conhecer coisa boa, então pra mim...assim, de certa forma eu esperava isso aqui **diferente, muito melhor** do que é. Apesar de que depois, eu tive oportunidade de ir à Califórnia, de ir à Flórida, né...e conhecer mais coisas, então, quer dizer, **tem muita coisa rica, muita coisa bonita**

Emília, nesse recorte (83), lança diretamente uma avaliação negativa sobre o cenário de chegada, a cidade americana do estado de Connecticut, Danbury, uma região considerada como uma das mais ricas e prósperas do país. Ela inicia essa avaliação em termos *apreciativos*, enfatizando sua *reação* de decepção. Existe aí, mais uma vez, uma *contração dialógica* em relação a um discurso preestabelecido, o de que as cidades americanas, como o país inteiro, seriam bem mais ricas e desenvolvidas que as brasileiras. Ela prossegue nessa *contração dialógica*, comparando os dois contextos, sempre reafirmando seu desapontamento frente a um cenário que não se revelou tão superior quanto o esperado.

Segundo Carter (1992), a superposição de um local invisível, guardado na memória, a um novo local onde o migrante refaz sua vida, é essencial para a interpretação desse novo espaço de vivência. O autor ainda sugere que, inicialmente, é necessário ao migrante, para se orientar no novo ambiente, encontrar nele semelhanças com o lugar antigo. O que se revela nas narrativas jaraguenses é que o migrante, ao menos no início, mantém-se preso à lembrança do antigo local, no caso Jaraguá, cidade invisível que se preserva e se mistura à nova espacialidade, plena de simbólicos e sentidos. Esse artifício de contraposição muitas vezes resulta na sensação de estranha familiaridade, como a relatada por Emília, que até enxerga no cenário americano a mesma paisagem rural _ “eu achei que isso aqui era uma fazenda” _ típica de seu contexto original goiano.

Essa sobreposição inicial de cenários, que de certa forma ofusca a visão do migrante na chegada, tende a se dissipar à medida que avança sua vivência no país, e ele começa a ajustar seu olhar, encarando com menos reservas o novo cenário. Progressivamente, dissipa-se também a negatividade do início e o migrante se desarma, tecendo avaliações mais positivas, como bem demonstrou Emília _ “tem muita coisa rica, muita coisa bonita”. É assim também com Guido, conforme seu relato a seguir:

(83) Guido

122 bom... a Bélgica... Bruxelas é uma cidade encantadora!
 123 a cidade **mais** bonita que eu já conheci
 124 **muito** bonita.....
 125 é **...pequena demais** da conta!
 126 acho que é menor do que Goiás
 127 não sei se é menor **quase parecida** com o tamanho de Goiás
 /.../
 164 eu... se eu tive oportunidade... eu vou levá minha esposa...pra conhecer Bruxelas...
 165 porque é uma cidade muito bonita, encantadora
 166 e é uma cultura totalmente diferente

Guido é direto em sua *apreciação* positiva, calcada no campo da *reação* e da *qualidade*, “cidade encantadora” (linha 122), que ele gradua com um comparativo de superioridade, “a cidade mais bonita que eu já vi” (linha 123), dando maior *intensidade* ao predicado positivo. Observa-se que Guido já se despe da atitude de desconfiança e reserva, mais comum nos primeiros contatos. Mesmo assim, o faz ainda sobrepondo os espaços anterior e atual em um arranjo complexo, que equipara centros regionais díspares como Bruxelas, Bélgica e Goiás em uma dimensão comum improvável. É uma avaliação *apreciativa* que, embora positiva, denuncia o grau de desorientação e deslocamento do migrante frente aos cenários transnacionais. Sobre esses cenários, disponho mais uma avaliação:

(85) Marcelo

285 ai fiquei dois dia na Espanha
 286 **super** fascinante
 287 lá, quente pra caramba!
 288 aquele clima totalmente brasileiro, sabe?
 289 as pessoas lá saem e vão pra praças com mochilas com refrigerantes, vodka essas coisas e suco
 290 e senta assim na praça
 291 e começa a beber
 292 e conversar
 293 e fazer amizade com ingleses que vão pra lá
 294 e o pessoal dos outros países

Novamente se expõe uma avaliação positiva do campo da *apreciação* de *reação* e *qualidade*, graduada pelo marcador de *intensidade* “super” em “super fascinante” (linha 286). Aqui, ainda se percebe a sobreposição de cenários, Brasil e Espanha, que se equiparam no clima. Comparação que também pode ser entendida em sentido metafórico, uma vez que o comportamento descontraído das pessoas, na praça (linha 289), bem pode se associar ao “clima” de desprendimento das pessoas no Brasil. Implicitamente, Marcelo abona o ato de beber, usar mochila, sentar na praça para conversar, pois não lança nenhum julgamento moral negativo sobre essa conduta. Nessa medida, as avaliações *apreciativas* de Marcelo acabam tangenciando outros campos *atitudinais*, pois acionam sentimentos e emoções, como o de amizade, que ele afirma travar entre “o pessoal de outros países” (linha 294).

As análises deste tópico apóiam as observações de Beiro (2005), para quem o lugar é um espaço no qual os sujeitos estabeleceram ligações de familiaridade e afetividade. Tal característica explica, parcialmente, o fato de que as avaliações do migrante sobre os novos cenários de sua vivência sobrepõem *atitudes* do campo da *apreciação* e do *afeto*, bem como invadem terrenos do *julgamento*, conforme desenvolvo com mais atenção no próximo tópico.

5.2.2 *Cenários alheios: conduta e comportamento “estrangeiro”*

A observação dos cenários estrangeiros pelo migrante é uma atividade que ultrapassa a mera *apreciação* espacial, pois o ambiente justapõe paisagens, coisas e pessoas. Como esses elementos não se dissociam na composição ambiental é comum que o viajante os sobreponha de forma imbricada em suas avaliações sobre os locais de chegada. É isso o que justifica, na descrição anterior de Marcelo (recorte 85), a inclusão das pessoas no cenário espanhol e, implicitamente, do comportamento delas, em um exemplo bastante conveniente para a introdução do próximo relato:

(86) Wilson

206 mas tem as história das droga tamém que é muito ruim
 207 que a droga lá é liberal... não é... todo mundo... se quiser, fuma na rua... cheira tudo na rua,
 208 ali, porque é um país liberal
 209 é louco!.... os pessoal são doido!.... não importa com nada!
 210 as mulhé... as inglesa, principalmente, na boate, vai e tiram as ropa, ali, na sua frente, ali !
 211 num qué nem sabê.... as inglesa são maluca!
 212 deve ser devido às droga que eles usa muito.... bebe demais!
 213 e ce tem... tem que ter um pouco de cuidado, senão... ocê não ganha dinheiro!
 214 se quisé vivê só na farra lá....
 215 porque é um país que tem bagunça todo o dia, de segunda a segunda
 216 não pára, a cidade não dorme!

Wilson é explícito ao traçar avaliações negativas sobre seu cenário de destino, a Inglaterra, país segundo ele liberal (linha 208), onde as pessoas consomem drogas na rua (linha 207), não se importando com nada (209), onde mulheres se oferecem nuas em boates (210), tudo a um ritmo frenético, em uma cidade que não dorme, de segunda a segunda. Existem, aqui, vários campos atitudinais sobrepostos. De um lado, há uma dimensão *apreciativa* de *valor* voltada ao cenário londrino, que é tomado como referencial do país inteiro_ “porque é um país liberal” (linha 208) _ avaliação de sentido negativo, referindo-se a uma liberdade excessiva, cuja *gradação* de *intensidade* é amplificada na declaração “é louco!” (linha 209). Por outro lado, esse atributo liberal relaciona-se diretamente ao comportamento social das pessoas que habitam esse cenário e que a ele se equiparam em nível de insanidade na declaração, “são doido!” (linha

209). Vê-se, portanto, que a apreciação negativa do cenário inglês estende-se ao seu componente humano, cujo comportamento é avaliado no campo *atitudinal* do *juízo*, sob o ponto de vista da *sansão social*: uso de drogas (linha 207) e conduta imoral ao tirar a roupa na frente de todos (linha 210).

Como bem observa Martin (2000), ao manifestarmos para os outros como nos sentimos diante de coisas e pessoas, negociamos, ao mesmo tempo, nossas relações sociais. É esse caráter da avaliação que a caracteriza, na concepção de Linde (1997), como uma prática social essencial para a compreensão das pessoas em relação a suas ações e seu contexto social. Todo o ato de avaliação expressa um sistema de valores comum e vai na direção da construção de um sistema de valores. Esse sistema, por sua vez, é um componente da ideologia que se embute em cada texto.

Na realidade, as condutas relacionadas por Wilson são comportamentos que não alcançam aprovação social dentro da própria sociedade inglesa. Wilson faz generalizações extremas, associando a todo um país um procedimento que só é, quando muito, tolerado em locais restritos, como casas noturnas, bares e boates em áreas específicas de grandes centros urbanos. Nessa medida, analiso que os julgamentos de Wilson destinam-se a, muito mais que expressar sua desaprovação ao comportamento britânico, afirmar seu grau de *engajamento* às expectativas e exigências sociais de seu contexto de origem, onde tais condutas não apenas não encontram espaços de tolerância como são veementemente combatidas. Tomo o próximo recorte para desenvolver questões que identifico em comum com o exemplo de Wilson:

(87) Guido

Resumo	256	lá tem um parque que chama parque "Forre"
	257	<u>esse parque eu acho que dá u'as treis veis maió do que Jaraguá</u>
Orientação	258	<u>é muito grande esse parque, sabe?</u>
	259	e aí, quando dá um solzinho... quando chega assim, lá pás cinco hora...

	260	cinco hora, que cê pára de trabalhá... aí cê vai pra esse parque
	261	e eu falei assim...eu vô nesse parque, né.?.
Complicação	262	tarde... pega um solzinho, porque tava branco que só u'a neve...
	263	quando eu cheguei lá, levei outro susto!
Resolução	264	aquele tanto de muié de biquíni... sem sutiã lá... deitada lá... lá...
	265	eu fiquei assim...eu falei ...eu falei: " misericórdia! desse negócio aqui, uai!"
	266	eu falei assim: "vô vortá pra trais"...ele (um amigo que estava junto) falô: "não vai vortá pá trais!"
	267	"cê vai é pro parque!" ... falou... " isso aqui não é nada! "
	268	então... pra eles lá, esse tipo de coisa não é nada!
	269	então eu fiquei... é uma coisa assim... uma coisa curiosa ...
Avaliação	270	que aconteceu comigo... que eu nunca vou esquece
	271	eu fiquei assim...foi nessa Rua do Norte eu fiquei de boca aberta ...
	272	isso não existe no Brasil, em lugar nenhum!
	273	uma pessoa tá disponível nu'a vitrine como se fosse um objeto...
	274	e fazia gesto pra gente assim "oh! trinta euro, quarenta euro, vem, vem!"
	275	e as pessoa ia entrano lá... pra dentro assim, aquele tanto de mulher...
	276	então deixô eu meio...

Este excerto é o que chamo de narrativa espontânea, uma pequena estória, encaixada na narrativa principal, que funciona, em geral, como um recurso ilustrativo ou de explicação. Nesse caso, Guido lança mão dessa mini-narrativa para projetar no ouvinte o mesmo *impacto* que sentiu ao ver, pela primeira vez, um monte de mulheres sem sutiãs em um parque público em Bruxelas. Sua construção narrativa dá ênfase à surpresa, que ele *intensifica* com a expressão exclamativa, "misericórdia!" (linha 265). Nesse primeiro momento, Guido avalia o cenário belga, acionando o campo *atitudinal* da *apreciação*, focando *reação* e *impacto*. Contudo, ele prossegue no relato de espanto, construído e já intensificado com um atributivo relacional de afeto na expressão "fiquei de boca aberta" (linha 271). Percebe-se aí a tangência entre os campos de *apreciação* e *afeto*, aos quais vão se unir um *juízo* negativo implícito de *estima social* sobre as "mulheres das vitrines" – "uma pessoa tá disponível nu'a vitrine como se fosse um objeto..." (linha 273). Guido demonstra como o contato com esse cenário que lhe é tão estranho mexe com todos os campos de seu *sistema atitudinal*.

As avaliações presentes nos dois últimos recortes, de Wilson (86) e Guido (87), assemelham-se tanto por acionarem implícita ou explicitamente os três campos da *atitude* do sistema de *valoração*, quanto pelo *engajamento* dos narradores com o

sistema moral de seu contexto de origem. A exemplo de muitas das cidades do interior do Brasil, em que o ideal religioso cristão se preserva, Jaraguá mantém prescrições de conduta que condenam com vigor todos os comportamentos descritos naqueles relatos. Neles, é evidente o alinhamento dos dois migrantes, cujas falas entram em *expansão dialógica* com o discurso da moralidade.

Esse alinhamento discursivo não implica necessariamente o mesmo alinhamento de conduta, uma vez que tanto Wilson quanto Guido avaliam esses cenários e comportamentos a partir de sua própria experiência participativa, a ponto de Wilson (85, linha 213) advertir: “... tem que ter um pouco de cuidado, senão...”. Esse tipo de posicionamento subjetivo é uma estratégia que Fazito (2005) compreende como típica quando o migrante inicia sua peregrinação por outros territórios e pouco a pouco se dá conta de que a ausência no lugar de origem implica políticas extremas de negociação com aqueles que ficaram. Nesse sentido, ao narrar sua vivência em terras estrangeiras, que no contexto jaraguense pode ser negativamente avaliada, atentando contra sua reputação, o migrante se preserva, alinhando seu discurso ao padrão hegemônico local. Desse modo, narra suas ⁵experiências, carregando o *sistema atitudinal* com avaliações negativas que acionam *afeto, julgamento e apreciação*, todos ao mesmo tempo, para dar ênfase a sua desaprovação ao comportamento “estrangeiro”.

5.2.3 A estranha mesquinhez do espaço urbano

⁵ Sobre a experiência nos parques europeus em que as pessoas se despem para tomar sol no verão, considerei oportuna para este tópico a avaliação que o escritor João Ubaldo Ribeiro faz, no livro “Um brasileiro em Berlim” (Ribeiro, 2006, p. 112), onde escreve o seguinte: “Olho em torno, tão discretamente quanto possível, para não destoar da atitude geral, e não sinto nem de perto a necessidade de autodomínio que pode acometer qualquer um, inclusive alemães numa praia do Rio, onde ninguém fica realmente nu. Aliás, não sinto necessidade de autodomínio nenhum, de repente até me desinteresse em continuar olhando as jovens bonitinhas que fazem ginástica peladas. Não há sexo aqui, só gente nua. Por alguma razão, acho isso inquietante. Nunca pensei em testemunhar (e partilhar) uma tão assombrosa obliteração da libido. Como é que é isso?”

Se o olhar do migrante sobre os novos cenários passa por um ajuste que lhe demanda tempo e certo esforço, o ajuste de comportamento é um exercício ainda mais complexo. Quando o indivíduo parte, transferem-se com ele suas crenças, valores, normas e nesse movimento, quanto maior a distância entre sua tradição e a da área de destino, maior o sentimento de desterritorialização. No caso dos jaraguenses, a possibilidade de conflito se potencializa na mesma proporção do salto que eles dão entre um cenário pequeno e ainda com muitas marcas rurais, como é característico em Jaraguá, e os territórios altamente urbanizados e cosmopolitas de seu destino. O estranhamento é uma reação conseqüente, como bem demonstra Leda no próximo relato:

(88) Leda

76 porque quando a gente precisa... cê num tá no seu país...
 77 cê num vai pegá emprestado
 78 lá ninguém empresta nada
 79 ce ta intendo?
 80 só se você tivé um parente, né?...
 81 Mas assim mesmo é difícil porque lá tudo tudo tudo tudo cê tem que comprá
 82 até água!
 83 porque lá cê não pode tomá água da tornera
 84 tudo tudo tudo tudo é comprado
 85 se vale dois cents cê tem que tê dois cents
 86 senão você num leva pra casa
 87 se fô dez euro e dois cents cê tem que tê os dois cents... senão...
 88 cê... não é igual aqui.... cê vai num supermercado.... cê tá intendo?

Observa-se que essas seqüências, retiradas de uma das seções avaliativas da narrativa de Leda, referem-se a um “lá”, repetido três vezes (linhas 78, 81, 83) em oposição a um “aqui” (linha 88), numa articulação que opõe Bruxelas a Jaraguá. A natureza comparativa da avaliação é uma característica enfatizada por Labov (1972), que entende que elementos avaliativos sempre comparam ou contrastam coisas com uma norma. É justamente sobre certas normas que Leda direciona suas asserções. Seu relato é cheio de *quantificadores*, um recurso de *gradação* que em alguns casos ela

ainda potencializa, repetindo-os em seqüências de até quatro justaposições, como em “tudo, tudo, tudo, tudo” (linhas 81, 84). De acordo com Silva (2001, p.159), a recorrência de seguimentos lingüísticos em posição contígua além de sinalizar uma ampliação do significado da forma repetida, tem relação com o que se há denominado “motivação icônica” da repetição. Na série de *quantificações*, entram alguns valores pecuniários, eles próprios elementos de gradação do tipo de *atitude* que Leda, implicitamente, está avaliando: as relações sociais totalmente despersonalizadas da metrópole, em que toda e qualquer aquisição é mediada concretamente via moeda.

A maneira assertiva como Leda frisa o fato que “tudo é comprado” sugere uma contraposição a um sistema de relações socioeconômicas presentes em algumas cidades de interior, onde redes sociais de parentesco e vizinhança dispõem de itens, geralmente coisas da fazenda, como leite, ovos, milho, polvilho e assim por diante, tudo dado ou permutado sem nenhuma instância financeira. Leda contrapõe, do mesmo modo, a prática ainda corrente em Jaraguá de se levar produtos de estabelecimentos comerciais pelo método de anotação em cadernetas, sem a necessidade de pagamento imediato, conforme insinua na linha 88 (não é igual aqui.... cê vai num supermercado.... cê tá entendendo?). Da mesma natureza é seu exemplo sobre a água de beber, produto que em Jaraguá ainda encontra resistência na comercialização, pelo entendimento de que é algo por que não se deve cobrar.

Essas declarações comparam a generosidade jaragüense de um lado à proporcional mesquinhez do estrangeiro, como igualmente se entende no recorte seguinte:

(89) Guido

167 até pelo fato também que... é o seguinte... brasileiro que vai pra lá volta **mais pão duro**

168 brasileiro é **muito** aberto... **muito** mão aberta

169 não qué dizê que eles são mão aberta

170 eles são mão aberta prum tipo... prum tipo... de um lado diferente das coisa... qué vê?...
 171 porque nós somos aberto ... **tudo** pra nós é gasta
 172 eles lá não... eles lá... principalmente brasileiro ...quando chega lá é **pão duro**
 173 eu pra eu cumê **um** bife tive que pagá...
 174 **nunca ninguém** me deu **um bife de graça**
 175 **nada, nada** de graça
 176 **nunca!**
 177 pra eu bebê água lá... você não bebe água de tornera...
 178 lá você paga... você compra sua água...
 179 então você compra **cinco litro d'água**...
 180 dá pra semana
 181 aí você gasta aquilo ali na semana...
 182 cê vai lá... toma água... um pouquinho tan... tan...

Aqui, a comparação do estrangeiro com o brasileiro é mais direta. Este último, ser supostamente “mão-aberta”, segundo Guido (linha 168), em contato com o primeiro, acaba por se tornar proporcionalmente “pão-duro” (linha 167). Observa-se que Guido, ao condenar a conduta que sua colega também avalia como negativa, usa os mesmos artifícios de *gradação* que ela, quais sejam os *quantificadores*, “tudo”, “nada”, “um”, “nenhum”, sempre enfatizando o domínio do cálculo na consciência dos indivíduos nesses locais. Ao lançarem mão do *quantificador* “ninguém”, tanto Guido (“nunca ninguém me deu um bife...”, linha 174) quanto Leda (“ninguém empresta nada”, linha 78), regulam o *foco* de sua avaliação sobre as pessoas do país estrangeiro. Lançam-se, portanto do campo do *juízo*, em que o elemento avaliado, indiretamente, é a conduta social pouco solidária desses indivíduos. Sempre na linha dos *quantificadores*, com aquele “nada” de Leda (linha 78) e o “nunca” de Guido (linha 174), ambos aumentam o grau negativo do *juízo* de *sanção social* que direcionam aos belgas e ingleses, povos cujas relações sociais, no olhar desses migrantes, são mesquinhamente mediadas pelo dinheiro.

Em seu trabalho sobre migrantes nordestinos na cidade de São Paulo, Gonçalves Filho (1998 p.3) identifica muitas avaliações da mesma essência dessas que aqui se expõem e comenta o seguinte:

Na cidade, vendedores ou compradores, deixamos entre parênteses quaisquer outros traços da vida comum. No campo público, normas privatizantes ganham o caráter de hábito – a consideração da necessidade dos outros deve manter-se abaixo dos esquemas pecuniários. As ações públicas não se cumprem tanto por simpatia ou por dever ético-político quanto por motivos interesseiros. Enquanto concentrados no circuito das relações de compra e venda, o cálculo ocupa com quase exclusividade a consciência dos indivíduos.

Na interpretação do autor, os aspectos que o migrante avalia negativamente são característicos das normas metropolitanas de vivência, extremamente massificantes, em que os laços de solidariedade humana se enfraquecem na mesma proporção em que se fortalecem os interesses econômicos, a luta pela ascensão social, projeção individual e assim por diante. As impressões negativas que o migrante associa às pessoas nesses territórios advêm de uma espécie de sentimento de deslocamento, como homem/mulher do interior, que têm de se territorializar nos espaços metropolitanos do porte de Bruxelas, Londres, Roma, Nova York, considerados, nas palavras de Santos (1997, p 83), “locais em que o mundo se move mais, e os homens também”.

Essa intensa mobilidade dos grandes centros urbanos, com seu “corre-corre” e sua alardeada oferta de ascensão de vida, torna esses espaços símbolo da modernidade, propagada pela cultura de massa e, “quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento” (*Ibid.*). Nessa medida, o jaraguense é forçado a ajustar seu passo a esse ritmo metropolitano, ainda que entre muitas oscilações. Contudo, esse é um desafio que ele se impõe voluntariamente, pois compreende que esses lugares, como bem observam Ricardo e Castro (2003), são próprios para se “correr atrás”, ou seja,

correr atrás de conhecimento, de trabalho e de mudar de vida. Afinal, é por isso que ele escolhe tais destinos.

5.2.4 *Cidades e cidadanias*

Todas as considerações que vêm sendo tratadas até o momento têm como viés o olhar do migrante sobre os espaços de sua vivência nos países de destino, caracterizados eminentemente como grandes centros urbanos. São cidades cuja paisagem urbana/humana ao ser apreendida pelas lentes desses “estrangeiros”, apesar de lhes causar os estranhamentos narrados, em contrapartida também acena com perspectivas de avanço que os atraem. Esse poder de atração da metrópole tem-se exacerbado nessa nossa era em que a informação e a tecnologia facilitam tanto o movimento. Como bem observa Santos (1997, p. 139) “nunca os homens foram tão móveis, nunca eles foram tão numerosos e viveram tão fora do lugar do seu nascimento”.

Nessa movimentação, o migrante tem tido que negociar com os novos espaços, e territórios em uma atitude que contrapõe a cultura do novo local, aos traços da cultura de origem que ele carrega. Desse embate advêm muitos inconformismos e queixas expressas nas avaliações negativas que ele lança em suas narrativas. Mas, por outro lado, muitos também serão os elementos positivos que ele avalia nesse alvo tão almejado. Começarei a exposição desses elementos, tomando o trecho seguinte do relato de Leda, a migrante jaraguense que morou em Bruxelas, Bélgica, por dois anos:

(90) Leda

- 272 questão de higiene ...
 273 até o lixo de casa... ó garrafa, comida, plástico, papelão...
 274 **todo dia tem o lixeiro pra pega o lixo certim**
 275 cê tem que colocá tudo separado... ce tá entendeno?
 276 até a cor da embalagi do saco de lixo é diferente

277 então... assim... até higiene...
 278 só não gosta de tomá banho
 279 apesar disso... não é... (risos),
 280 mas eles são higiênicos
 281 a cidade é limpa o tempo todo

Neste recorte, Leda topicaliza o alvo de sua avaliação logo no início: a higiene da cidade com seu eficiente sistema de limpeza. Dessa forma, regula o foco desse elemento sobre o qual ela lança uma *apreciação positiva* de *valor* “tem lixeiro pra pegar o lixo certinho” (linha 174), *graduando-a* com o *quantificador* “todo dia”. Como observa White (2004), os recursos avaliativos permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente. Nessa medida, a advertência de Leda sobre a necessidade de separação do lixo por tipo, que é um procedimento por ela avaliado positivamente, denuncia sua surpresa frente a um comportamento inusitado em comparação ao seu contexto jaraguense, onde há ruas e ruas sem coleta de lixo.

Lembrando Carter (1992), as avaliações do migrante se firmam na sobreposição bipolar dos contextos novo e antigo, e, assim, Jaraguá e, conseqüentemente, o Brasil são ao mesmo tempo o ponto de referência do olhar avaliativo do migrante e o alvo das interpretações desse contato, pois é sobre ambos que se voltam direta ou indiretamente os julgamentos daí advindos. Assim, a *apreciação positiva* do sistema de limpeza no cenário de chegada e sua regularidade realça a proporcional carência e irregularidade desse serviço no cenário de partida. Leda ainda tenta se resguardar na brincadeira “só não gostam de tomar banho” (linha 278), em que insinua que essa característica de asseio público não se estende ao campo privado do indivíduo, mas ela logo reafirma sua *apreciação*, reiterando: “a cidade é limpa o tempo todo” (linha 281). Os próximos recortes trazem mais avaliações sobre os países estrangeiros que contrapõem diretamente de forma negativa valores e condutas domésticas:

(91) Leda

294 e muita gente não consegue arrumá serviço
 295 porque não consegue ser certim ...assim
 296 ... no horário.... no horário
 297 se um ônibus tem que passá seis hora...
 298 se você passá seis e um...
 299 o ônibus já passô...
 300 ele não atrasa! /.../

344 eu acho que a pontualidade é o essencial.

(92) Renato

125 a pontualidade... que na Inglaterra é uma coisa fantástica...
 126 no ponto de ônibus/ tem ônibus de 10 em 10 minutos
 127 se você for pegar um ônibus às 10:00h...
 128 e você chegar 9:58....
 129 você irá esperar um pouquinho....
 130 e se você chegar 10:52...
 131 você perderá o ônibus,
 132 sorte é que passa de 10 em 10 minutos

Esses relatos sobre a pontualidade no exterior se revestem, mais uma vez, de *apreciações positivas de valor* que se firmam nos adjetivos “essencial” e “fantástico” (respectivamente linha 344 de Leda, 91, e linha 125 de Renato, 92), elementos que ao mesmo tempo *graduam o foco e a força* das asserções desses migrantes. Observa-se que ambos afirmam essa pontualidade, propondo uma espécie de advertências ao ouvinte: “se você passar 6:01...” (Leda, linha 298) e “se você chegar 10:52...” (Renato, linha 130). São advertências a quem, como o próprio migrante até então, desconhece essas práticas inusitadas no seu contexto original. Como bem observa Leda (91, linhas 294-295) tal desconhecimento é causa de inconvenientes como a própria dificuldade de manter o emprego por não se ajustar ao padrão local de pontualidade.

Novamente, vê-se um tipo de contraposição em que um atributo positivo do estrangeiro é proporcional à inferioridade desse mesmo atributo em relação ao jaraguense ou ao brasileiro, invertendo o tipo de polaridade avaliativa que normalmente se estabelece na relação “nós” e “eles”, em que a negatividade incide sempre sobre

“eles”, como observou van Dijk (2000a) nas avaliações do grupo majoritário sobre as minorias.

As *apreciações positivas* sobre certos elementos dos cenários de chegada do migrante, como a eficiência dos serviços públicos, a pontualidade e a funcionalidade do sistema social como um todo, recaem diretamente na crítica desses mesmos elementos no contexto de partida, que se antes já eram avaliados negativamente, passam a ser praticamente inaceitáveis. O próximo recorte expõe mais claramente esse tipo de evidência:

(93) Patrícia

- 47 o país... quando falam primeiro mundo, é **Primeiro Mundo!**
 48 **Lá os seus direitos vale a pena!**
 49 **você pode reclamar o seu direito que você tem os seus direitos**
 50 igual meu filho, nasceu lá, ele nasceu ele é americano, cidadão americano
 51 como ele é americano...
 52 Eu não tenho direitos como cidadão americano
 53 ele já nasceu ...ele **já teve o seguro de saúde**
 54 ele **já teve assistência é do governo**
 55 **Se eu precisasse ele teria o leite**
 56 porque como o leite é caro...
 57 **toda uma estrutura prá te ajudá o país lá funciona**
 58 **polícia... você conta com a polícia lá**
 59 **a polícia funciona, sabe?**
 60 **você tem seus direitos...você tem seus direitos**
 61 Se acontece... **você num vê roubos.... você não vê violência...**
 62 **você não vê assassinatos com frequência ...**
 63 **você não vê um policial maltratano uma pessoa... um ser humano, sabe?**
 64 **você num vê nada disso**

Patrícia dirige sua *apreciação positiva de valor* sobre seu país de destino, no caso os EUA, onde viveu por seis anos, focalizando especificamente a garantia de direitos do cidadão nele assegurada. Seu *engajamento* acentua o grau de *heteroglossia* em sua fala em que sobrepõem o discurso da eficiência e funcionalidade do Primeiro Mundo em contraposição ao discurso da proporcional falência do sistema social brasileiro como um todo, em que são comuns cenas de roubos, violência, assassinatos,

policiais maltratando pessoas a quem deveriam defender e assim por diante. Os seguimentos sublinhados ilustram uma operação essencialmente estrutural de paralelismo, processo que, nas palavras de Silva (2000, p.72) constitui um procedimento lingüístico discursivo que favorece um incremento novo de natureza informativa e avaliativa à composição do narrador. Observa-se que Patrícia usa a repetição como um recurso de *gradação* _ “você não tem...” (linhas 60 e 61); “você não vê...” (linhas 61, 62, 63 e 64) _ para *intensificar* o grau positivo da apreciação que ela tece sobre as questões de cidadania nos EUA, explicitando, ao mesmo tempo, a *expansão dialógica* do seu discurso com o discurso da superioridade americana nesse quesito.

As apreciações positivas de Patrícia sobre os EUA explicitam sua admiração pela forma como são garantidos direitos de cidadão naquele país. Como o exercício da cidadania no cotidiano, segundo Cavalcanti (2001), tem na cidade o seu espaço eminente, seriam os habitantes das cidades, especialmente os das grandes metrópoles, aqueles com mais prerrogativas para esse gozo. As avaliações de Patrícia vão exatamente nessa direção, uma vez que o que ela aprecia positivamente é o fato de que nesses países, com seus espaços altamente urbanizados, os cidadãos têm seus direitos assegurados. Indiretamente, sua apreciação condena países como o Brasil em que essa relação se estabelece inversamente.

Ao elogiar a dimensão cidadã do espaço americano e suas formas democráticas de acesso, Patrícia não contesta o fato de ser excluída desse sistema, como admite textualmente _ “eu não tenho direitos como o cidadão americano” (linha 52) _ ainda que ela própria, como moradora, componha o cenário urbano e “civilizado” que tanto aprecia. Patrícia parece não se reconhecer como membro local e não reivindica para si direito às práticas cidadãs desse contexto. Nessa perspectiva, sua posição apóia o entendimento de Haesbaert (2006) de que, no mundo contemporâneo, o migrante

representa uma parcela integrante ou em busca da integração numa (pós) modernidade marcada por diferentes níveis de territorialidade.

As avaliações sobre os locais de destino dos migrantes, com seu espaço, paisagem e urbanidade próprios tangenciam constantemente os temas da territorialidade ou da “desterritorialização” (Haesbaert, 2006). Sobre essas questões, Cavalcanti (2001), por exemplo, defende que a cidade é um território que precisa estar aberto para grupos diversos, como migrantes, para lhes garantir o direito de morar, de produzir, de circular, ou seja, o direito a ter direito. A autora ainda destaca a necessidade de se incorporar aos vários olhares da cidade o olhar diferenciado do migrante, agregando aspectos distintos de compreensão que podem contribuir para o planejamento e construção de meios mais democráticos e que proporcionem cidadania. Contudo, tal posição, que muito bem poderia representar uma bandeira de luta do migrante nas condições atuais dos territórios transnacionais, não se evidencia no seu discurso.

5.3 Avaliações finais: verso e reverso da migração

Desde o começo das análises, tem sido uma evidência constante o fato de que a atitude audaz e desafiadora do jaraguense não se revela em seu discurso na mesma proporção que sua prática como migrante exige. Em suas narrativas, embora uma efetiva agência seja marcada nos relatos sobre a ida, as negociações de trabalho, moradia, aprendizagem de língua e assim por diante, não há reivindicações explícitas de direitos, nem manifestações de indignação com relação a arbitrariedades contra ele cometidas. Em geral, existe uma atitude conformista frente a discursos e práticas que visam a cercear seu trânsito e liberdade. Essas revelações têm-se apresentado como as principais características do discurso sobre migração do viajante jaraguense que venho

analisando em seus múltiplos elementos, quais sejam: a estrutura genérica de suas histórias, bem como as relações intertextuais aí presentes, os significados representacionais nos papéis e identidades dos vários atores com quem interage e suas avaliações sobre os diferentes cenários de migração.

Ao me aproximar, agora, do fim deste capítulo, bem como da Tese em si, tomarei os dois últimos tópicos desta seção para buscar respostas a questões que se oferecem como um oportuno desfecho: afinal, que avaliações o jaraguense faz de sua experiência migratória? Valeu a pena? Proponho essas análises em dois momentos específicos, no primeiro sub-tópico (5.3.1), analiso a circularidade na migração jaraguense com suas perspectivas bipolares de retorno que propiciam certas discussões propostas por Haesbaert (2006) sobre territorialidade; por fim (5.3.2) capto nas avaliações sobre o ato de migrar o balanço geral que o jaraguense faz dessa empreitada.

5.3.1 Sobre migrar e retornar: questões de territorialidade

De acordo com Haesbaert (2006), o migrante é uma categoria tão complexa que podemos dizer ao extremo que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios. De modo geral, na literatura especializada o termo “migrante” compreende nomeações e distinções específicas como, migrante internacional, nacional, definitivo, temporário e termos como migração espontânea, migração forçada, migração planejada. Porém, diante das mudanças nos projetos dos fluxos migratórios atuais, suas direções e perspectivas de permanência dos migrantes, estudos mais recentes têm proposto novas definições, como “transnacionalismo” (Basch et al., 1994) e “migrações de retorno” (Borjas e Brastberg, 1996; Newbold e Bell, 2001).

Esses termos procuram captar melhor a circularidade no movimento dos migrantes atuais, em que, segundo Fazito (2005), observa-se uma estruturação entre pólos de origem e destino como num circuito integrado. Ainda nas considerações do autor, os sistemas empíricos de migração podem ser representados por modelos de redes sociais justamente porque existe a condição do “retorno”. Essa condição compreende tanto o retorno ao local de origem quanto a volta ao exterior, seguindo a lógica dualista do movimento local-global e vice versa. Com essas perspectivas em mente, começarei as análises das avaliações do jaraguense sobre seu movimento migratório a partir de seus relatos sobre a volta, tomando o próximo recorte para iniciar esse exame:

(94) Patrícia

121 então assim...
 122 quando eu voltei eu tive um choque
 123 cheguei.. eu fiquei chocada
 124 primeiro com a educação dos brasileiros no geral
 125 foi o primeiro choque meu... foi no aeroporto em São Paulo
 126 eu cheguei eu vim de mudança eu tava com dezessete malas
 127 em Nova Iorque a gente pagô pra chegá em São Paulo a gente não se preocupa com isso
 128 a gente não tem que preocupá com isso
 129 a gente não teve o serviço em São Paulo
 130 eu e meu marido e minha irmã fomos em São Paulo
 131 na hora de embarcá pra Brasília ...que eu vim pra Brasília...
 132 na hora de embarcá pra Brasília no aeroporto eles dão um aviso
 133 pra pessoas idosas, debilitadas, quem está com criança ...
 134 pro pessoal dá preferência pro embarque
 135 e aí, na hora do embarque, te chamô prá embarcá
 136 fez aquele tumulto no portão
 137 eu mesmo que tava com criança eu fiquei pra trás
 138 porque eu falei eu falei eu num vô pra frente que eis vão me machucá
 139 vai machucá meu filho... já começa aí a educação!
 140 cê já nota aí porque...
 141 há dez horas antes você teve todo esse acesso cem por cento
 142 você ... dentro do aeroporto em Nova Iorque ...cê chega em São Paulo cê perdeu seus direitos
 143 começa por aí

Patrícia usa um atributivo relacional de *afeto*, “eu tive um choque” (linha 121), e o repete logo em seguida, “eu fiquei chocada” (linha 212), em uma estratégia de *gradação* que reforça sua *apreciação* negativa explícita sobre o Brasil e seu comportamento social que lhe causa decepção e descontentamento no retorno. Afirma

Sayad (2000), que o projeto de deslocamento só encontra sentido se o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal. Esse princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações envolve, segundo Haesbaert (2006), distintos níveis de territorialidade ligados às diferentes possibilidades que o migrante carrega em relação ao “controle” do seu espaço, o que inclui o próprio tipo de relação que ele mantém com o espaço de partida.

Estudos atestam que, em geral, há uma grande expectativa do migrante com relação a suas possibilidades de volta (Fazito, 2005). Contudo, ao ter efetivamente contato com o lugar que, quando no exterior, achava que conhecia e sentia falta, percebe que não o reconhece mais, já não se inclui na velha rotina e, assim, tornara-se estrangeiro na sua própria casa, é um sentimento próprio daqueles que foram “desterritorializados” (Haesbaert, 2006). O recorte seguinte se oferece como material para uma discussão nesse sentido:

(95) Leda

236 porque o meu costume não é o que eu tinha antes
 237 hoje mesmo eu num vô na casa de ninguém sem sê convidado
 238 de vez em quando eu ainda ligo pra sabê se ela ainda ta
 239 porque cumé que cê vai às veis cê chega lá tá arrumano pra saí
 240 então vai atrapalhá por mais que seja parente, atrapalha
 241 então eu aprendí muita coisa assim...
 242 as vezes eu num tinha aquela educação....
 243 que eu pricisava tê
 244 aí a gente aprende...
 245 porque eu estranhei bastante
 246 porque se você vai entrá no banco, aí a pessoa que tá na frente, segura a porta pra você entra...
 247 espera você entrá pra fechá a porta, cê tá intendo?
 248 e é tudo “por favor”, “obrigada”
 249 eu cheguei.... eu acho ruim com esse trem que eu fui no banco...
 250 e eu ganhei uma porta na cara, menina!
 251 que eu tinha desacostumado, juro!
 252 num é que eu fiquei fina
 253 num é isso
 254 tá intendo?
 255 mas é que cê desacostuma
 256 foi só dois ano num foi uma eternidade
 257 mas muda...
 258 cê aprende....
 259 porque lá é assim se qualquer lugar que cê fô é “você pode fazê isso pra mim”, “por favor”
 260 aí a pessoa faz o favor pro cê a gente agradece, sabe?
 261 “obrigada”...
 262 você vai pedir uma hora que seja ...

263 “quantas horas, por favor” e nos Estados Unidos também é assim

264 aqui era assim muito grosso

Aqui, percebemos um tipo de avaliação voltada para o comportamento social brasileiro que é negativamente julgado. Se no recorte anterior (95) o campo da *apreciação* foi acionado nos atributivos relacionais usados por Patrícia (linhas 122 e 123), enfatizando sua *reação* de decepção, no exemplo de Leda (95), a avaliação lança um *juízo* negativo de *estima social*, voltado a condenar a “educação” ou a pouca polidez nas relações sociais no Brasil. Leda afirma-se afetada por um processo de mudança ocasionado no seu deslocamento para o exterior, após o contato com os “costumes” locais, e, agora, percebe-se “desacostumada” (linha 255), ou seja, deslocada nesse lugar que ela compreende como o seu território natural.

Comenta Fazito (2005) que o migrante parte com a crença absoluta de que um dia retornará para o mesmo “espaço” original, como se a decisão de migrar fosse pontual e localizada num espaço-tempo manipulável racionalmente. Contudo, no retorno ao território do qual se afastou, o migrante é tomado pelas sensações de desconforto, decepção e até frustração, *atitudes* que se captam nas avaliações de *reação* de Patrícia (94) e nos *juízos* de Leda (95). Ambas, por demonstrarem que não mais comungam da mesma identidade local, alinham seu discurso indiretamente a outros discursos da modernidade (Giddens, 2002, Bauman, 2005) que reforçam nossa perda, nesse momento, do tradicional sentido de lugar e de comunidade.

Conforme afirma Haesbaert (2006), a mobilidade do migrante é mais um meio do que um fim, uma espécie de intermediação numa vida em busca de certa estabilidade em sentido amplo, e, assim, esse movimento, muito mais do que um processo de desterritorialização, implica em múltiplas territorialidades. O próximo recorte exemplifica como, ao contrário dos últimos dois relatos (94 e 95), a experiência de vida

nos territórios estrangeiros pode afetar positivamente as relações com o próprio território de retorno:

(96) Pedro

184 aqui no Brasil tem **muito** problema econômico, **todo mundo** sabe
 185 é, o Brasil **sempre** tá em crise
 186 mas eu descobri que o Brasil é um país **bonito**
 187 eu achava que o pessoal falava isso porque nunca tinha saído daqui, né?
 188 depois que a gente sai lá fora... que eu vi que como o Brasil é **bonito**
 189 como ele é **grande**,
 190 ele **realmente** é **muito grande**,
 191 como, sei lá, como o pessoal **daqui** é **aberto**, diferente do pessoal lá, um pessoal **bom**, um
 pessoal aberto, um pessoal de **primeira mesmo**, um pessoal aberto que a gente dá muito valor
 né?
 192 quando a gente vê a bandeira brasileira...
 193 que gente mata um pouquinho da saudade, né?
 194 a gente valoriza, **tudo** o que é relacionado ao Brasil
 195 a gente sente saudade até dum Guaraná Antártica...
 196 que lá não tem ...
 197 lá é só Coca-cola, coca-cola
 198 tenho muita saudade, muitas coisas
 199 então a gente chega aqui e a gente vê como o país é **bom** de viver

O texto de Pedro (96) se inicia com duas avaliações negativas, “aqui no Brasil tem muito problema econômico, todo mundo sabe” (linha 184) e “é, o Brasil sempre está em crise”(linha 185), ambas revelando seu *engajamento* com o discurso da problemática situação econômica brasileira em eterna crise, uma construção discursiva bastante recorrente no imaginário migrante e sobre a qual ele lança mão para justificar o motivo de sua partida. Pedro toma esse ponto para construir um texto sobre seu país impregnado de atitudes positivas, em uma estratégia que parece visar justamente desnaturalizar a imagem comprometida do Brasil.

Assim, constrói seu relato recheando-o com *apreciações* positivas sobre o país e *juízos* igualmente positivos sobre sua gente. São avaliações que envolvem um léxico que poderia ser também utilizado para expressar *afeto*, como em “um país bonito” (linha 186), “um pessoal bom/aberto” (linha 191), “o país é bom de viver” (linha 199). A literatura sobre valoração prevê que *valores afetivos* subjazem todas as

três sub-categorias da *atitude* (White, 2004). Aqui, essa evidência pode ser demonstrada nos *valores reacionais de apreciação* que atribuem ao Brasil o poder de gerar boas emoções, e nos *valores de sanção social* que, do mesmo modo, atribuem esse poder às pessoas do país. As *atitudes* de Pedro revelam que sua experiência como migrante o fez ver que o Brasil, mesmo em crise, afinal, vale a pena.

Se as constatações de Pedro não alcançam adesão de seus colegas, ainda assim há um elemento comum que une todos os relatos de volta. Esse elemento diz respeito à alteração dos antigos elos com Jaraguá e o Brasil que antes eram vistos como naturais e espontâneos e que, após o retorno, provocam vários níveis de estranhamento, impondo ao migrante, irremediavelmente, uma espécie de processo de reterritorialização em seu próprio “território”. Alguns autores comentam que esse é um dos custos que o migrante paga por seu deslocamento, uma vez que, nas palavras de Sayad (2000 p. 14), “não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares”. Resta saber como o migrante avalia essa empreitada, afinal, vale a pena, migrar? É o que analiso a seguir, na última seção deste trabalho que se propõe ao seu desfecho.

5.3.2 *Afinal, valeu a pena?*

Aproximar respostas à questão que coloco como direcionamento para este tópico implica em considerações sobre o relativo sucesso ou insucesso do projeto migratório. Uso o termo “relativo” por compreender que esse tipo de avaliação pressupõe uma série de fatores, como o contexto de cada experiência, a interação do migrante com as várias possibilidades que a ele se apresentam no exterior, bem como seu capital social/cultural, enfim, essa avaliação se dá de modos bastante diferenciados.

A pergunta “valeu a pena?” demandaria do migrante uma reflexão geral sobre seu processo migratório, e foi justamente isso que os jaraguenses fizeram no desfecho de suas histórias, mesmo sem terem sido perguntados, conforme observei anteriormente na seção 3.2.5. Naquele momento, em que me interessava a estrutura genérica das narrativas, não me detive a analisar essas avaliações, contudo, faço-o agora, a partir deste primeiro recorte:

(97) Bento

- 174 no meu ponto de vista pra mim foi uma **ótima** coisa
 /.../
 190 ... ocê vai trabalhá aqui no Brasil...aqui cê trabalha o seu **meis interinho**
 191 o que está ganhando... muito assim... bem assim... que eu vô fazê u'a base...
 192 no Brasil, uma pessoa que tivé ganhano bem... ela tá ganhano seus **quatrocentos e oitenta...**
quinientos reais
 193 o que não é **todo mundo** que ganha isso...
 194 porque o salário é o **poco mesmo...**
 195 e lá não! Lá o salário de u'a pessoa lá... u'a faixa de **setecentos e cinqüenta euros ...oitocentos**
euros...
 196 e um dia ...eu tava fazendo até uma comparação... um amigo meu me perguntô
 197 “mas o custo de vida lá é alto?”
 198 eu falei: “num é! eu com **dois** dia de serviço, eu vou ...eu entro dentro do supermercado pra fazê
uma compra pra mim, que eu passo o **mês interinho** com aquela compra..., de dois dia de
 serviço!”
 199 aqui no Brasil, se ocê fô com **dois** dia de serviço, aqui no Brasil, no supermercado... ocê compra
pra você comer **hoje e ainda come mal!**
 200 cê come **um dia só...** e mal... ainda por cima
 201 e essa aí pra mim... a melhor coisa lá foi isso.... é esse ponto de vista... porque você tem
acessibilidade a **tudo**
 202 **tudo pra você é possível**
 203 cê sabe que se você trabalha ali,você consegue o **mais rápido possível**
 204 enquanto no Brasil, não!
 205 no Brasil pra você conquistá algu'a coisa... fazê algu'a coisa pra você, cê vai vive...
 206 ... ce vai cumeçá curtir esse negócio...quando você tiver com seus **sessenta** anos **...sessenta e**
cinco anos...
 207 aqui em Jaraguá é assim ...tem gente que tá forte... mas pra mimno meu ponto de vista a minha
melhor opção foi i pra fora...
 208 eu não arrependo **nenhum pouco** e tenho vontade de voltá o **mais rápido possível**
 209 o mais tardar janeiro ou começo de fevereiro eu tô ino

Segundo White (2004), o campo dos significados usados para construir avaliações de fenômenos naturais e estados de coisas encontra-se no subsistema *atitudinal de apreciação*. É desse campo, portanto, que se lança a avaliação de *reação*, de Bento, “no meu ponto de vista pra mim foi uma ótima coisa” (linha 174), avaliação

de *qualidade* cujo grau de *intensidade* é bem elevado no adjetivo “ótima”, expressando o nível de positividade que ele vê na experiência de migrar. Os argumentos que Pedro lança em seguida para apoiar essa avaliação são eles próprios cheios de itens *apreciativos* cuja *força* é graduada com uma série de *quantificadores*, como alguns valores financeiros “seus quatrocentos e oitenta... quinhentos reais” (linha 192), “uma faixa de setecentos e cinquenta euros ...oitocentos euros...” (linha 195). Pedro usa esses *quantificadores* para estabelecer comparações entre a superioridade do poder de aquisição financeira no exterior em relação ao Brasil, o que justifica a iniciativa de migrar para buscar maiores recursos.

Estudos mostram que existe uma tendência predominante de associar a causa da migração a fatores econômicos (Fazito, 2005). Embora esses estudos variem de acordo com as abordagens teóricas que os apóiam, sabemos que, de modo geral, o projeto de migrar atualmente é marcado pela idéia de ganhar dinheiro no país de destino, retornar para o ponto de partida e investir em algum negócio que possa garantir renda para manter a família ou melhorar o status social do migrante. O projeto inicial, no entanto, quase sempre tem de ser reelaborado e sua avaliação final varia de acordo com a satisfação das expectativas em cada etapa desse plano. O relato de Dinis, a seguir, é oportuno para ilustrar alguns aspectos relacionados a essa questão.

(98) Dinis

- 63 porque hoje, hoje... quando eu fui tava **começando** a enfraquecê
 64 num era **tão** bom assim como **há dez anos** atrás
 65 porque tinha **pouco** migrante
 66 então, quer dizer, **você fazia um servicinho** lá, e seu salário era **bem** mais alto
 67 então, hoje... tá tendo **muito** migrante...
 68 então, o salário tá... vamos supô... eles vão muito... lá eles fala hispano... aquele povo do Equador, afora...
 69 eles vão pra lá e... vamos supô que se... você compra um serviço lá e vão te **cobrá dez dólares a hora, eles tão cobrando cinco dólares**
 70 então tá **só** caíno o salário...
 71 então não compensa, cê entendeu?

Dinis traça uma série de argumentos cheios de itens avaliativos como *comparativos*, “não era tão bom assim como há dez anos atrás” (linha 64), “seu salário era bem mais alto” (linha 66) e *quantificadores*, “... dez dólares a hora, /.../ cinco dólares...” (linha 69), para sentenciar, ao final, em sua *apreciação* de *valor* negativa sobre a possibilidade de “ganhar dinheiro” nos EUA que: “não compensa” (linha 71). É uma avaliação diametralmente oposta à de seu colega anterior (97), o que demonstra as diferenças na avaliação das expectativas de sucesso do projeto migratório.

Segundo Fazito (2005), a migração é um fenômeno demográfico complexo que possui características universais e estruturalmente semelhantes a outros fluxos, mas ao mesmo tempo, desenvolve histórica e socialmente sua singularidade. Nesta pesquisa, a busca financeira que parece marcar uma caracterização universal do projeto de migração se singulariza como um dos traços mais evidentes no fluxo jaraguense. Em termos bem objetivos, juntar dinheiro é a meta desse migrante. Não nos admira, portanto, o fato de que suas avaliações usem tantos quantificadores expressos por valores financeiros. Consequentemente, o projeto migratório para o jaraguense é avaliado eminentemente em função do alcance ou não dessa meta. Tomo o próximo extrato para dar continuidade a essa discussão:

(99) Guido

139 ganhá dinheiro hoje na Bélgica eu acho impossível
 140 porque eu conheci muita gente e muita gente tá passano fome
 141 inclusive aqui de Jaraguá
 142 tem muita gente lá que tá passano fome
 143 esse rapaz que foi comigo até hoje não arrumou nenhum serviço fixo
 144 ele ganha um pouquinho aqui... um pouquinho ali ...prá se sustentá lá

Guido é assertivo quanto à impossibilidade, ao menos na Bélgica, do alcance da meta principal do jaraguense, “ganhar dinheiro hoje na Bélgica eu acho impossível” (linha 139). Ele justifica sua declaração alegando que lá, “muita gente está passando

fome” (linhas 140 e 142). Esses são argumentos que se constroem com algumas *apreciações de valor* voltadas ao contexto migratório de Guido, que indiretamente é avaliado de forma negativa, uma vez que o que se considera o objetivo principal do ato de migrar não pode ser atingido. A expressão “passar fome” funciona quase como um elemento de *gradação* para exagerar a *intensidade* da *força* de sua asserção.

A ênfase dada à questão financeira nas narrativas jaraguenses requer algumas reflexões. É importante lembrar que essas histórias foram colhidas a partir de um trabalho de natureza etnográfica, durante o qual algumas notas de campo foram tomadas para registrar aspectos sobre a vida dos narradores, como descrições de sua casa, bairro, alguns pontos que foram por eles comentados e assim por diante. Pelos registros, nenhum dos participantes encontrava-se em situação econômico-social de pobreza tão evidente que justificasse uma busca desesperada por recursos financeiros. Essa constatação me obriga a procurar mais esclarecimentos sobre os imperativos para mobilidade territorial do jaraguense.

A noção de pobreza é analisada por Haesbaert (2006) e Barnes (2002) como relacionada a uma forma ampla de disponibilidade de recursos e não simplesmente à questão de renda, como em uma visão economicista restrita. Assim, a pobreza é definida por Barnes (2002, p. 4) como “a falta de recursos que impede a participação na sociedade”. Para Haesbaert (2006), essa noção de recurso deve ser entendida em seu sentido amplo, de forma a incluir a própria dimensão espacial, “ou seja, o território como ‘recurso’, inerente à nossa reprodução social” (Haesbaert, 2006 p.315). Dentro dessa visão, o autor argumenta que a pobreza é sempre, em algum nível, uma exclusão territorial, ou uma forma de “desterritorialização”.

Esses pressupostos, a meu ver, propõem explicações mais apropriadas para a alardeada busca financeira dos jaraguenses. Alegar fatores econômicos é uma

justificativa racional dentro da lógica capitalista dominante que alcança bastante legitimidade na sociedade. Contudo, a busca exacerbada da atualidade pelos territórios estrangeiros responde a outros imperativos que não só os meramente financeiros. O mundo moderno, em que a tecnologia avançada tanto potencializa o trânsito contínuo de informação, mercadoria, pessoas e todo tipo de troca cultural pelos mais diversos espaços, é um mundo em processo de múltiplas territorialidades. Nesse sentido, a impossibilidade de participar de maneira mais ativa desse processo, ou seja, a privação ou a precarização do território como recurso, limita nossa participação efetiva como membros de uma sociedade dita global, o que por sua vez é uma forma de exclusão. O migrante se lança às novas perspectivas de territorialidades ao preço de uma profunda divisão e sentimentos ambivalentes, conforme ele narra. Vejamos os últimos recortes:

(100) Wilson

157 igual eu vim pra cá... hoje eu não consigo **mais** viver aqui
 158 um país... é o **melhor** país do mundo!
 159 mas não dá o que lá fora me ofereceu... que é um emprego bom ...
 160 aqui eu **jamaís** vou ter um emprego desses... ganhano bem...
 161 dá pra eu tirar uns **seis mil** livre por mês
 162 aqui, **nem** gerente de banco **ganha** isso
 163 é ruim deixá os país, deixa saudade... mas vou viver lá uns **cinco ano... seis ano...**
 164 depois vou vim bora!
 165 é isso que muda na vida da gente...
 166 tem uma **mudança boa**
 167 mas um lado é **ruim** que tem que deixá a família mas não deixa de ser **ruim...**

Neste extrato, percebemos novamente como no exemplo de Bento (975) uma série de *valores apreciativos* voltados a mostrar a superioridade do exterior em relação ao Brasil, como um espaço bem mais propício ao ganho financeiro, “dá pra eu tirar uns seis mil livre por mês” (linha 161). Não obstante, há nesse relato uma série de itens avaliativos de valor negativo voltados a classificar de “ruim” o deslocamento entre o território dos sentimentos, a família, o Brasil, e o do ganho econômico, o exterior. Na lógica capitalista do migrante, esse ganho justifica seu projeto e os desconfortos e deslocamentos advindos do processo de “desterritorialização” a que ele se submete são

meros componentes constitutivos de seu percurso. Porém, quando o lucro financeiro não alcança as expectativas do migrante, seu projeto tem de ser reavaliado em função de outros elementos ou será fadado ao fracasso, é o que mostra o último exemplo:

(101) Renato

150 quanto ao aprendizado... é a **única** coisa que eu tenho da Inglaterra...
 151 o **dinheiro** ...**muito** pouco... e **já** foi.
 152 gastei **muito** lá também...
 153 por ser muito jovem... e saía **muito**...
 154 e lá você não pode se **dar o luxo** de sair...
 155 você tem que trabalhar e ficar quieto para você juntar algum...
 156 se você pensar em sair ...como eu saí...
 157 mas... para o final da minha epopéia lá...
 158 eu não consegui juntar muito dinheiro...

159 mas é uma experiência **grandiosa!**
 160 que eu consegui passar por ela...

Nesse extrato, Renato analisa os resultados gerais de sua experiência de migrar, usando um item avaliativo metafórico para qualificá-la como uma “epopéia” (linha 157). Utiliza também alguns elementos para quantificar seu ganho após essa experiência e, assim, sobre o dinheiro avalia que foi “muito pouco” (linha 151), revelando que o alvo principal de sua busca não foi atingindo. Contudo, ele qualifica sua “saga” com um atributo de valor *apreciativo reacional* bastante positivo: “mas é uma experiência grandiosa!” (linha 159). Revela, portanto, que a despeito de todas as adversidades que o projeto exige, suas extremas contradições, como a intrincada imobilidade dentro da mobilidade, a tal “localidade amarrada” (Bauman, 2005) que é referida por Renato na advertência “... tem que trabalhar e ficar quieto para você juntar algum...” (linha 155), ainda que pesem todos esses conflitos, no final, a experiência vale a pena.

A trama complexa de elementos que se revelaram nessas análises me autoriza a compartilhar com outros autores algumas considerações sobre a questão migratória atual. A meu ver, o migrante, acreditando estar agindo sob suas decisões individuais,

representa na realidade aquilo que Haesbaert (2006) chama de “o imponderável” em um sistema excludente. Ele é o elemento de conflito que “proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, suas esperanças, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva” (Martins, 1997 p.14). Guiado pela ideologia capitalista, que se utiliza de vários meios de atração, passando pela idéia ilusória de uma vida melhor, através de símbolos da modernidade, que ele aceita pelo fetiche que causam, busca sua realização pessoal na migração, mas acaba se perdendo na incessante procura por sua fixação (Silva, 2002).

Nesse movimento, quando a lógica capitalista sobrepõe a todas as outras lógicas humanas, o projeto migratório sofre sério risco de ser avaliado sob o signo do fracasso. Contudo, se outros interesses estão imbricados, ainda que de maneira não revelada, principalmente interesses menos concretos e mais subjetivos captados naquela dimensão que se destaca nas narrativas jaraguenses, “a aprendizagem de vida”, a pergunta que lancei no início, “valeu a pena?”, ganha sentidos mais positivos e pode ser respondida de forma mais sensível, como no poema de Pessoa, afinal: “tudo vale a pena se alma não é pequena”.

Algumas considerações

Este capítulo foi proposto com vistas a atender à necessidade de dar um tratamento analítico mais específico às maciças séries de avaliações presentes nas narrativas jaraguenses, interpretando os significados nelas construídos discursivamente sobre o próprio ato de migrar. Como muitas dessas avaliações voltavam-se sobre os espaços e cenários de migração, foi propício re-teorizar espaço e espacialidade na narrativa, conforme demandam autores como De Fina e Baynham (2005), Mishler

(2005) e De Certeau (1988). Essa re-teorização se fez possível pela aproximação de conceitos da Geografia como espaço, território e territorialidade (Haesbaert, 2006) com referenciais da própria lingüística, como os pressupostos teóricos sobre avaliação como elemento semântico e estrutural específico em narrativas (Labov Waletzky, 1967; Linde, 1997) e a Teoria da Valoração (Martin e White, 2007).

Essa articulação teórica trouxe à tona a revelação de que as avaliações dos cenários traçadas pelos migrantes acionam atitudes do campo da apreciação impregnadas de afeto, marcando, implicitamente, dimensões negativas que denunciam estados de apreensão, desorientação e até certo medo frente aos contextos de chegada. Além da dimensão afetiva, as apreciações também são entrecruzadas por valores atitudinais de julgamento que visam a enfatizar o engajamento dos narradores com o sistema moral de seu contexto de origem, entrando em expansão dialógica com discursos de moralidade que são valorizados em Jaraguá.

Muitos dos elementos avaliados negativamente sobre os cenários estrangeiros se relacionam com as características eminentemente metropolitanas desses espaços que se chocam como o caráter do migrante, como homem/mulher do interior. Por outro lado, as apreciações positivas sobre questões de cidadania e democracia que o surpreendem e fascinam no exterior, voltam-se a críticas diretas ou indiretas sobre essas mesmas questões no Brasil, que são avaliadas de modo inverso, como extremamente negativas.

Todas as avaliações sobre os locais de destino do migrante tangenciam constantemente os temas da territorialidade ou da “desterritorialização” (Haesbaert, 2006), em que ele se constitui como um elemento que luta, ainda que de forma mais intuitiva que consciente, para se incluir nos novos padrões de mobilidade territorial da atualidade e lançar mão das prerrogativas das relações espaço-tempo atuais. Suas

narrativas demonstram grande agência nesse sentido em nível prático, muito embora seu discurso não leve marcas de reivindicações desses direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese, caracterizada como um estudo de discurso e identidade em narrativa, articulou-se em função do discurso de migração de um seguimento específico de migrantes brasileiros, pessoas da cidade do interior de Goiás, Jaraguá, que oferecem uma perspectiva do movimento migratório sob o ângulo interno de visão de um dos muitos grupos de pessoas que se movimentam dentro das novas dinâmicas espaço-temporais do mundo atual.

Este trabalho seguiu os moldes da ADC, de pesquisa social crítica, buscando esclarecimentos sobre a ação dos meios lingüísticos nos fluxos migratórios atuais. Após todas as considerações levantadas ao longo dos capítulos que constituíram esta Tese, reservo, para este momento, algumas reflexões propostas como um fechamento, muito embora reconheça que a dimensão desse objeto não me permita alcançá-lo em sua

plenitude, de modo que esse “fechamento” é apenas parcial, frente a um tema que permanecerá ainda em aberto para outras investidas.

Começo esse momento de reflexão, retomando os objetivos operacionais que orientaram o estudo e recapitulando os resultados analíticos que os contemplaram. Disponho esses elementos de forma esquemática, a seguir:

- 1- Identificar uma estrutura genérica nas narrativas dos migrantes, as possíveis vozes que as compõem e relacioná-las a ordens de discursos e correntes ideológicas da modernidade.

Considerações a esse respeito foram desenvolvidas no capítulo III com apoio em Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2003), Labov (1997) e Benjamin (1996), onde identifiquei uma estrutura temática subjacente às narrativas, dividida em: “a ida”, “a chegada”, “a vida”, “o regresso” e a “lição”. São seções que caracterizam a estrutura genérica das narrativas jaraguenses, embora não necessariamente nessa ordem, mas que encadeiam o discurso desse migrante.

Esse discurso não se constrói com intertextualidades manifestas, não há marcas explícitas de discursos como os da mídia, por exemplo. Contudo, trata-se de uma produção que se alinha a convenções discursivas próprias do senso comum ou do conhecimento geral compartilhado, marcadas por vozes de correntes hegemônicas assimilacionistas, o que evoca a “intergenericidade”, expressão utilizada por Marcuschi (1999), o aspecto da hibridização que em poucas palavras envolve a questão da mescla de discursos.

Os relatos são desprovidos de construções imaginativas, caracterizando-se mais como histórias de labuta, enfrentamento de barreiras, e humilhação. Não obstante, eles

têm como componente temático uma mensagem que se revela como uma aprendizagem de vida que é transmitida adiante, orientando outros possíveis viajantes. Sua forma fragmentada revela-se como reflexo da época atual, espelhando a fragilidade das relações contemporâneas, o desolamento, a fluidez e até a má formulação das expectativas de futuro.

2- Descrever e interpretar como os pesquisados representam a si mesmos e aos outros nas narrativas, identificando os principais atores nessas representações e suas respectivas relações de poder nos mecanismos definidores do fluxo migratório, assim como questões de dominância, submissão, discriminação, preconceito, assimilação ou resistência nos novos contextos sociais e culturais.

Essas questões foram examinadas com mais enfoque no capítulo IV, com o apoio da análise de transitividade com Halliday e Matthiessen (2004) e na representação dos atores sociais em van Leeuwen (1996), em que identifiquei os principais atores, seus papéis e os poderes que exercem nos mecanismos que envolvem os fluxos migratórios. O rol de atores divide-se entre membros brasileiros e membros estrangeiros tanto do grupo local nos contextos de chegada como outros estrangeiros nesses contextos.

No primeiro grupo, um ator cuja presença é marcada eminentemente no início das histórias é a família. Ela é representada como o ponto de apoio para sua partida, porém com pouca agência, muitas vezes apenas opinando sobre uma decisão que não lhe cabe. Os amigos são os atores desse grupo que desempenham um papel fundamental na jornada do migrante como agentes atuantes no seu estabelecimento no exterior. Sua

representação revela uma rede intrincada de relações sociais que apóia as concepções sobre “redes migratórias” (Soares, 2003; Goza, 2003). Os outros atores, os brasileiros no exterior, são representados por atributivos relacionais muito negativos, que constroem uma imagem ou uma identidade étnica desses “brasileiros lá fora” com predicados altamente depreciativos.

No outro grupo, o dos estrangeiros, o primeiro ator de contato do migrante é o oficial de migração. Sua representação é impessoal, dissociada do traço humano, objetificado como “migração”. Ele é um ator de grande agência, que pode prender e deportar. Sua aparição ocorre nas cláusulas de complicação, criando suspense nas narrativas. O grupo local geralmente aparece no papel de patrões ou colegas de serviço, seu atributo principal é de “povo bem-educado”, que atrai a admiração do migrante e sua condescendência em casos de discriminação, devido ao efeito que a polidez tem de conquistar sua simpatia. No grupo dos outros estrangeiros, o “hispânico” é o principal referencial, pairando sobre ele certas tensões e preconceitos. É possível que outras relações inter-étnicas também sejam assim determinadas, contudo, a exígua representação desses “outros” nas narrativas não apóia análises mais extensas.

Nesse jogo de alteridades, o que prevalece é o prejuízo da auto-imagem do migrante em face de uma dominante contraposição a um “outro” sobre o qual recaem os símbolos de prestígio como cidadão de país desenvolvido. Essa discrepância lhe reduz oportunidades, esforços e movimento, reservando-lhe uma posição isolada da sociedade e até de si mesmo. Sentindo-se sem espaço e sem voz, o indivíduo se reconhece como “um nada” nas relações com o outro, que lhe inflige uma identidade social estigmatizada.

- 3- Levantar e analisar uma série de avaliações sobre a prática migratória e seus contextos de chegada e retorno, reconhecendo os mecanismos de incorporação ou exclusão dos pesquisados.

Desenvolvi essas questões no capítulo V, apoiada em definições de espaço (Haesbaert, 2006), avaliação (Labov, 1997 e Linde, 1997) e valoração (Martin e White, 2007), onde se evidenciou que as avaliações dos cenários estrangeiros acionam atitudes do campo da apreciação impregnadas de afeto e valores atitudinais de julgamento, marcando, implicitamente, dimensões negativas que denunciam estados de apreensão, desorientação, e até certo medo.

Há uma ênfase no engajamento dos narradores com o sistema moral de seu contexto de origem, com o qual ele sempre busca se alinhar. Alguns dos elementos avaliados negativamente advêm do impacto entre seu caráter, como homem/mulher do interior, frente a cenários metropolitanos. Por outro lado, são avaliadas de modo inverso questões de cidadania e democracia no exterior, que ao serem contrapostas ao Brasil, transformam-se em falhas estruturais bastante criticadas.

As avaliações sobre os locais de destino do migrante tangenciam os temas da territorialidade ou da “desterritorialização” (Haesbaert, 2006), em que ele se constitui como um elemento que combate, ainda que de forma mais intuitiva que consciente, sua exclusão nos novos padrões de mobilidade territorial da atualidade, lançando mão forçosamente das prerrogativas da nova dinâmica espaço-temporal.

- 4- Traçar algumas características de um possível "discurso de migrantes" fazendo soar a voz dessa categoria social.

Além das características já evidenciadas, a meu ver, a marca principal do discurso jaraguense são suas contradições, como o próprio fato de não reivindicarem seu direito de trânsito, quando, na prática, travam uma verdadeira luta para se articular entre seus mundos. Em certos momentos, avaliam a sua jornada com atributos que a enaltecem, como uma “epopéia”, “uma experiência grandiosa”, atribuem ao seu personagem um papel relativamente modesto. Nesse sentido, seu discurso não se insurge como uma arma de resistência, reivindicando direitos e contestando discursos que legitimam ações que cerceiam seu trânsito pelas fronteiras “globais”. Nesse sentido, o discurso do migrante jaraguense contradiz a atitude audaz e desafiadora que a prática de migrar lhe exige e que é captada apenas de forma sublinear em suas narrativas.

Todas essas considerações foram traçadas a partir de uma análise discursiva que examinou o fenômeno migratório jaraguense focando seus agentes principais, os próprios migrantes, como sujeito, “Nós”, e não como objeto, “Eles”, do discurso nacionalista. Esse direcionamento foi deliberadamente tomado em contraposição ao discurso dominante da modernidade, eurocêntrico e essencialista, em que o migrante é classificado por termos estigmatizantes como clandestino, ilegal, extra-comunitário, representado como elemento incômodo e causador de problemas, aquele que ocupa “nossos” espaços, destoa em “nosso” ambiente, e cria atmosferas de apreensão e até de pânico (van Dijk, 1997b).

A principal contribuição desta pesquisa foi justamente prover um outro ângulo de visão sobre um fenômeno cujas causas têm sido justificadas sob uma ótica eminentemente economicista. Sobre essa questão, Fazito (2005) observa que propostas dessa natureza são insuficientes para explicar as migrações em sua amplitude. Até mesmo conceitos como o de territorialidade e desterritorialização, que busquei da

Geografia (Haesbaert, 2006), e que justificam melhor o movimento das pessoas na busca de inclusão nas dinâmicas do mundo atual, mostram esse movimento do ponto de vista mecânico e, assim, são deficitários em fornecer explicações mais substanciais sobre como essas pessoas são efetivamente impulsionadas a migrar.

As ações sociais não são produzidas e reproduzidas apenas de forma mecânica. No mundo atual, marcado por uma intensa reflexividade (Giddens, 2002), há uma integração do que é mecânico com o que é reflexivamente construído ao longo da ação e essa reflexividade, por suas vez, sempre tem um componente discursivo. Sobre a própria questão das mudanças econômicas, Fairclough (2003) alerta que elas existem tanto como discursos, quanto como processos que estão acontecendo fora deles, mas que são substancialmente por eles moldadas. Nesse sentido, a prevalência de fatores econômicos como justificativa para as migrações não leva em consideração o papel da linguagem nessa prática social e nem a agência do migrante.

O que me propus neste estudo foi justamente aplicar uma análise lingüística como método de estudo para um fenômeno social, que reconhecesse o poder do discurso como um modo de ação articulado por gêneros específicos. Assim, busquei nas narrativas jaraguenses, que é um gênero situado, explicações sobre a prática migratória que revelassem subjetividades desse movimento que não são contempladas nas abordagens predominantes. O que se revelou nessa investida foi uma intrincada relação entre práticas ao mesmo tempo mecânicas, discursivas e reflexivas que me autorizam a tecer as seguintes colocações:

- Os fatores econômicos alegados pelos jaraguenses explicam apenas parcialmente seu impulso migratório, uma vez que esses migrantes não partem de uma situação de penúria ou miséria.

- A questão das novas territorialidades gera um impulso intuitivo nas pessoas por uma busca de inclusão nas dinâmicas do momento, como as condições econômicas globais que criam rupturas nas estruturas tradicionais de emprego e as modernas possibilidades de articulação espaço-temporais.
- Esse impulso, por seu turno, não é meramente mecânico, ele é gerado nos diferentes gêneros discursivos em que as pessoas se engajam nas suas práticas sociais.
- Como as histórias de viagem dos jaraguenses não podem ser isoladas da organização social desses sujeitos, elas indicam as outras estruturas discursivas a que esses se expõem e, ao mesmo tempo, influenciam outras práticas locais. Portanto, a dimensão utilitária dessas histórias, que é repassada como uma lição, uma aprendizagem de vida, certamente também se manifesta em outros gêneros, como as conversas diárias, as trocas de e-mails, as mensagens deixadas em visitas a páginas eletrônicas, e assim por diante.
- É nessas práticas que todo o processo migratório vai sendo construído de uma forma extremamente reflexiva, passando pela própria construção fetichista dos símbolos da modernidade e seus acenos de uma vida melhor, a elaboração do projeto de viagem, as negociações para apoio desse projeto, em fim, na articulação dos inúmeros meios práticos e discursivos em que as pessoas se apóiam para interferir no mundo que habitam.

- A hegemonia do discurso financeiro do mundo “globalizado” dá voz e direitos de ir e vir apenas àqueles que detêm o poder econômico e financeiro e, assim o migrante é constantemente rechaçado. Porém, na prática, ele é absorvido nos sistemas de trabalho globais, servindo como mão de obra mal remunerada e sem poder gozar dos mesmos direitos de outros trabalhadores que igualmente se movem. Nesse sentido, ele acaba servindo aos interesses do mesmo discurso que o condena.
- De qualquer forma, as pessoas, movidas por um ímpeto de inclusão nas novas dinâmicas mundiais, desafiam o direito internacional, buscando para si a mesma flexibilidade de circulação do capital e das mercadorias pelas fronteiras globais. Nesse ímpeto, embora sem perceber claramente, o migrante reconfigura o mundo atual, ainda que a um alto custo financeiro, físico e moral.

A amplitude do tema escolhido não me permite contribuições ambiciosas, muito embora considere que essa investida cumpriu com os objetivos que segui a partir de Fairclough (1999), de aplicar uma análise lingüística que mostrasse como os meios discursivos estão ligados a processos sócio-culturais amplos. Assim, ao me orientar por uma teoria como a ADC e seu enlace teórico-metodológico com a LSF, espero ter alcançado a meta de exemplificar de que forma a Lingüística contribui efetivamente para uma variedade de disciplinas que se interessam por temas eminentemente sociais como as migrações.

Para terminar, gostaria de me apropriar de um discurso com o qual me alinho, proposto por segmentos da Igreja Católica (Shimano e Mmilesi, 2001) que se liga a toda

uma rede internacional de apoio a migrantes, a quem tive acesso durante o trabalho etnográfico no Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Seguindo uma posição de defesa de direitos humanos, esse grupo difunde o conceito de “cidadania universal”, baseado no princípio de que o fato de ter nascido, por si só, confere a todo ser humano uma cidadania indiscutível e inviolável. Nesse sentido, é preciso projetar um mundo globalizado, universal, voltado a um cidadão universal, e não um cidadão que sirva à atual globalização, onde prevalece a hegemonia do lucro e da competição de mercado.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. ; GAWANDSZNAJER, F. *O método nas ciências naturais e sociais*. Pesquisa qualitativa e quantitativa. São Paulo: Pioneira. 1998.
- ANDERSON, B. *Imagined communities*. Reflections on the origin and spread of nationalism. New York: Verso. 1983.
- BASCH, L., SCHILLER, N.G., BLANC, C. S. *Nations Unbound*. Transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states. Langhorne: Gordon & Breach, 1994.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARNES, M. (Ed.) *Poverty and social exclusion in Europe*. Northampton: Edward Elgar, 2002.
- BANISTER, P. et. al. *A research guide*. Philadelphia: Open University Press, 1996.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes. 1997.
- BAUMAN, Z. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchio. (tradução e Carlos Alberto Medeiros) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUGRAND, R. La saga del análisis del discurso. In: VAN DIJK, T. A. (Org.) *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 1997. p. 21-66.
- BEIRO, D. O espaço geográfico e alunos migrantes. In: Congresso de leitura do Brasil (COLE), 15º; Encontro prática de leitura, gênero e exclusão, 3º, 2005, Campinas (SP). *Caderno de Resumos*. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil (ALB), Faculdade de Educação – UNICAMP, 2005.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política. (tradução de Sergio Paulo Rouanet) 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERGER, P. L. ; LUCKMANN, T. *The social construction of reality*. Garden City: Doubleday Anchor, 1966.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BIAGGI, S. D.D. Mudança, crise e redefinição de papéis: as mulheres brasileiras lá fora. *Travessia*. v. 26, p.24-42. 1993.
- BORJAS, G. ; BRATSBERG, B. Who Leaves? The outmigration of the Foreign-Born. *The Review of Economics and Statistics*, v. 87, n.1, Feb, 1996. p. 165-176.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1991.
- BROCKMEIER, J. *Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture*. Philadelphia: John Benjamin's, 2001.
- BROWN, G. ; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BUTT, D.; FAHEY, R.; SPINKS, S. YALLOP, C. *Using functional grammar. An explorer's guide*. Sydney: NCELTR, 1995.
- CALDAS-COULTHARD, C. R. From discourse analysis to critical discourse analysis: theoretical developments. Campinas: *Trab. Lin. Apl.* (21), Jan/Jun. 1993, p. 49-62.
- CALDAS-COULTHARD, C. R ; ALVES, A. M. F. Mongrel Selves: Narratives of Displacement and Multi-positioning. In: _____ ; IEDEMA, R. (Eds.) *Identity Trouble*. Critical discourse and contested identities. Basingstoke: Palgrave, 2007 p. 120-142.
- CARRIKER, M. K. *(Re) Construções de identidades em narrativas na primeira pessoa: caso de bilíngües*. Unicamp. Dissertação de mestrado. 1998.
- CARTER, P. *Living in a New Country: History, traveling and language*. London: Faber and Faber, 1992.
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3ª ed. (Tradução de Klaus Brandini Gerhardt). V. 2. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CASTRO, J. F. S. *A sociedade colonial jaraguense*. UCG. Monografia de curso de graduação. 1998.
- CAVALCANTI, L. S. *Geografia da cidade*. Goiânia: Alternativa, 2001.
- CLIFFORD, J. *Traveling Cultures*. Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1997.
- CHOULIARAKI, L. ; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COULTHARD, M. *An introduction to discourse analysis*. London: Longman, 1977.
- COULTHARD, M. ; MONTGOMERY, M. *Studies in Discourse Analysis*. London: Routledge, 1981.
- DE CERTEAU, M. *The practice of everyday life*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- DE FINA, A. Orientation in immigrant narratives: the role of ethnicity in the identification of characters. *Discourse Studies*. v. 2/2 p. 131-157. 2000.

_____. *Identity in Narrative*. A study of immigrant discourse. Philadelphia: John Benjamin's, 2003.

DE FINA, A. ; BAYNHAM, M. Introduction. In: _____. *Dislocations/Relocations: narratives of displacement*. Manchester: Jerome Publishing, 2005. p.1-10.

DENZIM, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1989.

DOSSE, F. *História do estruturalismo: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*. v.2 Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

DUARTE, L. E. A. M. *O poder e a estrutura agrária nos municípios de Ceres e Jaraguá-GO: uma análise comparativa*. USP. Tese de doutorado. 1999.

ESPÍNDOLA, M. L. E. Portinglês falado por migrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 6. 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Alab, 2002. CD-ROM.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. New York: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

_____. *Language and globalization*. Textual analysis for social research. New York: Routledge, 2006.

_____. *Language and power*. Londres: Longman, 1989.

FAZITO, D. *Reflexões sobre os sistemas de migração internacional: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários*. Tese de doutorado em Demografia apresentada ao Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919011-ARQ/919011_5.PDF>. Acesso em: Março de 2008.

FERREIRA, M. C. L. *As Interfaces da Análise de Discurso no Quadro das Ciências Humanas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id_article=3>. Último acesso em: abril de 2006.

FICHOU, J. P. *A civilização americana*. Campinas: Papyrus. 1990.

FONSECA, C. E. *Coronelismo: memória, identidade, imaginário – Jaraguá 1920-1940*. UNB. Dissertação de mestrado. 2002.

FONSECA, L. *Jaraguá: tradição e modernidade*. UFG. Dissertação de mestrado. 1999.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 8ª ed. São Paulo: Loyola. 2002.

_____. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOWLER, R. On Critical Linguistics. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (eds.) *Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge. 1996, p. 3-14.

FREITAS, L. G. Conexão Jaraguá-Danbury: identidades migrantes. In: _____. (Org.) *Cenários da memória e identidade goiana: o caso de Jaraguá*. Goiânia: AGEPEL, 2005, p.179-214.

_____. Conexão Jaraguá-Danbury: língua e identidade de migrantes brasileiros nos EUA. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 2003.

_____. Tradução e formação de identidades: a relação entre as traduções num jornal bilíngüe nos EUA e a formação de uma nova identidade do migrante brasileiro. In: AGUIAR, O. B. (org.) *Tradução: fragmentos de um diálogo*. Goiânia: SEGRAF-UFG 2002. p. 105-126.

_____. Transnacionalidade e o discurso da mídia nacional: os brasileiros lá fora. In: *VII ENIL e I Simpósio Internacional de Análise de discurso Crítica*, 2004, Brasília. Programação, 2004. v. 1.

GEERTZ, C. A. *Interpretação das culturas*. (Tradução de F. Wrobel), Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação social – um problema político em psicologia. *Psicol. USP*, v.9, n.2. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=es Acesso em: Dezembro de 2007.

GOUVEIA, C. A. M. CDA and the development of the new science. In: WEISS, G. ; WODAK, R. (eds.) *Critical Discourse Analysis: theory and interdisciplinarity*. London: Palgrave Macmillan, 2002. Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/HCC.pdf>. Acesso em: Maio de 2006.

GOFFMAN, E. *Estigma: la identidad deteriorada*. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

GOZA, F. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: MARTES, A. M. B.; FLEISCHER, S. *Fronteiras cruzadas*. Etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 263-288.

GROSJEAN, F. *Life with two languages*. An introduction to bilingualism. Cambridge: Harvard University Press. 1982.

GUATTARI, F. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Geelong, Victoria, Australia: Deaking University Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

HATCH, J. A. (Ed.). *Life history and narrative*. London: Rutledge, 1995.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1974.

JOHNSTONE, B. *Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. (org.). *Métodos de pesquisa qualitativa*. Teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.281-313.

KLOSS, H. Language rights of immigrants groups. *International migration review*. v. 5/2, 1971. p. 250- 267.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press. 1998.

KRZYZANOWSKI, M. ; WODAK R. 'Multiple Identities, Migration, and Belonging: Voices of Migrants'. In: CALDAS-COULTHARD C. R. ; IEDEMA, R. (Eds.) *Identity Trouble*. Critical discourse and contested identities. Basingstoke: Palgrave, 2007 p. 95-119.

KUJAWSKI, G. M. *Patriotismo e nacionalismo*. São Paulo: Massao Ohno. 1997.

LABOV, W. Narrative pre-construction. *Narrative Inquiry*, v. 16. n. 1, 2006, p.37-45.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press 1972.

_____. Some further steps in narrative analysis. *Journal of Narrative and Life History* N. 7, 1997, p. 395-415.

Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html>> Acesso em: julho de 2006.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.) *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LINDE, C. Evaluation as linguistic structure and social practice. In: GUNNARSSON, B. L.; LINELL, P.; NORDBERG, B. (Eds.). *The Construction of Professional Discourse*. London: Longman, 1997. p. 151-172.

LUCAS, F. *Expressões da identidade brasileira*. São Paulo: Educ/Puc. 2002.

MARCUSCHI, L. A. Discurso, cognição e gramática nos processos de textualidade. In: SILVA, D. E. G. (Org.) *Nas instâncias do discurso*. Brasília: UNB, 2005, p. 21-35.

_____. A questão metodológica na análise da interação verbal: os aspectos qualitativo e quantitativo. In: *IV encontro de interação em linguagem verbal e não-verbal: metodologias qualitativas*. Universidade de Brasília. 1999. (mimeo)

MARGOLIS, M. L. *Little Brazil: migrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1993.

MARTIN, J. R. Beyond exchange: Appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 142-75.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of appraisal: evaluation in English*. London; New York: Palgrave, 2007.

MARTINS, J. S. *Exclusão social e nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MEIHY, J. C. S. B. *Brasil fora de si: Experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2003.

MENEZES, G. H. S. *Filhos da migração: Sobre a segunda geração de migrantes brasileiros nos EUA*. UNB. Dissertação de mestrado. 2002.

MEY, J. L. *Pragmatics*. An introduction. 2ª ed. Malden: Blackwell, 2001.

MILESI, R. (Org.). *Refugiados: realidade e perspectivas*. Brasília: CSEM / IMDH, 2003.

MISHLER, E. G. Narrative and identity: the double arrow of time. In: DE FINA, A. ; SCHIFFRIN, D. ; BAMBERG, M. (Ed.) *Dislocations/Relocations: narratives of displacement*. Manchester: Jerome Publishing. 2005. p. 31-36.

MITCHELL, C. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre migrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: MARTES, A. M. B.; FLEISCHER, S. *Fronteiras cruzadas*. Etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 33-50.

- MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado das letras, 2003.
- MOITA LOPES, L. P. *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado das letras, 1996.
- MOSCOVISCI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NEWBOLD, K. B.; BELL, M. Return and Onward Migration in Canada and Australia: evidence from fixed interval data. *International Migration Review*, v.35, n.4, 2001, p. 1157-1187.
- OCHS, E. Narrativa. In: Van DJIK, T. A. (Org.) *El discurso como estrutura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 1997. p. 271-303.
- ORLANDI, P. (Org.) *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PASTOR, A. M. ; DE FINA, A. Contesting social place: narratives of language and conflict. In: DE FINA, A; BAYNHAM, M. (Ed.) *Dislocations/Relocations: narratives of displacement*. Manchester: Jerome Publishing, 2005. p. 37-57.
- PEDROSO, D. M. R. Jaraguá: a formação de um povoado. *Revista de divulgação científica-IGPA*. v.3, 1999, p. 183-198.
- PENNYCOOK, A. *Os limites da lingüística*. In: SILVA, F. L. ; RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A lingüística que nos faz falhar*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 39-43.
- RAJAGOPALAN, K. A construção de identidades e a política da representação. In: FERREIRA, L. M. A. ; ORRICO, E. G. D. (orgs.) *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: Faperj/Uni-Rio, 2002. p. 77-88.
- _____. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a lingüística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo lingüístico emergente no Brasil. In: SILVA, F. L. ; RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A lingüística que nos faz falhar*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 11-38.
- RADAY, R. A. *Discurso e poder na política de migração brasileira*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2006.
- RIBEIRO, G. L. *Cultura e política no mundo contemporâneo*. Brasília: Edunb, 2000.
- _____. O que faz o Brasil, Brazil? Jogos identitários em São Francisco. In: REIS, R. R. ; SALES, T. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editempo, 1999. p.45-83

- RIBEIRO, J. U. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- RICARDO, D. M. ; CASTRO, V. M. O habitar no processo de integração do migrante. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146(064). Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(064\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(064).htm)>. Acesso em: Janeiro de 2008.
- RIESSMAN, C. K. *Narrative Analysis*. Newbury Park: Sage Publications, 1993.
- ROMANCHELI, M. H. A. *História de Jaraguá*. Goiânia: Kelps, 1998.
- ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Working with discourse*. London: Continuum Publishing, 2003.
- RUFIN, J. C. - *O Império e os novos bárbaros* Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.
- SALES, T. Identidade étnica entre migrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, R. R. & SALES, T. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editempo, 1999. p. 17-45.
- SANTOS, B. S. Por uma concepção multicultural de directos humanos. In: FELDMAN-BIANCO. B. ; CAPINHA, G. *Identidades*. Estudos culturais e poder. São Paulo: Hucitec, 2000. p.19-40
- SANTOS, G. A. O caso dos migrantes da cidade de Criciúma para os Estado Unidos. *Scripta Nova*. v. 94/13, agosto de 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-13.htm>. Últmo acesso: Out. de 2002.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, M. L. *Se não me falha a memória ...representações da experiência escolar em Jaraguá (1927/1999)*. UNB. Dissertação de mestrado. 2002.
- SAYAD, A. *A migração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCHIMIDT, R. Racialization and language policy – case of the USA. *Multilingua*. v. 21/2, 2002. p. 141-162.
- SIGNORINI. I. (Org). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Faep/Unicamp, 1998.
- SHIMANO, M. L. ; MILESI, R. (Org.) *Migrantes cidadãos*. São Paulo: Loyola / IMDH, 2001.
- SILVA, D. E. G. (Org.) *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: UnB. 2001.
- _____. *Nas instâncias do discurso*. Brasília: UNB, 2005.

- _____. O paralelismo dentro dos processos discursivos na fala e na escrita. *Revista do Gelne*, Ano 1, n. 1, Fortaleza, 2000, p. 67-75
- SILVA, F. L. ; RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A lingüística que nos faz falhar*. São Paulo: Parábola, 2004.
- SILVA, T. T. A (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SILVA, W. R. O migrante sob a dominação do capital. Opressão e impactos sociais. (Ensaio de reflexão). *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Universidad de Barcelona. v. VI, n. 119 (29), 1 de agosto de 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-29.htm>>. Acesso em: Março de 2008.
- SILVERMAN, D. *Interpreting Qualitative Data: methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage. 1995.
- SOARES, W. A migração valadarensense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: MARTES, A. M. B.; FLEISCHER, S. *Fronteiras cruzadas. Etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 231-261.
- STUBBS, M. *Discourse analysis: the sociolinguistic analysis of natural language*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- TAYLOR, S. , BOUGDAN, R. *Introduction to qualitative research methods: A guide and resource*. New York: John Wiley & Sons Inc, 1999.
- TITSCHER, S; MEYER, M.; WODAK, R. VATTER, E. *Methods of text and discourse analysis*. London: Sage, 2000.
- THOMAS, J. *Doing critical ethnography*. London: Sage, 1993.
- THOMPSON, G.; HUSTON, S. Evaluation: an introduction. In: _____. (Eds.) *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 1-27.
- TORRESAN, A. M. S. *Quem parte e quem fica: uma etnografia sobre migrantes brasileiros em Londres*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, PpGAS / Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1994.
- TROMBETTA, C. M. (Org.). *Migração e situações de fronteira*. Brasília: CSEM, 2002.
- VAN DIJK, T. A (Org.) *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa. 1997a.
- _____. (Org.) Racismo mediatizado. El papel de los medios de comunicación en la reproducción del racismo. In: _____, *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997b.

_____. On the analysis of parliamentary debates on immigration. In: REISIGL, M.; WODAK, R. (Eds.) *The semiotics of racism*. Approaches to critical discourse analysis. Vienna: Passagen Verlag, 2000, p. 85-103.

_____. Ideologies, racism, discourse: debates on immigration and ethnic issues. In: WALL, J. T. ; VERKUYTEN, M. (Eds.) *Comparative perspectives on racism*. Aldershot: Ashgate, 2000b. p. 91-116.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London: Routledge, 2005.

_____. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. ; COULTHARD, M. *Texts and Practices*. Readings in critical discourse analysis. London: Routledge, 1996. p.33-70.

WODAK, R. Legitimizing immigration control: a discourse historical analysis. *Discourse Studies*, v. 1, 1999, p.83-118.

_____. De qué trata el análisis crítico del discurso (ADC). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, R.; MAYER, M. (Org.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 35-60.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva (Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo). *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, número especial, 2004. p.177-205.

WODAK, R.; CILLIA, R.; REISIGL, M. The discursive construction of national identities. *Discourse & Society*, v. 10, n. 2, 1999b, p.149-173.

WODAK, R.; MAYER, M. (Org.) *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.